NISIOISIN
STRANGULATION
KUBISHIME ROMANTICIST
No Longer Human - Hitoshiki Zerozaki

Índice

Cobrir

Conteúdo

Capítulo 1... Espelho com manchas e rachaduras (Espelho roxo)

Capítulo 2... Banquete em uma Noite Fora (As Gravatas de Yuya)

Capítulo 3... A Era do Clarividente (Assassino em Série)

Capítulo 4...Violência Vermelha (Estresse por meio de Transgressões)

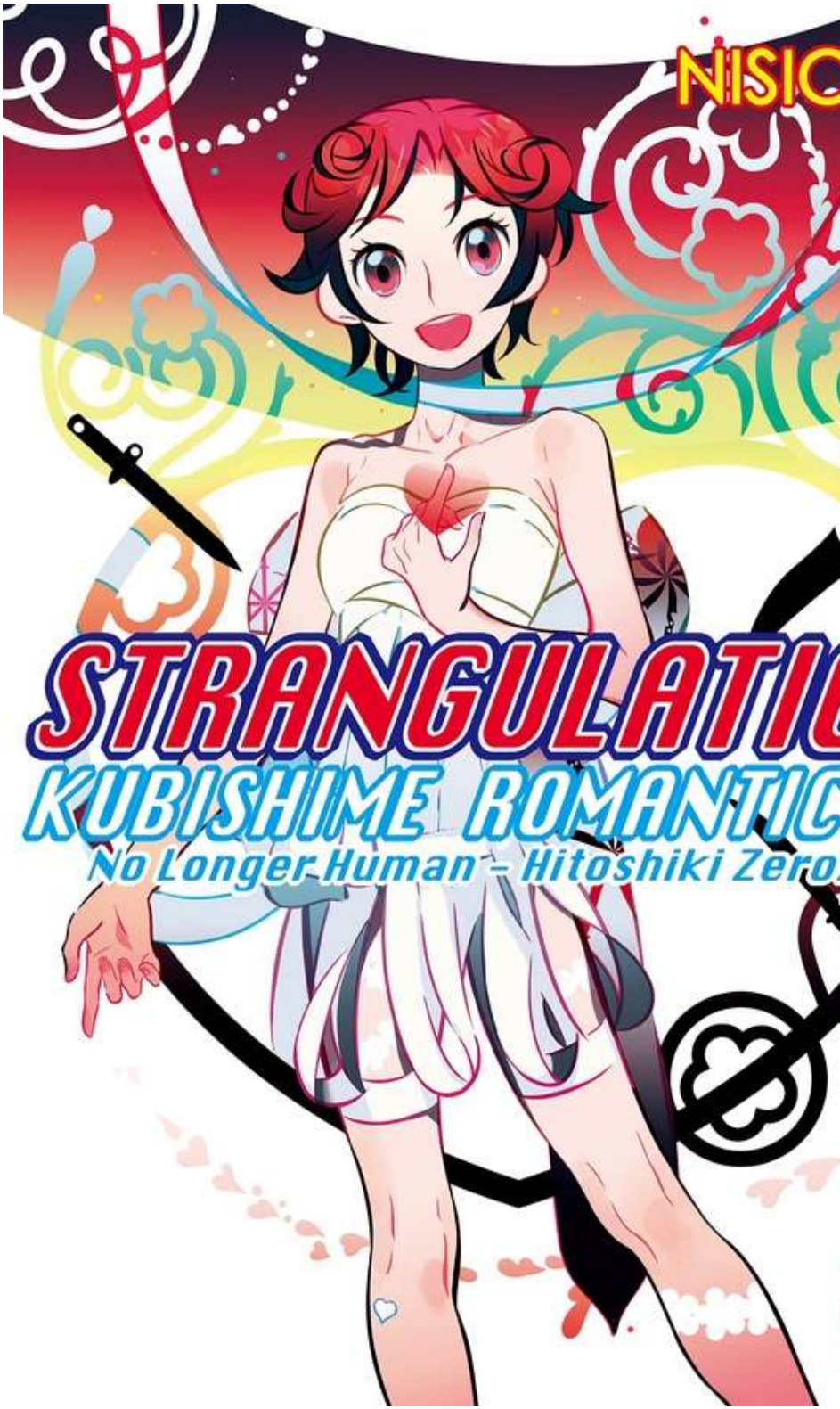
Capítulo 5... Insensível (Preto e Branco)

Capítulo 6... Final Incomum (Que Conclui a História)

Capítulo 7... Afundar e Morrer (Ceticismo)

Capítulo 8... Julgamento (Mentalidade)

Capítulo final… Um mundo que não pode acabar


NISIO
STRANGULATIO
KUBISHIME ROMANTIC
No Longer Human - Hitoshiki Zero

STRANGULATION

No Longer Human – Hitoshiki Zerozaki

NISIOISIN

Illustrations
take

Strangulation

Kubishime Romanticist

No Longer Human - Hitoshiki Zerozaki

Translated by Greg Moore, previously licensed and published as *Zaregoto, Book 2: The Kubishime Romanticist* by Del Rey, and retitled and revised by Vertical.

© 2008 NISIOISIN

All rights reserved.

First published in Japan in 2002 by Kodansha Ltd., Tokyo as *Kubishime Romanchisuto: Ningen Shikkaku · Zerozaki Hitoshiki* and reissued as a mass market paperback in 2008.

Publication rights for this English edition arranged through Kodansha Ltd., Tokyo.

Published by Vertical, an imprint of Kodansha USA Publishing, LLC., 2018

ISBN 978-1-945054-83-9

Manufactured in the United States of America

First Edition

Kodansha USA Publishing, LLC.
451 Park Avenue South,
7th Floor
New York, NY 10016

www.readvertical.com

STRANGULATIO
Kubishime Romantici

No Longer Human -
Hitoshiki Zerozaki

NISIOISIN

Illustrations by
take

VERTICAL.

CONTENTS

Chapter 1·····	Spotty-Cracked Mirror (Purple Mirror)
Chapter 2·····	Banquet on a Night Out (Yuya's Ties)
Chapter 3·····	Age of the Clairvoyant Man (Serial Killer)
Chapter 4·····	Red Violence (Stress through Transgressio
Chapter 5·····	Callous (Black and White)
Chapter 6·····	Abnormal Ending (That Wraps It Up)
Chapter 7·····	Sink and Die (Cynicism)
Chapter 8·····	Trial (Mentality)
Final Chapter·	A World That Can't End

*Editor's note: Each chapter title and its parenthetical gloss are homo
in Japanese.

CAST OF CHARACTERS

ME (narrator)	Protagonist
HITOSHIKI ZEROZAKI	Serial Killer
MUIMI ATEMIYA	Classmate
AKIHARU USAMI	Classmate
TOMOE EMOTO	Classmate
MIKOKO AOII	Classmate
MIIKO ASANO	Neighbor
NEON SUZUNASHI	Miiko Asano's Close Friend
SASAKI SASA	Detective
KAZUHITO IKARUGA	Detective
TOMO KUNAGISA	????
JUN AIKAWA	Humanity's Strongest Contractor

ME (narrator)

Protagonist

Never having been loved is synonymous
never having lived.

—Lou Sa

“Os sonhos não se realizam tão facilmente.”

“Bem, sim. Quer dizer, mal consigo lidar com a realidade.”

“Em outras palavras, todos os desejos são praticamente inatingíveis.”

“Sim, mas nem tudo que é quase inatingível são desejos.”

—Esse é um fragmento da minha conversa com Zerozaki. Uma pequena amostra do que tínhamos.

Mesmo que você não seja um usuário de conteúdo sem sentido como eu, qualquer pessoa que nutra ao menos uma *pitada* de dúvida sobre o mundo deve ter tido uma experiência mais ou menos semelhante: uma troca não influenciada por empatia barata, um desejo patético de conformidade ou uma sincronicidade milagrosamente onipresente, mas sim, um reino de espelhamento que precede os sentidos e os conceitos de algo "simplesmente ser como é".

Não havia um pingo de realismo, um fragmento de necessidade, um segmento de teorema, um esclarecimento ou uma palhaçada, nem um sopro de congruência ou palavras como alusão, nenhuma solução ou ilusão, nenhuma gota de coerência, nenhum resquício de bom senso, nenhuma sombra de relevância, nenhuma nota de harmonia mundial e, acima de tudo, nenhum romantismo.

A verdadeira graça disso tudo, porém, é que não é como se "nada tivesse acontecido". É uma comédia que gera tristeza, exige compaixão e até tem um tom comovente.

Acho que ele já era irregular desde o início, intocável. Quando

você pensa em Zerozaki como estando "do outro lado de uma superfície aquosa", essa é a única maneira de compreendê-lo. Caso contrário, não há absolutamente nenhum sentido em tentar traduzir em palavras sua existência não mais humana. Por outro lado, independentemente do que isso possa ter sido, Zerozaki tinha algum significado? Assim como seu usuário de nonsense carece de significado, esperar chegar a um julgamento externo sobre esse assassino em série já é uma resposta exemplarmente equivocada e carente de coerência analítica. Como você descreveria essa sensação, afinal? Semelhante a encarar e trocar palavras consigo mesmo, esse núcleo bizarro, porém ortodoxo demais, da história?

Certo.

Assim, o encontro em si foi inverossímil.

Talvez tenha sido uma experiência primitiva.

A primeira palavra que ouvimos.

Um registro que pode ser considerado nossas raízes.

Um passado que pode ser comparado à associação.

Vetores com origens e direções idênticas.

Como se precedesse o cotidiano.

Como se estivesse refletido num espelho.

Ou seja, acho que éramos parecidos.

Éramos como duas figuras congruentes que não exigiam prova geométrica. E ambos tínhamos plena consciência disso. De um ponto de vista subjetivo, quando conversávamos, eu era, naturalmente, eu mesmo, e Zerozaki era Zerozaki. Nenhum de nós era mais ou menos,

como bem sabíamos. Mesmo assim, nos reconhecíamos, nos identificávamos um com o outro. Compartilhávamos uma contradição que transcendia as limitações da linguagem.

Eis, portanto, o outro lado da moeda das águas refletoras.

Agora, vamos apresentar uma jovem inocente.

Ela, por exemplo.

Imagine que ela se olha no espelho pela primeira vez. Certamente ela não acredita que a forma diante dela seja um mero reflexo da luz. Em vez disso, ela imagina. Invariavelmente, ela cria: um mundo infinito do outro lado, separado por um único plano. Ela cria dentro de si um mundo que carrega uma enorme contradição — uma réplica perfeita do “aqui” que, no entanto, existe em um lugar infinitamente distante.

A indulgência que tolera essa contradição não é ignorância. Pouco importa qual mundo é real e qual é imaginário. Se um é verdadeiro, o outro é falso, mas se a verdade é, na realidade, uma ilusão, então ambos têm o mesmo valor e são igualmente desprovidos de valor.

É isso que eu penso.

Zerozaki também pensava assim.

De certa forma, nosso relacionamento era muito parecido com isso. Percebemos que éramos iguais, mas também entendemos que éramos completamente diferentes.

"Acho que eu poderia ter me tornado como você. É por isso que sinto uma certa afinidade."

"Duvido que algum dia eu consiga me tornar como você. É isso

que eu gosto em você."

Outro exemplo da nossa conversa.

Absurdo total.

Em última análise.

Tenho quase certeza de que ambos nos detestávamos. Então, desprezávamos nossos próprios parentes e semelhantes. Nos odiávamos, nos ressentíamos e nos amaldiçoávamos tanto que, ironicamente, fomos capazes de nos reconhecer.

Acho que foi algo especial.

Bem, claro que era: eu, a espectadora passiva, e ele, o assassino em série, opostos como se um espelho estivesse entre nós.

Apenas.

Quando aquela garota sonhadora estende sua mão graciosa e toca o espelho, mesmo que levemente, provavelmente tudo o que encontra é o vazio — uma sensação oca e dispersa. O que ela permitiu existir, ninguém mais permitiu. Além disso, a existência que ela permitiu não importou nem um pouco para ninguém mais, ela foi levada a entender.

Provavelmente naquele momento, sem exagero□

O mundo desabou para a garota.

Então, esta é a história do colapso de um mundo.

Um mundo desmoronando, sem que um sábio ultramarino ou um humano extremamente forte de um vermelho flamejante precisem intervir, mas simplesmente por "estarem presentes de alguma forma".

Quando uma falácia, carregada de uma contradição justificada, recai simultaneamente sobre alguém que não é mais humano e sobre alguém que é um produto defeituoso, tudo se reduz a zero.

Então

Chapter 1

SPOTTY-CRACKED MIRRO

—(Purple Mirror)

HITOSHIKI ZEROZAK

Serial Killer

0

Meu mundo é o mais incrível.

1

A Universidade Rokumeikan, uma instituição privada localizada em Kinugasa, no distrito de Kita, em Kyoto, possui três refeitórios. Dentre eles, o Zonshinkan Chika Dining Hall (carinhosamente abreviado para "Zonchi") parece ser o mais movimentado. Isso provavelmente se deve ao seu cardápio variado e à sua localização ao lado de uma livraria cooperativa.

Naquele dia, como não tinha aula no segundo período, fui lá logo depois do primeiro. Eu tinha pulado o café da manhã — acabei dormindo demais por uma hora inteira — então pensei em almoçar mais cedo.

"Cara, está vazio a essa hora. Negócio arriscado", murmurei para mim mesmo, duvidando ao mesmo tempo se estava usando a expressão "negócio arriscado" corretamente. Peguei uma bandeja.

E agora, o que comer?

Não sou nenhum especialista em gastronomia, então geralmente como qualquer coisa sem muita frescura. Seja picante ou doce, eu digo: pode vir. Mas ultimamente as coisas estavam um pouco diferentes. Há apenas um mês, passei uma semana incrível em um lugar onde me serviam três refeições gourmet por dia. Como

consequência, minha língua ainda estava presa na cidade da sofisticação.

Durante um mês inteiro, nada me fez dizer: "Nossa, isso está delicioso". Toda vez que eu comia, sentia que faltava alguma coisa, como se algum ingrediente essencial estivesse ausente.

Não era um problema grave o suficiente para merecer ser chamado de problema, mas eu estava farto de me sentir assim. Quanto a soluções, eu já tinha pensado em duas.

A primeira era bastante simples: bastava comer comida saborosa.

“Não dá para esperar isso em um refeitório escolar…”

Era impossível seguir a sugestão sem voltar a uma certa ilha isolada, tão bizarra e anormal quanto a Ilha Panorama de Rampo. Não diria que sou totalmente contra a ideia, mas certamente tenho minhas reservas.

“Então isso não é bom.”

Sim, eu estava falando sozinho.

Isso deixava apenas uma outra medida possível, e era uma tática de intimidação. Era a tática de "bater na criança que não obedece". A maioria dos problemas do mundo se resolve dando ou tirando.

Fui até a barraca *de donburi* e fiz meu pedido.

Com licença. Uma tigela grande de kimchi, por favor. Sem arroz.

A merendeira me lançou um olhar interrogativo e disse: "Isso é só kimchi, filho", mas mesmo assim serviu. Como se não fosse nada, colocou na minha frente com uma admirável demonstração de profissionalismo.

Uma tigela enorme de kimchi, uma verdadeira montanha de sabor. Duvido que exista uma única língua no mundo capaz de devorar tudo aquilo e ainda preservar o paladar. Assenti com

satisfação, coloquei a tigela na bandeja e paguei a conta.

O Zonchi estava tão vazio que eu mal conseguia decidir onde sentar. Em uma hora, o lugar estaria lotado de estudantes que tinham saído mais cedo da segunda aula. Eu nunca gostei de multidões, então me considerei com um limite de tempo. Sentei-me em um canto.

“Manda ver”, murmurei, e dei a primeira mordida…

Foi horrível.

Eu realmente tive que comer uma tigela inteira disso? Isso não era o que se chamava de comportamento suicida? Que destino cruel me levou a essa situação? O que eu fiz?

“Será isso algum tipo de justiça sumária?”

Acho que também dizem *que colhemos o que plantamos.*

A partir daquele momento, passei a usar meus hashis em silêncio. Se eu continuasse falando sozinho, as pessoas começariam a achar que eu era um esquisito. Além disso, é falta de educação falar enquanto se come.

“…”

E então.

Assim que cheguei ao meu limite — não apenas a ponta da minha língua, mas toda a minha cabeça ficou dormente, eu não sabia o que diabos estava fazendo, ou, aliás, quem eu era, ou o que a palavra " *quem"* significava, e até mesmo o que a palavra " *significava* " significava —

“E aí.”

Ela sentou-se na cadeira em frente a mim.

“Puxe essa bandeja um pouco para trás, por favor?”, disse ela. Então, empurrou a minha em minha direção e colocou a dela no espaço recém-aberto. A bandeja dela estava repleta de um prato de

espaguete à carbonara, uma salada de atum com alga marinha e uma sobremesa de frutas, totalizando três pratos.

Ah, que coisa burguesa.

“…?”

Olhei para a direita, depois para a esquerda. O refeitório ainda estava vazio. Praticamente deserto. Então, por que ela tinha decidido comer o espaguete à carbonara bem na minha frente? Provavelmente algum tipo de desafio.

"Meu Deus, o que é isso?! É tudo kimchi!" ela exclamou ao ver meu almoço, chocada. "Nossa! Você está comendo uma tigela inteira de kimchi!"

Ela estava com os olhos arregalados, as mãos erguidas como se estivesse fazendo um grito de guerra. Talvez fosse isso mesmo que ela estivesse fazendo, ou talvez estivesse se rendendo. Havia também a possibilidade de ela ser simplesmente muçulmana. Qualquer uma dessas opções me serviria, mas, na realidade, ela provavelmente estava apenas surpresa.

Seus cabelos na altura dos ombros tinham um tom avermelhado. Estavam presos num corte chanel, ou talvez um corte tigela. Suas roupas não tinham nada de extraordinário. Simples, seguindo o estilo da maioria dos estudantes de Rokumeikan. No instante em que se sentou, pareceu bem mais baixa; dava a impressão de que estava usando botas londrinas de cano alto.

Ela tinha um rosto jovem, então não consegui dizer se era do meu último ano ou da minha idade. Pelo seu jeito, poderia ser do meu penúltimo ano, mas isso era impossível, já que eu era do primeiro ano.

"Ei. Sabe, que tal responder, para eu não ficar sozinha e tal?" Ela me encarou com aqueles olhos de cachorrinho pidão.

“Certo”, eu finalmente disse. “Quem é você?”

Eu tinha quase certeza de que aquele era o nosso primeiro encontro. Mas, ao longo do último mês, descobri que aquele espaço minúsculo que é a faculdade tem uma abundância de pessoas curiosamente amigáveis. Elas puxam conversa como se fossem amigas de longa data, mesmo que você nunca as tenha visto antes. Para um cara como eu, que tem dificuldade em lembrar rostos, é extremamente constrangedor. Certamente essa garota era mais uma dessas; temendo o incômodo de ter que lidar com um convite para um clube ou, pior, alguma coisa religiosa, resolvi fazer a pergunta acima.

Ao fazer isso, ela assumiu uma pose de choque exagerada.

"Hwa?!" ela disse. "Meu Deus! Quer dizer que você esqueceu? Você esqueceu mesmo? Você simplesmente esqueceu?! Ikkun, que frio!"

Ops. A julgar pela reação dela, este não foi nosso primeiro encontro.

“Ohhh. Estou chocada”, lamentou ela. “Mas o que você vai fazer, né? É, nada, eu acho. Afinal, você tem uma memória ruim. Bom, acho que posso me apresentar de novo.” Com as palmas das mãos voltadas para mim, ela abriu um sorriso radiante. “Mikoko Aoii, ao seu dispor!”

“…”

Eu estava lidando com um personagem problemático.

Primeiro encontro ou não, essa foi, sem dúvida, minha primeira impressão de Mikoko Aoii.

A história dela era simples. Mikoko e eu éramos colegas de classe. Não só estávamos no mesmo curso de orientação, como também fazíamos a mesma aula de língua estrangeira. Já tínhamos nos encontrado pessoalmente várias vezes e estivemos juntas no acampamento para calouros antes da Semana Dourada. Chegamos até a ser colocadas juntas em aulas de inglês.

"Cara... Ouvir isso me faz parecer um completo maluco por não me lembrar de você."

"Acho que você *é* completamente maluca!" Mikoko riu alegremente. Ser capaz de rir tão bem depois de alguém ter esquecido completamente da sua existência exigia uma coragem especial. Imaginei que ela devia ser uma garota muito legal. "Normalmente, eu acharia bem perturbador se alguém esquecesse de mim", disse ela. "Ou melhor, eu ficaria irritada. Mas você é assim mesmo, né? Tipo, você não esquece as coisas que são realmente importantes, mas esquece as coisas comuns."

“Bem, não posso discordar disso.”

Ela tinha toda a razão. Certa vez, cheguei a esquecer se era destro ou canhoto e me vi numa situação bem complicada durante uma refeição. Se me permitem um pequeno parêntese, a verdade é que eu era ambidestro.

"Certo, e o que está acontecendo com você?", perguntei. "Por que você não está na aula?"

“Aula? Bem…”

Por algum motivo, ela parecia estranhamente feliz. Tive a

impressão de que esse era o seu estado normal, mas não sabia ao certo porque não me lembrava. De qualquer forma, era difícil me incomodar com aquela garota de rosto sorridente.

“Estou matando aula”, admitiu ela.

“Os calouros realmente deveriam ir às aulas.”

“Ah, qual é, é chato. Totalmente chato. Qual era mesmo? Ah, sim, economia. É só um fluxo interminável de jargões. E é quase como matemática. Eu sou da área de humanas! E você também está matando aula.”

“Não tenho nenhum no momento.”

"Realmente?"

“Sim. Às sextas-feiras, eu só tenho a primeira e a quinta aula.”

Ela gesticulou freneticamente com as mãos novamente. "Não é um saco? São seis horas de tédio."

“Eu não detesto o tédio.”

“Hum, eu pensava que tédio era simplesmente não gostar de um período de tempo, mas cada um com a sua, né?” Ela começou a enrolar o espaguete no garfo enquanto falava. Como não conseguia colocar tudo na colher, logo começou a ser uma questão de tentativa e erro. Imaginei que demoraria um pouco até a comida chegar à boca dela, mas aí ela largou o garfo e passou a usar os hashis. Essa garota sabia exatamente quando e como parar.

“Diga…” arrisquei.

“Hum? O quê… o quê?”

“Há muitos lugares vagos.”

“Sim. Acho que vai lotar bem rápido.”

“Mas agora está vazio, não está?”

“Você disse isso. Tem algo de errado nisso?”

"Quero comer sozinha, então vamos embora agora, querida", eu queria dizer. Mas então eu a vi sorrir — um sorriso vulnerável, como se ela nem conseguisse imaginar ser completamente rejeitada — e até eu tive que sentir pena.

“Não… nada.”

“Hum? Você é um cara esquisito.” Ela fez beicinho. “Ah, mas se você não fosse esquisito, você não seria você. Ser esquisito é como a sua identidade.”

Não pude evitar a sensação de estar sendo insultada sem querer. Mas, por outro lado, não era tão ruim quanto esquecer completamente alguém com quem você interagiu regularmente durante um mês inteiro. Então deixei para lá e me concentrei no meu kimchi.

“Ikkun, você é fã de Kimchee?”

“Não, não particularmente.”

“Mas é muita coisa. Nem mesmo os coreanos comem tanto de uma vez.”

“Bem, eu tenho meus motivos…” Enquanto falava, levei um pouco à boca; mais da metade da minha refeição ainda estava na tigela. “Não são motivos muito interessantes, mas ainda assim…”

“Motivos?”

“Tente descobrir sozinho primeiro.”

“Hã? Isso… hum. Vamos ver…”

Mikoko cruzou os braços e começou a tentar deduzir meu raciocínio. Claro, descobrir uma série de circunstâncias que exigissem comer uma tigela inteira de kimchi não era exatamente fácil. Depois de alguns instantes de reflexão, ela deixou os braços caírem novamente. Ela realmente desistiu muito rápido.

“Ah, sim, a propósito, eu tinha uma pergunta para você”, disse

ela. “Acho que esta pode ser uma boa oportunidade. Posso?”

“Ah, claro.”

"boa oportunidade" não costumava se referir a algo que surgia por acaso? Pelo que eu pude perceber, ela havia se sentado deliberadamente na minha frente.

Ou talvez isso não venha ao caso.

Ela tinha o mesmo sorriso quando fez a pergunta. "Ikkun, você lembra que faltou um tempo à escola no começo de abril? Por quê?"

“Ah…” Meus hashis pararam de se mexer. Os pedaços de kimchi que eles seguravam caíram de volta na tigela. “Hum, bem…”

Devo ter feito uma cara de preocupada, porque Mikoko logo começou a gesticular freneticamente. "Ah, se é difícil falar sobre isso, não se preocupe. Só estou curiosa, nada demais. É tipo um ' *Mistérios Sem Solução' com a Mikoko.* "

“Não, não é difícil falar sobre isso. É simples, na verdade. É que eu fiz uma pequena viagem. De cerca de uma semana.”

“Uma viagem?” Ela piscou para mim como um pequeno animal da floresta. Suas expressões eram sempre fáceis de decifrar, o que facilitava a minha conversa com ela. Acho que Mikoko era uma boa ouvinte. “Que tipo de viagem? Para onde você foi?”

“Chegamos a uma ilha deserta no Mar do Japão, meio que por acidente.”

“Por acidente?”

“Sim. Um acidente grave. Enfim, foi assim que me meti nessa situação de comer kimchi.”

Ela inclinou a cabeça, o que provavelmente foi uma reação natural. Mas eu sou uma pessoa fundamentalmente preguiçosa, então não me dei ao trabalho de explicar todos os detalhes. Ou melhor,

como diabos eu faria isso?

“Enfim, só uma viagem. Nada de muito profundo.”

“Hum. Não me diga.”

“O que você achou que era?”

“Ah, nada…” Ela corou um pouco. “Só pensei que talvez você tivesse se machucado de alguma forma e ficado internada por um longo período ou algo assim.”

Como e por que ela teria tido essa ideia era um mistério para mim, mas, por outro lado, não havia muitas explicações plausíveis para alguém tirar uma semana de folga logo depois de começar a faculdade. Pelo menos, era uma razão mais provável do que "Eu fiz uma pequena viagem".

“Entendi. Algo como uma viagem de formatura atrasada.”

“É, algo assim. Não consegui fazer reserva, então acabou tomando conta de abril”, eu disse dando de ombros, mas é claro que os fatos eram totalmente diferentes. Para começar, “formatura” era algo que eu não vivenciava desde o ensino fundamental, muito menos uma viagem de formatura. Mas todas essas circunstâncias exigiriam uma explicação desnecessariamente longa e não eram assuntos sobre os quais eu queria falar, então simplesmente aceitei a interpretação dela.

“Hum…” Ela fez uma expressão meio convencida. “Então você foi sozinho?”

"Sim."

“Entendi.”

Então, assim, de repente, o sorriso alegre voltou, como se toda a sua confusão tivesse se dissipado. Ela realmente não usava máscaras, ou melhor, era tão direta com suas emoções que dava até inveja.

Tenho inveja dela…

Não.

Não, não em particular.

“Então, Mikoko… Por que você está realmente aqui?”

"Huh?"

"Você tem algo a dizer, presumo? Quer dizer, considerando que você veio e se sentou bem aqui quando há uma sala inteira cheia de cadeiras vazias."

“Hum.” Ela estreitou os olhos e baixou um pouco o olhar, até meu peito. “Não posso me sentar com você a menos que tenha algo específico para lhe dizer?”

"Hã?" Agora era minha vez de inclinar a cabeça.

Ela continuou: "Quer dizer... estou te incomodando? Eu só te vi quando estava passando, então pensei que talvez pudéssemos comer juntos."

"Oh, eu vejo."

Em outras palavras, ela queria alguém para conversar durante o almoço? Eu era do tipo que preferia fazer coisas pessoais, como comer, sozinho, mas havia muitas pessoas que viam a hora da refeição e a hora da conversa como uma só. Com certeza, Mikoko era uma delas. No entanto, tendo decidido matar aula de repente, ela não conseguiu encontrar alguém para almoçar junto e, por isso, puxou conversa com a primeira pessoa conhecida que viu — eu.

“Bem, se for só isso, por mim está ótimo”, assegurei-lhe.

“Obrigado. Que alívio. Eu não saberia o que fazer se você dissesse não.”

“O que você faria?”

“Hum? Sim. Talvez isto.” Fingindo segurar as bordas da bandeja com as duas mãos, ela fez menção de girar os braços na direção

oposta. “E aquilo.”

"Eu vejo…"

Mesmo que ela estivesse apenas brincando, fiquei um pouco aliviado por não ter dito não. Na verdade, eu não teria duvidado da reação dela. Alguém que expressa felicidade com tanta facilidade poderia expressar raiva com a mesma facilidade.

"Bem, acho que estou livre de qualquer forma. Contanto que você queira conversar", eu disse.

"Obrigado."

“Então, sobre o que estamos falando?”

“Ah, hum…”

Ao incentivá-la, ela começou a raspar os hashis nervosamente. Provavelmente estava tentando pensar em um assunto.

Talvez eu tivesse me esquecido de quem ela era, mas no último mês parecia que ela ao menos tinha conseguido captar a superfície da minha personalidade. Então, que tipo de assunto ela abordaria comigo? Eu, que era tão ignorante e tão desprovido de bom senso, a ponto de achar que futebol era beisebol jogado com os pés? Eu estava curioso para descobrir, como se estivesse acontecendo com outra pessoa.

Mikoko bateu palmas como se tivesse tido uma ideia. "Vocês não acham que o mundo enlouqueceu?", disse ela.

“Hã? De que forma?”

“Quer dizer… você sabe, o intruso. Até você deve saber quem é.”

Até você.

A frase era bastante irritante — exceto pelo fato de que eu não tinha a menor ideia de quem diabos era "o intruso".

Não fale comigo como se eu fosse idiota! É claro que eu sei! Uma

explosão de raiva como essa seria bastante justificável, mas *"Cala a boca! Como eu ia saber o que é isso, seu estúpido?!"* simplesmente não soava tão bem.

"Hum? O que foi, Ikkun?", perguntou ela.

“Ah, nada. O que é 'o intruso'?”

Obviamente, eu não estava procurando a definição do dicionário, *"aquele que ronda".* Ela me encarou boquiaberta, maravilhada.

"Você está brincando, né? Isso é uma piada? Ikkun, isso já saiu em todos os noticiários. Não tem como você não ter visto isso se mora em Kyoto."

“Não há televisão no meu quarto e também não recebo jornal.”

“E quanto à internet?”

“Ah, eu não tenho computador. Também não uso muito os que têm no campus.”

"Meu Deus, o Ikkun é um homem das cavernas!" exclamou Mikoko, parecendo quase impressionada. "É algum tipo de política ética?"

“Talvez seja, em certo sentido. Como posso dizer… Eu não gosto de ter coisas.”

“Que legal! Você é como um filósofo da antiguidade! Uau!”

Ela bateu palmas de alegria. Duvido muito que eu teria a mesma reação se ela soubesse que, na verdade, era por um motivo prático — e completamente ridículo. Meu quarto era pequeno demais.

Quer dizer, os jornais ocupam muito espaço.

“Quando você diz 'se você mora em Kyoto', você quer dizer que essa coisa de 'intruso' está acontecendo aqui?”

“Sim, é verdade! Causou um grande alvoroço. 'Pânico na Velha Capital!' Alguns lugares até cancelaram excursões escolares.”

Nossa... que pena para eles.

“Seis pessoas foram assassinadas! E ainda está acontecendo! Sem nenhum suspeito à vista!” Ela estava furiosa, e havia um toque de excitação em sua voz. “Ele os esfaqueia e abre suas entranhas e tudo mais! Assustador, né?”

“…”

Vamos deixar de lado o fato de estarmos comendo. Afinal, eu era parcialmente responsável por a conversa ter tomado esse rumo. Mas o que isso dizia sobre essa garota, que conseguia discutir assassinato com tanta alegria?

É assustador o quão distantes as pessoas podem ser.

“Seis pessoas, hein? Isso é muita coisa?”

“Sim, é muita coisa! É muita coisa mesmo!” Ela quase parecia estar se gabando, como se fosse ela quem estivesse cometendo os assassinatos. “Talvez não no exterior, mas assassinatos em série são raros no Japão! É bem sensacional, sabe?”

“Hum. Então é por isso que tem carros de patrulha circulando por toda parte.”

“Sim. Em Shinkyogoku, até a polícia antimotim existe. Me faz lembrar do Festival de Gion.” Ela deu uma risadinha, sem motivo aparente.

“Nossa, quem diria. Eu não sabia nada disso.”

Enquanto concordava com a cabeça, pensei: " *Kunagisa com certeza vai adorar isso"*. Kunagisa, cujo nome completo é Tomo Kunagisa, uma das minhas poucas amigas, ou melhor, minha única amiga, é uma engenheira eletrônica e mecânica de dezenove anos, uma pessoa misteriosa e reservada, com cabelos azuis e um interesse apaixonado por coletar informações sobre esse tipo de incidente. Ao

contrário de mim, ela não está constantemente no escuro sobre o que acontece no mundo. Como especialista em coleta de informações, ela provavelmente já sabia desse caso do intruso sem que eu precisasse dizer nada. Aliás, ela pode até já estar tomando providências.

“Então, quando isso começou?”

“Por volta do início de maio, talvez? Acho que é isso mesmo. Por quê?”

“Ah, eu só estava perguntando.”

Coloquei o último pedaço de kimchi na boca. Minha língua, ou melhor, toda a parte interna da minha boca, ficou completamente destruída. Provavelmente nunca mais daria a comida como garantida ou diria "isso está ruim". Pensando bem, o fato de uma simples tigela de kimchi ter conseguido destruir meus princípios tão facilmente não dizia muito sobre o meu paladar. Ou talvez fosse apenas uma questão de humor.

“Bom, por hoje é só. Até a próxima.” Larguei os hashis e comecei a me levantar da cadeira.

“Ah! Espera aí! Espera aí, por favor?! Aonde você vai?!” Mikoko se apressou para me impedir. “Espera um minuto, Ikkun!”

“Como assim, 'Para onde eu vou?'? Terminei de comer, então pensei em dar uma passada na livraria.”

"Ainda não terminei!" Olhei para a bandeja dela. De fato, ainda havia mais da metade da comida.

“Mas eu sou.”

“Não me faça triste. Fique comigo até que eu termine.”

"Por que eu deveria fazer uma coisa inútil dessas?"... é exatamente o tipo de coisa que eu não tenho coragem de dizer. Sou mais do tipo que deixa a vida me levar.

“Certo. Estou livre agora mesmo.” Eu não tinha nada urgente para fazer, e não era como se eu estivesse satisfeita ainda. Pensei que poderia aproveitar e comer um pouco de arroz enquanto estivesse ali. “Espere um minuto, vou comprar algo”, eu disse para Mikoko.

Passando pelo caixa pelo lado errado (o que era contra as regras), dei uma olhada no cardápio na parede, pensando se deveria pedir o bowl de carne. Nossa, era mais caro que no Yoshinoya. Talvez fosse melhor escolher outra coisa…

"Kimchi de novo?", interrompeu a senhora no balcão com um sorriso radiante enquanto eu tentava decidir.

"Sim."

Ops. Eu tinha concordado com a cabeça.

“Não adianta chorar sobre o leite derramado…”

Ou melhor, será que isso foi mais um caso de "a posteriori, tudo fica mais claro"?

Algumas dezenas de segundos depois, com outra tigela cheia de kimchi na mão (desta vez a merendeira tinha me dado um pouco a mais), sentei-me novamente em frente a Mikoko.

"Que diabos? É para eu fazer alguma piadinha aqui?", disse ela.

“Não se preocupe com isso… Então, sobre o que estávamos falando?”

“Hum? Ah, o que era mesmo? Esqueci.”

"Entendi. Bom, então você quer falar sobre aula?"

Ela balançou a cabeça firmemente.

"Por que não? Teve algumas coisas que eu não entendi muito bem na primeira aula hoje, então pensei que talvez pudéssemos revisar juntos. É uma matéria obrigatória para calouros, então você deve ter ido, certo? Se me perguntar, a culpa é da incapacidade do professor de

explicar as coisas direito, mas o que você acha?"

"O que eu acho?! Acho que não existe um rapaz no mundo que fale disso com uma rapariga quando nem sequer há um teste à vista!"

Eu estava apenas brincando, mas ela pareceu realmente incomodada. "Qual é o problema? Você não gosta de estudar?"

“Ninguém gosta de estudar.”

“Isso me parece discutível. Mas se você odeia estudar, por que veio para a faculdade?”

“Ah, essa é uma pergunta tabu. Se você perguntar isso, acabou. Quer dizer… todo mundo é assim, né?”

Parecia que eu havia tocado inadvertidamente em um ponto sensível, e ela de repente pareceu um pouco melancólica. Pensando bem, alguém disse certa vez que as universidades japonesas não são lugar para quem quer estudar. A faculdade é apenas um período de preparação para a entrada na sociedade, e coisas do tipo. A mesma mulher chegou a afirmar que, no Japão, a educação obrigatória se estendia até a faculdade e que os universitários tinham o mesmo nível intelectual que as crianças do ensino fundamental.

“Hum”, Mikoko reagiu aos meus comentários indiretos. “Mas isso significa que já estamos no nível intelectual de estudantes universitários quando ainda estamos no ensino fundamental. Um país pode ser uma potência econômica mesmo que jovens que iriam para a faculdade sem motivo aparente preencham suas fileiras? Se você pensar dessa forma, o Japão é incrível.”

“Heh, essa é uma forma de dizer.”

Você gosta de estudar?

Dei de ombros.

Claro que não.

Na verdade, eu odiei.

“Mas não é ruim para matar o tempo”, eu disse. “Ou melhor, como uma fuga da realidade.”

“Normalmente, estudar é a realidade.”

Mikoko soltou um suspiro. Então, como se quisesse voltar a se concentrar na refeição, ficou beliscando a salada em silêncio por um tempo.

Hum. Um prato de espaguete, uma salada grande e uma sobremesa seriam uma refeição de tamanho normal para uma garota de quase vinte anos? Eu não conhecia ninguém que servisse de parâmetro para comparação — ou eram incrivelmente exigentes com comida, ou absurdamente glutões, ou estavam sempre em jejum ou algo do tipo — e, portanto, não conseguia decidir. Já que Mikoko não era magra demais nem o oposto, talvez fosse, pelo menos para ela, uma quantidade adequada.

"Hum, é difícil comer com você me encarando desse jeito", ela reclamou.

“Ah, desculpe.”

“Tudo bem.”

Ela voltou a comer.

Quando ela estava quase terminando, começou a me olhar de um jeito inquisitivo. Na verdade, ela vinha me observando de vez em quando o tempo todo, mas agora, de repente, estava fazendo isso de forma tão óbvia, me encarando como se quisesse me dizer algo.

E, de fato, essa previsão se mostrou correta. Como se finalmente tivesse se decidido, ela largou os hashis sem terminar a sobremesa. Deu um sorriso travesso enquanto se inclinava para a frente, aproximando o rosto do meu.

“Então, Ikkun.”

"Sim…"

A verdade é que talvez eu tenha ou não um favor a lhe pedir.

“Você não.”

"Sim." Ela recostou-se novamente na cadeira. "Você é o tipo de cara que pode estar livre amanhã?"

“Se você define liberdade como não ter planos, então é mais provável que eu diga sim do que não.”

“É meio difícil te acompanhar.”

“É assim que eu sou”, respondi por cima do meu kimchi. “Para simplificar: sou um cara livre.”

“Sério? Você está livre? Ah, que bom!”

Mikoko juntou as palmas das mãos com um semblante de pura alegria. No entanto, proporcionar tanta felicidade e satisfação a alguém simplesmente por não ter planos para um sábado parecia um pouco demais.

Mais importante ainda…

Isso não parecia nada bom.

Tive a nítida sensação de que estava prestes a ser arrastado para alguma coisa.

"Entendi, entendi, então se eu sou livre, algo de bom acontece com você, né? Uma mão lava a outra. É meio que como a cadeia alimentar. Um circuito magnífico, por assim dizer."

“Sim. Enfim, se você estiver livre amanhã, eu estava pensando se poderíamos nos encontrar!”

Ela nem sequer estava me ouvindo. Com as palmas das mãos ainda unidas, inclinou-as ligeiramente para o lado, como que para enfatizar seu pedido. Isso foi acompanhado por um sorriso com

covinhas. Era uma pose tão sincera e suplicante que quase parecia uma traição. Dificilmente existiria um ser humano do sexo masculino que não cederia a ela. Eles certamente desejariam *ceder* .

"Não quero", recusei mesmo assim, não sendo nem um pouco fofa.

"O quê?! Por quê?", ela praticamente gritou comigo. "Você está livre, não é? Vai tirar umas férias?"

"Bem, sim. Mas como eu disse, não detesto o tédio. Às vezes, as pessoas gostam de simplesmente passar o dia sem fazer nada, ok? Todo mundo se sente assim às vezes. Todo mundo quer escapar da correria do mundo de vez em quando, se livrar do incômodo de lidar com outras pessoas. Todos têm direito a um tempo para contemplar suas próprias vidas. Acontece que eu tenho mais tempo livre do que o normal."

“Mas-mas-mas! Como você pode simplesmente recusar sem nem me ouvir?! Isso é loucura! É como se um bando de alunos do oitavo ano formasse uma banda, mas todos acabassem tocando baixo!”

Foi uma analogia muito boa.

Ao observá-la atentamente, percebeu-se que ela estava prestes a chorar. Ou seja, lágrimas já se acumulavam nos cantos dos seus olhos. Essa não era uma situação desejável.

Olhei em volta. Estava quase na hora do refeitório começar a encher, e havia cada vez mais alunos. Nesse momento, eu queria evitar ao máximo chamar a atenção (por exemplo, fazendo uma garota relativamente bonita chorar). Mas vamos lá, quem chora por causa de uma simples rejeição?

“Ei, se acalme. Vou te ouvir. Vamos, coma um pouco de kimchi.”

"Está bem", disse ela, fungando.

Fazendo como eu sugeri, Mikoko colocou um pouco de kimchi na

boca. "Fwa!" ela piou, e então as lágrimas começaram a rolar de verdade. Parecia que ela não gostava muito de estimulantes (o que eu meio que já sabia).

"Ah, que calor!" ela exclamou.

"Bem, é kimchi. Não seria kimchi se não fosse picante." Dizem que também existe kimchi conservado em açúcar, mas eu sempre preferi o picante, então nunca tinha visto. E não me importaria se nunca visse.

“Ah, você é terrível. Você é tão malvado… Agora, sobre o que estávamos falando mesmo?”

“Aquele assassino à espreita?”

“Não! Estávamos falando de amanhã!”

Pá! Ela bateu com a mão na mesa. Parecia que ela estava realmente um pouco irritada agora. Talvez eu tivesse ido longe demais, pensei.

“Hum, você conhece o Emoto?”, ela perguntou.

"Quer eu a conheça ou não, não me lembro dela."

“Ela está no nosso curso de orientação. O cabelo dela é assim.” Mikoko levou os punhos às laterais das orelhas, mas mesmo com essa pose marcante, “Emoto” e seu penteado continuavam teimosamente fora do alcance da minha imaginação.

“Ela é uma garota que chama bastante atenção. Está sempre usando roupas brilhantes.”

“Hum. Bem, eu não costumo reparar muito nas pessoas. Qual é o nome completo dela?”

“Tomoe Emoto. É o *tomo* de 'sabedoria' e o *e* de 'bênção'.”

Nome interessante. Parecia que podia fazer uma parada de cabeça e sair correndo de cabeça para baixo. Me soava familiar, mas não conseguia me lembrar de onde. Não queria simplesmente dar uma

resposta do tipo: " *Ah, sim, aquela garota. É a que usa lentes de contato, né?"*

Mikoko poderia jogar isso na minha cara e dizer: "Te enganei! Não tem ninguém assim na nossa turma! Ahaha, parece que as calças viraram! Nya-nya-nya!" E aí eu ficaria com cara de tacho, minha fraude exposta. Bem, não que ela fosse fazer isso.

“O apelido dela é Tomo.”

“Isso não vai funcionar para mim.”

“Hã? Por que não?”

“Sem motivo específico. Apenas algo pessoal.” Balancei a cabeça. “Desculpe. Não me lembro dela de jeito nenhum.”

"É o que se espera", disse Mikoko, rindo. "Mas se você não se lembra de mim, acho que é óbvio que também não se lembraria dela. Se você se lembrasse dela, eu ficaria um pouco magoada."

Não entendi muito bem o raciocínio dela, mas se minha memória ruim a ajudou a não se sentir tão mal, talvez não tenha sido totalmente inútil. De qualquer forma, algo parecia errado com a lógica dela.

“Bem, tudo bem. Que tal Atemiya? Muimi Atemiya? Eu a chamo de Muimi.”

“Outro colega de classe?”

Mikoko assentiu. "E tem o Akiharu Usami. Akiharu é um rapaz, então você deve se lembrar dele."

“Minha memória funciona em um ambiente neutro em termos de gênero.”

“Mas você certamente não parece ser feminista…”

Ela soltou um suspiro longo e involuntariamente exagerado. Era como se eu tivesse feito algo errado. Mas não era minha culpa, e sim

da minha memória falha.

“Enfim, Tomo, Muimi, Akiharu e eu, Mikoko. Quatro no total. Vamos nos reunir amanhã à noite para beber um pouco.”

“Hum. Qual é a ocasião?”

“É aniversário do Tomo!” Por algum motivo, Mikoko parecia um pouco orgulhosa. Era difícil negar sua fofura enquanto ela estava sentada ali com as mãos na cintura, o peito estufado. “14 de maio! Feliz vigésimo aniversário!”

Se essa Tomo fosse minha colega de classe, isso significava que ela também era caloura. Talvez tivesse entrado na faculdade um ano atrasada. Ou talvez tivesse voltado do exterior como eu. Não importava muito.

“Aliás, eu só tenho dezenove anos. Meu aniversário é dia 20 de abril.”

"Hum", eu disse. Eu realmente não me importava.

Mikoko continuou: "Hum, então, amanhã é o aniversário da Tomo, então pensamos em fazer uma festinha bem leve e informal, só com quatro pessoas."

“Hum. Parece muito magro e sem graça para um aniversário.”

“É, bem. Todos nós gostamos de um ambiente animado, mas ninguém queria muita gente, então, o que você vai fazer?”

“Ah. Então quatro pessoas é um número bastante adequado.”

"Hã?" Mikoko pareceu surpresa.

“Uma quinta pessoa desequilibraria a situação.”

“Hã? O quê?”

“Bom, mande um abraço para todos por mim. *Feliz aniversário para você.* ”

“Não é meu aniversário! Ei, espera aí, não se levanta e vai embora

assim! Você ainda não sabe a outra metade da história!”

“Bem, dizem que saber é apenas metade da batalha…”

“Não é isso que significa!”

Ela me agarrou pela manga quando eu começava a sair e me obrigou a sentar novamente. Mas mesmo que a conversa estivesse apenas na metade, eu já conseguia prever mais ou menos o que viria a seguir.

“Certo, então. Agora você vai me convidar para participar dessa festa com bebida… ou melhor, dessa festa de aniversário.”

“Nossa! Uau, é exatamente isso.” Mikoko ergueu as mãos em surpresa, mas dessa vez soou falso. Talvez não fosse que ela não usasse máscaras, mas sim que fosse uma péssima atriz. “Incrível, parece que você tem poderes paranormais, Ikkun.”

“Melhor não falar disso. Não é um bom assunto.” Respirei fundo e perguntei: “Como tudo isso aconteceu? Eu nem conheço essas pessoas.”

“Você sabe sim! Eles são seus colegas de classe.”

Ah, certo.

Talvez eu estivesse com amnésia. Nunca fui bom em lembrar das pessoas, mas ultimamente estava piorando bastante. Tirando aqueles três colegas, não havia uma única pessoa na Universidade Rokumeikan de quem eu tivesse uma imagem clara.

Mas havia uma explicação mais provável.

Que isso foi simplesmente o resultado da minha apatia em relação às pessoas.

Não tinha nada a ver com o funcionamento do meu cérebro.

Não estava com defeito.

Não faltava nada.

Isso se resumia a *eu* estar fragilizado desde o início.

"Será que eu me esqueci e, na verdade, somos bons amigos? Mesmo eu não me esqueceria dos meus amigos."

A expressão de Mikoko tornou-se um pouco triste. "Não acho que seja esse o caso", disse ela. "Você provavelmente não tem falado muito. Quer dizer, você sempre tem essa carranca de olhos semicerrados, como se estivesse pensando muito sobre algo ou com desdém. Mesmo agora. Isso faz com que seja difícil se aproximar de você. É como se houvesse uma parede na sua frente. Ou como se seu campo de AT estivesse totalmente operacional. E apesar de tudo isso, você sempre se senta bem no meio da sala de aula."

Eu queria que ela me deixasse em paz. Queria dizer para ela nem se dar ao trabalho de falar comigo se era assim que ela se sentia. Mas não disse.

Terminei meu kimchi. No fim das contas, duas tigelas foram um exagero, e me senti muito cheia. Provavelmente não vou comer kimchi de novo por um bom tempo.

“Mas você e eu somos amigas”, afirmou Mikoko.

“Será?”

"Sim!" Ela bateu na mesa de novo, dessa vez com as duas mãos. Parecia que ela tinha o hábito de bater em coisas por perto quando ficava emocionada. Eu teria que me lembrar de ficar fora do alcance daqueles braços finos se quisesse tirar sarro dela. Em outras palavras, eu precisava de um jeito de tirar sarro dela sem me aproximar demais. Talvez fosse melhor implicar com ela por telefone.

Espera aí, por que eu estava tramando para irritá-la?

“Então, Ikkun, naturalmente, às vezes falo de você para os meus amigos.”

"Eu acho."

“E meus amigos pensam: *'Cara, para um cara que sempre tem uma cara tão feia, ele parece até legal.* '”

“Acho que é possível.”

“Então não é tão estranho que eles queiram tentar ser amigos de alguém que parece legal, mesmo que ele seja meio esquisito.”

“Sim, acho que todos nós temos tentações.”

“Então é isso que estou dizendo.”

"O que é?"

"Que."

Ela me encarou com olhos ansiosos e expectantes. Fingi beber meu chá para escapar do seu olhar. Uma única xícara certamente não seria suficiente para reanimar minha boca paralisada.

“Hum… entendi”, eu disse.

“Você acha mesmo?!”

“É uma boa oportunidade e tudo mais, então acho que vou passar a noite na casa dos meus pais amanhã.”

“Não faça planos de última hora! Você nem foi para casa durante a Semana Dourada!”

Ela bateu na mesa de novo. Fiquei um pouco incomodado por ela saber o que eu tinha feito durante a Semana Dourada, mas, pensando bem, eu devia ter contado para ela e esquecido.

“Mas você sabe, o Dia das Mães está chegando e tal”, expliquei.

“Isso foi semana passada! E além disso, você não é o tipo de cara que se daria ao trabalho de homenagear os pais!”

Aquilo foi bastante cruel. E mesmo que ela estivesse certa, será que ela acreditava que um rapaz de dezenove anos, que não se esforçava nem um pouco pelos pais, seria mais gentil com alguém que

era apenas um colega de classe? Talvez ela estivesse tão exaltada que nem percebeu mais o que estava dizendo.

“Vamos lá, eu imploro. Eu já disse a eles que te traria. Vou passar vergonha.”

“Parece que houve um mal-entendido, então deixe-me esclarecer as coisas: eu não sou o tipo de cara com quem você pode se divertir conversando. Dizem que eu tenho tanta energia quanto uma nuvem turva se transformando em borra.”

“Nossa, que decepção, como ouvir falar de dois jovens autores promissores, só que um pegou hera venenosa e o outro foi devorado por lagartas-de-tenda.” Ela pareceu um pouco triste enquanto mordia o lábio. “Por favor, Ikkun. Faça isso por mim. Eu sei que é egoísmo da minha parte, mas, ei, eu até pago as bebidas.”

“Desculpe, eu não bebo.”

Isso era verdade.

"Por que não?"

"Uma vez bebi uma garrafa inteira de vodca de uma só vez." Não me atrevi a contar como a história terminou, mas, de qualquer forma, desde então jurei nunca mais beber álcool. Talvez eu não seja tão inteligente, mas também não sou tão burro a ponto de não aprender com a experiência.

“Nossa, nem mesmo um russo faria isso.” Mikoko ficou realmente surpresa. “Entendo… Então você não pode beber. Hum, e agora?”

Ela mergulhou em pensamentos mais uma vez. Parecia que ela tinha uma compreensão sólida de como era para uma pessoa que não bebia aparecer em uma festa onde se bebia. Talvez ela mesma não tivesse muita resistência ao álcool nesse aspecto.

No entanto…

Eu não era tão insensível a ponto de não sentir nada por aquela garota sentada à minha frente, que parecia tão profundamente perturbada.

Droga… Eu me deixo levar pelas coisas com muita facilidade. Aceitar algo por pena era uma coisa. Mas ser arrastado só porque a situação se apresentou foi totalmente ridículo.

"Tudo bem. Contanto que você não se importe que eu fique sentada no meio da sala, carrancuda."

“Hum, acho que seria um grande incômodo para você, mas eu acho… Espera, Ikkun, você quer dizer que virá?!”

Ela lançou o corpo para a frente. Talvez seja uma analogia grosseira, mas ela era como um cachorrinho com um petisco balançando na frente dele. Um gato se aproximaria com cautela, suspeitando de uma armadilha, mas Mikoko estava completamente desprevenida. Ela podia até ter a aparência física de um gato, mas definitivamente tinha mais a personalidade de um cachorro.

“Está mesmo tudo bem? Você vai mesmo vir?”

“Sim, tudo bem. De qualquer forma, estou livre.”

Até eu fiquei um pouco constrangida com a minha própria franqueza e me perguntei se não poderia ter dito as coisas de uma maneira um pouco mais gentil. "Uau! Obrigada!", exclamou ela com um sorriso inocente, mesmo assim.

Respondi: "De nada", e terminei meu chá. Em algum momento, ela também terminou a sobremesa, então dessa vez me levantei da cadeira de verdade.

“Ah, espere um segundo, Ikkun. Posso ter seu número de telefone? Eu ligo para você.”

“Hum? Ah…” Tirei meu celular do bolso. “É… eu esqueci.”

“Números. Então eu te dou os meus, então me liga.”

Digitei o número dela como lhe foi pedido e liguei. Um toque soou em sua pequena bolsa. David Bowie. Ela tinha um gosto bastante cosmopolita, e talvez eu não devesse dizer " *apesar das aparências"*.

“Certo, entendi. Ei, Ikkun, seu celular não tem alça.”

“Sim. Eu não gosto dessas coisas de menina.”

“Alças são coisa de menina?”

“Bem, eu não sou especialista nem nada, mas eles definitivamente não são muito másculos.”

“Hum, acho que não”, concordou ela com dificuldade.

“Bem, então.” Me levantei do meu assento com a bandeja. “Até amanhã, Mikoko.”

“Sim! Não se esqueça de mim de novo!”

Ela me deu um grande aceno, ao qual respondi com um aceno menor enquanto saía do refeitório. Depois de devolver minha bandeja e talheres, fui direto para a livraria da cooperativa. Claro, sendo uma livraria universitária, sua seleção consistia principalmente de textos acadêmicos e não de leitura recreativa. O lado positivo, porém, era que havia um desconto de dez por cento em tudo — e, por algum motivo (sério, por quê?), uma seleção excepcionalmente grande de revistas — então ficou bem cheia.

Fui até a seção de romances e escolhi um.

Huh?

Algo me ocorreu.

“Espere um minuto. A Mikoko sempre me chamou de 'Ikkun'?”

Agora que reflito sobre nosso encontro, o apelido soa bastante refrescante. Ela o usou com tanta naturalidade que eu nem percebi — mas eu jamais teria tolerado um apelido tão informal.

Pensei nisso por um instante, mas não conseguia me lembrar. Não tinha nenhuma lembrança específica dela me chamando assim antes, mas, por outro lado, também não me lembrava dela não me chamando assim. Eu mal tinha retido alguma lembrança da própria Mikoko, muito menos de tais detalhes.

"Qualquer que seja."

Qualquer uma das opções estava ótima para mim.

Satisfeito com isso, comecei a ler o romance dentro da loja.

Sim.

Sem problemas.

Não era como se alguém fosse morrer por causa disso.

Tudo estava bem no mundo.

Mesmo que os céus estivessem vazios.

Na vida, o que é considerado um ferimento fatal?

Ser decapitado.

Sim, obviamente essa é uma delas.

Partir o coração de alguém.

Novamente, óbvio.

Destruir o cérebro de alguém.

Naturalmente.

Interrompendo a respiração deles.

Esse é outro bom método.

Mas não me refiro a essas trivialidades ao dizer "ferimento fatal" aqui.

Refiro-me a um impacto tão intenso, tão devastador, na sua vida, que você cai num estado em que é humano, mas desumano; é uma pessoa, mas não consegue viver; está vivo, mas está morto. Significa ser sugado por completo e reduzido a pedaços por um dilema precisamente por ter sido dotado de razão.

Um ferimento fatal.

Em outras palavras, *fracassar*.

O ponto crucial é que, mesmo após o fracasso, *a coisa continua*.

O mundo está brutalmente morno.

É tão bondoso que chega a ser cruel. É o paraíso do diabo.

Resumindo, mesmo quando cometem grandes erros, os seres humanos não morrem.

Eles não podem morrer, eu diria.

Certo, você não morre.

Você só sofre.

Você simplesmente sofre em agonia.

E continua. Para sempre, infinitamente.

Isso continua acontecendo, sem sentido algum.

A vida não é um videogame, não porque não haja botão de reiniciar, mas porque não existe " *Fim de Jogo"*. Mesmo que tenha "acabado" há muito tempo, o amanhã chega de qualquer maneira. Mesmo quando a noite cai, a manhã retorna. Quando o inverno termina, a primavera chega. Como a vida é maravilhosa.

É um paradoxo absoluto: mesmo sendo um ferimento fatal, você não pode morrer. É como perguntar o que uma pessoa vê quando olha para trás enquanto viaja mais rápido que a velocidade da luz. Uma pergunta impensável.

Mesmo que seu potencial para ser você mesmo tenha sido interrompido há muito tempo, ele continua. Você recomeça quantas vezes quiser. Você reinicia sua vida repetidamente.

Mas é como fazer uma cópia malfeita atrás da outra, e cada vez que você recomeça, seu "eu" se deteriora um pouco.

Eventualmente, você começa a pensar:

Sou mesmo eu, ou

eu me tornei

outra coisa

Há muito tempo atrás?

Será que eu regredi?

Assim como um ponto de vista subjetivo jamais pode se tornar um terceiro, você não pode se tornar seu próprio espectador.

E é isso que é verdadeiramente fatal.

“Em outras palavras, tudo se resume ao espírito…”

Resmungando e remoendo esses pensamentos infrutíferos, eu estava experimentando o novo hambúrguer do McDonald's ao mesmo tempo.

O pacote com valor de 525 ienes.

O kimchi deve ter feito efeito, porque meu paladar voltou ao normal. Um hambúrguer do McDonald's estava delicioso de novo. Bom, enquanto eu fosse japonesa, não podia ficar sem comer McDonald's.

Eram sete e meia da noite.

O local: Shijokawara-machi, rua Shinkyogoku.

Após a quinta aula, decidi conferir pessoalmente a tropa de choque que Mikoko havia mencionado, e meus pés me levaram até aqui numa tentativa de matar o tempo.

Ao lado da bandeja com o hambúrguer havia uma revista. O que eles chamam de revista semanal de informação. Eu a tinha comprado na cooperativa, e na capa estava escrito: *Matéria de capa: Jack, o Estripador, ressuscitado na capital da feitiçaria!*

“Sensibilidade terrível.”

Essa sensibilidade catastrófica, que eu achei agradável, foi o segundo motivo pelo qual o comprei. O primeiro, obviamente, foi o fato de apresentar os incidentes com o "intruso" que Mikoko havia mencionado.

Enfiei duas batatas fritas na boca, coloquei um canudo e tomei um gole de refrigerante. Comecei a folhear o semanário. A primeira página tinha uma imagem assustadoramente vívida de um cadáver ao fundo, e em letras grandes e góticas, lia-se: ***Um assassino em série está fazendo Kyoto tremer!***

Realmente sinistro.

“Então eles deixam você imprimir essas fotos…”

Resmungando, folheei as páginas. Já tinha lido rapidamente algumas vezes o resumo do artigo, então pelo menos agora sabia alguma coisa sobre a onda de crimes, mesmo que não tudo.

A mídia apelidou o caso de "Caso do Intruso em Série de Kyoto". Não era o nome mais criativo do mundo, mas, pensando bem, talvez o caso não precisasse de um. Ainda assim, a palavra " *intruso"* parecia inadequada para o criminoso. Eu sempre imaginei um intruso como alguém que persegue pessoas na rua e lhes causa danos. Mas, neste caso, o culpado atraía as vítimas para áreas desertas, matava-as com uma lâmina afiada e, por fim, desmembrava os cadáveres. Parecia que *"assassino psicótico"* era um termo mais apropriado do que *"intruso"*. Definitivamente, lembrava os assassinatos de Jack, o Estripador.

“Já são seis pessoas, hein? Alguém andou ocupado.”

Resmungando novamente, enfiei a revista de volta na minha bolsa.

Sim, seis. Exatamente como Mikoko havia dito, seis pessoas em menos de duas semanas era um número considerável de mortes. Provavelmente era algo sem precedentes. Após o terceiro assassinato, a polícia foi mobilizada por toda a cidade para fins de vigilância. Até mesmo a tropa de choque estava presente em grande número, mas os assassinatos continuavam como se o assassino estivesse zombando dos policiais.

As vítimas não tinham nenhuma ligação aparente. Eram jovens e idosas, homens e mulheres: sem piedade. A polícia (e todos os outros, aliás) pareceu encarar o ocorrido como uma onda de violência indiscriminada.

Portanto, a sexta vítima provavelmente não seria a última.

Continuaria acontecendo. Enquanto o assassino em série permanecesse à solta — ou até que ele decidisse, talvez por um capricho, parar por vontade própria — aconteceria de novo. Até mesmo esta noite. Talvez estivesse acontecendo enquanto eu estava sentado ali.

"No fim das contas, é tudo um absurdo…"

Eu fiquei olhando para a Rua Shinkyogoku através da entrada do McDonald's.

A paisagem era a mesma de sempre. Menos turistas e estudantes em excursões escolares, mas ainda estava bem cheio — muitas crianças com cabelo tingido circulavam por ali. Acho que dava para chamar isso de uma espécie de territorialismo.

Ninguém.

Absolutamente ninguém que caminhava pela rua parecia cogitar a possibilidade de ser a próxima vítima. Claro, todos deviam estar um pouco cautelosos, um tanto inquietos com as unidades da polícia antimotim espalhadas por toda parte. *Que confusão,* pareciam pensar as pessoas. Talvez fossem para casa mais cedo do que o habitual.

Mas, no fundo, todos acreditavam que voltariam para casa.

Era assim com essas coisas. Pouquíssimas pessoas aceitavam como uma dura realidade a possibilidade de serem as próximas a morrer. É verdade que a probabilidade de se tornar a próxima vítima era insignificante.

Essas vítimas devem ter tido muito azar…

Um pensamento terrível, mas o que mais as pessoas poderiam pensar?

De qualquer forma.

Chegou a hora de eu me juntar à multidão desprevenida.

Levantei-me da cadeira e senti meu celular vibrar no bolso direito. Não reconheci o número na tela, mas não podia simplesmente ignorar a chamada, então atendi.

“Olá! Mikoko aqui!”

Ela estava super animada desde o início. Era fácil imaginá-la me dando um sinal de positivo do outro lado da linha. Bom, acho que ela provavelmente não estava fazendo isso de verdade.

Mas, sem nem mesmo se certificar de que estava falando comigo, ela estava agindo de forma tão animada e amigável. E se ela tivesse o número errado? Uma pequena chama se acendeu em minha mente curiosa.

“Hã? Ei, sou eu, Mikoko. O que houve?”

Eu não respondi.

“Hum… Este é o Ikkun, certo?”

Novamente, permaneci em silêncio.

“Olá? Você é o Ikkun, não é?”

Persisti em não responder.

"Será que eu estraguei tudo? Hein? Eu estraguei tudo!"

Continuei com o tratamento de silêncio.

"Ahhh! É como se preparar todo para a próxima sessão de ginástica radiofônica e, de repente, eles disserem: 'Acabou o tempo, então façam a dança da galinha!' Desculpe, disquei o número errado!"

Então, finalmente, eu disse: “Não, você tem o número certo. O que houve?”

"Ai!" ela gritou surpresa. "Hã? O quê?" ela gaguejou. Finalmente, soltou um suspiro, então devia estar aliviada.

Eu também imaginei que seria apenas uma questão de segundos até que seu alívio se transformasse em raiva.

"Pelo amor de Deus! É o telefone! Você tem que dizer alguma coisa! Eu vou surtar se você não disser! Ikkun, seu idiota! Sua cobra! Seu... assassino em série!"

Não achei que tivesse feito nada tão grave.

"Desculpe, desculpe, eu estava só brincando." Eu não pretendia ficar em silêncio por tanto tempo, mas a reação inesperadamente hilária dela me fez perder o ritmo.

“Deus… Acho que está tudo bem. Já que é você e tudo mais.” Mikoko soltou um gemido. Era difícil não sentir um pouco de pena dela. “Hum”, disse ela, como se quisesse recuperar a compostura, “esta é uma ligação de negócios! Sobre os negócios de amanhã!”

“Sabe, você não precisa gritar. Aqui está tudo tranquilo.”

“Hum? Onde você está agora?”

“Ah, é, em casa. Na pensão.”

“Ah. Ainda estou na escola. Tive que falar com o professor Inokawa sobre uma coisa, então acabei de sair da sala de pesquisa. Aquele lugar é incrível, não é?! Livros por toda parte!”

O professor Inokawa ministrou nossa aula de orientação. Um professor assistente um tanto excêntrico, ele era popular entre os alunos, apesar de ser extremamente rigoroso com a pontualidade (se você não estivesse em seu lugar quando o sinal começasse a tocar — mesmo que estivesse na sala de aula e se sentasse no momento do toque — ele considerava sua presença como ausente).

“Hum, certo, então, sobre amanhã! Você estará em casa amanhã?!” perguntou Mikoko.

“Sim. Claro. Vamos nos encontrar em algum lugar?”

“Não, não. Se marcarmos um ponto de encontro, podemos nos desencontrar. Isso não é bom, então vou te encontrar na sua pensão.

Comprei uma scooter e estou com vontade de dar uma volta. Então, que tal às quatro horas? Posso ir aí às quatro?"

"Sim, tudo bem, mas… Você sabe onde fica?"

"Hã? Ah, sem problema." Ela parecia confusa por algum motivo. "Quer dizer, porque fizemos aquela lista de endereços quando as aulas começaram. Eu a tenho."

"Basta apenas o endereço?"

"Conheço bem Kyoto, então está tudo bem. Você está no Senbon Nakadachiuri, certo?"

"Hum…" Havia algo suspeito em seu comportamento, mas se ela disse que estava bem, imaginei que estivesse mesmo. "Por mim, tudo bem", respondi.

"Certo. Então está resolvido. Hum, eu gostaria de conversar mais, já que me dei ao trabalho de ligar, mas preciso ir para a autoescola. Marquei uma aula e, se não for agora, vou me atrasar."

"Hum. Você está fazendo aulas de direção."

"Sim. E você? Tem carteira de motorista?"

"Sim, mas só para o modo automático."

Se você não se importar que eu não tenha carteira de habilitação, eu poderia dirigir qualquer coisa, mas isso é segredo.

"Entendi", disse Mikoko. "Vou pegar um carro com câmbio manual. Estou naquela idade em que quero meu próprio carro, sabe? Meu pai disse que vai me dar um carro quando eu tirar a carteira. É isso aí. Enfim, até amanhã. Tchau!"

Ela deu uma risadinha e desligou. Fiquei olhando para o meu celular por um tempo antes de guardá-lo de volta no bolso da calça.

Certo. Tínhamos planos para amanhã, não é? Não me esqueci completamente, mas estava perto demais para o meu gosto. Nesse

ritmo, posso esquecer de novo até amanhã. Talvez fosse melhor escrever "Planos com a Mikoko amanhã" na palma da minha mão, como um aluno bobo do ensino fundamental.

Ah, mas se ela viesse me encontrar em casa, não importava se eu me lembrasse. Guardei meu estojo de canetas na bolsa.

Dessa vez, saí do McDonald's. Já eram quase oito horas e as lojas do lado de fora estavam se preparando para fechar. De repente, me ocorreu uma ideia.

“Ah, é verdade. É uma coisa de aniversário…”

Nesse caso, deveria aproveitar a oportunidade para comprar um presente enquanto estivesse passeando? Era apenas bom senso — não que eu me considerasse alguém com muito bom senso. Na verdade, eu meio que fui forçado a isso. Talvez eu não precisasse me esforçar para ser uma boa pessoa. Enquanto pensava nisso, dei uma olhada em uma loja de souvenirs próxima.

Tomoe Emoto.

Então, que tipo de pessoa ela era? Eu não tinha nenhuma lembrança dela. Talvez depois de vê-la pessoalmente. Mas por mais que eu pensasse, não conseguia me lembrar de nada. O que significava que ela provavelmente não era uma pessoa particularmente excêntrica ou notável. Talvez fosse um pouco mais discreta do que a maioria. O tipo de pessoa que lê um livro antes da aula em vez de ficar mexendo no celular. Espera aí... a Mikoko não tinha dito que ela era uma garota chamativa que sempre usava roupas brilhantes? Hum. Eu não fazia ideia, afinal. Nem mesmo uma vaga imagem.

Quanto às outras duas... Muimi Atemiya e Akiharu Usami, não é? Tentei me lembrar também, mas sem sucesso.

“É, acho que se eles são amigos da Mikoko, não podem ser tão

estranhos assim.”

Diga-me com que companhia andas e eu te direi quem és. O verso é de Cervantes, e certamente o inverso também é verdadeiro. Não há com o que se preocupar muito.

Enquanto meus pensamentos divagavam, peguei uma caixa de salgadinhos de uma prateleira. Eram *yatsuhashi,* biscoitos de canela dobrados em triângulos e recheados com pasta de feijão azuki. Bem tradicionais, para dizer o mínimo. Trinta unidades, 1.200 ienes.

“Hum…”

Kyoto e yatsuhashi eram sinônimos. Se não houvesse yatsuhashi, não era Kyoto, o que significava que se houvesse yatsuhashi, era Kyoto. Comparado ao yatsuhashi, o Templo Kiyomizu, o Festival do Fogo de Daimonji e os Três Grandes festivais não tinham a menor importância. Santuários xintoístas e templos budistas eram irrelevantes. Se você não comesse yatsuhashi — escrito como “oito pontes” — você era 80% ignorante de Kyoto.

“Certo, então.”

Então ficou decidido que Tomoe receberia doces no seu aniversário. Eu não queria sobrecarregá-la com algo que não fosse descartável, e imaginei que seria o petisco perfeito para acompanhar a bebida. Ah, é, doces não combinam com álcool? Eu não bebia, então não sabia. De qualquer forma, não era como se fossem intragáveis.

—E.

Muito bem.

Minhas costas

tremeu, e

Eu tremi.

Era como se nitrogênio líquido tivesse sido derramado na minha

medula espinhal. Como se meu corpo inteiro tivesse sido congelado ao zero absoluto, e o calor do ar externo pudesse me queimar. Apenas meu tronco cerebral estava funcionando. A pressão de estar preso entre opostos absolutos quase me esmagou. Se eu não tivesse mantido a sanidade, teria sido pulverizado em um instante, sem dúvida.

"…"

Mas eu não me virei.

Com a maior naturalidade possível, entreguei a caixa de yatsuhashi à atendente da loja, que usava um rabo de cavalo tingido de castanho, um brinco e um sorriso que parecia genuíno.

"Muito obrigado!"

O atendente embrulhou os doces para mim, e eu os aceitei enquanto procurava o troco exato.

"Volte sempre, por favor", disse o atendente alegremente, com um leve aceno de cabeça.

Com certeza foi esse tipo de atendimento sincero que conquistou o coração dos turistas, pensei meio displicentemente enquanto saía da loja e seguia em direção à Rua Shijo.

E então eu senti. Um olhar tão intenso que, uma vez percebido, não podia ser ignorado, e tão feroz que era impossível não estar ciente dele. Não, aquilo era mais do que um olhar.

Isso foi uma intenção assassina.

Livre de quaisquer aditivos desnecessários, até mesmo de malícia, animosidade ou agressão, cem por cento pura, essa era a intenção assassina, absoluta e pronta para explodir. Uma presença terrível e viscosa parecia revestir todo o meu corpo. Ia além do desagradável ou perturbador.

Eu andei.

A presença me seguia.

Continuei caminhando.

A presença me seguia.

"Em outras palavras, estou sendo seguido", murmurei para mim mesmo.

Desde quando? De onde?

Eu não fazia ideia.

Foi tão flagrante que eu não precisei olhar para trás, nem mesmo perceber.

Isso significava que quem quer que fosse tinha percebido que eu tinha percebido. O fato de continuar me seguindo mesmo assim era o que tornava tudo tão descarado.

"Isso não é bom", suspirei, abrindo caminho pela multidão. Era estranho. Eu realmente pensei que tinha deixado todo o perigo para trás... do outro lado do oceano. Ser rastreada neste país, nesta cidade, era impensável, muito menos ser morta. Eu já havia usado as habilidades de Kunagisa para confirmar isso.

Nesse caso…

Foi um ato aleatório.

A primeira coisa que me veio à mente foi a reportagem da revista que estava na minha bolsa.

Um assassino em série.

“Ah, nem pensar…”

O que eu fiz para merecer isso?

Parafraseando a Mikoko, *é como formar um segundo Clube Onyanko, só que todo mundo é dançarino de apoio.* Pensando bem, não faço ideia do que isso significa. Acho que não se deve tentar ser algo que você não é. Claramente, eu estava em pânico.

No entanto…

Mesmo supondo que a pessoa a 180 metros atrás de mim fosse o infame invasor — ou apenas um psicopata assassino comum, ou possivelmente alguém com rancor contra mim…

Era algo antinatural.

Foi irracional.

Era incompreensível, ilógico e irreal.

O que eu senti foi um desconforto. Sim, a resposta absolutamente errada, um exemplo perfeito de equívoco, como perceber que você está sendo "observado" por si mesmo através de um espelho. Eu estava confirmando que a linha vermelha que geralmente fica à frente estava, de repente, atrás.

“Mais um disparate…”

É claro que era uma ilusão.

O que importava naquele momento era que alguém estava me seguindo.

Isto era certo.

Isso, e o fato de que eu ia ser assassinado.

Isso também era certo.

Com dois fatos praticamente definitivos como esses, eu não tinha margem para me distrair com outras sensações. No fim das contas, minhas opções eram limitadas.

Dar ou receber.

“Bem, bem… Isto está a ficar desinteressante…”

Saí da Rua Shinkyogoku e entrei na Rua Shijo. Do outro lado de um grupo de táxis, havia uma longa fila de carros. A Rua Shijo fica extremamente congestionada naquele horário, a ponto de ser mais rápido andar a pé do que de carro. Em uma cidade como Kyoto, com

tantos cruzamentos e semáforos que chega a ser ridículo, a bicicleta é de longe o meio de transporte mais eficiente. Em segundo lugar, aliás, vem a pé. E em terceiro, talvez uma prancha de bodyboard.

Eu tinha vindo para a escola de ônibus, então a opção número dois era a única possível. Hesitei por apenas um instante sobre qual caminho seguir antes de partir para o leste.

Após uma pausa no semáforo, atravessei a Rua Kawara-machi. Se continuasse em frente, chegaria ao Santuário Yasaka. De lá, se virasse para o sul, alcançaria o Templo Kiyomizu. Era um roteiro clássico para turistas em Kyoto. Mas eu não era turista e não tinha a menor intenção de ir até o Santuário Yasaka.

A presença incômoda não diminuiu.

Senti o olhar pressionante se aproximando cada vez mais. Nesse ponto, era pura violência.

“Nossa… Que horror.”

Já era maio e eu estava suando frio. Quanto tempo havia se passado desde a última vez que me senti tenso? Precisava me lembrar daquela ilha estranha, com certeza. No entanto, em comparação com aquela época, eu também estava experimentando uma sensação diferente.

Eu estava tenso, portanto em paz.

Eu tinha consciência de que, em meu estado de tensão, o fracasso era totalmente improvável.

“Ufa…”

E assim cheguei a Kamogawa, o rio. Em vez de atravessar a Ponte Shijo, desci a escadaria ao lado e cheguei à margem. Durante o dia, inúmeros casais jovens ocupam a beira do rio. Na minha opinião, vê-los perfeitamente espaçados e relaxando à medida que a correnteza

flui é uma das três atrações imperdíveis de Kyoto. Quando a lua está alta, a margem se torna um ponto de encontro para quem bebeu a noite toda. Depois de passar a noite em bebedeira, eles vão lá para se recuperar. Há estudantes universitários e até mesmo executivos.

Os apaixonados e os bêbados têm algo em comum: são uns chatos que andam por aí esfregando a sua felicidade na cara dos outros. Mas não era hora para filosofar. Independentemente da minha opinião sobre apaixonados e bêbados, só uma coisa importava naquele momento. Era o *breve intervalo do dia* em que a margem do rio estava completamente *vazia.* Os apaixonados já tinham ido para casa e os bêbados continuavam a beber. Em outras palavras…

A situação perfeita.

Principalmente se você estivesse debaixo da ponte.

Assim que desci até a margem do rio, entrei em sua sombra. O barulho dos carros passando por cima. A algazarra das pessoas atravessando a ponte — era uma baita confusão.

Mas não foi suficiente.

Não abafou os passos do cara.

Szkk.

O som de areia raspando.

“□ . …”

Murmurei algo e me virei.

“ ”

Ele declarou algo e me confrontou.

Provavelmente, o sentimento era apenas de confusão.

Confusão comum do dia a dia, nada mais.

Havia um espelho à minha frente.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

Ele tinha pouco menos de um metro e meio de altura. Era alto e magro como um caule de flor. Usava shorts com estampa de tigre; botas rústicas antiderrapantes; um casaco parka vermelho de mangas compridas e capuz; e um colete tático preto. Ambas as mãos estavam enluvadas, mas obviamente não para algo tão covarde quanto cobrir suas impressões digitais, pois eram luvas sem dedos. Meu palpite era que serviam a um propósito mais primitivo e óbvio: impedir que uma faca escorregasse no suor.

Seus longos cabelos estavam presos na nuca e raspados nas laterais, como se fosse um dançarino. Sua orelha direita tinha um piercing triplo, e duas alças que pareciam de celular pendiam da orelha esquerda. Seus óculos de sol estilosos tornavam sua expressão indecifrável, mas a tatuagem sinistra, claramente real, que marcava apenas sua bochecha direita comunicava sua excentricidade.

Ele era *diferente* de mim em praticamente todos os aspectos imagináveis.

Nossas semelhanças terminavam na idade e no gênero.

E, no entanto, eu me sentia como se estivesse me olhando no espelho.

Por isso fiquei confuso.

E a outra parte parecia igualmente confusa.

Ele fez o primeiro movimento.

Ele enfiou a mão direita no bolso do colete e, um instante depois, brandia uma pequena faca com uma lâmina de cinco centímetros. Não

fez um único movimento desperdiçado, atingindo o ápice dos nossos limites como criaturas.

O som e a luz distorciam-se e curvavam-se ao seu redor.

Se eu estivesse observando a cena como um mero espectador, talvez a descrevesse como arte, mesmo sabendo que se tratava de um assassinato. Seu ato homicida foi perfeito.

Não havia como escapar.

Certamente não há como aparar.

Ainda assim, consegui me esquivar da faca inclinando o tronco para trás. Claro que, normalmente, isso seria impossível. Não diria que sou menos atlético que a média, mas definitivamente não sou excepcional. Não tenho a visão rápida nem a agilidade corporal necessárias para escapar de um possível desafiante ao título de lutador de faca mais rápido do mundo.

Ainda.

Se um caminhão basculante viesse diretamente em sua direção a cento e sessenta quilômetros por hora, mas você só percebesse isso quando ele estivesse a alguns quilômetros de distância, acho que todos concordaríamos que evitá-lo seria uma tarefa simples.

Da mesma forma, o ataque com faca do meu agressor foi um evento tão evidente como se eu o estivesse antecipando nos últimos cinco anos.

Apalpei desesperadamente minha mochila, depois a girei, na esperança de acertá-lo em cheio na cara. Mas com um simples movimento do pescoço, ele conseguiu se esquivar do meu golpe como se o esperasse há dez anos. Como me esforcei para escapar do ataque, acabei caindo para trás. Claro, não fiz nada tão tolo quanto tentar me proteger. Mesmo um braço desperdiçado em tal manobra certamente

criaria uma oportunidade perfeita. Exatamente como eu temia, ele se virou após errar o golpe inicial e veio direto para minha artéria carótida. Nada bom. Não havia manobra evasiva que eu pudesse tentar naquela posição. Bem, teoricamente, eu poderia dar uma cambalhota desajeitada e desviar *desse ataque,* mas no instante seguinte, ou no instante depois desse, em um segundo, em três instantes, independentemente de quão pateticamente eu me debatesse, ele cravaria sua faca fundo na minha coluna. Como se estivesse amaldiçoado com alguma daquela maldita precognição, eu conseguia imaginar tudo claramente.

Esquivar-me seria irrelevante. O que significava simplesmente aceitar. Balancei meu cotovelo direito em direção à faca.

Mas.

Meu oponente torceu o pulso e alterou a direção do golpe com a mesma facilidade como se não tivesse tido força alguma. O impulso do meu golpe de cotovelo inevitavelmente me fez golpear o nada. Isso deixou toda a minha parte frontal do corpo, incluindo todos os meus órgãos, principalmente o coração e os pulmões, completamente exposta.

Por trás dos óculos escuros, seus olhos pareciam esboçar um sorriso muito discreto.

Com mais uma reviravolta, ele apontou a faca diretamente para o meu coração.

Uma breve pausa.

Então, a faca tática desceu em velocidade dupla. Rápida demais para os olhos acompanharem — uma vontade de matar que transcendia a capacidade de percepção humana.

Não houve nem tempo para suspirar. Aliás, na verdade, não

deveria ter havido tempo nenhum.

Mas eu também *tinha conhecimento dessa situação desde antes de nascer* □

“□□!”

“□□!”

A faca rasgou uma única camada da minha roupa e parou. Então, meu dedo indicador e o dedo médio da mão esquerda também pararam — depois de terem levantado os óculos de sol do meu agressor.

Um impasse.

Ele tinha meu coração e eu tinha os olhos dele. Se você colocasse os dois em uma balança, seus pesos obviamente seriam diferentes, mas isso não importava. Para o meu oponente, rasgar minha carne e osso para demolir meu coração era mais fácil do que tirar doce de criança. Mas isso me daria tempo suficiente para pulverizar seus globos oculares.

O oposto também era verdadeiro.

Eu poderia sacrificar meu coração para esmagar seus globos oculares.

Ele poderia oferecer seus olhos para obliterar meu coração.

Portanto, um impasse.

Ficamos assim por até cinco horas, ou talvez cinco segundos, e então□

“Que farra!”, disse ele, jogando a faca para o lado.

“Bobagem”, corrigi, retraindo os dedos.

Ele se afastou de mim, e eu me levantei, sacudindo as pedrinhas das minhas roupas e endireitando lentamente a postura.

Nossa briga tinha sido uma farsa, um episódio encenado. Não

poderia ter terminado de outra forma, e tudo o que eu sentia era cansaço, como se tivesse terminado uma tarefa de férias de verão.

"Eu sou Zerozaki", disse meu oponente, ajeitando seus óculos tortos. "Hitoshiki Zerozaki. Então, quem diabos é você, Sr. Doppelgänger?"

Era.

Como se.

Ele estava perguntando o nome de alguém.

A pergunta pareceu estranha.

Ali ocorreu *o primeiro contato* entre um espectador passivo e um assassino em série.

E, veja só, era sexta-feira treze.

MIIKO ASAN

Neighbor

Chapter 2

BANQUET ON A NIGHT OUT

—(Yuya's Ties)

0

O infortúnio e o sofrimento são minimizados.
Dê-me mais desespero. Dê-me mais escuridão.
Dê-me a depravação sem limites.

1

Aparentemente, o dia treze de qualquer mês tem maior probabilidade de cair numa sexta-feira do que em qualquer outro dia. A sexta-feira treze ocorre pelo menos uma vez por ano, e em média três ou quatro vezes por ano, e assim por diante. Mas para um cara como eu, que não é cristão — nem sequer entendo a diferença entre católico e protestante — isso significa pouco mais do que o dia seguinte é sábado, dia quatorze.

Muito bem.

No dia seguinte, sábado, 14 de maio, acordei no meu apartamento de um cômodo em Senbon Nakadachiuri e olhei para o relógio. Eram quase quatro da tarde.

"Seriamente?"

Fiquei um pouco... quer dizer, bastante — não, absurdamente — surpresa. Isso foi um novo recorde de dormir até tarde para mim. Quantos anos se passaram desde a última vez que dormi até a tarde? E não era só a tarde — já estava um terço do dia já tinha passado. Isso provavelmente ficará marcado na minha memória para sempre.

“Mas, pensando bem, fui dormir às nove da manhã, então é perfeitamente natural.”

Finalmente, livrando-me da sonolência, voltei a mim e levantei-me da cama.

O quarto tinha o tamanho de quatro tatames e uma lâmpada nua. Era um espaço maravilhosamente clássico, tão cheio de anacronismos que você se perguntava se existia desde os tempos antigos, quando Kyoto ainda era a capital do Japão. Naturalmente, o aluguel era absurdamente baixo. Absurdamente baixo para o proprietário, claro.

Dobrei meu futon e o guardei no armário. Não havia banheiro nem banheira, mas havia uma espécie de pia, então a usei para lavar o rosto e depois me vesti. Meu guarda-roupa não era exatamente cheio de opções, então tudo isso levou menos de cinco minutos.

Abri a janela e deixei entrar o ar fresco. Quioto é um lugar incrível, pois assim que a Semana Dourada passa, já é verão. É como se a vida ainda seguisse o antigo calendário chinês — ou como se o outono e a primavera nem existissem.

Então bateram na minha porta. O apartamento não tinha comodidades modernas como interfones.

Eram exatamente quatro horas. Mikoko era, sem dúvida, pontual. Fiquei um pouco deslumbrado com isso. Pessoas tão rigorosas com o tempo quanto o professor Inokawa eram simplesmente irritantes, mas se você quisesse se considerar um ser humano, precisava ser pelo menos tão pontual quanto um relógio analógico. Nesse sentido, Mikoko era humana.

“E aí, eu tô chegando.”

Desapertei a fechadura (isso sim é que eu chamo de radicalmente retrô) e abri a porta. Mas, para minha surpresa, não era a Mikoko.

"Desculpe."

Era Miiko Asano, minha vizinha. Ela tinha vinte e dois anos, sendo mais velha que eu, e trabalhava em vários empregos. Havia algo de japonês em seu estilo, e agora ela também estava vestindo roupas casuais tradicionais de verão. Era um tecido preto, com o termo budista " *Carnificina"* estampado em branco nas costas de sua blusa.

Ela tinha um rabo de cavalo com um estilo bem samurai. A princípio, parecia inacessível, mas depois de conversar um pouco com ela, ficou claro que era uma pessoa bem decente. Talvez um pouco misteriosa, mas isso só aumentava seu charme.

“Miiko… É você. Bom dia.”

“Sim. Você estava dormindo?”

“Sim, na verdade eu dormi demais um pouco…”

“A esta hora, acho que já não se qualifica como *uma brincadeira* ”, disse ela, sem ânimo. Com seu semblante reservado, era difícil adivinhar o que se passava em sua mente. Não que ela fosse completamente inexpressiva. Em vez disso, sua expressão padrão era um olhar fulminante, com mudanças tão sutis que era como se ela fosse inexpressiva.

“Ah, por favor, entre. Como sempre, não há muito para ver”, eu disse sem um pingo de falsa modéstia. Dei um passo para o lado para abrir caminho, mas ela balançou a cabeça negativamente.

“Não, eu só vim te entregar isso.” Ela me passou uma caixa plana. Estava embrulhada em papel com a palavra *Lanches* escrita em letras grandes.

“…”

“São yatsuhashi. Uma iguaria de Kyoto.”

“Eu sei, mas□”

“São seus. São bons. Bom, até mais… Tenho que ir trabalhar.”

Ela se virou bruscamente, exibindo aquela *Carnage* para mim.

O fato de ela não ter dado nenhuma explicação sobre o porquê de ter me dado uma caixa de yatsuhashi não foi nenhuma surpresa. Ela era uma mulher de poucas palavras, e quando você pensa no esforço que seria necessário para arrancar uma resposta dela, é fácil justificar deixar as coisas sem explicação. Então, me despedi dela com um simples "Muito obrigada, com certeza vou aproveitar", e nada mais.

Ela parou abruptamente. "Parece que você voltou de manhã", disse ela sem se virar. "Então, qual é a história?"

“…”

Malditos apartamentos com paredes finas. Na verdade, acho que eles têm suas vantagens. "Ah, eu só estava passando a noite com um amigo. Nada suspeito. Nada emocionante também."

“Uma amiga… Por acaso não seria aquela garota de cabelo azul vibrante que apareceu por aqui em fevereiro?”

“Na verdade, Kunagisa é extremamente recluso. Era outra pessoa. Um cara.”

Ela assentiu com um olhar de completo e absoluto desinteresse, mas eu me perguntei se ela teria se animado um pouco se eu dissesse: "Eu estava conversando animadamente com aquele assassino de quem todo mundo está falando, debaixo da Ponte Shijo". Por outro lado, sendo Miiko do jeito que ela era, era totalmente possível que ela não tivesse feito mais do que um "hã?", mesmo sabendo que eu não estava brincando.

Ela assentiu com a cabeça, aparentemente satisfeita, e continuou seu caminho pelo corredor de madeira. Ela estava indo para o seu trabalho de meio período. Quando descobri que aquelas não eram

apenas roupas de ficar em casa, nem eu consegui conter meu espanto.

Fechando a porta, voltei para o meu quarto.

Hum, mas por que tinha que ser yatsuhashi? Na verdade, eram exatamente do mesmo tipo que eu tinha comprado no dia anterior para o aniversário da Tomoe. Foi uma coincidência assustadora, mas aconteceu.

“Tanto faz.”

Empilhei as duas caixas no canto.

Olhando para o relógio, descobri que eram alguns minutos depois das quatro.

Trinta minutos depois, já passava das quatro e meia.

"Ora, bolas!", eu disse em voz alta e me deitei no chão.

Bem... A Mikoko não ia me buscar às quatro? Disso eu tinha certeza. Posso esquecer as coisas, mas nunca me lembro errado delas. Isso significava que a Mikoko ou tinha sofrido um acidente, se perdido, ou era simplesmente uma pessoa desleixada. Mas, fosse qual fosse o caso, não havia nada que eu pudesse fazer.

“Hora de umas Oito Rainhas?”

É claro que não havia nada tão extravagante quanto um tabuleiro de xadrez no meu quarto, então eu teria que jogar mentalmente. As regras do Jogo das Oito Damas eram simples e concisas: bastava posicionar oito damas em um tabuleiro de xadrez de forma que nenhuma delas pudesse capturar outra. É um daqueles exercícios para o cérebro. Eu já tinha jogado algumas vezes, então basicamente sabia a solução. Mas, com a minha memória ruim, eu sempre esquecia a disposição exata das peças, então conseguia me divertir com o jogo todas as vezes que jogava. Bem, não que fosse lá muito divertido. Mas era uma boa maneira de passar o tempo.

Começo bem, mas os problemas começam por volta da quarta rainha. Fazer as contas virarem um desafio. Rainhas simplesmente não se dão bem com outras rainhas. Nunca deveria haver mais de um partido no poder. Além disso, quando deixei meus pensamentos vagarem assim, perdi a noção de onde tinha colocado todas as peças e tive que recomeçar. Ter que compartimentar minha mente era indescritivelmente emocionante. Era como andar em uma trave de equilíbrio, só que quanto mais peças você colocava — isto é, quanto mais perto chegava da solução — mais difícil ficava. Nesse sentido, era muito parecido com um jogo, e um bom jogo. Quando você falhava, não havia ninguém além de si mesmo em quem descarregar sua raiva, e o maior prazer residia nesse paradoxo.

Justo quando eu tentava posicionar a sétima dama, bateram à minha porta.

“Ikkun!”

O tabuleiro de xadrez voou pelos ares.

Rainhas por toda parte.

Por um instante, meu coração, para não falar da minha mente, parou.

“……”

Aproximei-me da porta e a abri de repente. Desta vez, era mesmo a Mikoko. Ela vestia uma camisola rosa com uma minissaia vermelha, deixando à mostra uma quantidade considerável de pele e com um aspeto saudável e radiante. "Bom dia!" disse ela, acenando. Depois, abriu um sorriso radiante. "Ikkun, *guten morgen* !"

“…”

“… …”

“……”

“ *Amanhã … amanhã … amanhã …* tipo o efeito Doppler ou algo assim.” Apesar de sua aparente calma, seu sorriso começou a ficar tenso. Seus olhos se desviaram de mim e, inclinando a cabeça, ela perguntou: “Hum, eu só estava me perguntando, sei que você geralmente não é desse tipo, mas… Você está bravo, ressentido, cheio de ódio ou me xingando? Aliás, me xingar parece algo que você faria.”

“…”

“Vamos lá, vamos conversar! Ei! Não fique tão quieto! Quando você fica todo quieto, eu sinto que algo terrível vai acontecer comigo!”

“Sua palma.”

“Hum?”

“Coloque a palma da mão em frente ao rosto, assim.”

"OK…"

Ela fez como lhe foi dito.

Pá! Esmaguei a mão dela contra o próprio rosto.

“Gwah!” ela gritou de um jeito nada feminino. Satisfeita por enquanto, voltei para dentro para pegar minha bolsa. Onde será que eu tinha colocado aqueles yatsuhashi?

“Ah! Você é terrível!”, acusou ela, entrando no meu quarto por algum motivo. “Você está sendo violenta comigo só porque cheguei um pouco atrasada? Isso é abuso, sabia? É como criar um sistema judicial baseado em júri, só que todos os jurados são crianças mimadas!”

Aparentemente, quarenta minutos de atraso era apenas "um pouco de atraso" na mente de Mikoko. Sem esperar por um convite, ela entrou no meio do meu quarto e sentou-se no chão. *Plop.* Ela examinou os arredores com um olhar de genuína curiosidade.

"Uau!", ela suspirou, maravilhada. "Nossa, não tem nada aqui. Incrível!"

“Sabe, esse tipo de elogio não é particularmente lisonjeiro.”

"Você realmente não tem TV! Você é como aqueles estudantes esforçados dos bons tempos antigos. Aposto que você estuda à luz de vaga-lumes! Quem mais mora neste prédio?"

"Bem, tem uma espadachim com empregos temporários, um eremita, um irmão e uma irmã de quinze e treze anos que estão fugindo de casa, e aí tem eu, então são quatro quartos e cinco pessoas. Até recentemente, também havia uma aspirante a cantora, mas ela foi para Tóquio lançar seu primeiro trabalho por uma grande gravadora."

“Nossa, então é um lugar próspero. Que surpresa. Ah, então isso significa que tem um quarto vago aqui? Hum. Tem um certo charme, né? Talvez eu devesse me mudar para cá!”

O que ela poderia ter visto nesses apartamentos, nessa sala, que lhe teria dado tal ideia? "Melhor não", aconselhei. "De qualquer forma, vamos indo."

“Ah, ainda não. É muito cedo”, disse Mikoko apressadamente.

“Mas não será ruim se não sairmos logo? Já estamos com quarenta minutos de atraso.”

“Não, só precisamos estar lá às seis. O apartamento do Tomo não é longe daqui, então mesmo se sairmos às cinco e meia, teremos bastante tempo.”

"Oh sério?"

"Sério?", disse Mikoko, apontando o dedo indicador. O gesto teatral foi bem fofo, mas não me pareceu digno de nota, então não comentei. Talvez eu acabe incentivando-a.

“Então por que você disse quatro horas?”

“Hã? Ah, isso. Bem, você sabe. Hum, eu não sou muito bom em ser pontual. Foi só por precaução, só por precaução.”

"Quer dizer que havia uma chance de você se atrasar uma hora e meia..." Só de pensar nisso, sinto como se fosse sair sangue pelas minhas orelhas.

"Hã?" Mikoko olhou para o meu rosto para ver minha expressão. "O que foi?" perguntou ela alegremente.

“…Nada. Não estou pensando em nada. Definitivamente não estou pensando em como talvez você devesse considerar os sentimentos da pessoa que está esperando. Ou como você deveria cumprir os horários que você mesmo estabeleceu. Ou como você deveria pelo menos ligar se for se atrasar. Ou como você deveria cuidar melhor dos tabuleiros de xadrez.”

“Tabuleiros de xadrez?”

Ela inclinou a cabeça.

Naturalmente, ela não deveria entender isso.

Encontrei o yatsuhashi jogado num canto do quarto e cortei o lacre de uma das caixas. Coloquei-o na frente de Mikoko.

"Posso comê-los?"

"Claro."

Levantei-me e fui até a pia. Pensei em ferver água para o chá, mas não tinha chaleira. Pensei em usar uma panela, mas também não tinha fogão. Então, simplesmente enchi uma xícara com água da torneira e coloquei na frente dela.

“…”

Com uma expressão de total perplexidade, ela lançou um olhar para o líquido que escorria à sua frente, depois fingiu não o ter visto e o deixou em paz.

Ela devorou o yatsuhashi com entusiasmo. "Hum. Perguntar isso pode parecer indiscreto, mas por acaso você é pobre?"

“Não, não estou particularmente com dificuldades financeiras.”

Morando num apartamento como este, eu não tinha provas para sustentar essa afirmação, mas era a verdade. No mínimo, eu tinha dinheiro suficiente guardado para pagar quatro anos de faculdade sem precisar mover um dedo. Não era dinheiro que eu tinha ganho, mas estava em minhas mãos.

"Então, suponho que você seja uma espécie de economista. Ou seria filósofo?"

"Eu simplesmente não sei gastar dinheiro. É quase o oposto de uma pessoa viciada em compras."

Enquanto falava, me servi de um pouco de yatsuhashi. Mikoko assentiu sem muita convicção, demonstrando compreensão.

Enquanto ela se ajoelhava no chão coberto de palha, eu a encarei de cima a baixo. Hum. Sem nenhum motivo específico, mas havia algo muito estranho em vê-la sentada no meio do meu quarto. Não sei se você chamaria de artificial ou ousado, mas havia algo naquilo que me deixava extremamente desconfortável.

Eu me levantei.

“Hã? Aonde você vai? Ainda temos quarenta minutos.”

“Quarenta minutos é pouco tempo, não é?”

“Ah! Ikkun, isso é coisa de idiota!” Mikoko recuou exageradamente. “Não precisa guardar rancor para sempre!”

“Estou só brincando. Vamos comer algo leve em algum lugar. Não tem graça ficar implicando um com o outro nesta sala vazia.”

Coloquei a mochila no ombro e me dirigi para a porta.

"Ah, isso não é verdade", murmurou Mikoko enquanto me seguia.

Tomoe morava em um condomínio estudantil perto de Nishioji Maruta-machi. Só de olhar para a fachada de concreto armado, eu conseguia imaginar a diferença no aluguel em relação ao meu. Cinco vezes mais caro, ou até dez, se você fosse enganado.

Mikoko devia ter estado ali antes, porque entrou no saguão principal com o que se poderia chamar *de um ar de confiança.* Ela discou o número do quarto no interfone e apertou o botão de chamada.

“Yellooo! São os bolinhos Mikoko.”

“Ioiô. Vamos lá.”

Assim que a voz um tanto sonolenta saiu do interfone, a porta de vidro, firmemente trancada, deslizou para o lado. Um sistema de segurança com travamento automático. Na verdade, talvez esse termo seja exagerado. A presença ou ausência daquela fechadura pouco importava para quem tentasse invadir o local.

“Vamos, depressa. Depressa, depressa, depressa, depressa.” Mikoko passou pela porta e fez um gesto para que eu me apressasse. “Sexto andar, sexto andar! Temos que nos apressar!”

“Não é como se o sexto andar fosse escapar…”

“Sim, mas também não vai descer para nos receber!”

“É verdade…”

Eu segui as instruções.

“O sexto andar é o último. Tomo mora no apartamento da esquina, e tem uma vista muito bonita, considerando o que se pode chamar de vista.”

“Hum, bela vista?”

Isso era algo que eu não podia esperar onde eu morava. Se você abrisse a janela, via árvores.

Chamamos o elevador e entramos.

"Será que Akiharu já chegou? Muimi é praticamente certa..."

Mikoko estava incrivelmente animada. Vendo sua expressão despreocupada, até eu não pude deixar de pensar em como deve ser bom ter amigos. Independentemente de ter funcionado para mim ou não, deve ter sido muito bom para ela.

Descemos no sexto andar. Mikoko correu pelo corredor e parou em frente à última porta. "Por aqui, por aqui!", gritou, fazendo sinal para que entrássemos. Isso me fez querer perguntar se ela simplesmente não percebia os olhares que as pessoas lhe lançavam.

Ela tocou a campainha. *Ding-dong.* A porta se abriu e uma garota apareceu.

“Bem-vinda”, cumprimentou a garota — provavelmente Tomoe — com um cigarro pendurado nos lábios, visivelmente cansada. Ela não era nada do que eu esperava. “Oi, Mikoko. Chegou na hora, hein?”

Ela usava o cabelo castanho comprido e selvagem, e uma jaqueta leve com jeans — um estilo impecável. Provavelmente era um pouco mais alta do que eu e tão magra que, se dissesse que só lhe restava um dia de vida, eu acreditaria. Sua expressão levemente sarcástica combinava com sua aparência.

“Olá, Muimi!” cumprimentou Mikoko. “Haro-haro!”

Ao que parecia, não era Tomoe, afinal, mas sim Muimi. " *Ah",* disse ela, percebendo minha presença. Sem qualquer traço de timidez, ela me examinou de cima a baixo. "Talvez esta seja nossa primeira vez conversando, *Ikkun* ", disse ela com um sorriso malicioso.

"Hum-hum", respondi apaticamente. "Olá."

Parecia que meu *grau exato de apatia* a havia tocado profundamente. Ela soltou uma risada exagerada. Era uma risada estrondosa e nada feminina. "Bem, veja só. Você *é* um cara interessante. Acho que vamos nos dar bem."

"Sério?" Meu *"uhum",* mais um suspiro do que uma resposta, não foi nada que merecesse sua aprovação. "Acho que não."

“Heh, a gente resolve isso depois. Só entra. O idiota do Akiharu ainda não chegou. Acabamos de ligar e ele ainda estava em casa.”

"Nossa, ele nunca vai mudar. Da última vez, alegou que se confundiu com a diferença de fuso horário. Que atrasado de marca maior."

Mikoko estava mesmo atirando pedras de uma casa de vidro. Era quase impressionante. Mas, sem vontade de provocá-la, simplesmente tirei meus sapatos em silêncio.

No final do pequeno corredor entre a cozinha e o banheiro havia uma porta. Parecia ser um daqueles estúdios divididos em seções. Muimi foi na frente e abriu a porta. O cômodo lá dentro tinha o tamanho de uns oito ou nove tatames, mas o chão era de madeira. Perto da janela havia uma cama e, no meio do cômodo, uma mesinha com um bolo, alguns petiscos e uma fileira de copos vazios. Então, afinal, era mais um encontro para tomar uns drinques do que para jantar.

Uma menina estava sentada delicadamente no chão, ao lado da mesa.

Dessa vez tinha que ser a Tomoe. Ela era ainda mais baixinha que a Mikoko e vestia um vestido com estampa de morangos. Seu cabelo estava preso em duas tranças. Ela me deu um pequeno aceno.

Ela era tão tímida quanto eu imaginava. E, no entanto, algo nela me fazia pensar que ela poderia ser difícil de lidar. Era como se houvesse mais do que aparentava — como se uma aparência simples impedisse você de enxergar o que havia por trás, como se estivessem lhe pedindo a soma de todos os números inteiros.

"Não…"

Isso não faz sentido. Todo mundo se sente assim ao conhecer alguém pela primeira vez. Tecnicamente, eu e a Tomoe não éramos estranhas, mas eu não a conhecia de verdade, então era natural que eu tivesse essa impressão.

Hum. Agora que pensei nisso, talvez tenhamos nos cruzado algumas vezes na aula de integração. Sentei-me à mesa com ela, de modo que ficasse de frente para ela, e a cumprimentei brevemente.

“E aí.”

Tomoe inclinou a cabeça antes de me fazer uma reverência educada e profunda. "Obrigada por todo esse trabalho. Desculpe pedir um favor tão grande." Sua voz era calma e bonita, com um toque de ternura. "Sempre quis conversar com você, então espero que tenha um bom dia."

Fiquei um pouco comovido com a sua boa educação. Era algo que eu não tinha visto muito ultimamente (especialmente nos últimos dois dias).

“Ahahaha, quebrando o gelo rapidinho!” disse Mikoko, sentando-se ao meu lado de joelhos. Muimi, por sua vez, sentou-se ao lado dela. Isso abriu espaço suficiente para que Akiharu eventualmente se sentasse entre mim e Tomoe.

“Ahhh.” Muimi apagou o cigarro com os dedos e o jogou num cinzeiro. “Então, o que vamos fazer? Temos uma convidada nova aqui.

Devemos começar? Parece estúpido ficar aqui perdendo tempo só por causa daquele idiota.”

"Ei, não podemos fazer isso", objetou Mikoko. "Para algo assim, precisamos estar todos juntos. Certo, Tomo?"

Tomoe assentiu. "Sim, concordo com a Mikoko. Você sabe que ele chegará em breve, então não fique tão impaciente. Certo?"

“Eu realmente não me importo, mas…” Muimi gesticulou na minha direção. “E o Ikkun aqui?”

"Não me importo. Estou acostumada a esperar." Dei uma resposta fácil porque discutir seria muito trabalhoso, mas isso certamente não significava que eu estivesse acostumada a que me *fizessem* esperar.

"É mesmo?" Muimi inclinou a cabeça, mas simplesmente disse: "Bem, tanto faz então." Tirando um cigarro novo do bolso, ela me analisou e perguntou: "Você é do tipo que é contra o tabaco?"

“Eu não fumo, mas você pode fumar o quanto quiser.”

“Ah. Não, estou bem.” Partindo ao meio o cigarro que nem sequer tinha acendido, atirou-o ao cinzeiro. “Faço questão de não fumar perto de não-fumantes.”

"Huh."

Isso significava que Mikoko e Tomoe eram fumantes? O fato de Muimi ter perguntado apenas para mim parecia indicar isso. Hum... fiquei um pouco surpreso.

"Ei! Muimi, você vai me fazer parecer uma fumante se falar assim!" Mikoko protestou mais uma vez. Ela estava nos olhando com cara de cachorro pidão. Por algum motivo, ela parecia veementemente contra a ideia de eu descobrir que ela fumava.

“Mas você fuma.”

“Não! Eu só estava deixando as coisas acontecerem naquela vez!”

“Ah, entendi. Foi minha culpa, foi minha culpa.” Muimi deu um tapinha amigável nela enquanto Mikoko fazia sua birra. Enquanto isso, Tomoe observava tudo com prazer.

Hum. Não demorei muito para perceber a dinâmica aqui. Era a garota boazinha, a garota má e a garota normal. Isso me fez pensar qual seria o papel de Akiharu. Ele finalmente apareceu às seis e meia, meia hora atrasado.

“Desculpe, desculpe. Achei que chegaria na hora, mas o trem estava lotado e tal”, ele se desculpou casualmente.

"Ah, não se preocupe com isso", Tomoe o cumprimentou com um sorriso. A boa menina.

“O trem não atrasa só porque está lotado! E você mora em uma pensão, então nem pega trem mesmo!” Mikoko, a garota comum, teve a audácia de questionar sua desculpa esfarrapada.

"Você acha que vai se safar com um simples pedido de desculpas? Vai ter que virar três cervejas", disse Muimi, passando uma garrafa de cerveja para ele. A garota má.

“Ok, ok. Não me apresse tanto, Atemiya. É um aniversário, um aniversário. Não um socorro. Droga, eu sou um gênio. Ah…” Parecia que ele tinha notado minha presença. Deu um sorriso debochado de quem tem problemas com crianças. “Heh heh, então você realmente o trouxe, Aoii.” Sentou-se ao meu lado e disse, com uma leve reverência: “Bem, prazer em conhecê-la”.

Eu devolvi.

Ele tinha um ar descontraído e tranquilo, com cabelos castanho-claros e um gosto pela moda urbana. Talvez não fosse incomum um estudante universitário se vestir assim, mas em Rokumeikan, era um tanto incomum. A julgar por sua compleição física, parecia que ele

praticava algum esporte, mas eu não saberia dizer qual.

“Hum, o quê? Hm. Será que todos nós também devemos te chamar de Ikkun?”

“Não me importo.”

"Entendi, entendi. Compreendi. Você é um cara legal. Não acha, Aoii?"

Ele lançou um olhar significativo para Mikoko. Ela retribuiu o olhar, confusa. "Ah, é, sim." A julgar pela resposta dela, não parecia que ela me considerasse um cara muito legal. Claro, considerando o quanto eu zombava dela, isso era provavelmente natural.

“Bem, vamos começar?” perguntou Muimi. Ela parecia ser a líder das quatro, ou pelo menos a coordenadora. Ela apontou para mim. “Hum, você não bebe?”

Balancei a cabeça negativamente.

"Ah, é? O que é isso agora, Ikkun? Você não pode ficar por aí sendo exigente, sabia? O álcool é um componente vital na interação entre homens. Quer dizer, estou certo ou estou certo?"

“Akiharu! O que eu te disse sobre impor suas opiniões idiotas aos outros?! Eu vou te matar!” Muimi o encarou com um olhar mortal. Sua postura fria, quase atordoada, de um instante atrás, havia se transformado em uma fúria cortante. “Você já se esqueceu do que eu te disse da última vez? Hein?”

Akiharu estremeceu e se enrijeceu de medo. "Uh..."

“Não estou procurando por um *uhhh.* ”

"Desculpe."

“Não estou esperando um ‘desculpe’. Por que diabos você está se desculpando comigo? Hein?”

A boca de Akiharu abria e fechava como se ele fosse um peixinho

dourado sufocando. Então ele olhou para mim. "Por favor, me perdoe", ele se desculpou.

“Tudo bem, então”, disse Muimi com um olhar de satisfação. “Desculpe, Ikkun. Ele não fez por mal. Perdoe o cara, tá bom?” Completamente ela mesma, sorriu para mim. “Ele te irritou?”

"Hum, eu realmente não me importo."

Muimi Atemiya. Ela definitivamente era uma ex-delinquente. Não, nem *ex.* Aquela morena selvagem parecia um pouco antiquada.

Eu precisava ligar para *o chefe dela.*

Enquanto isso, Mikoko serviu cerveja para todos, exceto para mim. Em vez disso, colocaram um copo de chá oolong na minha frente.

“Então, quem vai conduzir a cerimônia? Será Tomo, nossa rainha por um dia?”

“Sim, acredito que sim”, disse Muimi. “Tomoe, vamos fazer isso.”

Tomoe ergueu o copo com um pouco de relutância. "Muito bem, então. Ao meu vigésimo aniversário e ao nosso novo amigo."

Saúde.

Inclinei levemente meu copo.

“Ser amigo é tipo, uh, você sabe, tipo… é”, disse Zerozaki com um sorriso cínico. A tatuagem rabiscada no lado direito do seu rosto se enrugou desagradavelmente. “O que você acha?”

"Você está mesmo me perguntando isso? Achei que fosse algum tipo de discurso", comentei, um pouco consternado.

"Hah, não espere que eu faça tudo. Dizem que se você quer descobrir sua própria opinião, precisa perguntar a dos outros, certo? Então, vamos lá. O que você acha? O que é um amigo?"

“Não é uma pergunta tão difícil. É só alguém com quem você passa tempo, faz refeições, brinca sobre coisas bobas. Alguém que te traz paz. Esse tipo de coisa, sabe?”

“Você entendeu. Exatamente. Se você olhar por esse ângulo, amigos são uma coisa tão simples, cara, tipo torta. Vocês saem juntos, comem juntos, fazem besteira e se sentem em paz juntos, e isso faz de vocês amigos. Se vocês se ajudam, são amigos íntimos. Se vocês se beijam de vez em quando, são amantes. Ah, como a amizade é um tesouro da vida!” disse Zerozaki com um sorriso irônico. “Então a questão é: *quanto tempo* duram essas amizades? Um ano? Cinco anos? Dez anos? Para sempre? Até amanhã?”

"Será que o seu ponto é que até as amizades chegam ao fim?"

“O que quero dizer é que todas as coisas chegam ao fim.”

"Claro. Mas sem fins, não pode haver começos — uma simples condição de possibilidade. Se você quer ganhar algo, precisa estar preparado para sacrificar um terço disso. Se você quer uma recompensa, precisa correr riscos. Se não consegue fazer isso, é

melhor viver com o que você tem."

"Gahaha. Você deve ser do último tipo."

Eu não precisava de coisas que acabaria perdendo com o tempo.

Se de qualquer forma ia acabar, não precisava ter começado.

Eu não precisava de prazer se ele viesse acompanhado de dor.

"Por quê? Você é diferente?", perguntei.

Se isso significasse nunca ficar triste, eu não precisaria ser feliz.

Se isso significasse nunca falhar, eu não precisava ter sucesso.

A evolução, repleta de riscos, foi uma perda de tempo.

"Bem, na verdade, com essas coisas, é verdade *quer você goste ou não* ", eu disse.

"Sem dúvida."

Zerozaki riu.

Eu não fiz isso.

Seja como for.

Já fazia três horas que a festa estava em andamento.

Não vou entrar em detalhes sobre o que aconteceu durante aquelas três horas. Ninguém quer que os outros vejam como são quando estão bêbados, e certamente não querem que os detalhes sejam repassados de pessoa para pessoa. Não importa como as pessoas se sintam enquanto bebem, inevitavelmente a velha e boa vergonha aparece depois. Entre quem você é sob o efeito do álcool e quem você é quando está sóbrio, é difícil determinar qual é a realidade, mas uma coisa é certa: uma noite de muita diversão não é algo que você queira tentar relembrar depois. É uma daquelas "cenas indescritíveis", como Taro Urashima mencionou.

Ainda assim, se eu me atrevesse a compartilhar um pequeno

trecho das festividades da noite, só por diversão:

“Então, como se chama uma rocha feita de oxigênio e nitrogênio?”

“Quartzo! Gaaahahahaha!”

“Como uma saraivada de duzentos tiros de uma metralhadora pesada refrigerada a água, só que é um esquadrão de assassinos!”

"Puxa, deixando isso de lado, está um calorão hoje. Por que está tão quente em pleno maio? Será o aquecimento global? Será o efeito estufa?"

“O quê?! Escuta aqui, seu idiota, se você quer reclamar do calor do verão, vai ter que falar comigo! Pode vir!”

“Você é aquele que eles pegaram em *O Apanhador no Campo de Centeio* ?!”

“É uma noite tropical, isso sim.”

“Então isso faz de mim um peixe tropical!”

Três horas depois.

Naquele momento, Mikoko, Akiharu e Tomoe estavam jogando PS2. Parecia um jogo de corrida. Veículos de quatro rodas, representados de forma realista, percorriam em alta velocidade um circuito na tela.

Hum. Não diria que era pitoresco, mas havia algo de singular em vê-los todos tão absortos na diversão. Senti que estava participando da festa, mas também me senti um pouco desolado.

“Bem, acho que até isso é…”

Alguém me deu um tapa no ombro. Era a Muimi, que devia ser muito boa em aguentar a bebida. Ela parecia completamente sóbria, apesar da bebedeira que até eu tinha notado.

Ela não se autodenominava *Chefe* à toa. Não que ela se

autodenominasse *Chefe* de fato.

“Quer sair um pouco?”, convidou ela, apontando para a entrada. “Vamos até a loja de conveniência.”

“E quanto a Mikoko e os outros?”

“Deixe-os em paz. Eles não vão se importar mesmo.”

Ela tinha razão. Concordei com a cabeça e saí da sala com ela. Entramos no elevador, descemos até o térreo e saímos do prédio.

“A loja de conveniência fica perto?”

“Ah, é uma caminhada um pouco longa. Mas vamos lá, vamos caminhar um pouco. Isso vai me ajudar a ficar sóbrio.”

“Mas você não parece estar bêbado.”

"Talvez não pareça à primeira vista, mas estou bastante fora de mim. Sinto como se meu cérebro tivesse virado de cabeça para baixo, com o cérebro e o cerebelo trocados. Agora mesmo, quero chutar aquela placa até não aguentar mais."

"Só não me dê uma surra."

"Vou tentar", prometeu ela com uma risadinha. Balançou a cabeça e olhou para o céu.

"Não parece muito uma festa de aniversário", eu disse. "A Tomoe está feliz? Ela está bêbada agora, mas talvez fique deprimida depois."

"Fico pensando... Mas é melhor do que estar deprimido desde o início. É. Está tudo bem... Você não precisa de um bom motivo para se soltar. Ah... Estou grogue."

“Você parece bem exausta, Muimi.”

“Bem, é o que acontece quando ando com esses caras.”

Concordo plenamente. A Mikoko já era bem animada antes, mas quando estava bêbada, ficava quatro vezes pior. Aí tinha o Akiharu, e até a Tomoe estava ficando bem descontrolada.

"Acho que não ficar bêbado com tanta facilidade te coloca em desvantagem", comentei. "Deve ser difícil acompanhar o ritmo."

“Exatamente. Quer dizer, ainda é divertido, então não tem problema.”

“Você acha que é aceitável deixar esses três bêbados sozinhos em um quarto?”

“Eles não são crianças. Vão ficar bem. Aliás, provavelmente é mais perigoso andar por aí no meio da noite.”

Muimi tinha razão.

Estávamos no meio do caso do invasor em série de Kyoto.

Foi por isso que ela se deu ao trabalho de me levar junto. Posso parecer magricela e pouco confiável, mas ainda sou um homem, por assim dizer.

“Que mundo perturbado, hein? O que poderia haver de prazer em desmembrar um ser humano?”

"Gostos não se discutem, né?", tentei desconversar. Se fosse jogada numa conversa sobre isso, corria o risco de deixar escapar alguma coisa. Não que Zerozaki tivesse me mandado ficar de boca fechada, mas com certeza não era o tipo de coisa que eu queria que todo mundo soubesse.

“Não consigo entender de jeito nenhum”, disse Muimi. “Quer dizer, eu já vivi por vinte anos. Até eu já pensei: ‘ *Devia matar aquele desgraçado’.* Aliás, isso acontece muito. Até hoje. Tipo, *‘Essa pessoa estaria melhor morta. Matá-la seria para o bem maior* ’” .

“…”

“Mas o que há de errado em matar indiscriminadamente? Encontrar prazer no próprio assassinato. Eu não entendo…”

“Em geral, dizem que assassinos em série indiscriminados são

movidos pelo *ódio*. Então é como quando você pensa: 'Eu deveria matar aquele desgraçado'."

"Sério? Mas aí os assassinatos não seriam indiscriminados."

"Errado. Para *ele,* o simples fato de você passar por perto pode gerar ódio. Em outras palavras, o que *ele* odeia é o mundo como um todo. O mundo, tão vago e nebuloso quanto o ar, nunca deixa de envolvê-lo, e ele o odeia. É por isso que parece indiscriminado."

"Hum…"

Muimi assentiu com a cabeça, mas, para ser honesto, eu estava apenas especulando. Não fazia ideia do porquê de ele ter se comprometido a cometer um assassinato. Na noite anterior, só tínhamos conversado sobre coisas estúpidas e irrelevantes, e nunca tocamos em seu motivo.

Provavelmente estávamos guardando o melhor para o final, por mais infantil que isso possa parecer.

"Isso não faz sentido", eu disse.

Muimi coçou a cabeça, intrigada.

Enquanto conversávamos, chegamos à loja de conveniência. Ela entrou antes de mim e foi rapidamente para a seção de bebidas.

"Você vai comprar mais bebidas alcoólicas?"

"Não, já tem bastante disso. Vamos tomar um Pocari. Temos que deixar esses caras sóbrios ou eles não vão conseguir voltar para casa."

"Ah, entendi."

Colocamos três garrafas de dois litros da bebida esportiva em uma cesta, escolhemos alguns tipos de salgadinhos e fomos pagar no caixa. Talvez eu devesse ter previsto isso, mas acabei carregando tudo.

Ao sairmos da loja, Muimi tirou um cigarro do bolso, colocou-o na boca e acendeu-o com um isqueiro Zippo estiloso, tudo num

movimento fluido.

"Ah!", exclamou ela, e imediatamente tentou apagar o fogo com os dedos.

“Não me importo se você fumar um. De qualquer forma, estamos lá fora.”

"Realmente?"

"Acho que não é recomendado fumar e andar ao mesmo tempo, mas como é noite e não tem ninguém por perto, provavelmente não tem problema, contanto que você não espalhe cinzas por aí."

“Bem… Não, tudo bem. Vou manter minha resolução.” Ela apagou o cigarro com os dedos, dobrou a ponta e guardou no bolso. Parecia que ela não era do tipo que jogava lixo na rua. Fiquei um pouco impressionado; para uma universitária, ela tinha uma moral acima da média.

“Se não for incômodo perguntar, isso não é excitante?”

“Na verdade, não. Já me acostumei”, respondeu Muimi com um sorriso um pouco tímido. “Tinha um chefão da máfia num filme que eu gostava, e ele fumava charutos. Com a palma da mão. Parecia legal, então comecei a imitá-lo.”

"Huh."

“Pensando bem, o ator era legal, mas agora virou hábito. Enfim, deixando isso de lado… Ikkun, vamos conversar sério por um minuto.” Tão abruptamente quanto se tivesse desligado um interruptor, sua expressão ficou solene. Não pude deixar de ficar um pouco surpreso. “É bem difícil acompanhar a hiperatividade da Mikoko, né?”, disse ela.

“Não particularmente.”

"Certo." Muimi assentiu com a cabeça. Então, sua expressão ficou

francamente séria. Depois de hesitar por um momento, ela me perguntou: "O que você acha da Mikoko?"

“O que eu acho?”

Pelo jeito da Muimi, ela não estava esperando uma resposta qualquer, sem graça. Mas eu não conseguia entender o que a pergunta dela queria dizer. Sério, ela queria saber o que eu achava?

“Bem, acho que ela tem um pouco de ruivo no cabelo. Ela tem cerca de um metro e meio de altura e pode ou não pesar uns cinquenta quilos. Pelo jeito que ela age, eu diria que ela é do tipo B, e o signo astrológico dela provavelmente é um dos animais. Ela tem um ar meio de coala, no geral.”

“Eu não estava buscando uma resposta meia-boca.”

Ops. Modo delinquente… Por que, oh por que, eu adoro pisar em minas terrestres?, pensei, desviando o olhar dela. "Sei lá, quer dizer, ela é legal, não é? Claro que ela é um pouco hiperativa, o que pode ser cansativo, mas eu conheço uma garota que é ainda pior, então isso não me incomoda muito."

“Hum. Que neutralidade da sua parte.”

“Bem, eu não gosto de causar problemas.”

“Entendo…” Muimi fez uma pausa por um momento antes de me lançar um olhar de soslaio. “Você é meio verme, Ikkun.”

“Estou ciente disso.”

"Ciente... Não tenho certeza. Não sei dizer ao certo. De qualquer forma, deixe-me dar um conselho."

Ela deu um passo à frente e se virou para me encarar diretamente. Não tive escolha a não ser parar. O apartamento ainda estava a uns trinta metros de distância. Certamente os outros ainda estavam lá dentro correndo. Muimi passou os dedos pelos seus cabelos selvagens

e me lançou um olhar fulminante.

“Mikoko e eu somos amigas desde que éramos apenas duas pestinhas.”

"Huh."

“Então, se você a magoar, eu nunca vou te perdoar.”

“…”

Cocei a cabeça. Por que ela estava me dizendo isso? Será que estava brava pelas poucas vezes que eu provoquei a Mikoko? Não parecia nada para levar tão a sério, mas a Muimi certamente não parecia estar brincando, então respondi com um encolher de ombros.

“Está tudo bem. Apesar do que possa parecer, na verdade sou legal com meus amigos.”

Muimi piscou seus olhos estreitos para mim e riu. "Hahahahaha!"

Depois de rir por um tempo, ela se virou novamente.

“Retiro o que disse…” Ela recomeçou a andar. “Você simplesmente não tem a menor ideia do que está falando.”

Parecia um insulto terrível, mas, ao mesmo tempo, provavelmente era a descrição mais precisa que alguém já havia feito de mim em todos os meus dezenove anos, então foi difícil ficar com raiva.

Voltamos para o quarto e descobrimos que os outros ainda estavam correndo. Surpreendentemente, Tomoe parecia ser a melhor nisso. Mikoko estava uma volta atrás.

“E aí! Mandem esse Pocari embora, seus idiotas! Suas bêbadas!”

Por algum motivo, Muimi de repente enlouqueceu e acertou as "vadias bêbadas" na cabeça com a garrafa. Ser atingida na cabeça com uma garrafa de plástico cheia deveria ter sido bastante doloroso, mas Mikoko e as outras estavam tão insensíveis que nem pareceram se importar.

Não gosto de barulho.

Eu detesto barulho excessivo.

O barulho me irrita.

Mas ocasionalmente.

Tipo, talvez uma vez por ano.

Não foi tão ruim assim.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

Eu pensava assim, enganado.

Já passava das onze da noite.

“Bem, obrigada por esta noite”, disse Muimi, levantando-se. “Akiharu, me leve para casa.”

"Ah, por quê?" resmungou o cara, esparramado no canto. "Vai você mesmo. Vou descansar um pouco primeiro. Sua casa é longe. A minha é na direção oposta."

“Você é homem? Não me diga que você não merece nem uma carona para casa.”

“Tch… Tudo bem.” Ele se levantou, ainda com cara de magoado, como se soubesse que não adiantava protestar. Olhou para Tomoe, tirou um pacote da bolsa e disse: “Bom, aqui está seu presente de aniversário então.”

“Ah…” murmurou Muimi. “É verdade, vocês dão presentes nos aniversários…”

“Hm? O que foi isso? O quê? Como é que é, Atemiya?” Akiharu parecia tão convencido que parecia ter acabado de matar um dragão. “Não me diga que você se esqueceu de comprar um presente de aniversário para seu querido amigo! Meu Deus, não acredito! Isso é uma piada? Oh, o que fazer, o que fazer? Pelo amor de Deus, diga-nos o que fazer! Hein? Hein? Hein?”

"Cala a boca, idiota. Meu sorriso não basta?", disse Muimi emburrada, dirigindo-se para a entrada.

“Ei, espera aí! Não fique bravo tão fácil! O que você é, uma criança? Ah, lá vamos nós. Te vejo na escola, Emoto! Tchau! A gente se vê de novo em breve, Ikkun!”

Akiharu acenou levemente e correu atrás de Muimi.

“Tchau, tchau. Até a próxima”, respondeu Tomoe, acenando preguiçosamente.

Assim que os dois saíram, ela pegou o presente. Desfez o laço e abriu cuidadosamente o papel de embrulho.

"Eu me pergunto o que é. Ikkun, o que você acha que é?" Parecia que o álcool já havia praticamente saído do seu organismo. Suas bochechas ainda estavam um pouco vermelhas e sua voz um pouco estridente, mas sua personalidade parecia ter voltado ao normal. "Estou um pouco animada. Esse tipo de coisa sempre me deixa eufórica."

“Bem, provavelmente não é yatsuhashi”, eu disse. Aliás, os que eu tinha trazido foram divididos igualmente entre os estômagos dos cinco membros do grupo. “A julgar pelo tamanho, é um acessório ou algo assim.”

“É, talvez. Ah, é uma alça para o pescoço. Bem legal, né?”

Era uma alça de pescoço em formato de cápsula com um líquido no centro. Não parecia muito um item feminino, mas como disse Tomoe, era bem legal.

“Hehehe, é exatamente o que eu esperava”, ela comentou alegremente e imediatamente experimentou. “Como ficou, Ikkun?”

"Combinamos bem", eu disse a ela, mas na verdade eu não sabia.

Meus olhos percorreram o caminho da efusiva Tomoe até Mikoko, que cochilava num canto. Ela parecia tão tranquila que não tive coragem de acordá-la. Talvez estivesse planejando passar a noite na casa de uma amiga.

“Ei, Ikkun”, disse Tomoe, endireitando-se de repente. “Obrigada novamente por ter vindo até aqui hoje.”

“Não acho que seja o tipo de coisa pela qual você precise me agradecer.”

“Mas você não gosta de fazer esse tipo de coisa, gosta?”

Ela fez a pergunta constrangedora quase como se não fosse nada demais e, delicadamente, ergueu o rosto para observar minha expressão.

Como se…

Ela esperava me desvendar.

Ou dê uma espiada no meu cérebro por dentro.

“Hum, não, eu…”

“Você não gosta de se abrir com outras pessoas, não é?”

"Está tudo bem. Eu não odeio isso. Na verdade, até que gosto de ficar brincando com todo mundo."

“Isso é mentira.”

“É a verdade.”

“É mentira.”

"É sim."

Ela deu uma risadinha. Mas seus olhos não sorriam muito. Na verdade, pareciam tristes e solitários. Essa estranha combinação de expressões me deixou intrigado.

O que havia de errado?

Que motivo ela poderia ter para parecer tão triste?

Ela passou o aniversário rodeada de amigos.

Se houvesse um□

“Mikoko é…” Tomoe olhou para sua amiga adormecida. “Uma garota realmente… realmente incrível.”

"Sim." Minha resposta foi excepcionalmente direta. "Aposto."

“Eu queria ser como ela.”

“Hum-hum.”

“Mas eu não consegui.”

“Hum-hum…”

Tomoe suspirou e baixou os olhos. "E aqui estou eu, com vinte anos e ainda incapaz de ser como ela. Tenho certeza de que continuará assim. Não importa quantos anos passem, não importa quantas décadas, até o dia da minha morte, eu nunca serei como ela."

“Qual o problema nisso? Cada um é diferente.”

"Ei, Ikkun", perguntou ela, olhando para cima novamente, "você já se sentiu como se fosse uma pessoa defeituosa?"

“…”

"Eu tenho."

Ela disse isso com um sorriso. Era o sorriso mais triste que eu já tinha visto.

“Todo mundo…” eu deixei escapar.

Eu nem conseguia dizer se minhas palavras clichês de consolo vinham do meu coração. Eu as pronunciava sem expressão, só para não ter que ver o rosto triste dela.

Que canalha.

Que engraçado.

Que coisa terrivelmente indecorosa.

"Acho que todo mundo se sente assim às vezes. Ninguém é perfeito. Todos nós temos pontos fortes e pontos fracos. É isso que nos torna humanos."

“Sim, eu entendo”, ela respondeu. “Até eu entendo isso, mas acho que você sabe que não é disso que estou falando. É algo mais decisivo, mais letal...”

“Como uma ferida fatal.”

Badump.

Aquelas palavras me abalaram.

“É desse tipo de coisa que estou falando.”

“…”

Então era essa a verdadeira razão pela qual eu não conseguia ler Tomoe Emoto muito bem?

Em outras palavras, desde muito tempo atrás, ela□

“Existe outra versão de mim aqui.” Tomoe apontou por cima do próprio ombro direito. “Mesmo quando eu fico toda animada e me divirto com a Muimi, a Akiharu, a Mikoko e você, essa parte de mim só fica observando e dizendo: *‘Ah, claro’*. Ela me olha com um desdém frio enquanto eu me divirto e diz: ‘ *Como se isso fosse te levar a algum lugar* ’” .

“…”

" *É mesmo?* ", suspirou Tomoe, falando como ela mesma. "Eu sei que provavelmente nunca serei como a Mikoko até o dia da minha morte, mas talvez eu consiga quando isso acontecer. Se eu reencarnar, quero voltar como a Mikoko. Quero poder rir com total inocência como ela, mas também ficar brava quando quiser, chorar feito louca quando estiver triste e aproveitar a vida."

“Eu…” Desta vez, falei de coração. “Não quero reencarnar. Quero apenas morrer logo.”

"Tenho certeza", disse Tomoe com um sorriso gentil.

Mikoko acordou cerca de uma hora depois.

“Uhhh,” ela sacudiu a cabeça para espantar o sono. Ela ainda

parecia bastante cansada.

“Então, o que você vai fazer?”, perguntei. “Vou para casa. Você vai passar a noite aqui?”

“Não, eu vou…” Ela se levantou atordoada. “Tudo bem, eu recuperei a sobriedade. Me dê mais dez segundos.”

“Claro. Então eu te levo para casa.”

Sou pelo menos tão homem quanto isso, acrescentei, mas ela pareceu não entender. Ela estava profundamente adormecida quando Muimi saiu, então fazia sentido.

“Bem, adeus, Tomoe.”

"Sim. Até mais."

Tomoe acenou levemente.

Peguei minha bolsa e fui em direção à entrada. Sentei-me no batente e calcei os sapatos. Os cadarços estavam emaranhados, então calçá-los era sempre muito mais trabalhoso do que tirá-los. Situações como essa eram uma irritante perda de tempo. Enquanto isso, Mikoko parecia estar com dificuldades com os próprios passos, e um barulho desajeitado de passos pesados veio do outro lado da porta que nos separava. Provavelmente não era nada com que se preocupar. Ela apareceu no corredor do lado de fora da entrada logo depois de mim.

"Ai", gemeu ela, esfregando a cabeça. "Minha cabeça dói... Está girando. É como um *assassinato numa loja de conveniência, só que o assassino estava de patins.* "

“Não faço ideia do que você está dizendo. Tem certeza de que não quer passar a noite aqui? Não precisa insistir.”

“Tudo bem, eu posso ir.”

Ela mancava pelo corredor, com os pés trêmulos. Dei de ombros e a segui.

“Então, você se divertiu?”, ela perguntou assim que saímos do prédio.

"É, acho que sim. Mas acho que vou passar da próxima vez."

“Não diga isso. Vamos fazer de novo! Com todo mundo! Quando é seu aniversário?”

"Marchar."

Ela parecia derrotada. "O meu é em abril. Ah, acho que devia ter te convidado antes."

“Então, qual é o seu lugar? Eu te levarei de volta.”

“Perto de Horikawa. Horikawa Oike. Mas primeiro temos que ir à sua casa.”

"Por que?"

“Minha scooter.”

Pensando bem, ela tinha vindo até minha casa de scooter. "Tem certeza de que já sabe pilotar uma?"

"Eu sou…"

"Tudo bem." Ela não parecia estar em condições de fazer isso, mas já que ela disse que podia, quem era eu para impedi-la? Se necessário, poderíamos simplesmente chamar um táxi.

Subimos a Rua Nishioji até Nakadachiuri e viramos para leste, quando, por algum motivo, começou a tocar música do David Bowie. Surpreso, olhei em volta procurando um show surpresa, mas acabou sendo o toque do celular da Mikoko.

“Hm?” Ela tirou o celular da bolsa. “Alô? Aqui é a Mikoko, a garota animada e enérgica do Lago Ashi! Hm? O quê? Tomo?” Parecia ser uma ligação do Tomo. “Sim. Sim… Sim, ele está aqui comigo agora. Ele está andando bem na minha frente. Claro, acho que sim. Ok, vou passar para ele.”

Ela me passou o telefone. "É a Tomo. Ela quer falar com você."

“Eu? Por quê?”

"Eu não sei."

“…”

Será que esqueci alguma coisa na casa dela? Cocei a cabeça e peguei o celular. Era um pouco menor que o meu, então me senti meio estranha.

"Olá?"

“…”

"Olá?"

“Ikkun.”

Uma voz.

A voz dela estava fraca, como se estivesse com medo de alguma coisa. Podia ser porque estávamos ao telefone, mas havia algo na voz dela que estava visivelmente diferente de quando tínhamos conversado momentos antes na casa dela.

“Tomoe?”

"Sim."

“O que foi? Esqueci alguma coisa? Minha bolsa está aqui.”

“Não, não é isso. Hum… esqueci de te contar uma coisa.”

Esqueci de dizer? "Claro, o quê?"

“Não importa. Até mais.”

Clique.

De repente, a chamada foi interrompida. *Bipe. Bipe. Bipe. Bipe.* Depois de quatro toques, tirei o telefone da orelha e fiquei olhando para ele por mais três segundos, com a cabeça inclinada em perplexidade. Finalmente, devolvi o aparelho para Mikoko com um "Obrigado".

“Claro”, disse ela, pegando o objeto. “Então, o que ela disse?”

“Nada… Não sei do que se tratava.”

"Huh?"

Ela me olhou com uma expressão confusa, mas quem estava confusa era eu. Tomoe queria me dizer alguma coisa? Por que ela começaria e pararia assim?

"O quêêêê?", insistiu Mikoko. "O que foi isso? Um segredo? Vocês tiveram algum tipo de conversa secreta?"

“Não, nada disso… A propósito, Mikoko”, mudei de assunto. “Tem alguém aqui?” Desenhei um círculo com o dedo sobre o ombro direito dela.

"Hum?" Ela ergueu uma sobrancelha, demonstrando dúvida. Naturalmente.

"Quer dizer, você tem a sensação de que tem alguém ali, olhando para você de cima?"

“Acho que não, mas… por quê?”

“Se você não quiser, não tem problema nenhum.”

“Se tivesse alguém aqui, seria bem assustador.” Então, como se tivesse acabado de se lembrar, apontou para o coração e disse: “Mas aqui dentro, tem alguém.”

Ahá, assenti com a cabeça. A julgar pelo seu sorriso tímido, ela devia estar falando do namorado.

Chegamos ao meu prédio em cerca de dez minutos. O estacionamento só tinha uma scooter, então só podia ser dela.

“Nossa, é uma Vespa.” Um modelo vintage branco, para piorar. Essa garota chamou a Vespa dela de “motoneta”? Uma Vespa é uma Vespa, e somente uma Vespa. Chamá-la de “motoneta” era, para mim, um insulto — não um insulto qualquer, mas um insulto supremo que

ameaçava abalar minha própria existência. Todo mundo tem uma coisa pela qual sacrificaria a vida, pela qual trocaria o mundo, e para mim, essa era a coisa. Eu queria gritar com a Mikoko. Me virei furiosamente para encará-la.

"…"

Ela estava dormindo.

"Isso me deixa sem palavras…"

Ela estava dormindo em pé. É verdade, ela estava estranhamente quieta há um tempo. Seria possível que estivesse sonâmbula? Só podia ser isso. Nossa, eu estava testemunhando o limite absoluto do potencial humano. Dei uns tapinhas na bochecha dela, mas ela se recusou a acordar. Tive vontade de começar a esticar o rosto dela, mas não teria como me explicar se alguém nos visse, então me contive.

"Não que eu pudesse simplesmente deixá-la aqui…"

Nesse caso, só havia duas opções: dar ou receber.

"Hup", resmunguei, colocando-a nas minhas costas. Ela se mexeu um pouco no meio do caminho, mas não acordou. Provavelmente por ser tão baixinha, era bem leve. Ou talvez as garotas em geral fossem assim.

Com ela ainda nas minhas costas, entrei no prédio e subi as escadas até o segundo andar. Caminhei pesadamente pelo corredor de madeira até o quarto ao lado do meu.

Bati levemente.

"Sim, espere um momento", respondeu alguém de dentro.

Miiko logo apareceu diante de nós. Ela estava vestida com um conjunto diferente, desta vez vermelho, de roupas casuais tradicionais. Eu tinha quase certeza de que era a roupa com a palavra *"Traição"* estampada nas costas.

"Hum?" Ela olhou para a garota nas minhas costas com desconfiança. Depois de pensar um pouco, disse: "Claro que vou deixar você se esconder aqui, mas, falando por pura gentileza, sugiro que se entregue. O Japão tem uma força policial bastante competente. É pouco provável que você consiga escapar."

“Ah, não é nada disso desta vez. Hum… Esta menina é minha colega de classe. Parece que ela bebeu demais e desmaiou. Você se importaria de deixá-la passar a noite aqui?”

"Hã?" Miiko levou a mão ao queixo e refletiu por um instante. "Por que ela não pode ficar no seu quarto?"

“Bem, como você pode ver, ela é uma garota. E parece que ela tem namorado, então eu não posso simplesmente deixá-la dormir no meu quarto.”

“Hum. Claro, se é assim, acho que não me importo. Mas o que me é dado hoje, um dia receberei. Ignorar a gratidão quando ela é devida é um ato vil.”

"Entendi. Quer ir a lojas de antiguidades de novo?"

“Sim. Fico feliz que você entenda. Então, qual é o nome dessa garota?”

“Mikoko. Sobrenome… Aoi, eu acho.”

“Mikoko Aoi? Heh, nome estranho.” Com isso, ela assumiu a guarda da minha colega de classe. Todo mundo deveria ter uma vizinha mais velha e confiável como a Miiko.

“Bem, então já vou indo.”

“Hum. Durma um pouco. É melhor você não dar a impressão de ser alguém que fica dormindo até tarde.”

“Hã? Eu nunca durmo à tarde.”

“É mesmo? Bom, então esquece. Boa noite.”

"Boa noite."

Fiz uma reverência e voltei para o meu quarto, onde estendi meu futon e me aconcheguei nele.

“Hora de dormir.”

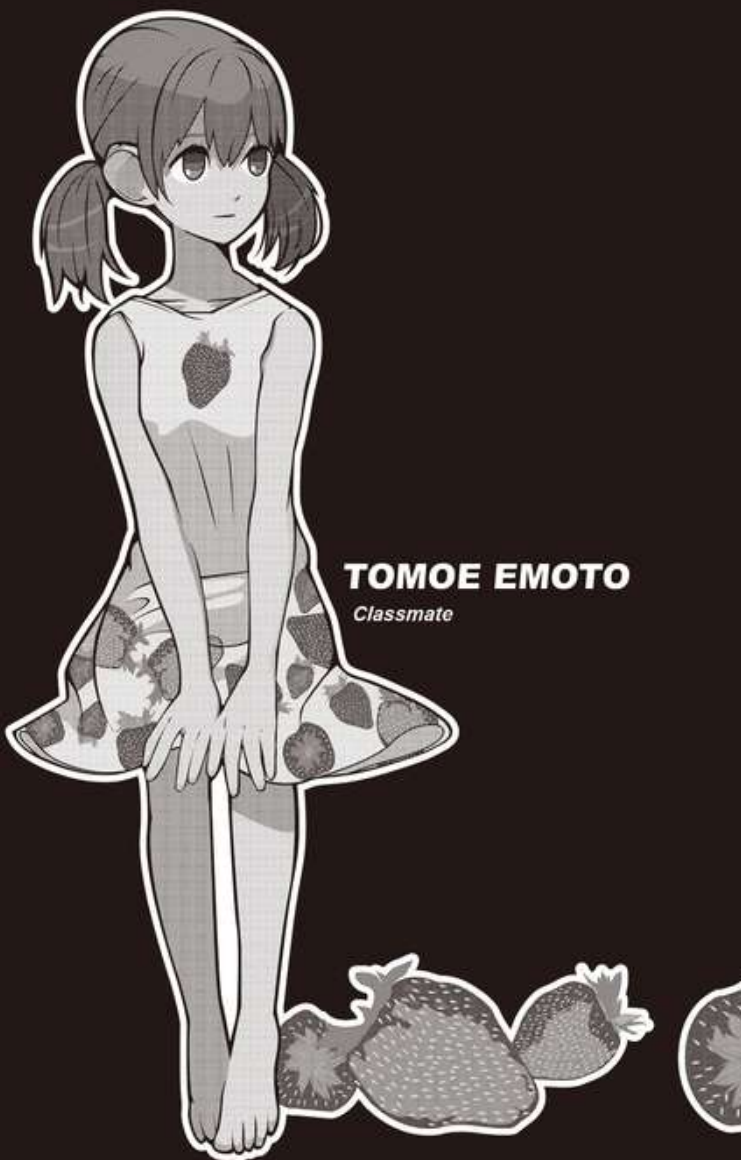
E assim terminou o dia. Sábado, 14 de maio. Não, já passava da meia-noite, então era domingo, dia 15. Às doze horas, 24 horas depois, seria dia 16. Às doze horas seguintes, seria dia 17.

Meio-dia. Zero horas.

Zerozaki.

Questionando-se se ele, já não humano, estava matando sua sétima pessoa ou talvez desmontando a oitava, o produto defeituoso caiu em um sono profundo.

Chapter 3
AGE OF THE CLAIRVOYANT M
—(Serial Killer)



0

Chega.

Não quero mais pensar.

1

Quando acordei com batidas na porta, já passava das oito horas.

Afasto o cabelo do rosto com as duas mãos e me levanto.

“Uhhh.”

Abri a porta e encontrei Mikoko. Sua saudação animada de sempre foi substituída por um olhar tímido e constrangido, quase pedindo desculpas. "Eu te acordei?", perguntou ela timidamente.

"Não, eu já ia me levantar mesmo", respondi enquanto me espreguiçava. "Bom dia, Mikoko."

“Bom dia, Ikkun. Hum… Desculpe por ontem. Eu meio que, uh… acabei dormindo.”

“Não se preocupe com isso. Apenas certifique-se de agradecer à Miiko.”

“Ah, certo.” Mikoko assentiu após um momento de hesitação ambígua.

“Ela é muito gentil, né?”

"Bem, sim, muito gentil. Legal, eu diria. Então ela é a 'espadachim com trabalhos de meio período' de quem você estava falando?"

“Ela parece uma irmãzinha de treze anos?”

“Não, acho que não.” Mikoko desviou o olhar de forma constrangida e fez uma pausa antes de perguntar em voz alta: “Será porque ela pratica esgrima? As roupas dela são meio estranhas. Meio japonesas, tipo o tipo de roupa que você usaria em um festival.”

“Você quer dizer *o jinbei dela* ?”

“Um jinbei? O que é isso?” Evidentemente, Mikoko nunca tinha ouvido falar. “Você quer dizer tipo um tubarão 'jinbei'?”

“Hum, bem, sim.” Era assim que os tubarões-baleia eram chamados em japonês. “Você já viu o padrão nas costas deles? É como se estivessem vestindo algo. Então acabamos chamando esse tipo de vestimenta *de jinbei.* ”

“Ah. Você sabe muita coisa, Ikkun.” Ela parecia impressionada. “Vou ter que ensinar isso para a Tomo e os outros.”

Sim. E se eles não fossem tão cruéis quanto eu, talvez lhe ensinassem a verdade. Por que contei mentiras tão sem sentido? Talvez seja hora de eu refletir seriamente sobre isso.

“Então, enfim”, disse Mikoko, mudando de assunto. “Você é próxima dela, da senhorita Asano?”

“Ela já me salvou da fome algumas vezes. Mas aí eu salvei a Miiko de ser esmagada por uma pilha de antiguidades, então estamos quites. Aqueles yatsuhashi que você comeu ontem também foram feitos por ela.”

"Hum", disse Mikoko com uma expressão complexa. "Sabe, eu não gosto muito de yatsuhashi."

“Ah, é? Jura?”

“Doce demais.”

“Ah. Miiko gosta de doces.”

“Pois bem, eu não!”

Por algum motivo, Mikoko estava ficando um pouco séria. Cocei a cabeça, sem entender onde ela queria chegar com aquilo. "Tudo bem, tudo bem. E agora, o que você vai fazer?"

“Ah, é, eu tenho isto”, disse ela, tirando um presente embrulhado em papel rosa da bolsa. “É o presente de aniversário da Tomo. Esqueci de entregar para ela. Grande erro, né? Eu devia ter entregado antes de ficarmos todos bêbados! Me empolguei tentando animar as coisas.”

“Hum. Bem, por que não entregar a ela agora? Ela já deve estar em casa.”

“Sim, esse é o plano.” Finalmente, Mikoko exibiu seu sorriso característico. “Bem, obrigada. Vamos nos encontrar de novo.”

“Veremos.”

“Por que você diz coisas assim?! Vamos fazer alguma coisa!”

"Brincadeira. Por mim, tudo bem. Se eu tiver tempo, passarei o tempo que você quiser com você, então, por favor, me convide novamente."

Eu só disse isso por educação, mas ao ver o rosto de Mikoko se iluminar, a culpa me atingiu. Pensando que ela provavelmente cairia no choro ou ficaria furiosa se eu dissesse "estava brincando" de novo, em vez disso, eu disse: "Até a próxima".

Ela acenou com a cabeça de forma ampla e enérgica e girou nos calcanhares.

Algo me veio à mente. "Ei, Mikoko. Só mais uma coisa."

“Hm?! O que foi, Ikkun?”

"Chame uma Vespa de Vespa. Chamá-la de *scooter* é simplesmente ofensivo, então pare com isso."

“Nossa, o Ikkun dando uma ordem?! Não é tipo *uma escola preparatória de roupa casual onde todos os alunos aparecem de uniforme*

de qualquer jeito ?!”

"Você entendeu ou não?"

“Nossa, você é tão assustador quanto a Muimi…”

Ela pareceu realmente um pouco assustada. Talvez eu tivesse sido infantil. Mas eu precisava ser firme ou ela não entenderia.

"Está bem", ela concordou, "vou ter cuidado daqui para frente". Ela seguiu pelo corredor, mas quando chegou à esquina, voltou. "Ei! Eu também quero te dizer uma coisa!"

“Hã? O quê?”

Ela respirou fundo. "Meu sobrenome é Aoii! Não Aoi! Eu te disse para não esquecer!"

Eu queria dizer a ela que sabia, mas aí me dei conta de que a apresentei a Miiko como "Mikoko Aoi". Miiko era o tipo de pessoa difícil de corrigir depois que uma informação entrava na cabeça dela (graças a mim, ela ainda acreditava que Shakespeare era um sabor de McShake), então ela deve ter passado a manhã inteira repetindo " *Aoi, Aoi, Aoi".* Talvez não em trios, mas você entendeu.

A diferença entre Aoi e Aoii não parecia ser grande coisa, mas provavelmente seria bastante indelicado pensar assim. Temos tanto orgulho dos nossos sobrenomes quanto os italianos.

"Está bem. Não vou esquecer de novo. Prometo."

“Tudo bem, então. Aliás…” Ela se virou parcialmente. “Eu não tenho namorado”, disse baixinho antes de descer as escadas correndo, como se estivesse tentando escapar.

"Huh?"

Provavelmente, eu parecia um pouco confuso.

Hum…

Que diabos?

Isso também foi por meio da Miiko? Eu me lembro de ter dito algo parecido para ela: *minha colega de classe não pode ficar no meu quarto porque tem namorado.* Mas a Miiko...

“Eu não fico por aí repetindo cada detalhe assim.”

Uau! A Miiko estava ao meu lado e eu nem tinha percebido.

“Quem é que sai gritando no corredor de um prédio de apartamentos caindo aos pedaços? Não importa que todo mundo consiga te ouvir dos seus quartos, o lugar inteiro vai desabar.”

"Desculpe…"

“Bem, preciso ir trabalhar. Espero que sua colega aprenda a se comportar.”

Dito isso, Miiko caminhou arrastando os pés pelo corredor. Havia algo assustador no fato de que a *palavra "Raiva"* estava escrita nas costas de seu jinbei azul. Talvez ela e Mikoko não se dessem muito bem. Seus nomes eram um pouco parecidos demais, afinal.

Mas sim, isso levantou questões sobre o negócio *da Aoi* .

“Talvez ela estivesse realmente acordada ontem à noite…”

Dormir em pé é uma coisa, mas andar por aí dormindo não é tão fácil. O limite absoluto do potencial humano não é algo que se testemunha todos os dias. Talvez Mikoko estivesse acordada, independentemente de quão lúcida ela estivesse naquele momento. Talvez fosse por isso que ela sabia que eu havia confundido seu nome e também disse que ela tinha um namorado.

Hum, será que ela simplesmente achou que voltar para casa era um incômodo?

Ela poderia ter dito isso, seriamente, sem fingir que estava dormindo. Algumas pessoas realmente fazem coisas estranhas, pensei enquanto voltava para dentro.

Muito bem.

Foi precisamente naquela noite que a história começou a ficar completamente cansativa.

Enquanto eu estava sozinha no meu quarto lendo um livro grosso que tinha pegado emprestado da biblioteca da faculdade, ouvi batidas fortes na porta. É natural ficar irritada quando alguém interrompe seu precioso momento de tranquilidade dessa forma, mas, como já estava acostumada com esse tipo de coisa, não fiquei particularmente brava. Imaginando se o adolescente de quinze anos, com ares de irmão mais velho e adorador do inferno, tinha vindo pedir dinheiro de novo, abri a porta.

"Oh."

Era um homem mais velho e uma mulher que eu nunca tinha visto antes.

Havia algo particularmente peculiar naquele cara. Ele provavelmente tinha entre trinta e cinco e trinta e poucos anos, e não era exatamente alto, mas sim de pernas compridas. Além disso, seu cabelo estava penteado para trás. Bem, deixando isso de lado, mesmo com esse calor, ele estava vestido com um terno e gravata pretos. Era uma maneira perturbadoramente bizarra de se vestir. Ele até usava óculos escuros. Se ele fosse estrangeiro, eu teria medo de que fosse o Homem de Preto ali para apagar minha memória.

A mulher, por outro lado, vestia um terno um pouco mais convencional e uma saia justa. Tinha cabelos lisos e negros e era relativamente bonita. Mas o olhar dela não era comum. Sem qualquer

traço da reserva que se esperaria de um primeiro encontro, seus olhos encontraram os meus com um olhar penetrante e cortante.

Ela deu um passo à frente.

“Com licença”, disse ela, mostrando um distintivo. “Sou Sasaki Sasa, da Polícia da Prefeitura de Kyoto, Seção de Investigação Um.”

Que nome complicado! Os pais dela deviam ser muito excêntricos.

“Ok. Oi”, respondi com um leve aceno de cabeça.

A mulher, Sasaki, pareceu um pouco surpresa com a minha reação. Talvez eu devesse ter demonstrado mais surpresa também, mas à primeira vista era óbvio que eram policiais. Aquelas duas pessoas de semblante impassível serem qualquer outra coisa era, para mim, inimaginável.

O homem mais velho deu uma risadinha e mostrou seu distintivo. "Kazuhito Ikaruga, também da Seção Um. Podemos entrar um pouco?" Era praticamente uma coerção disfarçada de pergunta. Quando criança, eu naturalmente sentia vontade de desafiá-lo, mas não parecia que Kazuhito fosse ceder.

“Ah, bem, claro. Mas é apertado.”

Convidei-os a entrar na sala. Pareceram surpresos ao ver que o interior era tão apertado quanto eu havia avisado, mas disfarçaram com uma frieza impressionante. Se eu fosse o chefe deles, teria dado um aumento. Claro que, como não sou o chefe, não lhes dei nada.

“Por favor, sentem-se ali”, convidei-os. Enchi dois copos com água da torneira e coloquei-os à frente dos dois. Assim como Mikoko no dia anterior, eles ignoraram completamente minha tentativa de hospitalidade.

“Permita-me ir direto ao ponto”, disse Sasaki, encarando-me

firmemente. “Tomoe Emoto está morta.”

“Ah.” Preparei um copo d’água e sentei-me em frente a eles. “É isso mesmo?”

"'É isso mesmo?' É só isso que você tem a dizer?" Sasaki perdeu a compostura pela primeira vez.

"Ah, bem, eu não sou muito de expressar emoções. Estou totalmente atônito por dentro, então não ligue para isso."

Além disso, a essa altura eu já estava meio que acostumado com esse tipo de coisa.

Fiquei realmente atônito. Isso se devia em parte à morte de Tomoe e em parte ao fato de que, assim que vi os dois do lado de fora da minha porta, presumi que tivessem vindo perguntar sobre Zerozaki.

Meio relaxado, meio atordoado — emoções quase contraditórias fervilhavam em meu estômago.

“Hum, considerando que os detetives estão investigando o caso, suponho que ela não morreu em circunstâncias normais. Além disso, se você é da Seção Um…”

Eles lidavam principalmente com homicídios.

“Isso mesmo.” Sasaki assentiu com a cabeça, com uma expressão de profunda solenidade.

“Então, por acaso, era o intruso?”

"Não", ela respondeu com a cabeça em resposta à minha pergunta.

"Oh sério."

Foi um pouco decepcionante. Uma parte de mim ficou aliviada. Não pude deixar de me perguntar porquê, mas rapidamente mudei de ideia.

“E o que aconteceu?”

“O corpo dela foi encontrado esta manhã. Ela foi estrangulada até

a morte.”

“Estrangulado?”

Estrangulamento.

Tomoe Emoto.

Assassinato…

Senti meu coração gelar.

Quantas pessoas morreram ao meu redor? Há quanto tempo parei de contar? Meu primeiro encontro com a morte foi antes mesmo de eu me lembrar.

“Já faz cerca de um mês desde o último… Isso deve ser um novo recorde.”

"Hã?" Sasaki inclinou a cabeça.

Exalando intelecto, sem qualquer traço de fofura, era tão diferente da versão do gesto da Mikoko. Por outro lado, seja de um homem ou de uma mulher, nunca vi uma pose que exalasse inteligência e fofura ao mesmo tempo.

"Você disse alguma coisa?", perguntou o detetive.

“Não, só estou falando sozinha. Faço isso bastante. Dizem que sou apenas um solilóquio de dezenove anos que consegue se vestir sozinha e andar por aí.”

Embora não tenha esboçado sequer um sorriso irônico, ela pareceu satisfeita com a resposta.

Então eu percebi

Kazuhito vinha observando atentamente minha expressão desde sabe-se lá quando.

“……”

Interessante.

Isso explicava a necessidade dos óculos de sol. Sasaki falava; Kazuhito observava. Que absurdo maravilhoso. *Uma confusão,* ele teria chamado.

Parecia que eu era o principal suspeito.

“Naturalmente… passei a noite toda com ela.”

Você disse alguma coisa?

“Não, só suas bobagens de sempre.” Endireitei-me na cadeira. Não que estivesse nervosa, mas talvez fosse hora de levar a coisa um pouco mais a sério. “Então, se ela foi morta, quem a matou?”, perguntei.

“Isso está sendo investigado. Aliás, esse é o motivo de estarmos aqui hoje”, respondeu Sasaki.

Na verdade, era o meu traseiro, eu queria dizer, mas me contive para não provocá-la.

“Você esteve no apartamento de Emoto das seis da tarde até a meia-noite. É isso mesmo?”

"Sim."

“Só para confirmar, poderia nos dizer os nomes das outras pessoas presentes?”

“Hum.” Boa sorte, memória. "Tomoe Emoto, Muimi Atemiya, Mikoko Aoi... não, Aoii e Akiharu Usami. E depois eu."

"Tem certeza?"

"Tenho certeza."

“Você chegou com a Aoii. É isso mesmo?”

“Sim. Primeiro ela veio à minha casa — aqui, quero dizer — depois fomos juntos para a casa do Emoto. Era por volta das seis da tarde.”

“Mais especificamente? Foi antes das seis ou depois?”

"…Antes."

Ela me bombardeava com perguntas. As limitações da minha capacidade de processar informações já estavam sendo exploradas, e minha cabeça dava voltas.

“E os convidados presentes naquele momento eram□”

“Por favor, espere um minuto”, interrompi. “Não consigo me concentrar se você continuar fazendo perguntas assim, uma atrás da outra. Como acho que já mencionei, tudo isso está me deixando um pouco confuso.”

“Oh, desculpe”, disse Sasaki, sem demonstrar muito arrependimento.

Passei a hora seguinte respondendo ao interrogatório dela, revelando cada detalhe dos eventos da noite anterior. As coisas sobre as quais conversamos durante a festa. A atmosfera da festa. Minha ida à loja de conveniência com Muimi. A volta. Akiharu e Muimi saindo por volta das onze horas. Akiharu dando um presente para Tomoe pouco antes disso. A alça de pescoço. Minha conversa com Tomoe depois disso. Saindo do apartamento com Mikoko a tiracolo. O telefonema de Tomoe por volta da hora em que chegamos ao Nishioji Nakadachiuri. Deixando Mikoko, que parecia estar dormindo (se realmente estava ou não), com Miiko. E então, dormindo. A breve visita de Mikoko pela manhã. O resto do dia, que passei lendo.

Sasaki já era assustadora por si só, mas Kazuhito exerceu sua própria pressão o tempo todo, olhando por cima do ombro dela e através de seus óculos escuros. Estávamos apenas sentados conversando, mas eu sentia que tinha gasto muita energia. E então veio a brilhante última frase de Sasaki.

“Ok, isso coincide bastante com o que já sabemos.”

Nossa, ela era incrível.

A sequência de perguntas parecia ter chegado ao fim, por ora. *"Hum",* Sasaki expressou sua perplexidade. Algo naquilo parecia uma atuação. Se Mikoko era uma pessoa sem máscaras, essa mulher era pura fachada, a ponto de parecer sua própria personalidade.

Ela certamente não era fácil de lidar.

“Sobre aquela ligação…” Sasaki disse, levando o dedo à têmpora. “Ela realmente não disse nada? Segundo Aoii, Emoto pediu especificamente que ela lhe passasse o telefone, o que sugere que ela tinha algo a lhe dizer.”

“Ela começou a me dizer algo, mas não disse. Simplesmente disse 'deixa pra lá' e desligou.”

“Tem certeza?”

"Sim."

“E era mesmo o Emoto ao telefone?”

“Sim. Nunca confundo as vozes de pessoas que conheço.”

Sasaki trocou olhares com Kazuhito, que estava atrás dela. Parecia que eles tinham terminado e estavam prestes a ir embora, mas eu não conseguia ficar parado em silêncio.

“Hum, posso fazer uma pergunta, Sasaki?”

“…Hã?” Sua expressão impassível se desfez mais uma vez. Eu, uma pessoa mais jovem (e do sexo masculino) que ela acabara de conhecer, a havia chamado pelo primeiro nome, então teria sido mais estranho se ela não tivesse ficado surpresa.

“Algo tem me incomodado.”

“Hum…” Ela trocou outro olhar com Kazuhito, e ele respondeu apenas com um leve franzir de queixo. Aparentemente um sinal de concordância, ela se virou para mim e disse: “Ok”.

A aprovação provavelmente não foi motivada por qualquer compaixão por um garoto cujo colega de classe acabara de ser assassinado, mas sim por um cálculo mesquinho de que minha pergunta poderia estar revelando algo. Não que eu me importasse.

"Bem… Por acaso, foi Aoii quem descobriu o corpo?"

"Isso mesmo", respondeu Sasaki friamente, sem dar mais explicações. Parecia que ela não tinha intenção de me contar nada que eu não tivesse perguntado. E, claro, ela também não ia me contar nada só porque eu perguntei.

Ainda assim, eu estava certa. Então ela foi entregar o presente de aniversário de Tomoe, que havia esquecido, mas ninguém atendeu. Ela tentou ligar, mas ninguém atendeu. A porta do prédio tinha uma trava automática, mas certamente era fácil contorná-la. Bastava seguir um dos moradores para dentro. Nesse sentido, mal dava para chamar de trava.

Hum…

Mikoko.

Naquele momento, o que ela sentiu?

Que emoções uma pessoa emotiva como ela experimentou?

"Talvez eu devesse ter ido com ela…"

Mas como eu poderia saber?

Além disso, eu não tinha certeza se minha presença ali com ela ajudaria em alguma coisa. Não sou lá muito homem. Na verdade, eu poderia ter acabado me tornando o inimigo dela.

"Essa é a sua única pergunta?"

"Não, tenho mais algumas. Qual foi a hora da morte?"

"Determinamos que ocorreu em algum momento entre as 23h do dia 14 e as 3h da manhã do dia 15."

“Nesse caso…” Já que Mikoko e eu saímos do apartamento à meia-noite, o crime deve ter ocorrido entre meia-noite e três da manhã. “Hum, você disse que ela foi estrangulada? Não havia faca nem nada?”

“Foi isso que eu disse.”

Por que uma faca?, perguntou a mulher de olhos delicados.

É claro que eu não lhe disse, nem mesmo com os olhos, que conhecia um certo assassino em série que empunhava uma faca.

“Era uma corda?”

“Era um pedaço de pano fino. Ela provavelmente morreu instantaneamente por compressão vascular. Duvido que tenha sofrido muito.”

Essa foi a primeira observação atenciosa e humana da parte de Sasaki até então. Contudo, para mim, se Tomoe sofreu ou não era algo relativamente trivial. De qualquer forma, ela estava morta.

Eu sei o que é morrer.

Não é a morte que as pessoas temem.

O que eles temem é o nada.

A dor não passa de um efeito colateral.

O desespero, nada mais que um acessório.

“Hum, você já foi falar com todos os outros?”

"Todos os outros?", repetiu Sasaki, sabendo muito bem o que eu queria dizer.

“Todos que estavam reunidos na casa do Emoto ontem à noite. Usami, Atemiya e Aoii.”

Fiz essa pergunta sem nenhuma expectativa específica. Imaginei que ela nem responderia. Mas, para minha surpresa, ela disse imediatamente: "Bem, sim... Já terminamos de interrogar todos eles.

Seu endereço foi um pouco difícil de encontrar, então acabamos vindo aqui tão tarde."

“O que todos estavam fazendo durante o período em que Emoto foi morto?”

Etapa.

Entrei nisso com cautela.

Os lábios de Sasaki se curvaram num leve sorriso irônico. "Usami e Atemiya disseram que passaram a noite cantando karaokê em Shijokawara-machi. Quanto a Aoii, provavelmente dispensa comentários."

Sim, aconteceu. Mikoko ficou com Miiko no quarto ao lado.

Pude relaxar um pouco. Se Sasaki estivesse falando a verdade, os três principais suspeitos tinham álibis. Akiharu e Muimi eram amigas e garantiram uma pela outra, então não era exatamente uma prova irrefutável, mas o suficiente para dissipar qualquer suspeita sobre elas.

Então□

Senti a pressão do olhar de Kazuhito aumentar.

“Tch…”

Que coisa indecorosa.

A essa altura do jogo, me vi desviando o olhar tanto de Sasaki quanto dele.

Droga… Eles perceberam meu alívio. O fato de terem percebido também significa que viram minha baixa guarda. Que descuido o meu. Relaxar perto de detetives, muito menos dessa dupla, nunca foi uma boa ideia.

Merda… O que será que eles tinham vislumbrado?

"É só isso, então?" perguntou Sasaki, sem alterar nem um pouco o tom de voz.

“Ah, não. Mais uma coisa.”

Por falar em fracassos, foi este.

O olhar penetrante de Kazuhito era um detalhe sutil em comparação.

Mas perturbado pelo detalhe sutil□

Fiz uma pergunta que não precisava fazer.

Não devia ter feito isso.

Eu perguntei□

“Quem você acha que fez isso?”

A pergunta havia sido respondida.

Já.

E eu repeti o gesto.

“Isso está sob investigação”, respondeu Sasaki com um olhar sugestivo e o sorriso de uma caçadora que havia abatido sua presa. Ela se levantou. “Perdoe-nos por interromper por tanto tempo. Acho que gostaríamos de falar com você novamente”, disse ela, colocando seu cartão de visitas no chão, “mas se você se lembrar de mais alguma coisa, por favor, nos ligue.”

Peguei o cartão na mão. Nele havia o número da polícia da prefeitura, bem como o de um celular.

"Bem, se cuida, Sr. Aluno", disse Kazuhito com um sorriso irônico e começou a sair do meu quarto.

Interessante… Essa era a verdadeira farsa, então. Eu havia cometido um erro tão fatal que nem sequer merecia mais me chamar de mero espectador passivo. Eu havia invertido completamente os papéis dos dois detetives.

Em outras palavras, era trabalho do Kazuhito me apressar.

O plano de Sasaki era ficar à espreita.

Além disso, ela havia deixado uma brecha propositalmente no final, me convidando ao ataque.

Que audácia! Que descaramento!

“Ah, a propósito”, disse Sasaki como se tivesse acabado de se lembrar de algo. “Sobre o seu álibi. Por enquanto, ele foi confirmado pela sua vizinha, Asano. Ela disse que dá para ouvir pessoas andando pelo corredor de dentro dos quartos.”

"Até logo", disse ela, lançando-me um sorriso refinado.

Isso foi essencialmente um xeque-mate.

Não, nem sequer foi uma derrota total.

A mulher teve a audácia de me entregar um presente de despedida para finalizar.

Bem, filho da puta.

Não sei se foi porque fazia tempo que eu não lidava com eles, mas subestimei completamente a polícia japonesa. Será que minha arrogância não tinha limites? Quem eu pensava que era?

Eu não sentia tamanha humilhação desde meu desentendimento com o empreiteiro de cabelo vermelho flamejante.

Mordi meu lábio inferior.

"Kazuhito", chamei quando o cara estava saindo. Ele olhou para trás. "Se você fosse mais bonito, seria a cara do Yusaku Matsuda", eu disse a ele.

"Acho que isso significa que eu não sou a cara do Yusaku Matsuda."

Foi uma resposta certeira. Minha última tentativa desesperada tinha sido um grande fracasso, e com isso, os dois detetives foram

embora. Recolhi os copos e me joguei no chão.

Eu tinha plena consciência de que havia perdido.

Eu não me sentia assim há um mês, e não com tanta intensidade há um ano inteiro. Mas, neste caso, eu podia simplesmente ignorar a dor da derrota. Não era nada, visto que alguém havia morrido.

“Tomoe”, tentei sussurrar em voz alta.

A primeira coisa que me veio à mente foi a nossa conversa da noite anterior.

Você já se sentiu como se fosse uma pessoa defeituosa?

Isso... Isso não é algo que se possa descrever com palavras, nunca, Tomoe.

Não se você for como nós.

Enquanto você não souber disso, pode continuar vivendo normalmente.

Enquanto você não estiver ciente disso, poderá criar um mínimo de felicidade.

Somos como um avião que perdeu o motor e as asas. Não passamos de corvos silenciosos que só conseguem planar.

Se você questionar isso, acabou.

Não se trata de negar a realidade. Trata-se de ignorá-la.

“Quando você pergunta uma coisa dessas… você pode acabar morto.” Como alguém com *experiência,* eu não ia oferecer condolências vazias. “Se você tentar, até pessoas como nós podem… Não, na verdade *, se você não tentar* .”

Não adiantava nada para mim, que vinha tentando há muito tempo, e era inútil para Tomoe, que também havia desistido há muito tempo.

Fechei os olhos.

E eu os abri.

“Bem, acabou o espírito.”

Levantei-me rapidamente.

Muito bem.

O que fazer? Não havia muitas coisas que eu precisasse fazer, mas muitas coisas que eu queria fazer. Para mim, essa era uma situação bastante rara.

Primeiro, peguei meu celular. Consultando o histórico de chamadas, comecei a discar o número de Mikoko. Mas, no meio da ligação, parei.

“Falando sério, quem eu penso que sou?”

Era um completo absurdo.

Se eu ligasse para a Mikoko, o que eu diria para ela? Seria irresponsável de qualquer forma.

Isso poderá acontecer mais tarde.

Naquele momento, eu não tinha as palavras certas para ela.

“Nesse caso…”

Eu cuidaria do que precisava fazer.

Reiniciei. Digitei um número diferente. Era o único que eu sabia de cor. Pensando em quanto tempo havia passado desde a nossa última conversa, levei o telefone ao ouvido. A chamada completou logo em seguida.

“Oi! Iichan! Quanto tempo! Você também me ama hoje?”

Sua hiperatividade superava a de Mikoko em cerca de doze níveis. Seu limitador havia sido removido, então não havia limites. Se você não tomasse cuidado, ela alcançava os céus como a Torre de Babel.

“O que, oh, oh, oh, oh, o que está acontecendo? Você *nunca* me

liga! Este momento é monumental! É o Castelo de Himeji! Deve ser uma tática de distração! Hyaooo! Quero tirar uma foto, mas não vai captar o som, então não adiantaria nada! Comecem a gravar o áudio!"

"Deixando a gravação de áudio de lado", mantive a calma.

Como eu disse à Muimi quando ela me perguntou se era difícil acompanhar a Mikoko, lidar com minha colega de classe era moleza comparado a lidar com certa pessoa.

Se Mikoko era despreocupada e alegre, então Tomo Kunagisa era um raio em uma garrafa quebrada.

"Tomo, você tem estado muito livre ultimamente?"

"Não! Mais para o lado ocupado. Extremamente ocupado. Meu poder de processamento está prestes a entrar em colapso! Expansão de memória de emergência! Desfragmentação imperativa! Vou congelar! Meu Deus, está acontecendo! Está acontecendo! Presente contínuo! Por favor, reinicie!"

"Por causa do caso do invasor de Kyoto?"

"Bingo! Uau! Você é como a Maki! Ou o empreiteiro vermelho! Kyahahahahaha! *O retorno da percepção extrassensorial! E para sempre!* O mais forte da humanidade! *Este é o fim!* "

"Desculpe, Tomo, você poderia maneirar um pouco?"

"Hã? O que foi? Bom, tanto faz. É, é o caso do intruso de Kyoto! Mas sabe de uma coisa? Não está indo do jeito que eu esperava! Esse maldito caso! Obstáculos! Obstáculos sérios! O culpado deve ser a reencarnação do Dread Jones! Wahaha!"

"Vamos fazer um acordo, Tomo Kunagisa", eu disse. "Eu te dou algumas informações sobre o caso do invasor de Kyoto. Você me dá informações sobre um certo assassinato."

"Huh…"

Kunagisa pensou por um momento.

Ela não ia me perguntar que informações eu poderia ter sobre o caso do invasor ou por que eu estava interessado no assassinato.

Eu acreditava nela, e ela confiava em mim.

Explicações desnecessárias.

Esclarecimentos em excesso.

Dissertações inúteis.

Perguntas idiotas.

A melhor coisa sobre Kunagisa era que ela não exigia conversa fiada.

“Ehh, eu não gosto dessa história de ‘ *acordo’,* Iichan.”

“Que tal um *bom negócio* ?”

"Horrível."

“ *Pacto* ?”

“Quase lá.”

“ *Conspiração* ?”

“Tecnicamente não está errado, mas tem algo de errado.”

“Que tal *nos complementarmos* ?”

"Sim, isso serve", disse Kunagisa, contente.

Dar ou receber?

Nesse momento, eu ainda não havia me decidido.

Após terminar minha ligação com Kunagisa, fui visitar Miiko na casa ao lado. Bati na porta.

— *Oi* — respondeu ela, e alguns segundos depois, a porta se abriu. Como de costume, ela estava vestida com um jinbei. Se ela ia se interessar tanto por roupas tradicionais, devia comprar um quimono bonito. Com certeza ficaria bem nela.

"Posso ajudar?"

“Ah, eu só queria agradecer. Disseram que você confirmou meu álibi.”

“Não fiz nada de extraordinário. Apenas disse a verdade.”

“Sim, mas eu te sobrecarreguei.”

“Não me importo. Acontece o tempo todo… Mas você já lidou com a sua cota de problemas, não é?” Ela parecia mais horrorizada do que preocupada. “Você parece um desastre ambulante. E aquela garota? Pelo que as autoridades disseram, ela também estava envolvida.”

“Bem… podemos discutir isso com o tempo…”

“Entendi”, ela assentiu. “E? Como pretende me agradecer?”

“Vou te oferecer um chá.”

Não se tratava de um convite para ir a uma cafeteria, mas sim de algo relacionado ao *chá*. Era algo típico de Kyoto, ou talvez apenas algo relacionado à Miiko.

"Com *dango* ?", perguntou ela ao saber que havia bolinhos de farinha de arroz disponíveis.

“Sem falar do *hiyashi shiruko*. ” E da sopa doce de feijão vermelho.

“Onde exatamente?”

“O Oharame-ya em Gion.”

Os olhos de Miiko brilharam. "Espere, vou me preparar."

Ela fechou a porta. E, para o que valia, ela teve a consideração de trocar de roupa e vestir algo normal quando ia sair com outra pessoa. Esse nível de consideração a tornava uma raridade no meu círculo de conhecidos.

“E eu voltei.”

Um minuto depois, ela estava pronta para ir embora. Ela me entregou a chave do carro. Eu a virei na palma da minha mão antes de apertá-la com força.

Eram oito horas da noite. O chá com Miiko havia terminado e eu me encontrava caminhando entre Shijo e Oike na Rua Kawara-machi. Miiko já havia voltado para casa dirigindo seu Fiat.

“Não me use apenas para matar tempo e economizar sola de sapato.”

Essas foram as palavras que ela me deixou.

Ela me desmascarou direitinho, com certeza. A Miiko era esperta à sua maneira. De qualquer forma, ela teve que admitir que aceitou meu convite, o que a tornava uma boa pessoa. Ou talvez ela só gostasse de doces.

Parei o carro e entrei num karaokê que ficava ali perto.

“Bem-vindo”, disse o rapaz atrás do balcão. “É para uma pessoa só?”

“Hum, tenho um amigo que já deveria estar aqui.”

"Poderia me informar o nome do seu amigo, por favor?"

“Hitoshiki Zerozaki.”

“Hum, Sr. Zerozaki.” O funcionário mexeu rapidamente no computador. “Certo, seria a sala vinte e quatro”, disse ele com um sorriso de vendedor.

Agradeci e fui até o elevador. O quarto vinte e quatro ficava no segundo andar. Desci e caminhei pelo corredor, conferindo os números.

"Dadadadadada dadadadadadadada! Dadadada! Dadadadadadadadadadadadadadada! Ah! Aah!"

Enquanto eu me perguntava que idiota se interessaria por uma

música tão descolada, percebi que vinha do quarto vinte e quatro. Dei de ombros e abri a porta sem nem bater.

“Ah.” Zerozaki parou de cantarolar assim que me viu. “Olá, Produto Defeituoso”, disse ele, levantando um dedo.

Sem reagir de imediato, entrei na sala e sentei-me no sofá. "Ei, Não Sou Mais Humano", retruquei.

Zerozaki largou o microfone e usou o controle remoto para encerrar a música.

“Você pode continuar cantando se quiser. Você pagou por isso, não pagou?”

“Não, tudo bem. Para ser sincero, não sou muito fã de cantar. Principalmente quando estou imitando alguém. Só faço isso para passar o tempo.” Ele se sentou de frente para mim e suspirou profundamente. “Não te vejo há um dia. Mas, tipo, não parece que faz tanto tempo assim.”

"Verdade", assenti com a cabeça.

Embora eu tivesse ido, fiquei surpresa. Até um momento atrás, eu não acreditava que Zerozaki estaria lá. Claro, depois da nossa conversa anteontem — ou melhor, ontem de manhã — nós tínhamos combinado. " *Estarei naquele karaokê, então vamos nos encontrar",* ele disse. Mas eu não achava que ele realmente apareceria, e ele provavelmente duvidava que eu aparecesse. Era exatamente por isso que eu tinha vindo e por isso que ele estava esperando.

O significado da expressão *usada para esperar:* outra contradição justificada.

A partir daí, tal como na noite em que nos cruzámos pela primeira vez, começámos a falar de coisas sem importância. Filosofia barata, *papo furado,* opiniões irrelevantes sobre a vida — por vezes

desviámo-nos um pouco do assunto e discutíamos música (tentando adivinhar a capa original) ou literatura (vários métodos para cativar o leitor), nada disso com qualquer propósito real. Era como se ambos estivéssemos apenas a tentar confirmar alguma coisa.

“Diga, Zerozaki”, perguntei a ele por volta da quarta hora de jogo. “Qual é a sensação de matar alguém?”

"Hã?" Ele inclinou a cabeça. Pela sua reação, não parecia nutrir nenhum sentimento específico sobre o ato. "Como é a sensação, você pergunta? Eu não sinto muita coisa."

"Não gosta? Não é uma sensação boa, refrescante ou algo do tipo?"

"Seu idiota, o que você pensa que eu sou, algum tipo de doente mental?", ele cuspiu as palavras com uma generosa dose de condescendência.

Isso foi muita hipocrisia vindo de um autor de assassinatos hediondos, mas decidi ouvi-lo.

"É o seguinte. Quer dizer, eu sou um assassino. Mas não sou o que você chamaria de *assassino por luxúria.* É uma distinção complicada, e acho que não adiantaria nada eu afirmar isso. No fim das contas, são as pessoas ao seu redor que decidem. Tudo o que posso fazer é aceitar. Não sou muito de pensar profundamente."

“Entendo… Você pode ter razão. Certo, então que tal eu reformular minha pergunta: o que é assassinato para você?”

“Nada.”

Consegui encontrar dois significados ocultos nessa palavra.

Não valia nada.

E, portanto, não custou nada.

“Agora, aqui vai uma pergunta para você, Defeituoso. O que é a

morte para você?”

“Quando você me pergunta isso de forma direta, eu fico sem palavras. Se eu tivesse que responder, seria como uma bateria descarregando.”

“Uma pilha? Tipo pilhas AA e outras?”

“Sim, mais ou menos. Você poderia chamar isso de vitalidade. Seguindo essa analogia, você é uma espécie de isolante.”

"Acho que já me chamaram de coisas piores", disse ele com uma risadinha. Ele parecia estar se divertindo bastante. Fiquei pensando se eu ria como ele.

"Certo. Talvez minha pergunta tenha sido muito vaga. Que tal esta, então? Você entende por que outras pessoas matam?"

“Hã? Essa é estranha. Mas combina muito com você. Deixa eu ver… Não.”

“Não?”

"Não. Primeiro, eu não entendo as outras pessoas, ponto final. Sejam elas assassinas ou não, sejam elas assassinas em série ou não. Segundo, eu nem entendo meus próprios sentimentos. Não tenho a mínima ideia do que causa todo esse caos que se revira dentro de mim. Então, tudo o que posso dizer é que não, eu não entendo por que as pessoas matam."

“Entendo sua lógica.”

"Gostaria de acrescentar que assassinato não é o que eu pretendo", disse ele, como se fosse apenas um pensamento tardio.

“O que isso significa?”

“Se você perguntar isso, vai ficar muito conceitual. Ok, então, por exemplo.” Ele pegou o fone do telefone do quarto. “Com licença, poderíamos pedir dois ramens, por favor?”

Pouco tempo depois, um funcionário entrou com duas tigelas.

“Coma à vontade. Eu pago”, convidou Zerozaki, erguendo um pouco de macarrão com seus hashis. “Vamos jantar.”

“Sim. Você nem precisava me dizer.”

“Dizem que comida, sono e sexo são os três desejos básicos da humanidade. Mas por que eu faço refeições?”

“Ingerir nutrientes.”

“Sim. Sem nutrientes, as pessoas morrem. Por isso, comer traz prazer. Dormir também é bom, e sexo, bem, isso é óbvio. Tudo o que você precisa fazer para viver e sobreviver sempre vem acompanhado de prazer.”

“Claro. É fácil de entender. E daí?”

“Não me apresse. 'E daí? E daí?' Você soa como o Ryu-nosuke Akutagawa.”

"Hã? Isso não era coisa do Dazai?"

"É Akutagawa, caramba. É uma anedota sobre Akutagawa, contada por Dazai."

Que reação, seja lá de quem fosse a eminência literária, mas fiz o que me foi pedido e decidi ouvi-lo novamente. Como que para aumentar o suspense, ele fez uma pausa antes de continuar.

“Agora, imagine alguém obcecado por refeições. Em outras palavras, alguém que come não apenas para ingerir nutrientes, mas que é apaixonado pela sensação de comer em si, pela beleza do ato. A estimulação das papilas gustativas. O prazer da comida passando pela boca. A alegria da mastigação. O êxtase de sentir aquela papa pastosa descendo pela garganta. A sensação de plenitude quase destruindo completamente seu centro de saciedade. A euforia tomando conta do cérebro.”

Em outras palavras, estou falando de um cara gordo, disse Zerozaki, dando risadinhas.

"Para ele, os nutrientes, ou a falta deles, são totalmente irrelevantes", continuou. "Os meios e os fins trocaram de lugar, de modo que o objetivo original se tornou algo secundário. Eis a questão: ainda podemos dizer que o cara está fazendo uma refeição? Não, não responda. Você e eu sabemos que a única resposta possível é não. O que esse cara está fazendo não é comer. Ele está apenas se alimentando da ideia de comer."

"E você está simplesmente destruindo o conceito de matar? Isso é um pouco forçado", eu disse, dando de ombros. "É bastante perverso tentar equiparar um apetite natural por comida com um desejo de matar. Para você, o assassinato é o propósito desde o início, e não é como se seus fins e meios tivessem sido confundidos, certo?"

"Ah, não sei não. É difícil dizer. Ou talvez seja algo sutil. Como venho tentando te dizer, o assassinato em si nunca é minha intenção, nem o que vem depois, a desmontagem."

"Então, o que é? Cara, você é difícil de entender."

"Não tanto quanto você. Claro, eu sei que sou difícil de entender. Como eu disse, no começo eu achava que estava nisso pela emoção."

"Que emoção, hein?"

"Sim. Você já ouviu a expressão ' *alto risco, alto retorno'* , certo? Em japonês, acho que dizemos: 'Quem não arrisca, não petisca'. No caso de um assassinato, o risco é alto, mas o retorno é baixo, não acha? Quase não parece valer a pena. É o que pessoas estúpidas fazem. É por isso que assassinatos são quase sempre casos de *ir longe demais* ou *usar força excessiva.* Eles não estão tentando matar a vítima, mas, antes que percebam, já o fizeram. No entanto…"

Ele tirou uma lâmina de aparência bastante perigosa do bolso do colete. "Isto aqui é o que chamam de adaga. Você segura assim na mão. Então, a primeira pessoa que matei, enfiei esta coisa na artéria carótida direita dela e simplesmente puxei para o lado. Foi um comportamento homicida imperdoável. Eu não tinha nenhuma intenção específica de causar sofrimento ou dor à pessoa. Meu método foi bastante lúcido e generoso, se me permite dizer. De forma alguma estou me gabando do meu modus operandi passado. Você sabe disso, mas se gabar é uma das coisas mais patéticas que uma pessoa pode fazer. Pessoas que se gabam de seus crimes são a escória da escória. Estou apenas expondo meus podres aqui. Sério, não consigo matar de nenhuma outra forma. Nem mesmo quando fui atrás de você, o outro lado do espelho."

“Hum. Não me diga.”

"Eu digo isso mesmo. Tipo, vamos imaginar que você e eu acabássemos lutando até a morte de novo. Claro, falando logicamente, é totalmente possível que você me matasse. Mas para cada vez que você me matasse, eu poderia te matar nove mil novecentos e noventa e nove vezes sem nem te dar tempo de sentir dor. Bem, na realidade, você e eu só temos uma vida, então isso é só uma metáfora do cisne negro. De qualquer forma, eu só *mato por matar*. Em outras palavras, posso afirmar que as oito pessoas que matei até agora não foram vítimas de eu *ter ido longe demais*. "

Oito pessoas — em dois dias, o número de mortos aumentou em duas. Acho que Zerozaki seguiu vivendo a vida dele enquanto eu vivia a minha.

“Então, eu sou estúpido? Talvez”, disse ele. “Afinal, não é como se eu ganhasse alguma coisa matando essas pessoas. Bem, na verdade,

ganho sim. Pelo menos o que quer que esteja nas carteiras delas."

Um dos detalhes intrigantes do caso do invasor foi o roubo dos objetos de valor das vítimas. Isso era raro em assassinatos por luxúria "anormais", que pareciam ter sido cometidos pelo prazer da coisa, mas a razão era simples: o sem-teto Zerozaki precisava do dinheiro.

A taxa do karaokê também deve ter saído do bolso de uma dessas vítimas. Se você olhar por esse ângulo, até o ramen estava manchado de pecado, pensei enquanto sorvia meu macarrão.

"Mas eu poderia conseguir essas coisas trabalhando num emprego normal, então não há motivo para cometer um assassinato. Se você pensar no esforço necessário para matar uma pessoa, faz muito mais sentido passar o dia fazendo shows. E mesmo assim, eu escolho o assassinato. O que nos leva a uma hipótese."

"Entendo. Em outras palavras, para Hitoshiki Zerozaki, o risco é o retorno."

"Sim. Os meios e os fins não são apenas trocados, mas idênticos. O ato em si é o propósito. O ato é precisamente o propósito. Ao atingir meu propósito, o ato se completa. Na verdade, não é uma hipótese ruim."

"Mas qual a diferença entre isso e 'perder de vista o seu propósito'? Considere um bibliófilo cujo quarto está completamente abarrotado de livros. Mesmo assim, ele continua comprando novos. Talvez não seja da nossa conta, mas ele tem tantos livros no quarto que, mesmo que passasse a vida inteira lendo-os, jamais conseguiria terminar todos. Ainda assim, ele continua comprando mais."

"Hum. Ahhh, ah-ah-ah, entendi, entendi. Você está falando de capacidade de processamento. Uma vez que você ultrapassa seu limite, meios e fins se tornam uma coisa só. Me lembra o lendário ladrão

Goemon Ishikawa. 'Uma vista esplêndida, uma vista esplêndida, como ousam dizer que as paisagens da primavera valem mil peças de ouro? Eu, Goemon, declaro que valem dez mil.' Hum. É, talvez", disse Zerozaki com um suspiro impressionado enquanto se recostava no sofá. "Mas, meu amigo, mesmo que seja esse o caso, não tem muito a ver comigo. Sabe por quê? Porque aquela hipótese anterior está completamente errada desde o início. Risco é igual a retorno? Essa é uma equação absurda, se é que já ouvi alguma. É pura sofística."

"Hum. E onde isso nos deixa?"

"Daqui para frente, vamos negociar quase que em termos gerais", anunciou Zerozaki, inclinando-se para a frente. "Vamos voltar à época em que eu era um pirralho. Você também já foi um pirralho, não é? Eu também. Que tipo de pirralho? Eu não era particularmente estranho nem nada. Eu até acreditava em Deus. Se eu levasse um tapa, doía. Se eu visse alguém levar um tapa, doía. Eu tinha uma sensibilidade normal. Eu queria trazer felicidade ao meu próximo. Eu conhecia a gratidão. Eu conhecia o afeto incondicional por outro ser humano. Esse era o tipo de pirralho que eu era… Mas, por exemplo, eu ficava sentado. Não para ler um livro ou assistir TV. Eu simplesmente ficava sentado. Com o queixo apoiado nas mãos, a mente no mundo da lua, apenas sentado. Eu percebia, nesses momentos, que estava pensando em *como eu poderia matar seres humanos* como se fosse a coisa mais natural do mundo. A primeira vez que me dei conta do que estava fazendo, fiquei seriamente assustado… Quer dizer, eu estava ponderando, examinando de forma tão normal como se mata alguém. Era eu quem estava tendo esses pensamentos, o que me assustava." maioria."

"Então você se tornou autoconsciente. Mas não vejo generalidade

nessa história. Na verdade, parece-me bastante absurda. Você tem uma propensão inata para o assassinato, é isso?"

"Eu disse para não me pressionarem. Eu mesma já pensei isso, mas não é o caso. Eu achava que tinha nascido com uma mentalidade assassina, com o desejo de ferir. Mas não é isso. É que — e aqui é onde a coisa fica genérica — eu estou seguindo um caminho predefinido."

"Trilhos? Que diabos?"

"É uma metáfora. Não dizem que a vida segue um caminho predefinido? Você se forma no ensino fundamental, passa pelo ensino médio, entra na faculdade, se sustenta, arranja um namorado(a), entra em uma empresa, é promovido(a), esse tipo de trajetória. Da mesma forma, eu estou no caminho do assassinato."

"Para mim, parece que você está fora de controle."

"Como se você tivesse moral para falar. Enfim, isso não importa. O tipo de caminho que estou mencionando aqui não é necessariamente aquele estabelecido pela sociedade. Pode ser um caminho que você mesmo criou. Se uma criança do ensino fundamental fica obcecada pelo Ichiro e decide que quer ser jogador de beisebol, naquele exato momento, ela cria o seu próprio caminho."

"Entendo. Nesse sentido, estamos todos na mesma jornada… a menos que você 'desista', suponho."

Até que você sofra um golpe fatal.

Até você sair completamente dos trilhos.

"Sim. Não sei quem traçou o meu caminho", disse Zerozaki. "Talvez eu mesmo o tenha feito, talvez outra pessoa o tenha feito. Mas, em qualquer caso, fui longe demais nessa trilha. Cheguei longe demais sem sofrer um golpe fatal, e agora não há como me parar. Nem

sequer cogito a ideia de frear.”

“Ah. É aí que tudo se encaixa.”

Ou seja.

Ele estava *prosseguindo* naquele momento.

E.

O eu que começou a correr e o eu que está correndo nunca serão o mesmo.

“Certo”, concordou Zerozaki. “É como *uma maldição do passado.* Além disso, é um caminho malfeito e cheio de espinhos que está me matando com mil cortes. Dizem que viver a vida seguindo um caminho traçado por outra pessoa é chato, mas sabe, não importa quem o traçou se você se cansa dele no meio do caminho. Não que eu pudesse desistir agora. Há muitas amarras envolvidas.”

“Deve ser ainda mais difícil não ter ninguém para culpar.”

“Sim. Principalmente para um excluído como eu.”

"É melhor desistir. Você pode não ter se desviado completamente do caminho, mas simplesmente não consegue evitar viver fora das regras."

"Ah, é? Quem disse? Você não é nenhum santo."

“Tecnicamente, sou um estudante universitário sério. Não sou como você.”

“Você não se sente vazio ao pronunciar essas palavras? Qual a diferença entre isso e se olhar no espelho e perguntar: 'Quem sou eu?'”

É verdade, concordei com a cabeça.

“De qualquer forma”, disse Zerozaki, “é por isso que não me vejo como um assassino. Porque meu propósito não é matar. Falam de pessoas para quem matar é tão fácil quanto respirar, mas no meu caso, não matar é apenas sufocar. Estou pagando a passagem de trem por

esta linha férrea na qual entrei há muito tempo. Ou estou continuando a pagar um empréstimo. Pode-se dizer que estou *matando o ato de matar.* ”

“Tudo isso está ficando um pouco conceitual demais para mim… Você não poderia explicar de uma forma mais realista?”

“Não dá. Quer dizer, estamos falando de conceitos aqui. Se formos colocar em termos reais, é tipo 'eu matei e desmembrei alguém oito vezes'.”

“Você tem razão…” Suspirei e olhei para o teto. Conversar com Zerozaki foi interessante o suficiente, e até aprendi uma coisa ou outra, mas a informação não foi útil. “Hum. E eu que pensava que um assassino em série entenderia melhor a essência de um assassino.”

Pensando bem, porém, não foi nenhuma surpresa. Afinal, a forma como Zerozaki matou e a forma como Tomoe foi morta foram completamente diferentes. Eu não acreditei por um segundo que Sasaki tivesse me contado tudo, mas a parte sobre Tomoe ter sido estrangulada com um pedaço fino de pano provavelmente era verdade. Enquanto isso, o crime de Zerozaki foi cortar pessoas com uma faca. As semelhanças começavam e terminavam em causar a morte à vítima.

Ele matava indiscriminadamente.

O assassino de Tomoe a havia procurado.

Foi muito provavelmente resultado de uma mágoa.

Uma espécie de corrosão causada pelas relações pegajosas, viscosas e repugnantes que existem entre os seres humanos.

"Hã? O que você quer dizer com isso?", perguntou Zerozaki.

“Não quis dizer nada com isso. Bem, veja bem, um colega meu da faculdade foi assassinado.”

“Assassinado? Um colega de classe?”

“Foi o que eu disse. Sim, a princípio, pensei que pudesse ser você, mas não combina com o seu estilo. Ela foi estrangulada com um pedaço de pano.”

“Ah. Não é a minha praia.”

Por favor, acrescentou ele, acenando com a mão e fazendo uma careta.

“Entendo. Mas imaginei que um monstro entenderia o outro.”

“Você está enganado. E é tão típico de você estar errado nisso. Monstros não matam pessoas; pessoas matam. E assim como as pessoas não entendem como os monstros se sentem, os monstros não entendem como as pessoas se sentem. É como comparar um ornitorrinco com um arqueóptero.”

Eu não sabia quem era o ornitorrinco e quem era o arqueóptero, mas ele provavelmente estava certo. Caras como Zerozaki eram singulares e atrozes, e não seriam descritos dessa forma se não fossem tão poucos.

“Bem, diga-me. Que tipo de caso é esse?”, perguntou ele, parecendo pouco interessado.

Imaginando que não havia necessidade de manter segredo, eu o atualizei com base no que tinha ouvido de Sasaki. Contei a ele sobre Mikoko, Tomoe, Muimi e Akiharu, e sobre a festa de aniversário.

Ora assentindo com a cabeça, ora balançando-a em sinal de consternação, e em certo momento até mesmo demonstrando preocupação, Zerozaki finalmente murmurou: "Sim. Ok... Entendi, entendi, entendi. Então foi assim que aconteceu. E daí?"

“O que você quer dizer *com isso* ?”

“ *Assim* significa *assim.* ”

Ele olhou diretamente nos meus olhos. Eu não respondi. O silêncio reinou — por cerca de uma hora.

“Certo, entendi”, disse Zerozaki finalmente, levantando-se. “Vamos lá.”

“Hum? Para onde?”

“O lugar do Emoto.”

Com essa resposta casual, e como se fosse passar um tempo na casa de um bom amigo onde sempre seria bem-vindo, ele se retirou.

"Está indo mais ou menos como eu esperava", pensei vagamente, levantando-me também do sofá e deixando para trás o nosso ramen meio comido.

“Mas e aquela garota, Aoii?”, disse Zerozaki apaticamente enquanto caminhávamos para oeste pela Rua Shijo. “Parece bem óbvio que ela está a fim de você.”

"O que?"

Não pude deixar de me surpreender com essa mudança repentina no rumo da nossa conversa.

Já passava da meia-noite, o que significava que era segunda-feira, dia dezesseis. Mesmo na Rua Shijo, uma importante via leste-oeste, o trânsito estava escasso. De vez em quando, cruzávamos com um grupo de estudantes universitários (provavelmente voltando para casa depois de beber), mas as calçadas estavam praticamente vazias.

Percebi que no dia seguinte eu tinha que ir para a escola. E logo na primeira aula. Para piorar, era minha aula de língua estrangeira (eles sempre faziam chamada). Parecia que eu ia virar a noite estudando.

“Hum, do que estávamos falando mesmo?”

“Aquela garota, Aoii”, repetiu Zerozaki, franzindo a testa para mim. “Pelo que você está dizendo, ela deve estar a fim de você.”

“De jeito nenhum. O que poderia ter te dado uma ideia tão idiota? Não é típico de você. Quer dizer, ela já tem namorado mesmo.”

“Ou não.”

“Ah, é mesmo.” Ela pode ou não ter me dito isso. “Mesmo assim, acho que não é o caso. Quer dizer, ela parece gostar de mim, mas só daquele jeito que as pessoas acham animais adoráveis. E ela

provavelmente me vê como uma iguana ou algo da família dos répteis. É tipo, ‘ *Ah, que fofo* ’” .

“Uma iguana? Então isso faz de mim um camaleão.” Zerozaki deu uma gargalhada por um tempo antes de voltar ao seu tom sério para dizer: “Por exemplo. Ela sabia seu endereço, não é? Isso é extremamente suspeito. Quem se dá ao trabalho de descobrir o endereço de alguém por quem nem sente uma queda?”

“Ela não precisava. Estava registrado na turma.”

"Pronto. Você não me disse que estava viajando quando as aulas começaram? Você perdeu sua... orientação? Seja lá como você chama essas aulas, você chegou com uma semana de atraso. Você não estava presente quando fizeram o registro, então seu endereço não podia estar nele."

“Ah.”

Que descuido! Eu certamente não me lembro de ter dito meu endereço a ninguém, então não havia como meu prédio antigo estar cadastrado. Ninguém na Universidade Rokumeikan deveria saber onde eu morava.

“Mas a Mikoko alegou que tirou o número da lista de endereços”, eu disse. “Será que foi só um mal-entendido? Mas mal-entendidos assim não acontecem, né? Acho que ela mentiu para mim.”

“Bem, não foi bem uma mentira, mas sim uma desculpa. Provavelmente ela te seguiu até em casa um dia.”

“Se ela fizesse isso, eu perceberia.”

“Talvez. De qualquer forma, digamos que ela descobriu seu endereço por meios bastante ilegítimos. Ela não podia lhe dizer a verdade, então simplesmente soltou alguma coisa sobre o registro.”

“Hum-hum.”

"Agora vamos pensar nisso. Alguma garota chegaria a esse ponto para descobrir o endereço de um cara aleatório? Você talvez não duvidasse da capacidade de um cara disso, mas estamos falando de uma garota."

Zerozaki esboçou um sorriso desagradável.

"Humph", resmunguei. "Você sempre age como se soubesse o que está acontecendo."

“O que posso dizer? É quem eu sou.”

“Ainda acho que você está errado sobre isso. Tenho certeza absoluta.”

"Que coisa! Por que você tem tanta certeza?"

“Quer dizer, ela age como se me odiasse.”

"Hã?" A expressão facial de Zerozaki por si só deixava claro que ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo. "Vamos lá, pelo menos se lembre do que você mesmo disse. Você não acabou de dizer que a Aoii gosta de você? Então, do que diabos você está falando agora?"

“Espere aí, isso não é uma contradição. Eu tenho uma visão meio dualista ou booleana do mundo. Quer que eu explique? Em outras palavras… Imagine um carro trafegando nesta estrada. Digamos que ele esteja a quarenta quilômetros por hora.”

"Tudo bem. Quer que eu diga se isso é rápido ou lento?"

“Sim. Qual você acha?”

“Está lento, não é? A esta hora da noite poderia estar mais rápido.”

"Certo, imagine isso em velocidade máxima. Não sei muito sobre a capacidade dos automóveis, mas certamente pode viajar a cento e sessenta quilômetros por hora com o acelerador no máximo. Isso é

rápido?"

“A velocidade funciona para mim.”

“Finalmente, imagine o carro parado. E agora?”

“'E agora?'” Zerozaki abriu os braços. “Se não está se movendo, não é rápido nem lento.”

“Mas se você tivesse que dizer?”

“Bem, lento, eu acho. Não dá para chamar de rápido algo que não está se movendo.”

"Certo. Agora, vamos voltar à pergunta inicial: 40 quilômetros por hora é rápido ou lento? Eu diria o seguinte: '40 quilômetros por hora é rápido e 120 quilômetros por hora é lento.'"

“Ah.” Zerozaki assentiu com convicção, a bochecha do lado tatuado do rosto se contorcendo em um sorriso. “Então, da sua perspectiva, o que Aoii pensa de você?”

“Sim. Na minha opinião, ela gosta de mim setenta por cento e me odeia cinquenta por cento.”

“Entendo, e isso não significa que ela goste de você vinte anos.”

De fato. As operações aritméticas eram uma racionalização que não conseguia lidar com as emoções humanas. Pior ainda, os números eram fluidos, mudando de lugar ou se multiplicando com relativa facilidade. Um observador só podia expressá-los como valores médios.

“Certo, e você?” perguntou Zerozaki.

"Huh?"

“Você. O quanto você gosta e odeia a Aoii?”

“Gosto do zero dela e odeio o zero dela.”

"Uau..." Zerozaki conseguiu dizer, recuando um pouco em surpresa. "Cara, você é brutal."

“Diz o assassino em série?”

"Cala a boca, espectador."

Gostei e odiei o zero dela.

Você poderia chamar isso de indiferença.

Claro, o que eu lhe disse foi um pouco exagerado e hiperbólico, mas isso não significa que não houvesse verdade nisso.

Sou uma pessoa tão fria e insensível.

Tanto que eu poderia matar uma pessoa simplesmente por estar viva.

Eu era tão brutal quanto Zerozaki me descrevia.

Mas era algo conceitual, não emocional.

Eu simplesmente não demonstrava interesse em nutrir sentimentos por um estranho.

“Isso é totalmente…”

"Total."

“Uma confusão total”, disse Zerozaki, rindo.

"Bobagem." Eu não ri.

“Bem, falando em termos menos intelectuais, você não sente atração por ninguém?”

“Hum. Eu realmente não sei.”

“Mas estamos falando de você?”

“Porque estamos falando de mim.”

“Ah, entendi. Afinal, você é o observador passivo. Você entende os outros melhor do que a si mesmo. É aquela coisa de que você não consegue ser seu próprio observador. Hum… qual era mesmo? O princípio da incerteza? Mecânica quântica? O gato do doppelgänger?”

“Não é um sósia.”

“Ah, então quem? Já que se trata de matemática, só pode ser um alemão…”

Ao expressar esse preconceito chocante, Zerozaki ponderou sobre o assunto por um tempo, mas, no fim, não conseguia se lembrar de quem era o gato. *"Droga!",* praguejou, dando um tapa na própria bochecha esquerda. Isso pareceu aliviá-lo.

“Certo”, disse ele. “Eis a minha conclusão: você tem uma atitude péssima.”

“Isso provavelmente está correto. Mas…”

Mas.

Como eu pretendia continuar aquela frase? Será que eu ia dizer o nome de alguém? Claro que sim. Mas de quem poderia ter sido, eu não sei.

“…No fim das contas, é um absurdo.”

“Hum, isso é tipo, sua rota de fuga?”

Como se minha resposta incrivelmente tardia o tivesse deixado sem fôlego, Zerozaki deixou todo o tronco cair. Embora não na mesma medida que Mikoko, parecia que ele também tinha reações exageradas.

“Por outro lado, eu também sou meio assim… Ou melhor, eu sou assim”, admitiu ele.

Chegamos ao cruzamento de Nishioji-Shijo. A estação Hankyu Saiin era visível ao sul. Claro, o último trem já havia partido há muito tempo, então até mesmo a área em frente à estação estava deserta. Viramos para o norte. Se continuássemos até Maruta-machi, chegaríamos à casa de Tomoe.

"Talvez devêssemos ter chamado um táxi", pensei. "Ainda estamos só na metade do caminho."

“É um desperdício de dinheiro. Quer dizer, eu não tenho dinheiro nenhum. Ou você ia pagar?”

“Não. Nenhum estudante em Kyoto anda de táxi.”

“Hum. Eu não sou estudante, então não saberia dizer.”

De repente, uma dúvida me surgiu. Imaginando o olhar severo de Sasaki, perguntei ao assassino em série ao meu lado: "Você não é procurado? Pela polícia de Kyoto?"

“Acho que não. Ninguém nunca tentou falar comigo, e ninguém nunca me seguiu. Mas eu já segui muita gente”, afirmou.

Me surpreendeu que alguém que se destacava tanto — embora talvez não em Tóquio, ele devia ser o único em Kyoto com uma tatuagem que cobria metade do rosto — não tivesse sido preso. Por outro lado, pensando bem, o fato de ele se destacar ou não provavelmente não era tão relevante assim.

“Então vamos para a casa do Emoto e tudo mais.”

“E daí?”

“Você já não deduziu praticamente tudo o que aconteceu? Quero dizer, quem é o assassino e essas coisas?”

“Supôs…”

Repeti o que Zerozaki disse. Será que esse estado contava como ter deduzido alguma coisa?

“Sinto muito em desapontá-lo”, respondi, “mas a verdade é que realmente não sei no momento. Não sou nenhum detetive renomado de romance policial ou série de TV…”

Detetive renomado. Empreiteiro vermelho.

“…Ou qualquer coisa.”

“Claro”, Zerozaki cedeu mais rápido do que eu esperava.

“Mas a verdade é que também não acho que seja impossível descobrir. Ela foi estrangulada. Em um quarto, com uma estimativa precisa do horário da morte. Todos os suspeitos têm álibis. Talvez com

apenas mais algumas pistas…” Na verdade, Kunagisa estava coletando essas *informações e eu* mesmo estava a caminho para fazer o mesmo.

“Poderia ter sido um assalto aleatório?”

“Bem, tecnicamente, mas os policiais não pareciam pensar assim.” Havia algo muito incomum tanto em Sasaki quanto em Kazuhito. Pessoas como eles não seriam enviadas para lidar com um simples caso de roubo seguido de homicídio. Pelo menos, era o que eu suspeitava.

“Hum.” Zerozaki franziu a testa, como se estivesse descontente. “Mas não vejo por que você precisa se dar ao trabalho de investigar isso. Quer dizer, existe alguma necessidade, ou alguma razão para isso?”

“Não exatamente. Escuta, ninguém está te obrigando a vir. Por que você não vai esquartejar mais algumas pessoas?”

“Não, tudo bem. Não estou no clima hoje.” Ele levou minha provocação mais a sério do que eu pretendia. “Além disso, fui eu quem sugeriu.”

Em tempo oportuno, chegamos ao apartamento de Tomoe.

Aparentemente, a polícia já havia passado, e o local estava tão silencioso quanto uma estação de trem. Atravessamos a porta automática e entramos no saguão principal.

Então, então□

“Ah, certo. Você precisa de um cartão-chave com fechadura automática para entrar…”

“O que vamos fazer?”, perguntou Zerozaki.

“Isto.” Dei um passo à frente dele e digitei um número de quarto aleatório no interfone.

"Olá?"

"Hum, eu sou do quarto 302. Me desculpe incomodar, mas esqueci meu cartão no quarto. Você se importaria de abrir a porta para mim?"

“Ah, certamente.”

K-chunk abriu a porta de vidro.

"Agradeço", agradeci ao completo estranho, e Zerozaki e eu rapidamente entramos no prédio.

“Você mente assim, sem mais nem menos, é?” comentou meu companheiro.

“É quem eu sou.”

Entramos no elevador e subimos até o sexto andar. Enquanto caminhávamos pelo corredor, tirei um par de luvas brancas finas do bolso e as coloquei nas mãos.

“Com licença”, perguntou Zerozaki, “você os trouxe só para isso?”

“Sim. Esse era o plano.”

"Uau!", exclamou ele, maravilhado, tirando as próprias luvas do bolso do colete e trocando-as pelas luvas sem dedos que usava. Provavelmente as carregava consigo o tempo todo, dada a sua reação.

Chegamos em frente ao quarto de Tomoe. Quando tentei girar a maçaneta, a porta estava trancada, como esperado.

“Como você propõe que resolvamos isso?”

“Na verdade, eu não tinha pensado nisso”, confessei. “Alguma ideia?”

“Nossa…”

Desta vez, com um tom de espanto, Zerozaki tirou do bolso do colete uma faca fina, praticamente uma sovela, e a enfiou na fechadura. Sacudiu-a para a esquerda e para a direita até ouvir um clique, indicando que estava encaixada. Em seguida, retirou a faca,

girou-a uma vez na mão e a guardou novamente no colete.

Girando e puxando a maçaneta, ele disse: "Estava aberto".

“Que insegurança.”

“Com certeza. O assassino em série pode estar em qualquer lugar.”

Demos de ombros um para o outro e entramos.

Caminhando pelo corredor entre a cozinha e o banheiro, passamos pela porta no final. O cômodo não havia mudado muito desde minha visita de sábado. Parecia que as coisas tinham sido reorganizadas um pouco, mas isso provavelmente se devia à perícia da cena do crime.

E então havia o centro da sala.

Tiras de fita adesiva branca formavam o contorno de uma pessoa.

"Nossa", exclamou Zerozaki, divertido. "Então eles realmente fazem isso. Parece coisa de série de TV ou mangá. Ei, aquela garota, Emoto, tinha quase o mesmo porte físico que eu."

“Parece que sim.”

Tomoe era bem pequena, mesmo para uma mulher, mas Zerozaki era ridiculamente franzino para um homem. Eles não tinham exatamente o mesmo tamanho, mas provavelmente caberiam facilmente nas roupas um do outro.

“Aliás, eu prefiro garotas altas”, disse ele.

"Realmente?"

“Sim. Mas garotas altas não gostam de caras baixos, né?”

“Mas nenhuma das suas seis vítimas era alta.”

"Quem é que sai por aí matando as garotas por quem está apaixonado, seu idiota?", retrucou ele, furioso. Parecia que eu tinha tocado num assunto delicado.

No entanto.

Meu olhar voltou-se para a fita no chão. Estrangulada por alguém, Tomoe deve ter desabado ali, exalando seu último suspiro… Mas a fita mal capturava a realidade da situação.

Olhei para Zerozaki e o encontrei imerso em oração silenciosa. Seus olhos estavam fechados e ele havia juntado as mãos em frente ao peito.

"…"

Refleti por um instante antes de decidir fazer o mesmo.

Em seguida, comecei a inspecionar novamente a área ao redor da fita.

"Hum."

Havia algo à direita da figura humana. Estava escuro, então eu não conseguia ver muito bem (e não podíamos simplesmente acender a luz), mas consegui distinguir um pequeno anel feito de fita adesiva preta.

Ao que tudo indica, eles marcaram o local durante a investigação.

"O que é isso? Talvez algum objeto estivesse no chão aqui?"

"Não, olhe mais de perto." Zerozaki se agachou ao meu lado. "Tem algo escrito aqui."

"Droga, eu queria que tivéssemos um pouco mais de luz."

"Aguarde só mais um pouco. Seus olhos se ajustarão em breve."

Seu conselho partia do pressuposto de que estávamos trabalhando em nosso próprio ritmo, mas naquele momento era nossa única opção.

Com o tempo, meus olhos começaram a se ajustar.

Tapete fino.

Em sua superfície havia letras vermelhas.

"… *x* sobre *y* ?" dissemos nós dois.

A letra *x* estava escrita em letra cursiva. Abaixo dela havia uma linha diagonal, e depois a letra *y,* também em cursiva. Era ilegível, então era preciso se esforçar para decifrá-la, mas não parecia que pudesse significar outra coisa.

“Quanto é *x* dividido por *y* ?”, perguntou Zerozaki.

"Não faço a mínima ideia."

"Está vermelho porque foi escrito com sangue?"

“Não, parece ser algum tipo de tinta à base de óleo”, respondi e me levantei.

Escrita estranha ao lado da mão direita do corpo.

Seria essa uma suposta mensagem de despedida?

"Ei, na verdade não sabemos se esta é a mão direita. Não conseguimos determinar se o corpo estava com o rosto para cima ou para baixo apenas olhando para esta gravação."

“Ah, certo. Mas, Zerozaki, você não poderia escrever isso se estivesse de frente para a câmera. Não que Tomoe tenha sido necessariamente quem escreveu.”

“Hum, verdade. Então existe a possibilidade de o assassino ter deixado isso. Então, o que é essa besteira de ' *x* sobre *y* '? Matemática? Mas isso não é uma equação. Não dá para ir além disso.”

“Talvez quem escreveu não tenha terminado.”

“Se for esse o caso, estamos praticamente num beco sem saída. Nem consigo imaginar para onde a fórmula estava caminhando.”

Zerozaki caminhou até uma parede, sentou-se e encostou-se nela.

"Estou com sono", disse ele, dando um grande bocejo. "Conseguiu descobrir alguma coisa?"

“Uma mensagem de despedida seria um bom achado. Vamos ver…” Examinei o cômodo. Não havia sinais de luta. Pelo que pude

ver, nada estava quebrado ou faltando. “É, acho que não foi um assalto.”

Seria por rancor, então? Mas o que uma garota que completou vinte anos apenas dois dias antes poderia ter feito para inspirar tanto ódio?

Continuei examinando o quarto, pensativo. Claro, a polícia devia ter sido minuciosa, mas para preencher as lacunas da minha imaginação, ver a cena do crime com meus próprios olhos era essencial.

Para mais tarde.

“Sabe…” comentou Zerozaki, observando-me movimentar-me.

A julgar pela sua atitude, não parecia que ele pretendia me ajudar mais. Não que eu esperasse que ele o fizesse. Não sou tão oportunista a ponto de esperar algo da superfície da água.

“Você parece estranhamente acostumado com isso.”

“Bem, eu tenho experiência.”

"O que um jovem de vinte anos poderia ter vivenciado na vida para ficar tão devastado? Não consigo nem imaginar."

"Não quero ouvir isso de um assassino em série, mas vou deixar para lá. Acho que simplesmente não tenho levado uma vida decente. Ou melhor, minha vida tem sido decente, mas eu não tenho levado uma vida decente."

“Hum. Bem, eu não gosto muito de mim mesmo”, disse ele secamente para as minhas costas, “mas vendo você, percebo que não sou tão ruim assim.”

“Essa é a minha frase. Posso ser um fracassado, mas não sou nada comparado a você. Quando penso dessa forma, é até um alívio.”

"Eu me pergunto."

" *Eu me* pergunto."

“Diga… Por que as pessoas morrem?”

“Porque você os mata.”

“Claro, mas além disso... Hum, o que é mesmo? Apoptose? Evolução? Genes? Células cancerígenas? Suicídio celular? Esse tipo de coisa, como os limites da nossa funcionalidade.”

"Pensando bem, ouvi dizer que a expectativa de vida máxima de um ser humano gira em torno de cento e dez anos, independentemente da época ou região."

"Huh."

“A questão fundamental é a diversidade orgânica. De qualquer forma, por que sobreviver por tanto tempo? Não acho que faça sentido ficar por aqui por dois ou três séculos. Vivi por dezenove anos e dois meses, mas, francamente, já chega.”

Você está entediado?

“Não, é mais como se eu não aguentasse mais. Por enquanto ainda estou bem, mas nesse ritmo… É, daqui a alguns anos, minha capacidade de processar a realidade pode chegar ao limite.”

"Hah, mas não é uma daquelas coisas que acontecem? Tenho certeza de que você pensou a mesma coisa quando tinha quatorze anos. Tipo, 'daqui a alguns anos terei cometido suicídio'."

"Eu pensei nisso. Mas não tive coragem de levar adiante."

"Frango."

“É, bem. Eu sempre quis ser um pássaro.”

“Não é uma galinha, aposto. Elas nem conseguem voar.”

“Estou brincando. Mas também acho que nenhum ser humano que tenha vivido por dez ou vinte anos e não seja apenas um maluco qualquer escapa de contemplar a morte e o divino.”

“A Morte e Deus, hein?”

“Sim. Normalmente, porém, ele já aprendeu sobre a vida antes. Viver é indispensável para pensar na morte, então, antes de contemplar a morte, é preciso se familiarizar com a vida. Como sempre nos dizem: 'Se você quer matar alguém, o alvo, seja quem for, precisa estar vivo para começar.' Não importa o quanto eu me esforce, não consigo matar John Lennon.”

Nem Tomoe Emoto.

“Então, Zerozaki. O que significa estar vivo?”

"Seu coração ainda está batendo?", brincou ele, sem dúvida sem querer dizer isso.

“Errado”, eu lhe disse. “Apresentar sinais de vida e estar vivo não são a mesma coisa. Mas, deixando isso de lado, se existisse uma pessoa que aprendesse sobre a morte antes de aprender sobre a vida, que tipo de ser humano ela se tornaria? Poderíamos sequer chamá-la de membro da espécie *Homo sapiens* ? Ser um organismo, mas pensar na morte, lamentar o fim sem sequer tê-lo começado. Como rotularíamos tal existência?”

“Esse seria o próprio Ceifador. Se não, então…” Com um olhar inquisitivo, e como que hesitando, Zerozaki apontou o dedo para mim em vez de terminar a frase. De fato, não havia necessidade de dizer isso com palavras.

“Bem, acabou a minha esperança”, resumi. Uma rota de fuga.

"Hum, eu sei que já perguntei, mas existe algum motivo para você estar se dando a todo esse trabalho... entrando ilegalmente neste apartamento, e mais do que isso, um mero espectador passivo como você se envolvendo nisso... para investigar este caso?"

"Sim, existe", respondi. Eu pretendia dizer não, mas por algum

motivo uma confirmação escapou da minha boca. Não sei bem o que eu realmente pensava sobre isso.

“Hum… Você não gosta nem desgosta da Aoii, certo? Que outro motivo você teria para levantar a bunda da cadeira? Os outros três não passam de figurantes… Ah, entendi.” Uma ideia pareceu surgir na mente de Zerozaki enquanto ele falava, e ele bateu palmas. “É para a Tomoe Emoto.”

Tomoe.

Uma pobre menina brutalmente assassinada logo após comemorar seu aniversário.

Isso por si só não teria me comovido. Uma criança faminta sendo assassinada a tiros do outro lado do mundo me deixou impassível. Um terremoto em algum país distante, matando dezenas de milhares de pessoas, não me causou nenhuma reação. Uma série de assassinatos ocorrendo na cidade onde eu morava não me afetava. Minha natureza não era tão tolerante a ponto de suportar a contradição de um cara como eu sentir tristeza, compaixão e fúria apenas quando um conhecido morria perto de mim.

No entanto.

Sempre havia exceções.

"Eu esperava poder conversar um pouco mais com Tomoe Emoto", eu disse.

“…”

“É só isso, na verdade.”

Entendo", assentiu Zerozaki. "De qualquer forma, vai ser uma farra, com certeza."

De fato, como ele salientou, não era necessário que eu me desse a todo esse trabalho, e mesmo que não fosse algo totalmente atípico,

certamente não era do meu feitio.

Percebi que estava sendo estúpido. Só não achava que estava errado.

Fahh, Zerozaki bocejou novamente.

“Se você estiver entediado, pode ir embora.” Na verdade, ele só ia me atrapalhar.

Mas o rapaz balançou a cabeça levemente. "Tudo bem... Além disso, como você pretende trancar sem mim?"

“Na verdade, sou bom em trancar portas sem chave.”

“Que habilidade inútil…”

É claro que eu estava brincando.

Zerozaki fechou os olhos e começou a cochilar. Era como observar meu próprio rosto adormecido, uma sensação bizarra e estranha, mas continuei examinando o quarto de Tomoe até as quatro da manhã. Não encontrei nada que pudesse servir de pista.

"Ainda…"

Talvez não importasse. Na verdade, na metade do caminho, eu já tinha perdido a vontade de procurar e encontrar qualquer coisa e passei a maior parte do tempo encarando a fita adesiva representando a pessoa.

E relembrando o passado.

Sobre as horas que passei aqui no sábado à noite.

Simplesmente horas de barulho, ridículas e sem sentido.

Se me permitem falar como um romântico, talvez esta tenha sido minha homenagem a Tomoe. Tal interpretação certamente não combinava comigo, mas senti que talvez não fosse tão ruim pensar assim — pelo menos por enquanto.

“Ok, vamos lá.”

“Satisfeito?”

"Sim."

"Eu vejo."

Saímos do prédio, e Zerozaki e eu seguimos caminhos separados.

Não houve palavras de despedida.

Nem temos planos para o nosso próximo encontro.

Chapter 4

RED VIOLENCE

—(Stress Through Transgres

JUN AIKAWA

Humanity's Strongest Contractor

0

Não tem significado nenhum.

Entendi.

Entendi.

Entendi.

Entendi?

1

Quarta-feira, 18 de maio.

Com o fim da segunda aula, começou o intervalo da tarde. Eu sempre pulava o almoço nos dias em que tinha aula no segundo período, porque o refeitório ficava lotado. Em vez disso, ia direto para a minha aula de orientação.

Orientação.

Colegas de classe.

Mikoko Aoii, Muimi Atemiya, Akiharu Usami e Tomoe Emoto…

Eu não tinha visto nenhum dos quatro desde domingo. Não era coincidência; muito provavelmente, nenhum deles tinha ido à escola. Tomoe tinha seus motivos, por assim dizer, mas os outros três não estavam mortos nem assassinados. Talvez o que aconteceu com Tomoe fosse a causa da ausência deles, ou talvez fosse apenas o comportamento típico de universitários depois da Semana Dourada.

As coisas não tinham progredido. A dupla de detetives — Sasaki e

Kazuhito — não tinha aparecido novamente no meu apartamento, meus três colegas de classe não tinham entrado em contato comigo e eu ainda estava esperando notícias de Kunagisa. É claro que eu também não tinha me encontrado com Zerozaki novamente.

Como alguém que não lê jornais nem assiste televisão, eu naturalmente não fazia ideia da repercussão (ou da falta dela) que a morte de Tomoe havia atraído na imprensa. Também não sabia se o invasor havia atacado novamente nos últimos três dias.

Não senti nenhum desejo particular de saber.

Eu estava apenas esperando.

Eu estava acostumado a esperar.

"Nossa, que calor... Será que estou parecendo uma lesma?", murmurei enquanto atravessava o campus, do Meigaku Hall para o Yoyow Hall. A caminhada era de menos de cem metros, mas mesmo assim, exaustiva. Já tinha ouvido falar de climas escaldantes, mas não imaginava que existissem de verdade. Nem Kobe nem Houston tinham sido tão ruins assim. Esse era o tipo de calor e umidade sufocante típico de cidades de planície. Lutei para suportar enquanto minhas pernas me carregavam. Subi uma escada que me levou diretamente ao segundo andar do Yoyow Hall e, finalmente, pude respirar fundo.

Então.

Avistei alguém familiar.

Não foi por me ser familiar que a notei. Na verdade, meus olhos foram atraídos por ela, contrariando meu bom senso, por sua blusa rosa-choque extravagante. Ela não se camuflava exatamente com o ambiente.

Aquela selvagem morena. Se ela estivesse agachada na frente de uma loja de conveniência como uma delinquente, a imagem estaria

completa.

Muimi Atemiya.

Ela estava conversando com um rapaz, provavelmente um colega de classe. Pensando que seria um pouco inconveniente interromper, tentei passar por ela sem ser notado.

"Ei, Ikkun!", ela me chamou.

“E aí”, cumprimentou-me informalmente o colega dela. Ele tinha cabelo castanho claro e um sorriso tranquilo e descontraído. Espera aí, quem era mesmo? Eu não conhecia nenhum surfista despreocupado, conhecia? Será que ele era da nossa turma de integração?

“Quanto tempo!”, disse Muimi com um leve sorriso. “Hum… Nossa, que situação meio constrangedora. Como você tem estado desde então?”

“Tenho vindo à escola normalmente.”

“Ah… Heh, bem, acho que sim.” Ela sorriu, mas pareceu um pouco forçado. Ela parecia exausta, o que provavelmente não era forçado.

“E você?” perguntei. “O que você tem feito? Não te vi na escola.”

“Hum, como posso dizer…” Ela parecia não encontrar as palavras. Imaginei que ela se sentisse desconfortável por parecer vulnerável. Eu não sou esse tipo de pessoa, mas o sentimento não estava além da minha compreensão.

“Bom, preciso me preparar para uma apresentação. Hora de ir embora. Até mais”, disse o rapaz e saiu correndo em direção a uma escada.

"Que filho da puta enérgico", murmurou Muimi, seguindo-o com os olhos. "Ele é totalmente preguiçoso até que surja uma oportunidade de ser o centro das atenções. A orientação de hoje promete ser um

espetáculo. Hehehe, estarei assistindo da primeira fila."

“Hum. Então ele é nosso colega de classe, afinal.”

Muimi ficou paralisada por alguns segundos antes de virar a cabeça rigidamente na minha direção, como se seu pescoço precisasse de uma troca de óleo. Quase esperei ouvir um rangido.

“Não me diga que você se esqueceu”, disse ela.

“Hum? Ah, então a Mikoko não te contou? Eu tenho uma memória péssima, então não sei quem está na nossa sala. Mas talvez eu me lembre se ouvir o nome dele.”

Muimi não me respondeu de imediato. Ela me encarou em choque por um tempo antes de abrir a boca. "Era Akiharu Usami."

"Oh."

Sim.

Não admira que ela tenha ficado chocada.

“Ele causa tão pouca impressão assim?”

"Bem, menos do que você, de qualquer forma. Não é como se ele andasse por aí usando camisetas rosa-choque" — era isso que eu queria dizer, mas me contive. Muimi devia ser o tipo de pessoa que te daria uma surra de verdade quando você a irritasse. E eu não achava que me safaria com apenas um ou dois socos. Se eu a provocasse como fiz com a Mikoko, estaria ferrado.

"A culpa é da minha memória, só isso", respondi.

“Se você realmente pensa assim, por que não faz algo a respeito?”

“Bem, essa questão da má impressão também pode ser um problema. Ele não é tão maluco quanto a Mikoko. Conheço muita gente excêntrica. Aliás, isso dá a entender que conheço muita gente. Correção. Os únicos conhecidos que tenho são excêntricos, então as pessoas comuns simplesmente passam despercebidas.”

“Pessoas comuns, né?” Muimi me presenteou com uma risadinha maliciosa.

"O quê? Eu disse alguma coisa engraçada?"

“Não, não, não. Mas você é surpreendentemente péssimo em julgar o caráter das pessoas.”

"Huh?"

“O Akiharu tem uma personalidade mais cruel do que você imagina”, disse ela de um jeito estranhamente sutil, enquanto olhava na direção para onde ele tinha ido momentos antes. “Bem, você vai perceber isso eventualmente… Eventualmente.” Algo em seu tom suave sugeria que suas palavras tinham um significado mais profundo, mas um instante depois sua expressão facial mudou como se alguém tivesse apertado um botão de controle remoto. Ela se virou para mim novamente. “Isso é perfeito”, disse ela. “Eu queria conversar com você. Vamos conversar no lounge.”

Ela começou a andar sem esperar minha resposta. Se fôssemos em frente e virássemos à direita, chegaríamos ao salão dos estudantes. Imaginei se estaria lotado, já que era meio da tarde, mas olhando pela janela, pude ver que, por algum motivo, havia menos assentos ocupados do que vazios. Havia uma placa pendurada na porta com a inscrição *"Não Fique* em Pé" em letras góticas vermelhas. Era uma brincadeira que um estudante havia feito alguns anos atrás — com outro caractere, teria se lido " *Não Entre"* — e ninguém mais se importava em questionar. Consequentemente, ninguém se deu ao trabalho de se livrar dela também.

Entramos no salão e Muimi sentou-se. O lugar estava cheio de fumaça de cigarro. Muimi deu uma tragada e imediatamente levou a mão ao bolso, mas se conteve a tempo. Era gentil da parte dela seguir

sua regra com tanta rigidez, mas em um lugar já tão cheio de fumaça, não fazia muita diferença para mim se ela se abstivesse do hábito. Mas eu sabia que, mesmo se eu lhe dissesse para continuar, ela simplesmente diria: "Não, eu fiz uma promessa a mim mesma", então me sentei sem dizer uma palavra.

“Então, sobre o que você queria conversar?”

“Não se faça de desentendido. Qual é a única coisa que nós dois precisaríamos discutir?”

“Tomoe?”

“Mikoko.” Ela se inclinou para a frente, apoiando os braços na mesa, e me encarou com um olhar fulminante. Não fui tão ingênuo a ponto de relaxar diante daquele olhar. “Você viu a Mikoko desde então?”

"Desde quando?"

“Eu te disse para não se fazer de desentendido. A polícia também deve ter te feito uma visita.”

"Claro..." Lembrei-me do meu encontro com Sasaki e Kazuhito, mas, para ser sincera, não era um par em que eu quisesse pensar muito. "Então eles também te visitaram?", perguntei.

“Sim. Uma dupla meio desagradável.”

“Um homem e uma mulher?”

“Sim. O cara parecia saído de *Arquivo X,* e a mulher parecia frequentadora assídua de prisões clandestinas. Policiais comuns já me irritam, então encarar esses dois… Bem, mas isso é outra história.” Ela endireitou a postura. “Ontem foi o funeral da Tomoe.”

Muimi olhou para mim de forma acusadora.

“Você não veio.”

“Bem, ninguém me contou sobre isso.”

“Mikoko também não foi. Mas eu e Akiharu fomos.”

"Quer dizer, o que se pode fazer? A morte dela deve ter sido um grande choque."

"Deve ter sido. Você fala como se não tivesse nada a ver com você."

Não, eu me contive para não dizer. Ah, a arte do tato.

"Você não está nem um pouco chocada com o assassinato de Tomoe?", insistiu Muimi.

“Fiquei bastante surpreso quando soube da notícia, mas depois de três dias, hum, como é que se diz? Limpar as gavetas do coração? O passado são apenas memórias.”

“Como amiga da Tomoe, eu queria ficar brava com você, mas você tem razão”, disse Muimi, com um tom de autodepreciação. “Acho que o coração humano é convenientemente construído. Principalmente para alguém com a pele grossa como eu. Faz apenas três dias e eu já consigo voltar para a escola. Mas foi realmente devastador no começo. Eu a tinha visto, e então…”

Ela estalou os dedos.

E então, silêncio. Um clima que não era tanto constrangedor, mas doloroso e insuportável, pairou entre nós.

Eu disse: "Akiharu... parece ter se recuperado até certo ponto, com base em como ele estava agindo agora há pouco."

“Era assim que ele estava?”

"Eu pensei assim."

“Se você fez isso, ótimo.”

Novamente, ela parecia estar insinuando algo, como quando disse: " *Akiharu tem uma personalidade mais cruel do que você pensa".*

O que ela estava querendo dizer com isso?

Ela mudou de assunto antes que eu pudesse entender. "Aparentemente, você foi a última pessoa a ouvir a voz de Tomoe."

“Sim. Embora tenha sido por telefone. Você ouviu isso da Mikoko? Ou dos detetives?”

“Mikoko”, disse ela, assentindo com a cabeça. “Fui à casa dela ontem depois do funeral, mas… acho que ela precisa de mais tempo para se recuperar.”

“Ah.”

“Isso não te incomoda?”

“Hã? O que você quer dizer?”

Você acabou de ouvir que Mikoko está se sentindo triste, e eu estou perguntando se isso te incomoda.

“Vocês estão mesmo obcecados com isso. Quer dizer, todos vocês.”

Muimi pareceu um pouco confusa com *todos vocês,* mas soltou um longo suspiro e se espreguiçou. "Que completos ignorantes..."

“O quê? Não consegui entender direito.”

“Esquece. Olha, talvez eu esteja me intrometendo, e francamente, eu não sou desse tipo. No começo, eu era contra…”

"Huh?"

“Nada. Ok, então deixa eu te pedir um favor. É um favor simples, sem pegadinha. Só vai lá visitar a Mikoko, tá?”

Muimi tirou um pedaço de papel do bolso da camisa e me entregou. Nele estava escrito "Mikoko Aoii" foneticamente, e abaixo, seu endereço e número de telefone.

“Cara, essas letras são bem redondas”, eu disse. “Quem escreveu isso?”

"Meu."

“Ah…”

“Qual é a dessa expressão, como se você já esperasse essa resposta?”

“Ah, desculpe, não quis dizer nada com isso. Hum…” Desviei o olhar do bilhete para escapar do seu olhar e conferi o endereço da Mikoko. Horikawa Oike. Pensando bem, será que já ouvi esse nome antes? Parecia que sim, mas também como se eu estivesse descobrindo pela primeira vez. Não conseguia me lembrar. “É bem longe da escola. Acho que isso significa que ela vem de Vespa para cá.”

“Não, ônibus. Esta escola não permite bicicletas.”

“Não?”

Aliás, eu ia para o trabalho a pé. Eu tinha uma bicicleta, mas não a usava muito. Não que eu gostasse particularmente de caminhar, mas de alguma forma me agradava.

“Certo, então eu vou para a casa da Mikoko, e depois o quê?”

"Ela está triste, então tente animá-la. Coisas de sempre, como 'Não vai te fazer bem ficar aí se sentindo mal' e 'Não desanime'. Tenho certeza de que isso vai funcionar."

“O de sempre… Mas não seria melhor se viesse de você? Ah, mas acho que você já disse isso a ela ontem. Nem a melhor amiga dela conseguiu animá-la, então sou um caso perdido…”

“Não vou te julgar. Só vá lá, e tudo bem. Sério, é só isso que peço. Vá vê-la, diga uma ou duas palavras de incentivo e depois veja como as coisas se desenrolam.”

Seja lá o que isso signifique.

Mas eu realmente não tinha nenhum motivo para recusar, e era uma proposta relativamente conveniente, então acabei aceitando.

“Entendido. Tentarei passar aí hoje depois da aula.”

Nesse instante, tocou o sinal que indicava o início da terceira aula. *"Eita!",* disse Muimi com uma expressão no rosto. Provavelmente não transpareceu, mas eu me senti da mesma forma.

Inokawa-sensei, o Cérbero do Tempo.

“Ah, droga, era o sino.”

“Mesmo que sejamos agora, ficaremos com falta”, observei. “Na verdade, ele nem vai nos deixar entrar na sala de aula…”

"Que pena. Uma pena que vou perder a apresentação incrível do Akiharu, mas vamos matar aula."

Ela tomou uma decisão rápida. Hesitei por mais um instante, mas nenhum esforço mental seria capaz de fazer o tempo voltar, então desisti com um suspiro.

"E agora?" perguntou Muimi. "Quer ir comer?"

“O refeitório provavelmente ainda está lotado.”

“Ah, certo. Bem, quer ficar aqui e conversar mais um pouco?”

“Então, posso te perguntar uma coisa?” Decidi encarar isso como uma boa oportunidade. “Alguém teria guardado rancor de Tomoe?”

O rosto de Muimi imediatamente ficou sério. Era como se ela estivesse ponderando, ou melhor, confirmando mentalmente algo óbvio. Após essa demonstração de hesitação, ela declarou: “Não. Para ser franca, aquela garota não conseguiu *gerar rancor.* ”

"Incapaz... de guardar rancor? Uma expressão meio estranha. Quase parece uma tradução ruim."

"Acho que é verdade... Pelo menos, eu acho. Só a conheço desde o ensino médio, mas tenho quase certeza."

“Por falar nisso, como vocês se conhecem, afinal? Você disse que é amiga da Mikoko desde criança.”

“Eu e ela éramos amigas de infância, e depois conheci Akiharu e

Tomoe no ensino médio.”

“Ei, espere aí. Isso não é um pouco estranho?”

"O que é?"

“Mikoko tem dezenove anos e faz aniversário em abril. Tomoe acabou de completar vinte anos…”

“Ah, entendi. Tomoe repetiu um ano no ensino fundamental.”

“Ah…” Então ela não tinha entrado na faculdade atrasada nem voltado do exterior. Ela tinha repetido o ano. Eu nem tinha considerado essa possibilidade.

“Ela ficou internada por muito tempo… Precisou tirar cerca de seis meses de licença, e mesmo depois disso continuou faltando bastante. Simplesmente não havia registro de frequência. Aparentemente, ela estava muito doente. Segundo ela, quase morreu.”

Quase morri.

Morte.

Ter consciência da morte.

“Humph…” Tentei ao máximo parecer calma, mas talvez não tenha conseguido. “Entendo, então é isso.”

As raízes de Tomoe Emoto.

Assenti com a cabeça várias vezes, esperando que Muimi não percebesse.

“Então, de qualquer forma, somos nós quatro desde o ensino médio”, disse ela. “Parece que foi nessa época que Akiharu e Tomoe se conheceram também.”

“Certo. Continue.”

“Hum, ok. Então, em outras palavras, a Tomoe era muito boa em se adaptar. Ou espera… Talvez não seja isso. Se eu tivesse que dizer, talvez ela fosse como você.” Muimi apontou para mim duas vezes.

“Você já ouviu falar em *espaço pessoal* ? Bem, ela era extremamente boa em discernir isso. Ela conseguia se aproximar das pessoas até certo ponto, mas nunca ultrapassava esse limite. Ela nunca tocaria em seus pontos sensíveis e, além disso, nunca deixava ninguém tocar nos dela. Ela sempre mantinha uma distância cautelosa, nunca muito perto nem muito longe. Tipo uma espadachim mestre.”

“…”

Por um segundo, esse termo me fez pensar em Miiko.

“Embora Tomoe fosse minha amiga, não acho que ela tenha se aberto comigo. Também não acho que eu tenha sido de alguma ajuda para ela.”

“Duvido muito”, eu disse.

Minhas palavras não poderiam ter significado nada para Muimi. Até eu suspeitava disso. Independentemente de sua intuição estar certa ou não, provavelmente não estava muito longe da verdade.

Mas Muimi, você entendeu tudo errado. Isso é incrivelmente rude com a Tomoe. Se vocês eram amigas, você não deveria dizer uma coisa dessas.

Eu e Tomoe não éramos parecidas. Simplesmente seguíamos caminhos semelhantes. No entanto, em essência, éramos diferentes.

A pessoa com quem me identifico essencialmente é a assassina em série Muimi.

“De qualquer forma”, disse ela, “Tomoe era assim mesmo, então não poderia ter guardado rancor, nem mesmo por algo injustificado. Acho que posso afirmar isso com certeza.”

“Então, quem a matou?”

“Como se eu soubesse. Provavelmente aquele assassino em série.”

“O assassino em série usa facas. Se não me engano.”

"Tanto faz. Alguém a matou. Aqueles policiais pareciam bem

espertos, então tenho certeza de que encontrarão o culpado se deixarmos para lá. Não há nada que possamos fazer mesmo."

Ela tinha uma expressão severa que não combinava com seu comentário passivo. Suas próprias palavras provavelmente não lhe agradaram.

Sua querida amiga havia sido assassinada, não havia nada que ela pudesse fazer e ela se sentia impotente. Mas realmente estava além do seu controle. Eu achei que ela estava sendo completamente honesta ao dizer que não tinha ideia de quem poderia ser o assassino. Ela não tinha ninguém em quem direcionar sua raiva.

Hum.

"Que diabos todo mundo está fazendo?", reclamou ela, olhando para os alunos que passavam do lado de fora do salão. "Sério, o que diabos eles estão fazendo?"

"Todos?"

“Todo mundo. Todo mundo aqui. Que coisa mais sem graça… Eles só estão vivendo. Eles não estão mortos, só isso. Eles só estão vivendo.”

Eles estão apenas vivendo, ela repetiu mais uma vez.

Então ela se endireitou e disse: "Me poupe. Eles têm algum propósito? Todos eles. Um propósito para viver, um objetivo futuro — eles realmente têm isso?"

“Eles precisam ter. Cada pessoa é diferente. Se não tiverem nenhum, tudo bem também.”

“Não, não é disso que estou falando. Você não vê? Hum… Não é tão complicado. Veja eles, por exemplo.”

Muimi apontou para um grupo de garotas do outro lado do salão. Elas tinham um ar sofisticado e provavelmente eram do segundo ou

terceiro ano da faculdade. Eu não conseguia entender o que estavam dizendo, e mesmo que conseguisse, deviam estar falando sobre algo que eu jamais entenderia, mas de qualquer forma, elas estavam rindo e dando tapinhas nos ombros umas das outras com uma alegria contagiante.

“Agora, imagine que eu tivesse uma carabina de assalto nas mãos. Uma M4A1. Eu miraria e… Ratatatatat! O que aconteceria?”

Olhei para eles novamente. O riso deles era tão eufórico quanto antes, mas na minha mente, eu os via encharcados de sangue, seus corpos dilacerados, pedaços voando para fora da janela.

“Bem, suponho que eles morreriam.”

"Sim, provavelmente morreriam. Mas naquele momento, o que estariam pensando? Teriam algum arrependimento? Acho que não."

Ela os encarou com desprezo, mas nenhum deles percebeu. Estavam completamente absortos em sua própria conversa, a ponto de nem sequer olharem em nossa direção.

“Eles não sentiriam o menor arrependimento. Nada ficaria por fazer. Afinal, eles estão apenas vivendo suas vidas sem objetivos. O que eles poderiam deixar por fazer?”

“…”

"Claro, não estou dizendo que a vida é entediante. Ela tem seus momentos. Mas todas essas pessoas estão desesperadas — desesperadas por uma maneira de matar o tempo amanhã. Quando percebem o que estão pensando, tudo se resume a maneiras de matar o tempo. 'Como vou passar o amanhã? E o dia seguinte? Como posso matar 24 horas?' Como idiotas, elas se apressam desesperadamente para preencher suas agendas. Mas qual é o sentido? Qual é a vantagem disso? Nesse caso, o amanhã poderia muito bem não chegar.

Você precisa matar o tempo apenas porque está vivendo... Se você está apenas vivendo, pode muito bem morrer... É o que eu penso, de qualquer forma. Ah, desculpe, acho que isso foi meio estranho."

“Não, foi realmente interessante.”

Eu estava falando sério.

Muimi provavelmente também se perguntou

No final, o que aconteceu com Tomoe?

O que se passou pela cabeça de Tomoe no momento de seu assassinato? Para Muimi, que nunca conseguiu cruzar aquela linha e entrar no coração da amiga, isso permaneceria um mistério eterno. Mas se eu fosse simplesmente especular, se eu falasse da minha perspectiva como espectadora, apostaria que ela não era diferente das garotas eufóricas que estávamos observando: Tomoe morreu sem arrependimentos.

“Os refeitórios já devem estar um pouco mais vazios.” Muimi olhou para o relógio e se levantou. “Vamos comer alguma coisa. Se formos ao Salão Ryoyu, provavelmente encontraremos alguns lugares.”

"Ei, desculpe, mas você se importaria de ir sozinho? Eu não estou com muita fome."

Muimi inclinou a cabeça e disse: "Ah". Ela começou a andar, mas parou e olhou para trás, para mim. "A propósito, como você sabe que o aniversário da Mikoko é em abril e que ela tem dezenove anos?"

“Ela me contou.”

“Deixe-me reformular isso. Por que você se lembra? Sua memória é péssima. De jeito nenhum você se lembraria de detalhes assim.”

Foi uma pergunta grosseira, mas ela provavelmente tinha razão em duvidar de mim, considerando que eu havia esquecido

completamente o rosto de Akiharu. "Tenho meus motivos. Não vou entrar em detalhes."

"Ah, é?" Ela pareceu confusa, mas não insistiu no assunto.

“Deixe-me fazer uma última pergunta, Muimi. Você sabe quanto é *x* sobre *y* ?”

“Hum? Provavelmente significa *x* dividido por *y,* certo?”

"Certo."

“De que outra forma você interpretaria isso?”

“Não, esquece. Obrigado.”

“Do que se trata?”

“Essa foi a mensagem final de Tomoe. Eu também não sei o que significa.”

“Hum…” A frase *“mensagem de despedida ”* pareceu deixá-la um pouco desconfiada, mas, novamente, ela não insistiu. Após pensar um pouco, disse: “Bem, até logo. Não se esqueça da Mikoko.”

Levantando a mão, ela saiu da sala.

Acenei para ela em despedida.

De lá, fiquei um tempo no salão, sem pensar em nada em particular, meio desligado. Logo minha garganta começou a doer por causa da fumaça de cigarro, então saí. Quando coloquei a mão no bolso, senti um pedaço de papel. Tirei-o e vi que era o bilhete com o endereço da Mikoko que a Muimi tinha me dado.

“Acho que não tenho escolha…”

Talvez eu precisasse encarar isso como mais uma boa oportunidade.

Felizmente, a aula seguinte à orientação foi uma palestra onde não fizeram chamada. Hesitei por uns três segundos antes de decidir tirar férias por conta própria.

Quando eu morrer, não só não terei arrependimentos.

Eu ficaria aliviado.

Pensando assim□

Passei por várias pessoas que estavam simplesmente vivendo ali e saí do saguão.

O prédio de apartamentos de Mikoko em Horikawa Oike era ainda mais luxuoso e esplêndido que o de Tomoe. Era muito extravagante para uma simples estudante universitária; tinha um ar quase sublime.

“Então…”

O ônibus me deixou em frente ao prédio um pouco depois das duas horas. No entanto, naquele momento eram três e meia. Portanto, analisando os fatos objetivamente e racionalmente, isso significava que eu havia passado uma hora e meia constrangedora parado na entrada.

"O que ele estava fazendo todo esse tempo? Ora, ele estava tremendo de medo só de pensar em visitar uma garota da idade dele no apartamento dela, onde ela morava sozinha."

Dei meu próprio palpite, em voz alta, para tentar avaliar a situação, mas foi inútil. Na verdade, me senti meio idiota. Mas pensando bem, essa foi provavelmente a primeira vez que decidi tomar uma atitude e hesitei em executá-la por um tempo que, de fato, pode-se chamar de longo. Se fosse uma amiga próxima, eu não teria pensado tanto, mas eu só conhecia a Mikoko há alguns dias (na verdade, desde o mês passado). Não me incomodou, mas eu não queria irritá-la.

Ou seja.

Como um ser humano basicamente passivo, sou péssimo em tomar a iniciativa.

"Cara, isso é patético..."

Uma hora e meia foi demais, até para mim. Começando a ficar

irritado, tomei uma decisão e finalmente entrei no prédio.

Diferentemente do apartamento da Tomoe, não havia fechadura automática e, portanto, não era necessário cartão magnético, mas havia câmeras de segurança monitorando o saguão. Muito mais eficaz do que uma fechadura automática, que é bem fácil de burlar. Claro, o método mais eficaz era o que eles tinham no enorme prédio de apartamentos do Kunagisa: seguranças de verdade.

Analisei o memorando de Muimi.

Quarto andar, sala três.

Entrei no elevador e apertei o botão quatro. Cheguei ao andar instantes depois e comecei a descer o corredor estreito. Avistei câmeras de vigilância nas duas extremidades e em frente ao elevador. A segurança deles não era um pouco exagerada? Nem mesmo lojas de conveniência tinham tantas câmeras. Será que alguma celebridade importante estava morando ali em segredo? Mas isso era Kyoto. Espera, talvez fosse justamente por ser Kyoto?

Com a cabeça cheia de pensamentos sem sentido, cheguei à porta do quarto três. Decidindo que, já que tinha chegado até ali, não havia motivo para hesitar mais, apertei o botão do interfone.

Lá dentro, ouvi uma campainha com um som relativamente normal e, em seguida, alguém se movimentando. Imaginando que, por ser mulher, ela levaria algum tempo para se arrumar antes de abrir a porta, preparei-me para uma longa espera e me encostei na parede atrás de mim.

“Ok, agora vou me abrir!”

Quê?

Nossa. Isso foi muito rápido. Acho que eu deveria ter ficado feliz, mas de alguma forma me deu uma sensação ruim. E minhas

premonições negativas como espectador passivo se mostraram 100% corretas.

Ih, rapaz. Algum tipo de evento estava prestes a acontecer.

“Você raramente se atrasa tanto, Muimi… Aconteceu alguma coisa?”

K-chunk.

A fechadura abriu, seguida pela porta.

“……”

“……”

Não consegui responder.

Mikoko também não conseguiu.

Estava um frio de rachar.

Nem mesmo Ctrl + Alt + Del resolveu o problema.

“Ah… ah… ah… ah.”

Mikoko ficou vermelha, depois pálida.

Depois, volta a ficar vermelho vivo.

“Ciao”, cumprimentei, por falta de uma ideia melhor.

“Eeeeeeeek!!!!”

Junto com aquele grito ensurdecedor, a porta bateu com tanta força e estrondo que pensei que a moldura fosse quebrar. O mundo inteiro distorceu por um instante, e então veio o silêncio, como se nada tivesse acontecido.

“……”

Bem, se tudo desse errado, pelo menos as câmeras de segurança poderiam atestar minha inocência em relação ao grito dela.

“Sim… Não dá para culpá-la…”

Ainda com a cara de sono, o cabelo todo despenteado, o pijama de estampa de coelho parcialmente desabotoado e repentinamente

confrontada por alguém do sexo oposto, a reação de Mikoko não foi tão estranha assim.

"Por quê?!" veio uma voz do outro lado da porta. Parecia que ela estava se segurando para não chorar. Ou talvez nem estivesse. "Por quê, por quê, por quê, por quê? O que você está fazendo aí? A Muimi não ia vir? É como se *a detetive amadora Semimaru Asagi resolvesse instantaneamente o caso dos assassinatos com decapitação em um quarto trancado, mas só porque o culpado foi pego em flagrante!* Ai, meu Deus! Eu não entendo isso! Por quê?! Não acredito, não acredito, não acredito! Você é um fantasma! Isso é mentira! Um sonho! Um pesadelo!"

Puxa, ela entrou em pânico.

Eu não estava exatamente calma, mas com ela tão perturbada, talvez eu conseguisse manter a compostura. Entendi, então a Muimi planejava visitá-la. Aí aquela preguiçosa me passou o cargo e nem contou para a Mikoko.

Ok, condições confirmadas.

Proceda com a autorização de manobra.

“Que coisa assustadora! Você nem deveria saber onde eu moro! Você é uma ilusão! Isso tudo é uma brincadeira de mau gosto!”

"Hum, eu explico tudo depois, então só me deixe entrar. Não faz sentido ficar aqui parado assim."

“Vá embora! Depressa, vá! Não, espere, desculpe, não vá! Vou me arrumar e me preparar, então espere um minuto! Por favor! E esqueça o que você acabou de ver!”

“Eu já te vi, então qual é o problema? Só me deixe entrar.”

"Não!"

Com aquela rejeição final e brusca, ouvi-a voltar pisando duro

para o fundo do apartamento. Seguiu-se o que pareceu uma verdadeira luta. Ela provavelmente estava arrumando a bagunça. Não precisava ter se dado a esse trabalho, pensei enquanto me encostava na parede novamente. Esperei meia hora até que finalmente me deixasse entrar. Já passava das quatro horas.

A planta do apartamento em si não era tão diferente da de Tomoe, mas havia uma quantidade absurda de móveis. Parecia que Mikoko era uma mulher que gostava de bens materiais. Não era um lugar bagunçado, mas não dava para negar que havia um pouco de desordem.

“Espere um segundo, está bem? Vou preparar um chá.”

Ela estava usando uma regata rosa e shorts. A roupa mostrava muito mais pele do que o pijama que ela usava antes, então eu não sabia o que dizer. O cabelo dela também estava muito bem arrumado. Era como se ela tivesse se transformado em uma pessoa completamente diferente.

Ela colocou uma xícara sobre a mesinha de centro. Claro que não estava cheia de água da torneira, mas sim de um chá de cevada com uma aparência deliciosa. Tinha três cubos de gelo e parecia bem gelado.

Mikoko sentou-se sentada à minha frente.

“Hum, hum… O que foi, Ikkun?!” Talvez ainda abalada, ela estava agindo de forma um tanto estranha. Se estivesse andando por Shinkyogoku, a polícia de choque certamente a teria parado. “Então, a Muimi deve chegar a qualquer minuto! Já passou da hora de nos encontrarmos, meu Deus, onde está aquela garota?!”

"Hum, eu sou a substituta dela", eu disse, fazendo um gesto para que ela se acalmasse.

"Uau!" exclamou ela, surpresa, e em seguida exibiu um sorriso ambíguo que parecia expressar raiva, constrangimento e alegria ao mesmo tempo. "Maldita Muimi..."

“Ei, tudo bem. Não pretendo ficar aqui por muito tempo, então relaxe. Ouvi dizer que você estava se sentindo deprimido(a), mas parece que você está bem. Que bom.”

"Oh…"

Ao ouvir a palavra *"deprimida",* ela baixou a cabeça. Talvez tivesse sido um comentário insensível, pensei, mas era apenas o meu jeito de falar.

Sim. Não só sua amiga havia sido assassinada, como Mikoko também foi a primeira a ver o cadáver. A imagem imóvel e sem vida ficou gravada em suas retinas antes de qualquer outra pessoa. E provavelmente permanece marcada até hoje. Não era algo do qual ela pudesse simplesmente se recuperar.

“Você veio aqui porque eu não tenho ido à escola e você estava preocupado comigo?”

“Hum. Bem, mais ou menos.”

Os fatos eram um pouco diferentes, mas imaginei que a margem de erro fosse insignificante.

Dessa vez, ela exibiu um sorriso sincero e alegre.

"Obrigada!" ela exclamou. "Estou tão feliz! Estou tão feliz que você veio, Ikkun!"

“Não há nada para me agradecer. Eu nem trouxe nada.” Percebi isso enquanto falava. Aparecer na casa de alguém de mãos vazias, especialmente quando ela talvez não estivesse se sentindo bem, provavelmente foi bem insensível da minha parte. Mas como eu tinha vindo direto da escola, achei que não havia nada que eu pudesse ter

feito.

“Ah, sem problema! Não é como se eu estivesse doente nem nada. É só que… Se eu for para a escola, vou começar a pensar no Tomo.”

“Não é como se você não pensasse nela quando fica em casa, né?”

“Bem, é verdade… Haha”, Mikoko riu fracamente. “Mas ver você me animou. Estou bem. Voltarei para a escola amanhã.”

“Eu diria para não se preocupar com a escola. A polícia tem te visitado?”

“Hum, algumas vezes. Um cara grande e uma mulher meio assustadora. Mas eu entendi! Fui eu quem encontrou o corpo dela, e este é um caso de assassinato!”

"Quem poderia tê-la matado?", eu disse, não tanto perguntando, mas falando comigo mesmo, porém em voz alta o suficiente para que Mikoko pudesse ouvir.

"Não sei." Sua resposta tímida não foi nenhuma surpresa. "Tomo não era o tipo de garota que fazia inimigos. Isso é certo."

“Sim, foi isso que Muimi me disse também. Mas eu me pergunto… Sendo realista, é possível viver sem nunca ser alvo de ressentimento ou antipatia por ninguém? Tenho minhas dúvidas quanto a isso.”

"Huh?"

"Acho que vale a pena considerar a possibilidade de você se sentir assim em relação à Tomoe apenas porque vocês duas eram muito amigas e que, na realidade, alguém por aí guardava ressentimento dela. Mesmo que esse ressentimento fosse injustificado."

Mikoko ficou em silêncio, como se não aguentasse. Ela tinha uma expressão de tanta dor que eu soltei um pedido de desculpas: "Desculpe". Ela talvez estivesse tentando disfarçar, mas talvez não

estivesse em condições de discutir o assunto. Murmurei: "Afinal, eu não deveria ter aparecido por aqui".

"Hã? Por quê?" Eu estava falando sozinho dessa vez, mas o rosto dela se voltou para mim. Ela tinha ouvido. "Ikkun, isso não é verdade! Fico feliz que você tenha vindo!"

“Vamos lá… Você está até fingindo estar alegre por minha causa.”

Não seria muito melhor ter uma amiga próxima com quem ela pudesse conversar livremente, como a Muimi, nessa situação? "Não é verdade", insistiu Mikoko. "Mesmo que eu esteja apenas fingindo, quanto mais eu fizer, mais verdadeiro parecerá! Estou bem, estou muito feliz que você tenha vindo! Mesmo que você esteja apenas fazendo o que a Muimi disse e odeie estar aqui!"

“Não odeio estar aqui… Se odeio alguma coisa, deixo isso bem claro.”

"Realmente?"

“Não, eu só pensei em tentar dizer isso. Na verdade, sou bem fácil de manipular.”

“Aposto”, Mikoko concordou sorrindo.

Soltei um suspiro e estiquei os braços. "Brincadeiras à parte... Como você está se sentindo de verdade? Já está começando a se recuperar do choque?"

“Sim, estou bem. É só que…” Seus olhos se voltaram para a minha direita. Segui seu olhar e encontrei pilhas espalhadas de jornais e revistas. “Hum, você se importa se eu falar sobre quando eu estava no ensino fundamental e essas coisas?”, ela começou.

“Manda ver. Eu vou ouvir.”

“Foi quando eu estava na terceira série. O prédio em que estudávamos estava em construção, então caminhões e tratores

entravam e saíam o tempo todo. Um dia, quase aconteceu um acidente, e um caminhão carregado com uma grande quantidade de areia bateu no prédio da primeira série."

"Nossa, eu não chamaria algo tão grande de quase acidente."

"Sim. A parede foi derrubada e a areia invadiu a sala de aula, soterrando alguns alunos da primeira série. Foi uma bagunça. Mas sabe, ainda éramos crianças, então para nós foi quase como uma brincadeira. A Muimi estava se divertindo muito, surfando no monte de areia e tudo mais."

"Ah…" Ela parecia ser esse tipo de criança.

"Então, no dia seguinte, acordei cedo e fui ler o jornal. Você não se sentiria orgulhoso de ter sua escola mencionada em um jornal? Bem, se fosse por causa de um acidente, você não deveria se orgulhar, mas de qualquer forma, o fato da minha escola *estar nos jornais* me deixou feliz."

"Bem, você era apenas uma criança."

"Mas sabe de uma coisa? Não foi." Mikoko soltou um suspiro incomumente melancólico. "Para mim, foi algo tão importante, mas em nível nacional não significou nada. Não me lembro o que estava na primeira página naquele dia, mas senti como se alguém estivesse me dizendo: 'Sua existência não vale nada'. Algo tão incrível para mim não significou absolutamente nada para os outros. Foi a sensação mais triste."

"…"

"Agora me sinto mais ou menos da mesma forma."

Ela apontou para as pilhas de jornais e revistas.

Eu conseguia entender o ponto de vista dela. Casos sensacionalistas como o do invasor de Kyoto eram uma coisa, mas os

jornais não se deteriam por muito tempo em algo tão comum (desculpe dizer isso) quanto o assassinato de uma estudante que morava sozinha em seu apartamento. Talvez saísse nas notícias no dia seguinte, e talvez no outro, na melhor das hipóteses. Mesmo assim, seria um artigo breve que não ocuparia muitas colunas.

Eu, naturalmente, fiquei em silêncio. Ela também.

O silêncio se prolongou por um tempo, e foi Mikoko quem o quebrou com uma pergunta que levou as coisas para uma nova direção confusa. "Ikkun, você foi a uma loja de antiguidades com a senhorita Asano desde o outro dia?"

"Hm?" Pisquei. "Hã? O que você quer dizer?"

“Ah, desculpe! Não sei de onde veio isso! Não era minha intenção perguntar isso!”

"Tudo bem…"

Como ela sabia que eu às vezes ia a antiquários com a Miiko? Minha vizinha não teria compartilhado um detalhe tão íntimo com minha colega de classe. Pensando bem, talvez eu tenha prometido ir de novo… Ah, é mesmo. Acho que a Mikoko já estava acordada.

"Isso te incomoda, por acaso?", perguntei a ela.

“O quê, o quê, o quê? O quê me incomoda?”

Eu havia prometido ir a um antiquário com a Miiko por ela ter me acolhido naquela noite, e fiz a pergunta porque ela poderia estar se sentindo mal, mas sua reação nervosa não foi a que eu esperava. Simplesmente não dava para decifrar essa garota.

“De qualquer forma, não se preocupe. Fazemos isso com frequência”, eu disse.

“Você acha mesmo?!”

“Sim. Fazer compras a agrada bastante. Ela te mostrou o closet

dela? Por mais apertado que seja aquele cômodo, ela não para de comprar antiguidades. Acho que ela as vende depois de apreciá-las por um tempo. Arte não deve ser monopolizada, ou algo assim." Apesar do seu credo, ela nem sempre revendia por um preço maior do que o de compra, então Miiko também não era fácil de decifrar. "Basicamente, estou lá para carregar as coisas dela. Até um cara como eu tem um pouco de força, e acho que ela não tem vergonha de pedir ajuda a um vizinho. Não sou particularmente interessado em antiguidades, mas isso não significa que eu as odeie ou algo do tipo, então, se ela me chama, eu topo."

"Hum, entendi. Então ela e você… saem… bastante… e tal", Mikoko falou em frases fragmentadas por algum motivo.

"Na verdade, não muita coisa. Ah, mas ela mora em Kyoto há muito tempo. Mora sozinha aqui desde que abandonou o ensino médio, segundo ela. Uma vez, enquanto estávamos passeando por lojas de antiguidades, ela me mostrou alguns templos e santuários. Como o Santuário Seimei e o Caminho do Filósofo. Você os conhece?"

"Sim. Bem, os nomes, pelo menos. Não estou muito interessado nessas coisas."

"Hã? Você não disse que conhecia Kyoto muito bem?"

Se ela não tinha interesse nos templos e santuários, será que ela sequer conhecia esta cidade?

"Ah, bem, você sabe", ela desviou-se descaradamente da minha pergunta. "Nossa, a gente se lembra de tanta coisa… Mas enfim! Então vocês duas devem ser bem próximas!"

Ela já tinha mencionado isso antes. Estava muito obcecada com o assunto da Miiko, não é? Será que tinha acontecido alguma coisa entre elas? Eu não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido em uma

única noite. Por que ela estava se esforçando tanto para nos juntar? Não fazia sentido nenhum.

“É, bem. Ela é uma pessoa bem interessante e tal”, comentei. “Mas não somos próximas, por assim dizer; ela meio que cuida de mim. Tipo, às vezes ela me empresta o carro dela. É um Fiat 500, tá, um Fiat 500.”

“Hum… E-Então talvez não tenha problema?” Aparentemente sem o menor interesse em carros (afinal *, ela dirigia uma scooter*), ela deixou minhas palavras passarem batidas e começou a me perder também: “Acho que ela não se importa que você vá ao quarto de outra garota?”

“Hã? Ah. Hum, você está me dizendo para ir embora?”

“Não é isso! Você namora com ela, não é? Nesse caso… Droga, Ikkun, seu cabeça-dura!” gritou Mikoko, batendo as mãos na mesa, com o rosto vermelho como um pimentão. Eu não fazia a menor ideia do porquê de ela estar tão emocionada. Tudo o que eu conseguia sentir era confusão. Parecia extremamente irracional, mas era óbvio que a minha presença a estava irritando.

"Não entendi muito bem, mas me desculpe", pedi desculpas por enquanto.

“Ahhh”, ela gemeu. “Tudo bem, deixe-me colocar de outra forma. Você e ela vão às compras juntas.”

“Sim. Não quero insistir demais no assunto nem nada.”

“Isso significa que você também iria às compras comigo?”

Sua lógica estava além da minha compreensão, mas ela tinha um olhar sincero que só poderia ser descrito como desespero de última hora. Não me atrevi a responder com uma pergunta. "É, acho que sim. Não há motivo para não fazer."

"Sério? Tem certeza?! Você não está só dizendo isso?" Ela se inclinou para a frente como se sua vida dependesse da resposta. Mordendo o lábio, parecia uma criança prestes a desabar em lágrimas. Suas emoções estavam à flor da pele para uma universitária de dezenove anos.

Você está mesmo obcecado com isso... Existe algum motivo?

"Responda-me!"

“Bem, provavelmente. Posso prometer, se você quiser. Que tal sábado?”

"Sério? Você está falando sério?"

“Eu não minto. Em geral.”

"Você está falando sério mesmo?"

“Se houver algo que você queira comprar. Além disso”

“Isso é uma promessa! Se você esquecer, eu vou ficar furioso!”

"…OK."

Em meio à emoção, acabei deixando que ela me arrancasse uma promessa. Mas não era nada de mais, então resolvi deixar para lá. Isso, finalmente, pareceu acalmá-la, e ela tomou todo o seu chá de uma vez.

"Ah," ela suspirou. "Sinto muito. Às vezes fico um pouco emocionada e nem sei o que estou dizendo."

“ *Às vezes* ? Você acabou de dizer ‘ *às vezes’* ?”

“Bem, o tempo todo.”

Ela assentiu timidamente.

Hum.

O choque da morte de Tomoe — certamente Mikoko ainda não tinha superado completamente, mas pelo menos não estava tão deprimida a ponto de pensar em seguir os passos da irmã e cometer

suicídio. Ela estava conseguindo se manter firme. Algumas de suas atitudes eram desconcertantes, mas isso era perdoável. Nesse ritmo, ela ficaria bem e estaria praticamente recuperada até sábado.

“Bom, por hoje é só”, eu disse, começando a me levantar. “Receio que preciso ir.”

“O quê? O quê? O quê? Já? Desculpe, eu te deixei de mau humor!”

“Eu te disse que não planejava ficar muito tempo quando cheguei aqui, né? Até logo.”

“U-Um!” Mikoko me interrompeu quando tentei sair. “Um…um, Ikkun.”

"O que?"

“Hum…” Ela hesitou um pouco, ou melhor, bastante, antes de organizar seus pensamentos e falar. “O que você acha que Tomo queria dizer da última vez?”

Então perguntou Mikoko.

A última ligação telefônica.

Tomoe tentou me dizer algo.

"Não faço a mínima ideia. Aquele dia foi a primeira vez que falei com ela, então como eu poderia saber? Nem sei por que ela me queria. Quanto a você, Mikoko, aposto que você deve ter alguma ideia."

“Eu—” Ela baixou a cabeça ao ouvir minhas palavras. “Eu não sei. Não tenho a mínima ideia.”

“…”

“Porque Tomo era o tipo de garota que nunca dizia nada.”

Ela nunca disse nada.

Nunca se abriu. Manteve distância.

“Era como se fôssemos amigas através de uma barreira de vidro

inquebrável. Ela nunca disse nada importante ou profundo sobre si mesma. Não para mim.”

“…”

Então, o que diabos tinha acontecido?

Essa pessoa queria me contar?

“Bobagem.”

“Hã? O quê?”

"Não consigo obter muitas respostas suas no seu estado atual, então não vou fazer muitas perguntas, mas Mikoko, você poderia responder apenas uma pergunta para mim?"

“Hum…” Ela fez uma expressão confusa. “Acho que sim?”

“O que você acha que significa *x* sobre *y* ?”

Ela refletiu por um instante e respondeu: "Não sei".

Ah, entendi. Que tal isso?

Assenti com a cabeça. "Bom, te vejo na escola. Desculpe incomodar."

Dito isso, saí do apartamento dela. Saí do prédio e comecei a pensar no que fazer em seguida.

Horikawa Oike.

Embora fosse uma distância considerável até minha casa, eu ainda conseguiria chegar em meia hora a pé. Pegar o ônibus me pareceu um desperdício de dinheiro, então decidi ir andando.

Nunca me passou pela cabeça que o empreiteiro mais poderoso da humanidade pudesse estar me esperando no meu quarto.

Perto do meu prédio, em Senbondemizu, encontrei Miiko passeando, alheia ao mundo. Quando me viu, acelerou o passo, num ritmo incomumente rápido para ela, e veio na minha direção.

“E aí”, ela cumprimentou.

“Olá. Está a caminho do trabalho?”

“Não. Hoje vou ao Monte Hiei.”

“Ah, com Suzunashi?”

Ela assentiu. Suzunashi, cujo nome completo era Neon Suzunashi, era a melhor amiga de Miiko. Ela trabalhava meio período no Templo Enryaku, no Monte Hiei, na vizinha província de Shiga. Alguns a chamavam de *Neon da Violência.* Outros, *de Suzunashi do Apagão.* Ela era uma espécie de garota legal, mas propensa a surtar do nada. Eu a via ocasionalmente, mas ela sempre me dava uma bronca. Para alguém tão jovem, ela tinha uma estranha predileção por tentar fazer você entender as coisas. Não era seu único problema de personalidade, mas eu gostava dela mais ou menos, assim como gostava de Miiko.

"Parece que ela quer um conselho sobre alguma coisa, então vou lá fora. Volto amanhã, então fiquem de olho aqui enquanto isso. Se alguém vier me ver, anote o nome e diga o que quiser. Se for alguém com uma aparência estranha, não se preocupem."

“Ah, claro, sem problema.”

“Além disso, você tem uma visita.”

“Um visitante? Para mim?”

“Sim”, Miiko assentiu. “Quando percebi, ela tinha invadido sua casa. Ela tinha um certo charme… ou melhor, um charme enorme.

Não sei quem é, mas parece ser do sexo feminino. Ela não parecia estar tramando nada em particular, então deixei para lá."

Mulher? Que tipo de mulher teria probabilidade de vir me visitar? Como eu não tinha muitos conhecidos, deveria ter conseguido eliminar essa possibilidade com facilidade, mas do jeito que as coisas andavam ultimamente…

"Ela tinha mais ou menos essa altura? Se sim, era uma detetive."

"Não. Aquela não era uma detetive. Detetives não têm essa aparência", declarou Miiko com convicção. "Além disso, eu conheci a pessoa de quem você está falando. Nunca esqueço a impressão que tenho de alguém. Ah, sim, e um carro estacionado perto do prédio parecia ser dela. Talvez isso te dê uma pista. Bom, até mais."

Miiko caminhou em direção ao estacionamento. O jinbei de hoje tinha *a palavra Tranquilidade* estampada no verso. Sim, ela estava de bom humor hoje, possivelmente porque ia ver Suzunashi.

Ainda assim, Suzunashi... O que ela queria com a Miiko, afinal? Eu estava curiosa, já que Suzunashi era o tipo de pessoa que raramente pedia ajuda a outros. Que tipo de "conselho" ela estava buscando? Ela gostava de se intrometer nos problemas dos outros, mas geralmente não tomava a iniciativa de compartilhar os seus.

"Curioso…"

Mas a questão mais importante para mim agora era esse "visitante" esperando dentro do meu apartamento. Se não fosse Sasaki, então quem... Muimi ou Mikoko? Mas era improvável que fosse qualquer uma delas. Enquanto isso, Kunagisa, um recluso convicto, era uma possibilidade fisicamente remota.

Entrei na rua Nakadachiuri.

E lá□

“Nossa…”

De repente, tudo ficou claro. Como se quisesse dizer que estava acima de todas as leis de trânsito, uma Cobra vermelha flamejante espetacular estava estacionada no acostamento da estrada. Completamente fora de lugar nas ruas de Kyoto, era uma máquina de classe S, um monstro.

“Nossa… eu realmente não quero ir para casa.”

Considerei seriamente correr direto para a casa de Kunagisa, mas, baseado na minha experiência, conseguia imaginar o destino cruel que me aguardava se minha escapada fosse descoberta. Desistindo, arrastei os pés até meu apartamento.

Ao subir as escadas e chegar à minha porta, o fato de ela não estar mais trancada não me surpreendeu. Imitar vozes, arrombar fechaduras e ler mentes eram tarefas tão naturais para ela quanto respirar. Abri a porta e vi a empreiteira, vestida com um terno vermelho-vinho tão escuro quanto sangue, sentada no parapeito da janela com as pernas cruzadas, como se sua presença fosse a coisa mais natural do mundo.

Sobrenatural.

Sobrenatural.

“Ei, Aikawa.”

“Eu não te disse para não me chamar pelo meu sobrenome?”

“Ei, Jun.”

Ótimo, ela assentiu com um sorriso cínico.

Jun Aikawa.

Graças ao caso naquela ilha, um mês atrás, conheci a contratante *mais poderosa da humanidade* . Ela me deixou naquele dia com a frase fria: "Se nossos destinos estiverem ligados, nos encontraremos

novamente", só para aparecer na minha universidade no dia seguinte. Ela era meio estranha assim. Passou a semana seguinte me fazendo cumprir suas ordens, sem nem me dar tempo para dormir, até que finalmente deixou Kyoto por causa de um trabalho. A julgar por esse episódio, ela era uma personagem extremamente perigosa, o oposto de alguém tranquilizadora, e não era alguém com quem eu quisesse me envolver muito.

Objetivamente, porém, se fôssemos devidamente objetivos, ela era uma beleza selvagem e estonteante, cujo charme era difícil de resistir, mas que permanecia completamente inacessível devido a uma série de excentricidades.

Analisando meu rosto, ela disse: "Você não parece muito surpreso."

“Ah, estou sim. Você está de volta a Kyoto, Jun.”

“Por motivos de trabalho. Falaremos disso mais tarde… Ah, entendi. Por que você não me esperaria depois de ver meu carro chamativo estacionado por perto?”

“Não, na verdade, foi meu vizinho que me avisou.”

“Ah, e eu tomei o máximo de cuidado para não ser notada. Que bonito…” A expressão de Aikawa ficou afiada como uma faca por um instante, mas só por um instante antes de voltar ao seu sorriso sarcástico. “…Tanto faz”, ela respondeu, indiferente.

Tirei os sapatos e entrei no quarto, dirigindo-me à pia. Enchi uma xícara de água da torneira e servi a Aikawa.

"Aproveitar."

“ *Muchas gracias* ”, disse ela, bebendo cerca de metade antes de colocar a xícara no parapeito da janela.

Nossa, ela processou tudo normalmente. Antes de morrer,

adoraria atordoar a Aikawa.

Perguntei a ela: "Então, o que está acontecendo? Por que você voltou para Kyoto?"

“Eu disse que te contaria depois. Em vez disso, permita-me pedir desculpas pelo período de negligência. Sabe, você tem um lugar agradável. É o ambiente perfeito.”

“Será que estamos vendo o mesmo cômodo?”

“Não era isso que eu queria dizer. Vamos lá, você entendeu, não é? Bom, tudo bem. O que você tem feito ultimamente, afinal?”

“Nada. Sou apenas um estudante universitário comum. Não levo uma vida *de yakuza* como você.”

“Estudante universitário comum. Hehe”, riu Aikawa.

“O que é tão engraçado?”

“Nada em particular. Se você não estivesse investigando um caso de assassinato envolvendo um colega de classe ou aprofundando sua amizade com um assassino em série, nada teria graça, Sr. Estudante Universitário Médio.”

“…”

“Uau, finalmente, essa cara de surpresa. Você me fez feliz.” Aikawa desceu do parapeito da janela e sentou-se de pernas cruzadas no chão. Independentemente de ela ter se sentido compelida a fazer isso justamente por estar usando uma saia curta, eu gostaria que ela não fosse tão provocativa.

"Como você sabe?"

“Como você acha que eu sei?”

Ela sorriu com uma alegria desenfreada. Mas, sem ter a menor ideia do que se escondia por trás daquela alegria, eu estava gastando uma quantidade enorme de energia apenas para confrontá-la e

conversar com ela. Pior ainda, ela era uma leitora de mentes de primeira linha, então minhas emoções estavam transbordando. Parecia que estávamos jogando pôquer com apenas as minhas cartas viradas para cima. Ela era realmente difícil de lidar e não estava para ser cozida nem grelhada.

Mas se ela não quisesse nada de você, ela era uma pessoa legal…

Ela também era o meu tipo.

Respondi: "Estou perplexo. Completamente perplexo. Não é como se eu pudesse adivinhar o que você está pensando."

“Pense. E pense bem… Sou um lobo solitário, mas tenho vários amigos, inclusive em Kyoto.”

“Nossa, isso é realmente algo impressionante. Deve ser ótimo ter muitos amigos. Até eu reconheço isso. Vou reconhecer agora mesmo. A que amigos você estaria se referindo?”

“Por exemplo, Sasaki Sasa.”

“…”

“Ou Kazuhito Ikaruga.”

“…”

“Então há Tomo Kunagisa.”

Aikawa tirou um envelope de sua bolsa preta.

“Aqui, do seu querido, querido Tomo.”

"Para mim?"

“Sim. Ela disse que é a *coisa* que ela prometeu.”

Aceitei o envelope.

E aí, o que acha?

Aikawa tinha visitado Shirosaki antes de vir ao meu apartamento. Enquanto eu era apenas um estudante universitário comum, chato e incapaz, Tomo Kunagisa era (apesar da sua personalidade) uma

especialista em computadores. Ela e Aikawa se conheciam muito bem.

Pensei nisso a pedido de Aikawa. *Parecia* que ela tinha voltado a Kyoto para um trabalho. Assim como eu havia feito para ajudar na investigação da morte de Tomoe, Aikawa procurou Kunagisa. Então, durante a visita, Kunagisa decidiu usá-la como mensageira? Não… Algo estava faltando. Kunagisa não deveria ter precisado pedir a Aikawa, que, por sua vez, não tinha motivo algum para concordar.

Nesse caso, o pior cenário me veio à mente, e não era puramente teórico. Para ser mais específico, Aikawa…

"Agora entregue seu pagamento", ela ordenou. "Ou seja, o que você sabe sobre o invasor de Kyoto."

Ela não era mensageira, mas sim a coletora…

"Jun, você veio a Kyoto□"

"Sim. Para ter uma conversinha sobre moral com aquele maluco psicótico."

Aikawa ganhava a vida como *prestadora de serviços.* Isso envolvia tudo e qualquer coisa. Em resumo, ela era uma faz-tudo, *mestre em tudo* , em vez de especialista em uma única área. Seja passeando com cachorros, resolvendo um assassinato em um quarto fechado ou lidando com um serial killer com dez corpos desmembrados para servir de testemunha, contanto que houvesse dinheiro envolvido, ela aceitava. É verdade que não eram muitos os excêntricos que ofereciam grandes quantias em dinheiro para passear com seus cachorros. De qualquer forma, indiferente à legalidade ou ilegalidade, essa prestadora de serviços ruiva vivia cada dia aceitando *o que os outros não conseguiam.*

Dito isso.

"O agressor de Kyoto fez sua décima segunda vítima ontem",

observou ela. “Talvez você não se dê conta porque morou no exterior por tanto tempo, mas esse número é sem precedentes. Esse tipo de caso simplesmente não ocorre no Japão, muito menos fora de Tóquio. Além disso, a identidade do assassino é um completo mistério. Neste momento, será necessária a intervenção do Estado.”

“Então você foi convocado?”

“Sim”, Aikawa assentiu. “Outros parecem estar cuidando do caso — a Segurança Pública e os solucionadores de problemas — mas, francamente, não sei quem. Infelizmente, não tenho muitos contatos. De qualquer forma, meu trabalho desta vez é impedir que o maníaco assassino e desmembrador faça mais vítimas.”

“Foi Sasaki quem te contratou?”

“Não posso te dizer. Como é que se chama mesmo? Confidencialidade? Ética profissional? Segredos comerciais?” Aikawa abriu os braços em tom de brincadeira e riu. “Mesmo assim, parece muito mais digno do meu tempo do que aquele fiasco maluco na Ilha da Pena do Corvo Molhado.”

Merecedora do seu tempo. Era o que ela tinha a dizer sobre um assassino cruel que havia esquartejado doze pessoas. A ideia de enfrentar um serial killer desconhecido não a assustava nem um pouco. Pelo contrário, ela era tão tranquila que parecia estar a caminho de um piquenique.

De repente, percebi novamente a ameaça que esse empreiteiro de uniforme vermelho representava.

E como essa ameaça estava se aproximando de mim naquele momento.

"Ora, Kunagisa me disse que você sabe de algo. Certamente não se importaria de compartilhar com a irmã mais velha, a quem você

adora?" ronronou Aikawa, pronta para acariciar meu rosto. Eu não me importei com a voz, mas quem falava era um tigre ou uma pantera, e isso era demais para uma gata malhada como eu.

Droga, Kunagisa.

O que aconteceu com a ideia de nos complementarmos, garota de cabelo azul?

Me traiu sem a menor hesitação…

"O que é isso?", insistiu Aikawa. "Por que você está se fechando e desviando o olhar? Você está sendo muito pouco cooperativo. Não me diga que não vai me contar. Você está quebrando o acordo? Você prometeu, não prometeu, em troca do que está naquele envelope?"

“Não, mas veja bem, eu disse que contaria para o Kunagisa, não para qualquer um. Se eu fosse contar para você, seria… qual é a palavra? Uma traição? Imoral? Desonesto? Rebelde? De qualquer forma, o fato é que me sinto como se estivesse sendo apunhalada pelas costas, e isso não é a minha praia.”

"Hã?" A voz do empreiteiro ficou instantaneamente muito mais assustadora. Se olhares matassem, eu estaria morto, e considerando o que estava por vir, talvez eu quisesse estar. "Você pode contar para o Kunagisa, mas não para mim? Aham... Eu não fazia ideia de que você era um filho da puta tão frio. Entendi, entendi. Você me deixa triste. Você vai ouvir o Kunagisa, mas não vai me obedecer porque, o quê, você é um cara durão?"

“Ah, bem, não é bem assim. Sabe, com a Kunagisa, não importa o que você diga, ela é inofensiva, enquanto você está planejando fazer alguma coisa. Me envolver diretamente é, como posso dizer… não é meu estilo.”

“Com licença, eu sou prejudicial?”

“Pois bem, você é.”

Como se soubesse disso, em vez de argumentar, ela murmurou pensativa. Até certo ponto, ela respeitava a lógica. Mas, quando se ultrapassava esse limite, era impossível prever o que aconteceria... Quer dizer, ela simplesmente ficou irritada com você.

“Se você contasse para a Kunagisa, ela me contaria”, observou Aikawa. “Aquela garota é muito fofoqueira. Estou me dando ao trabalho de fazer isso para evitar que você tenha problemas.”

“Ah, claro, você tem razão, mas eu tenho meus motivos.”

“Hum? Ah, ah, ah, ah, entendi. Bem, por que você não disse isso antes?” Ela me chamou com um sorriso horrivelmente malicioso e um gesto delicado. Ambos os seus gestos foram tão sensuais e encantadores que me arrepiaram.

“Hum, você entendeu o quê exatamente?”

“Venha até mim. Eu vou te provocar até você ficar completamente extasiado.”

Como eu ainda não cedia, ela rastejou até mim de quatro e me encarou com um olhar desafiador, ou melhor, provocativo. Ela se aconchegou contra o meu, me abraçou pelas costas e pressionou-me com o peso do corpo.

Ela cravou as unhas nas minhas costas.

“Então. O que você estava dizendo?”

“Jun, você está me assustando de verdade.”

“Aliás, meu dedo indicador está perigosamente perto de atravessar suas costelas e atingir seu fígado.”

“□□”

“Não fique tão tenso. Faz mal para você. Vai deixar sua carne toda fibrosa. Então, só por curiosidade, quem você acha mais

assustador: eu ou o assassino em série?”

Enquanto dizia isso, ela passou a língua pela artéria carótida do lado direito do meu pescoço. O prazer imediato dessa sensação delicada e o medo ainda maior de que ela pudesse arrancar meu pescoço com uma mordida me atormentou.

Droga.

O assassino em série era, de fato, preferível.

“Jun, até eu estou me sentindo pronto para te rejeitar.”

"Quer tentar? Se tentar, pode dar adeus às minhas provocações."

“…”

“Para mim, tanto faz. Isso não muda o fato de que você vai falar. Eu já decidi que vou te pedir para me contar sobre esse assassino. Isso está decidido. Mas, como você é meu amigo, pensei em perguntar. Você quer que eu seja gentil? Ou quer que doa?”

“Hum… Qual é a diferença?”

O fato de estarmos abraçados foi a minha salvação; eu não precisava ver o rosto dela, e ela não podia ver o meu. Mesmo assim, o suor frio e o coração acelerado provavelmente denunciavam o meu terror.

“Qual você acha que é a diferença?”

Nhac, ela mordeu meu pescoço de verdade. Ela literalmente tinha minha vida em suas garras. Suavemente, brincalhona, ela cravou seus caninos na minha pele, ao mesmo tempo que umedecia a língua com uma boa quantidade de saliva, lambendo minha carne entre os lábios, esfregando o corpo no meu, passando os dedos pelas minhas costas...

"Está bem!" Usei toda a minha força para me livrar dela. "Não vou mais te desobedecer! Por favor, me perdoe!"

Empurrada por mim, Aikawa respondeu com um sorriso

malicioso, porém de alguma forma inocente e juvenil. "Não leve tão a sério. Era só uma brincadeira", disse ela.

“É, uma piada ruim. Ruim para o coração, pelo menos…”

“Hahaha. Na verdade, estou aliviado. Você é um jovem saudável.”

“Vamos lá, me dá um tempo.”

Precisava me acalmar. Então, virei meu copo d'água de uma vez. Não demorou muito para meu coração voltar ao ritmo normal, mas o suor frio estava fora de controle.

Afinal, eu não sabia lidar com essa mulher... Eu deveria ter ido direto para a casa da Kunagisa sem me preocupar com o que poderia acontecer.

“Isso é um absurdo. Puxa…”

Em seguida.

Aikawa conseguiu arrancar de mim cada detalhe sobre Hitoshiki Zerozaki, sem deixar pedra sobre pedra. Tentei ao máximo me esquivar de revelar os fatos cruciais, mas, dada sua habilidade de ler mentes, não tive muito sucesso. Cedendo às suas ameaças e artimanhas a cada vez, coagido, comprometido, acabei me sentindo pequeno e sem rumo.

A personalidade e o caráter de Zerozaki. Sua aparência, porte físico e vestimenta na época. O jeito como ele falava. As circunstâncias do nosso primeiro encontro. Sobre o que conversamos. Até mesmo quando entramos sorrateiramente no apartamento de Tomoe juntos. Tudo o que eu me lembrava foi arrancado de mim.

Não era como se Zerozaki e eu fôssemos amigos. Éramos da mesma estirpe e completamente opostos um ao outro, mas eu não lhe havia prometido nada e ele não me havia pedido para não falar.

Ainda.

Me senti tão sem espinha dorsal que foi um milagre eu não ter desmaiado.

“Humph…” Depois de me ordenhar, Aikawa desfez o sorriso, assumiu uma expressão séria e mergulhou em pensamentos por um tempo. “Então esse cara… Zerozaki? Personagens para *Zero* e *Saki* ?”

“Sim. Pelo menos, é assim que ele se define.”

“Hitoshiki Zerozaki… Nossa, que nome horrível.”

Aikawa parecia genuinamente irritada e farta. Foi a primeira vez que a vi com essa expressão, então foi um pouco revigorante.

“O que você quer dizer? Por que é desagradável?”

"Bem, bem, bem, bem... Talvez *'nome desagradável'* não seja a melhor maneira de descrever. Mas 'Zerozaki'? Com certeza é um nome *incomum* ."

"Ah, mas sabe, talvez esse não seja o nome verdadeiro dele. Aquele cara não é bobo. Duvido que ele revelaria seu nome verdadeiro para alguém que acabou de conhecer."

“Isso não vem ao caso. Mesmo que seja um pseudônimo, escolher um como 'Zerozaki' é prova de que ele é maluco. E se for o nome verdadeiro dele, aí sim…”

Ela começou a pensar novamente. Quando essa mulher começava a pensar, ela mergulhava em seu próprio mundo, e se você estivesse lá perto dela, se sentiria invisível. Bem, o Homem Invisível ainda existe, então era mais como se ela se transformasse em ar.

“Nenhum idiota se anunciaria, nem mesmo em tom de brincadeira, com um *nome tão matador*. 'Zerozaki'? Caramba, está logo acima de 'Susukino' em termos de classificação. Acho que é melhor que 'Niounomiya' ou 'Yamiguchi', mas sabe, eu realmente espero que seja um pseudônimo... Na verdade, o melhor cenário seria ele ter o

mesmo sobrenome. Mas não pode ser isso. Algo tão conveniente jamais aconteceria na minha vida. Entendo, não é à toa que ele está acima até mesmo de Kunagisa e dos antigos membros da Equipe.”

“Hum, tem algo de errado com o nome Zerozaki?”

"Existe sim. É um dos piores nomes que existem. Ouvir 'Você é como o Zerozaki' seria o maior insulto para nós. É assim que 'Zerozaki' é ruim. Prefiro não explicar o porquê. Para ser honesto, quero tão pouco contato com o ' *Clã Zerozaki* ' que até mesmo *explicá* -los seria demais para mim. Bem, é o *nome* que eu não gosto, não o *indivíduo em si,* então talvez não seja relevante. Provavelmente apenas uma irregularidade... Mas, deixando isso de lado, esse cara é mesmo o intruso de Kyoto?"

“Sim. Foi isso que ele disse.”

“Então você está apenas acreditando na palavra dele e não o viu em flagrante?”

"Suponho que sim", assenti com a cabeça.

“Hum. Então ele pode ser algum desgraçado delirante e mentiroso que *só está falando* besteira?”

“Sim, definitivamente existe essa possibilidade. Mas essa não foi a minha impressão.”

"Sério? Ele tem uma tatuagem enorme no rosto, não é? Só na metade direita. Mesmo em Chicago, ele seria um esquisito. Ele anda se destacando desse jeito e conseguindo escapar da polícia sem deixar nenhuma pista?"

“Sim, bem…”

Naturalmente, eu também havia considerado essa possibilidade. Mas nada do que ele disse refutou sua afirmação e, francamente, eu não me importava.

Para mim, o lugar onde a verdade se encontrava não fazia diferença.

Talvez ele não fosse o intruso.

No entanto□

“Sem dúvida, ele é um assassino em série”, eu disse a Aikawa. “Você deve saber que eu não tive uma vida das mais decentes. Em Kobe, em Houston, até mesmo aqui. Naquela ilha também, eu quase fui morto. Posso não chegar aos seus pés, mas já vi muita coisa ruim na minha vida.”

E não era como se eu estivesse no paraíso naquele momento.

"Eu nunca o vi assassinar ninguém, mas ele quase me matou. Ele só tinha uma faca curta, e mesmo assim eu fiquei apavorado como se estivesse lidando com uma arma de haste... não, uma metralhadora leve."

“Hum…” Aparentemente convencido, Aikawa assentiu várias vezes. “De qualquer forma, acho que o ponto principal é que um especialista em desmontagem que alega ser um assassino em série está aqui em Kyoto. É. Contanto que eu tenha entendido isso, já está bom.”

"Isso é?"

“Sim. Juntando isso com as outras informações que reuni, tenho um ponto de partida. Mas só *o começo* . Daqui para frente, será mais rápido se eu usar minhas próprias pernas. Sem um pouco de desafio, as coisas ficam entediantes e eu não consigo mais funcionar, então é o que se espera. Enfim, chega de falar de mim”, ela trouxe a conversa de volta para mim com outro aceno de cabeça. “O que está acontecendo com você? Ouvi dizer que Kunagisa e Sasaki… Você está se metendo em um caso tedioso e rotineiro.”

“Eu me deixei levar por isso.”

"Você se deixou levar e depois continuou se intrometendo, aposto. Você até invadiu o apartamento da vítima, então pare de fingir que é apenas um mero espectador."

Touché.

“Não sei…” Aikawa, horrorizado, olhou para mim. “Você é difícil de entender… Você não tem convicções, nem um estilo próprio? O que você diz e o que você faz não combinam em nada.”

“É esse contraste que me dá o meu sabor.”

“Como se fosse possível. Você não consegue se ver de forma objetiva?”

“Claro que posso…”

Você é mais narrador do que espectador. Bom, que seja. Faça o que quiser. É a sua vida, eu acho. Não me cabe me intrometer. Não é problema meu, nesse sentido.

“Que frio.”

“Na verdade, não. Continue aprendendo, garoto. Faça seu próprio trabalho sujo e, se começar algo, termine. Eu já te disse, não disse? Fazer as coisas pela metade é a pior coisa. Ah, sim, e também”, disse ela como se tivesse acabado de se lembrar, o que obviamente não era o caso, “uma mensagem do Kunagisa.” Ela apontou para o envelope que eu havia separado.

"O que é?"

“Não me traia. Eu perdoo até um beijinho na bochecha. Iichan, eu te amooo, paz, paz”, Aikawa imitou *a voz e o tom de Kunagisa,* depois sorriu pedindo desculpas. “Ela disse.”

“…”

Entendido, levantei a mão.

O jantar era uma opção, considerando o tempo disponível, então convidei Aikawa para se juntar a mim, mas, ansiosa para prosseguir com sua busca por Zerozaki, ela partiu logo em seguida.

Foi só no final que lhe perguntei: "O que você acha que significa *x* sobre *y* ?"

“Não busque confirmação nos outros para saber o que você já sabe”, respondeu ela secamente.

De fato.

Observando suas costas, suspirei.

Hitoshiki Zerozaki.

Jun Aikawa.

Ela provavelmente o encontraria em apenas alguns dias. Eu não havia fornecido exatamente uma cornucópia de informações, mas era mais do que suficiente para o seu propósito. A exaltada Jun Aikawa estava em um nível além da minha mais louca imaginação e destruiu até mesmo esse nível. Quase não preciso questionar a genialidade de sua capacidade cognitiva.

E os dois provavelmente colidiriam. O mais forte da humanidade colidiria de frente com o que não é mais humano. Se isso acontecesse, o resultado seria óbvio. Se Hitoshiki Zerozaki era um monstro homicida, então Jun Aikawa era a caçadora de monstros suprema. Ela possuía, em abundância, uma arrogância que anulava qualquer vestígio de talento para tirar vidas. Não importava o quê, você não queria tê-la como inimiga, nem mesmo como seu Plano B — a

contratante vermelha era transcendente, implacável. Se havia algum ponto positivo, era que ela podia ser caprichosa, mas isso não era de forma alguma uma brecha que você pudesse antecipar e aproveitar.

"Será que ele vai conseguir escapar...?"

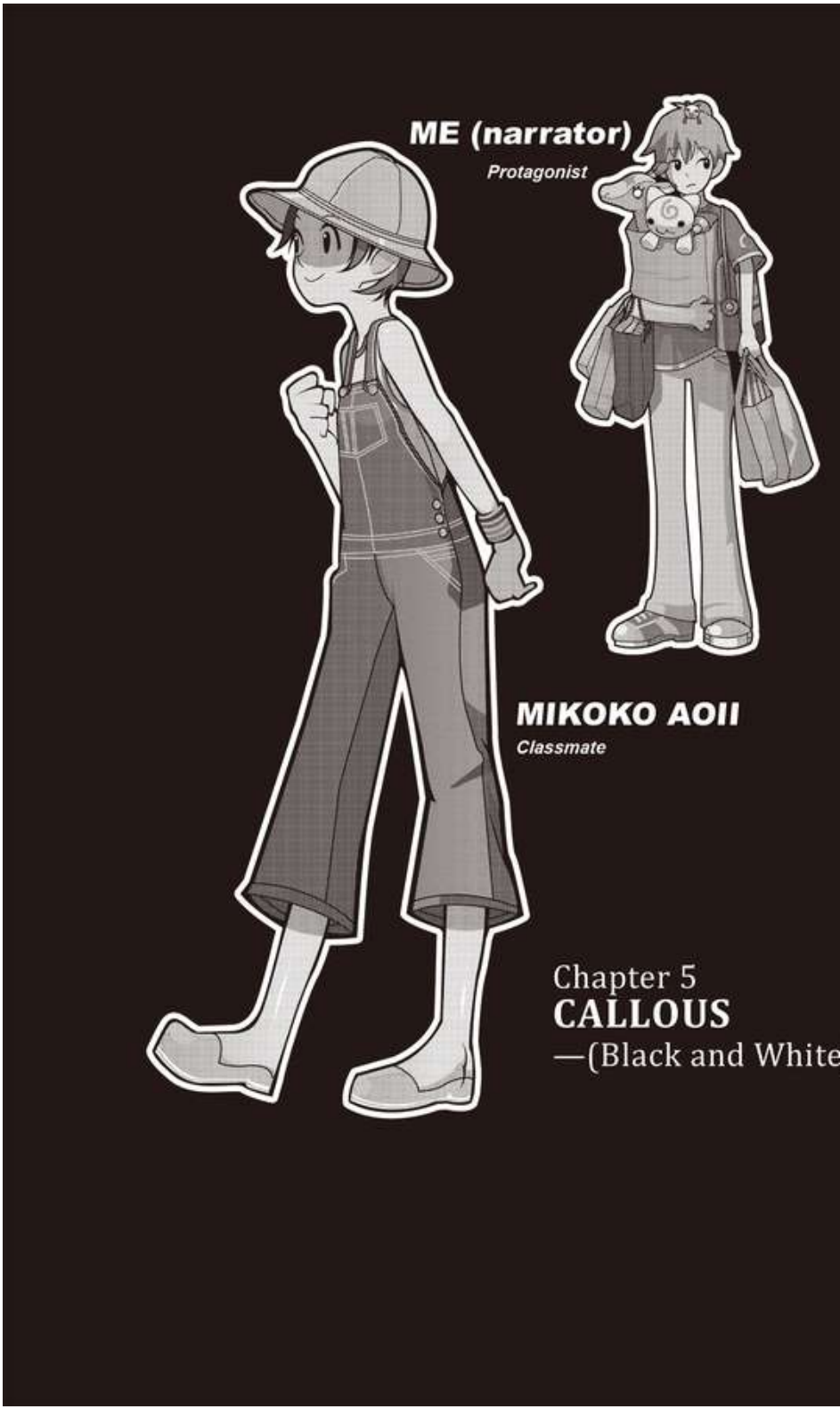
Eu estava um pouco preocupada — e incrivelmente solidária.

Mas não pensei muito nisso.

O que acontecia em outro mundo não me interessava muito. Mesmo que envolvesse meu reflexo no espelho.

Chegou a hora de pensar no meu próprio mundo.

Peguei o envelope que me foi enviado por Kunagisa.



Chapter 5
CALLOUS
—(Black and White

0

Eu gosto muito de você, te amo muito.

1

No sábado, 21 de maio, acordei cedo pela manhã.

“Hora de levantar.”

Tive um sonho horrível. Parecia que eu estava prestes a ser morta e, ao mesmo tempo, que eu estava tentando matar alguém. Meu corpo inteiro era controlado pela pura vontade de causar dano e, simultaneamente, eu estava sendo ferida. Era como se eu corresse, corresse, corresse e corresse, apenas para alcançar, de forma horripilante, a mim mesma fugindo. A morte certa estava logo atrás de mim, e ainda assim era estranhamente estimulante. Era esse tipo de sonho terrível.

O simples fato de você não conseguir se lembrar transformou tudo em um pesadelo, e o fato de ser um pesadelo fez com que fosse um despertar brutal.

Levantei-me do futon e verifiquei as horas. Cinco e cinquenta da manhã. Meus planos com Mikoko eram às dez, então eu ainda tinha aproximadamente quatro horas livres. Sem nada específico para fazer, dobrei o futon e o guardei no armário.

Saí de casa pensando que seria bom correr um pouco depois de um tempo. Tranquei a porta por precaução, mas, dada a qualidade do

lugar, Aikawa não era o único que poderia invadir facilmente se quisesse. Não que houvesse algo lá que eu me importasse de ter roubado.

Corri para leste pela Rua Imadegawa e voltei assim que avistei a Universidade Roshisha. Voltei direto para o meu apartamento e troquei de roupa, tirando as roupas suadas. *Por que, oh por que eu fui correr nesse calor?,* me arrependi, como sempre.

Peguei o livro que havia emprestado da biblioteca da faculdade e reli a parte em que havia parado. Ainda me restava um bom tempo, então peguei o envelope de Kunagisa, cujo conteúdo eu já havia folheado algumas vezes.

"…"

Eram documentos internos da polícia.

Quanto a como Kunagisa os havia obtido, quanto menos eu soubesse, melhor. O que eu entendia, no entanto, era que ela podia acessar praticamente qualquer lugar com eletricidade e que tinha um amigo fora da lei que conhecia toda a Via Láctea. Claro, normalmente eu não tinha muito interesse em casos criminais. Mas esses eram documentos sobre o assassinato de Tomoe Emoto.

"Mas vamos lá…"

Folheei as folhas de papel A4 presas com clipes.

"…"

Não havia nenhuma informação realmente nova. Eles elaboraram alguns detalhes menores, mas a maioria parecia irrelevante, e Sasaki já havia transmitido o arco geral da história. Fiquei um pouco decepcionado ao perceber que Aikawa me torturou por nada.

Ainda assim, não foi um desperdício total.

Havia fatos dos quais eu não tinha conhecimento, mas que

deveria ter tido.

“Então aqui temos relações de álibi…”

Naturalmente, poderíamos dizer que as quatro colegas que estavam com Tomoe Emoto na noite em que ela morreu (ou seja, nós) eram suspeitas. No entanto, todas as quatro tinham álibis, pelo menos por enquanto. Miiko, a vizinha, havia garantido a inocência de Mikoko e a minha, enquanto Muimi e Akiharu garantiam a inocência uma da outra. Eu havia presumido que havia uma pequena possibilidade de que elas tivessem cometido o crime em conluio, mas, na visão da polícia, esse não era o caso. Sasaki deu a entender que Muimi e Akiharu tinham ido ao karaokê sozinhas, mas algumas outras pessoas da faculdade também estavam lá. Em outras palavras, os álibis de Akiharu e Muimi eram tão sólidos quanto os de Mikoko e o meu. Se alguém tinha um álibi frágil, esse alguém era eu. Afinal, Miiko só podia garantir o que ouviu através da parede do apartamento.

Mas é claro que eu sabia que não era o assassino.

“Ok, chega dessa…”

Em seguida, veio a lista de itens no apartamento. Quando entrei sorrateiramente com Zerozaki, não achei que faltasse nada, mas aparentemente estava enganado. O documento listava tudo o que havia no apartamento de Tomoe, do maior móvel ao menor acessório. Era meticuloso, como se o conceito de privacidade nem existisse, e dava a impressão de que representava um relato completo da personalidade de Tomoe Emoto.

Ainda.

Faltava uma coisa na lista: uma alça de pescoço com cápsula líquida, ou seja, o presente de aniversário de Akiharu.

Eu o vi entregar o objeto a ela com meus próprios olhos, então foi

estranho que não estivesse no quarto. A explicação mais lógica que me veio à mente foi que *o assassino o havia levado,* mas isso só levantou a questão de *para quê diabos.*

"Não valia exatamente muito…"

Entretanto, o celular do qual ela havia me ligado foi encontrado em seu bolso. O registro da conversa corroborou minha afirmação.

Nenhum objeto estranho foi encontrado em seu apartamento. Evidentemente, o assassino fugiu levando o pano fino supostamente usado para estrangulá-la.

"Pano… Um pedaço de pano… Pano, hein?"

Em seguida, veio uma descrição detalhada da descoberta do corpo por Mikoko, algo que eu não tinha conseguido arrancar dela. Ela tinha ido ao apartamento de Tomoe de manhã e tocado a campainha. Mas ninguém atendeu. Ela também não atendia o telefone. Achando isso estranho, Mikoko passou pela entrada com trava automática enquanto um dos outros moradores saía e foi até o apartamento de Tomoe. A porta dela não estava trancada. Eu temia que pudéssemos ter outro maldito quarto lacrado em nossas mãos, mas não parecia ser o caso.

"E por último."

Essa inscrição *x* sobre *y*.

A polícia considerou *o crime obra do perpetrador.* Não é de admirar — como disse Sasaki, Tomoe Emoto morreu *instantaneamente,* então uma mensagem de despedida não fazia sentido. Isso era óbvio e algo que eu também havia percebido. Mais uma vez, a série se esqueceu de perguntar *por que o assassino faria uma coisa dessas.* Por que deixar sua assinatura na cena do crime, a menos que fosse Jack, o Estripador?

"E terminamos."

Esses eram os fatos que poderiam me ajudar. No geral, porém,

minhas ideias sobre o caso permaneceram praticamente inalteradas.

E tudo bem, pensei.

Diversas possibilidades insignificantes haviam sido descartadas. Eliminar até as menores era o meu estilo. A essa altura, era seguro dizer que minha solução começava a tomar forma.

"Ainda…"

Que diabos eu estava fazendo?

Por que eu estava me preocupando com isso, afinal?

Era para Tomoe?

Ou Mikoko?

Até mesmo a obtenção desses documentos.

Perder uma quantidade enorme de tempo.

Que diabos eu estava fazendo?

“Devo falar com Sasaki de novo…”

Havia algumas coisas que eu queria perguntar. Algumas possibilidades menores que ainda precisavam ser analisadas. Até que estivesse 100% resolvido, eu não o consideraria uma solução.

Coloquei os documentos de volta no envelope, rasguei-o em pedaços e joguei-o no saco de lixo. Na improvável hipótese de alguém dar uma olhada, haveria problemas. Além disso, tendo examinado o conteúdo com bastante atenção, eu já havia memorizado a maior parte.

Muito bem.

Ainda faltava pouco mais de uma hora para a chegada de Mikoko.

Duas horas, se levarmos em conta a falta de pontualidade dela.

Deitei-me para organizar meus pensamentos.

Sobre este caso?

Não.

Sobre o meu próprio ridículo.

Felizmente, havia bastante tempo.

Eu tive o resto da minha vida.

Mikoko chegou na hora marcada.

“Não estou atrasado hoje!”

Ela fez uma saudação alemã alegre com as duas mãos. Talvez algum circuito nela estivesse com uma configuração estranha, porque ela estava incrivelmente hiperativa. Vestida com uma regata justa e um macacão largo e folgado, ela também tinha a cabeça enfiada em um chapéu amarelo que parecia pertencer a uma criança do jardim de infância (sem querer ser maldosa, claro). Havia algo adorável em seus cabelos ruivos espiando por baixo da aba. A regata era um pouco pequena demais, então parecia que ela estava usando um macacão por cima de nada, o que, bem, como dizer... acho que não me incomodou nem um pouco.

“Ok, vamos embora...” Comecei a sair, mas ela me parou imediatamente.

“Ah, espere, espere, espere.”

Empurrando-me de volta para o quarto, ela entrou também, sem ser convidada. Ela tinha feito isso da última vez também. Talvez invadir casas fosse um de seus passatempos. Não um passatempo muito sociável, se você me perguntar.

“Trouxe um presentinho para você hoje. Para agradecer por ter passado o dia comigo.” Mal terminou de falar e abriu — em vez da sua bolsa de sempre — uma sacola grande estilo Boston. Tirou de lá algo parecido com uma lancheira, embrulhada em uma bandana. Quando desembrulhou, viu que era um pote de Tupperware.

“Ah. O que temos aqui?”

"Guloseimas!", exclamou ela, levantando a tampa. Dentro havia seis pedaços de batata-doce moldados como Mont Blancs. Estavam um pouco desajeitados, então percebi que eram feitos à mão.

“Nossa, então você cozinha e essas coisas.”

“Sim. Mas não espere que seja muito gostoso nem nada do tipo.”

"Posso comê-los?"

“Claro! Ah, é mesmo.” Ela tirou uma garrafa térmica da bolsa, me entregou a xícara e serviu o chá. Era chá preto, e da marca Marco Polo, nada menos. Então ela tinha vindo preparada para compensar o fato de que meu quarto não teria nada além de água. Essa garota não deixava nada passar despercebido.

Ela também se serviu um pouco.

“Bem, saúde!”, brindou ela com um largo sorriso.

Brindei com ela e peguei um pedaço de batata-doce. Uma doçura indescritível se espalhou imediatamente pela minha boca. Claro, elas não são chamadas de batatas- *doces* à toa, mas eu estava detectando uma quantidade extraordinária de açúcar.

"Muito legal", expressei minha sincera impressão.

“Sim! Eu adoro doces!”

"Não diga."

Assenti com a cabeça e coloquei o próximo na boca. Sim. Delicioso. Na verdade, eu não tinha tomado café da manhã, então essa foi uma surpresinha bem conveniente. Hum, mas eu achei que a Mikoko tinha me dito em algum momento que não gostava de doces. Ela pode ter dito isso ou não. Não consigo me lembrar.

Bom, tanto faz.

Ela era uma menina. Você sabe como elas podem ser volúveis.

Em cinco minutos, as batatas-doces tinham sido consumidas até o

último pedacinho.

“Então você cozinha muito bem, Mikoko.”

“Sim. É porque eu era uma criança que ficava sozinha em casa depois da escola.”

“O que é uma… criança que fica sozinha em casa?”

"Hum, significa uma criança que fica muito tempo sozinha em casa. Crianças cujos pais trabalham precisam levar a chave de casa para a escola, certo?"

"Por que?"

“Hum, porque se não tem ninguém em casa, a porta vai estar trancada?” ela continuou, parecendo bastante perplexa. “É por isso que chamam essas crianças de ‘crianças com chave na porta’…”

“Ah, entendi.”

Desviei o olhar de Mikoko, olhei para o teto para esconder minha expressão e assenti com a cabeça.

E aí, o que acha…

Então, famílias como essas existiam.

“Ikkun, eu disse alguma coisa errada?”

“Hã? Por quê?”

“Você está fazendo uma careta muito estranha.”

Ela não parecia tanto preocupada, mas sim nervosa, quase assustada.

"Não é nada", balancei a cabeça em negação. Sim, não era nada mesmo, um detalhe que não deveria incomodar ninguém. "Vamos, agora sim, de verdade. Para onde, Mikoko?"

"Huh?"

“Você queria ir às compras, certo? Acho que foi isso que você disse. Shinkyogoku? Estação de Kyoto? Ou você quer ir até Osaka?”

“Ah. Hum. Hum.” Ela começou a ficar nervosa como se nem tivesse pensado nisso. Seus olhos percorreram o ambiente procurando algo ou alguém que a resgatasse, antes de finalmente se fixarem em mim. “Q-Qualquer lugar está bom!”

O que ela estava dizendo?

“Você não pode estar falando sério. É você quem está fazendo as compras.”

“E você, Ikkun? Tem algum lugar em particular que você queira ir comigo?”

"Não preciso de nada. Veja bem, morando num quarto assim, mais cedo ou mais tarde eu teria que jogar tudo fora. Seria um absurdo. Não que eu seja contra o absurdo, mas realmente não preciso de nada. O que você queria comprar?"

“Hum, bem, você sabe, roupas e essas coisas.”

"Huh."

“E eu quero jantar fora.”

“Então acho que Kawara-machi é o caminho a seguir.”

"Está bem", concordou Mikoko.

Eu era um pouco ingênua, mas será que ela era ainda pior? Por que eu estava decidindo onde ela ia fazer compras? Mas tocar nesse assunto pareceu inútil. Eu disse: "Tudo bem, vamos lá", e saímos da sala juntas.

Caminhando um pouco, chegamos ao ponto de ônibus Senbon Nakadachiuri e esperamos um ônibus para Shijokawara-machi. Em cinco minutos, chegou um ônibus da linha 46. Entramos, encontramos dois assentos vazios por sorte e nos sentamos, eu perto da janela e ela ao meu lado.

“A propósito, Mikoko. Você veio na sua Vespa, não foi?”

“Sim, Vespa. Minha Vespa”, respondeu ela, parecendo um pouco tensa. Aparentemente, minha fúria do outro dia a havia impressionado bastante. Fiquei pensando se talvez tivesse ido longe demais, mas há momentos em que nem eu consigo manter a calma.

Na verdade, isso acontece com frequência.

“Então você terá que voltar para buscá-lo…”

“Não tem problema. Contanto que eu pegue o ônibus, o preço é o mesmo! É uma tarifa fixa dentro dos limites da cidade!”

“Acho que é verdade.”

“Então você não pretende comprar um carro, uma scooter ou algo do tipo?”

“Não. As coisas não são particularmente inconvenientes sem um.”

“Hum…” Mikoko assentiu ambiguamente. “A Tomo era igual. Ela tinha carteira de motorista, mas não tinha carro. Ela disse que só usava como documento de identidade.”

“Sim, eu também.”

“Entendi! Talvez todo mundo seja assim. Mas eu quero começar a dirigir assim que tirar minha carteira.” Sim, eu me lembrava dela falando algo sobre ir para uma autoescola e pedir para o pai comprar um carro para ela quando tirasse a carteira.

“Eu dirijo de vez em quando. Pego o carro da Miiko emprestado.”

“Hum…”

No instante em que mencionei Miiko, a expressão de Mikoko tornou-se terrivelmente entediada. A essa altura, até eu já havia percebido que mencionar minha vizinha não servia para animar uma conversa com Mikoko.

"Entendo", eu disse, "então Tomoe também tinha carteira de habilitação."

Sim. Só para constar.

“Entendo. A propósito, você foi à escola ontem ou anteontem?”

“Sim. Por algum motivo, não te vi lá.”

Isso porque eu faltei às aulas nos dois dias, senhora.

Tendo obtido esses documentos por meio de Kunagisa, tive muito o que pensar. Meu papel como estudante universitário não era uma prioridade baixa, mas também não era uma prioridade muito alta.

“Eu vi Akiharu e Muimi”, Mikoko compartilhou comigo. “Conversamos sobre fazer um evento em homenagem a Tomo. Você precisa vir quando fizermos isso.”

Por um instante, por uma fração de segundo, hesitei, mas respondi: "Certo. Não se esqueça de me convidar." Não sabia dizer se estava concordando ou tentando me esquivar da situação. Conhecendo minha personalidade, era mais provável que fosse a segunda opção, mas, neste caso, talvez fosse a primeira.

Descemos do ônibus em Shijokawara-machi.

“Tá bom! Hoje eu vou me divertir muito!” exclamou Mikoko, esticando os braços. Então, ela exibiu o sorriso mais encantador, espirituoso e libertador que já me mostrou. “Adeus às coisas sombrias! Hoje vamos nos divertir! Não é, Ikkun?!”

“…Sim, você disse tudo.”

“Sim! Mikoko, a toda velocidade!”

Nas seis horas seguintes, Mikoko fez exatamente como havia prometido, correndo de um lado para o outro de Shinkyogoku como se realmente tivesse se esquecido de Tomoe.

Pulando, saltitando por aí.

Muito feliz.

Um guerreiro feliz.

Selvagem ao extremo.

Uma freira travessa.

Quase loucura.

Como se ela estivesse quebrada.

Como se ela estivesse esgotada.

Era como se ela estivesse derretendo.

Ela dançou loucamente.

Ela voou por todos os lados.

Ela entrou em espiral.

Como se ela estivesse oferecendo resistência.

Como se ela estivesse oferecendo resistência.

Ela abriu as asas como forma de autopunição.

De alguma forma, parece confundi-la com uma fada.

Como uma criança inocente.

Como uma garota sem pecado.

Uma existência totalmente pura.

Expressando livremente suas emoções.

Rindo.

Furioso.

Por vezes, chegava mesmo a lamentar-se com os olhos marejados.

Mas voltando sempre àquele sorriso radiante.

Até eu.

Apenas um cara que por acaso estava lá.

Meu.

O Produto Defeituoso

"…"

Ou talvez ela já tivesse se decidido naquele momento. É uma desculpa esfarrapada da minha parte, que não pude salvá-la, não, que

não a salvaria de jeito nenhum, dizer isso, mas ainda assim fico pensando.

Será que Mikoko Aoii já tinha consciência do seu destino?

"Nossa, o tempo voou, não é? Não consigo acreditar", ela exclamou, maravilhada.

“Bem, é como disse Einstein. Há uma enorme diferença entre um minuto passado com uma garota bonita e um minuto passado com a mão no fogão”, comentei como se ele fosse um velho amigo meu.

"Hã?" Mikoko exibiu um olhar de puro triunfo. "Será possível? Você está dizendo que me acha bonita?"

"Não vou negar", falei simplesmente para manter a conversa. Dar uma resposta muito direta poderia resultar em um desvio desnecessário, se há algo que aprendi hoje.

Eu carregava três sacolas de papel na mão direita, duas na esquerda e duas sacolas plásticas nas costas. Estavam quase todas cheias de roupas, então nada estava muito pesado, mas foi um choque ver a Mikoko gastando notas de dez mil ienes uma atrás da outra. A Kunagisa também adorava fazer compras, mas no caso dela, tudo era online, de casa, então ver alguém gastando tanto, com tanta naturalidade, bem diante dos meus olhos, foi uma experiência bem nova para mim.

“Certo, então… Que tal comermos alguma coisa e depois voltarmos?”, sugeri.

“Sim! Uau!”

“Qual é o problema?”

"Fico tão feliz que você me convidou!", disse ela com um grande sorriso.

Ela estava muito agitada hoje…

Por que ela deveria estar tão feliz?

De lá, fomos a um lugar em Kiya-machi que era uma espécie de mistura de bar com café. O interior era decorado como um presídio, com os funcionários vestidos de prisioneiros ou policiais, mas apesar das peculiaridades do lugar, a comida e os preços eram razoáveis. Eu já tinha vindo aqui antes com a Miiko, e consideramos um dos três melhores restaurantes da cidade, mas achei que não seria inteligente dizer isso para a Mikoko. A Aikawa só me levava a bares japoneses que serviam saquê, a Kunagisa só comia besteira, e praticamente todo mundo que eu conhecia era exigente. Nesse sentido, ter alguém que eu pudesse convidar para um lugar assim era valioso.

Uma policial (falsa) nos conduziu até nossa cela, onde nos sentamos.

“Gostaria de algo para beber?”, perguntou ela. Mikoko pediu um coquetel e eu um copo de chá oolong.

“Você realmente não bebe, né?”

“É uma espécie de política. Tipo o Muimi, que não fuma na frente de não fumantes.”

“É verdade! Sabe, na verdade foi a Tomo quem pediu para ela parar. A Tomo raramente exigia algo das amigas, então até a Muimi a ouviu.”

“Verdade… Muimi geralmente não parece se importar em incomodar os outros.”

“Sim, mas você sabe, ela disse que vai se demitir.”

"Huh."

"Vai ser bom para a saúde dela!" exclamou Mikoko, dissipando qualquer vestígio de melancolia.

Finalmente, as bebidas chegaram. A garçonete me serviu o

coquetel e a Mikoko, o chá oolong. Ignoramos isso por enquanto e fizemos nossos pedidos de comida.

“Então você é amiga da Muimi desde o ensino fundamental”, eu disse.

“Sim. Mesmo naquela época ela fumava.”

“E, no entanto, ela é bem alta.”

“Sim. Aposto que ela seria ainda mais alta se não tivesse fumado.”

Isso desafiou minha imaginação.

“Sabe, ela costumava ser uma valentona”, continuou Mikoko. “Ela se reformou em algum momento durante o ensino médio.”

“Isso já é muito tarde.”

"Ela conheceu Tomo e, bem, algumas coisas aconteceram. Yadda yadda yadda."

Algumas coisas.

Várias coisas, sem dúvida.

Eles já haviam passado tempo suficiente juntos.

“E você, Mikoko?”

“Hum?”

“Você dá a entender que Tomoe realmente teve uma grande influência sobre Muimi, mas e você? Ou Akiharu?”

Ela ficou em silêncio por um momento, depois soltou um suspiro profundo. "Sabe, eu sempre achei que os relacionamentos humanos se resumiam à duração", disse ela. "Você passa muito tempo com uma pessoa e, de repente, um dia, rola uma conexão. Era o que eu pensava. Mas eu estava enganada. Eu estava enganada, Ikkun. Existem pessoas com quem você não precisa conviver por muito tempo ou ter uma 'conexão' para se sentir atraído."

“Mikoko… Por que você acha que Tomoe foi assassinada?”

“P-Por quê? Não faço a mínima ideia.” Diante da minha pergunta impensada, Mikoko baixou a cabeça. “Não havia motivo para o assassinato dela. Não havia uma única razão possível para matá-la.”

“Acho que o motivo pelo qual as pessoas se matam é, na verdade, bem simples”, eu disse, praticamente ignorando-a. “ *Obstáculos.* Se algum fator está interferindo na sua vida, o passo lógico é tentar eliminá-lo. É como chutar pedras dos trilhos de uma ferrovia.”

“Mas Tomo□”

“Sim, Tomoe sempre se esforçou para nunca ultrapassar os limites das pessoas ou ser invasiva. Em outras palavras, ela não poderia se tornar um obstáculo para ninguém. Ela estava muito fora do alcance desde o início.”

"Sim."

“Em outras palavras, ela não estava em posição de se tornar alvo da má vontade, inimizade ou malícia de alguém. Portanto, não havia motivo para que alguém a matasse. Ela não estava incomodando ninguém.”

SOMENTE VIVENDO
VOCÊ É UM INCOMODO
PARA OS OUTROS

“Mas não é tão simples assim. Quer dizer, a Tomoe não era uma eremita vivendo na floresta aos pés do Monte Fuji. Ela ia à escola, frequentava a faculdade; levava uma vida normal de estudante. Sendo assim, querendo ou não, ela tinha que formar relacionamentos. Agora, deixe-me fazer uma pergunta, Mikoko. Quero sua opinião. O que significa formar um relacionamento pessoal?”

“Hum…” Ela pareceu um pouco confusa, mas respondeu: “Bem, não posso afirmar com certeza, mas acho que é como se aproximar de

alguém.”

“Sim. Certo. Exatamente, Mikoko. Agora, se você reformulasse isso, significaria *escolher alguém*. Mas vamos pensar nisso por um minuto. Escolher alguém significa não escolher outra pessoa. O ato de *escolher* só pode ser o antônimo direto, o outro lado da mesma moeda, de *não escolher*. Não estou falando de bobagens como só poder ter um melhor amigo ou um namorado. Esses são dilemas triviais. O que estou dizendo aqui é outra coisa: um ser humano que seja amado por todos, que possa ser amigo de todos, é uma impossibilidade lógica.”

“Hum… Pode ser difícil — ser querido por todos pode ser difícil — mas não acho que seja impossível. Talvez não por todos no mundo, mas acho que é possível, pelo menos com as pessoas ao seu redor.”

“Não acho que seja. É nisso que acredito. As pessoas não são todas tão bondosas quanto você imagina. Existem assassinos em série por aí que só enxergam os outros como objetos a serem desmontados. Existem seres azuis que só conseguem processar a sociedade em termos de zeros e uns. Alguém que é cínico em relação ao mundo, sem falar das pessoas, pode ser o mais forte da humanidade. Existem videntes que já provaram todas as esperanças e todos os desesperos e continuam sorrindo com ar de superioridade. Existem pintores que consideram não só a existência dos outros, mas também a sua própria, meros elementos de estilo. Existem pessoas que só conseguem interpretar a boa vontade como má vontade.”

“…”

“Ora, não era *exatamente esse o entendimento.” Por que* Tomoe escolheu não se envolver muito com as pessoas em sua vida? "Se você quer ter o mínimo de inimigos possível, a melhor maneira é não fazer amigos."

“Tomo não era…” *esse tipo de garota,* sussurrou Mikoko, e eu quase não a ouvi. Parecia que ela mesma sabia que tal afirmação não tinha fundamento. “Mas mesmo que fosse, Ikkun. Mesmo que fosse, o fato é que ela foi assassinada.”

“Você tem razão. Tomoe sempre se certificava de nunca se envolver demais com ninguém e, ao mesmo tempo, demonstrava uma habilidade incrível em não deixar isso transparecer.” Era exatamente o que eu era incapaz de fazer. Não importava o quanto eu tentasse. “Mesmo assim, ela foi assassinada. Tomoe foi assassinada. Agora, Mikoko, vamos dar uma olhada nesse assassino em série e desmembrador de corpos que se tornou uma sensação ultimamente. *Esse cara* mata indiscriminadamente. Cruzar o olhar com ele, ou *não,* esbarrar nele de relance, ou *nem mesmo esbarrar,* já é motivo suficiente para ele matar. Ele mata mecanicamente. Automaticamente. Nesse caso, até Tomoe é um alvo em potencial, e o mesmo vale para mim.”

“Então… ela foi morta pelo invasor?”

“Aparentemente não. Segundo Sasaki, o detetive. Essa é a única coisa que eles parecem saber com certeza. Ok, mudando um pouco de assunto… Mikoko, você já pensou que tem gente demais?”

Mikoko desviou o olhar diante da minha pergunta um tanto abrupta. Esperei em silêncio por sua resposta, e ela disse: "Isso não significa que você pode matar pessoas. Ikkun, você está aprovando o assassinato?"

“Não”, respondi sem hesitar. “Não se trata de permitir ou não. Isso precede qualquer questão de conivência, porque assassinato é o pior de todos. Isso eu posso afirmar. O desejo de tirar uma vida é a emoção humana mais desprezível. Esperar, rezar e desejar a morte de outra pessoa é irremediavelmente maligno. É um pecado imperdoável.

Que me condenem se uma atrocidade que não admite desculpas ou expiação puder ser tolerada.”

Minha voz era tão impiedosa que eu nem parecia eu mesma.

Um completo disparate.

Quem era realmente o caso perdido aqui?

“Qualquer pessoa que tenha tirado uma vida deveria cair e afundar nas profundezas do inferno, sem exceção.”

“M-Mas…” Mikoko engoliu em seco, apavorada com a minha declaração, mas conseguiu articular uma objeção. “E se a pessoa estivesse em perigo? E se você estivesse andando pelo Parque Kamogawa à noite, Ikkun, e esse invasor de Kyoto viesse na sua direção com uma faca? Você simplesmente deixaria ele te matar?”

“Não, eu resistiria.”

"Certo?"

Você tem razão. E eu poderia usar força excessiva e matá-lo acidentalmente. O mesmo vale para mim como para qualquer outra pessoa. Mas eu também perceberia algo. Tirando a vida de alguém para preservar a minha, eu perceberia — a minha própria pecaminosidade. Eu perceberia que sou culpado simplesmente por estar vivo, que sou um crime que ficará impune mesmo se eu morrer.

“Mas, mas você estava prestes a ser morto, entendeu? É natural que um organismo tente sobreviver nessa situação.”

“Quando você considera isso natural, já se desviou do caminho. Deixemos uma coisa bem clara. Sou capaz de matar”, declarei.

“…”

“Seja por mim ou por outra pessoa, eu poderia massacrar outro ser humano. Eu poderia erradicar outra vida, seja a de um amigo ou de um membro da família. Por que você acha que isso acontece?”

"Bem, por quê? Eu não sei", disse Mikoko ansiosamente. "Acho que isso não é verdade. Você é um cara legal. Não acho que você conseguiria fazer isso."

“Eu consigo. Sem dúvida. Porque não sinto a dor dos outros, nem um pouco.”

“…”

“Por exemplo, tenho uma amiga que não demonstra a maioria das emoções humanas básicas. Ela está sempre feliz, se divertindo independentemente da situação, mas isso só acontece porque ela desconhece qualquer outra emoção. Como resultado, ela mal consegue entender por que outras pessoas ficam tristes ou com raiva.”

A única maneira que ela conseguia compreender a sociedade. Ela não conseguia distinguir entre o paraíso e o paraíso perdido.

“Eu sou igual. Não, eu sou muito pior”, confessei. “Não consigo entender a dor dos outros, nem um pouco. Por quê? Minha personalidade não me permite avaliar minhas próprias sensações de *dor* ou *sofrimento* adequadamente. Não sinto nenhuma antipatia nem mesmo ao pensamento da morte. Não é que eu queira morrer, mas minha vontade de resistir a ela é anormalmente baixa. E isso me leva ao que eu estava dizendo, Mikoko.”

“…”

“Existem vários 'freios' que impedem as pessoas de se matarem. Um dos mais importantes é sentir: ' *Nossa, esse cara deve estar sofrendo'* ou *'Cara, eu sinto pena dele'*. Não é verdade? É sim. Por exemplo, tenho certeza de que você já sentiu vontade de machucar alguém. Mas provavelmente você não chegou a dar um soco nem nada do tipo.”

“Hum-hum. Nunca dei um soco em ninguém. Nem uma vez.”

"Mas aposto que você já quis, não é?"

Ela não respondeu. Essa foi a confirmação mais clara que ela poderia ter dado. Não era crime; ninguém consegue passar pela vida sem desejar mal a ninguém, mesmo estando no céu.

"Acho que basicamente estou falando de empatia. É assim que você consegue simpatizar e ter pena, e também se conformar. Então, nem sempre é algo bom. Ciúme e inveja têm a empatia como raiz. *A preocupação com os sentimentos dos outros.* Pode ser tanto uma qualidade quanto uma deficiência."

Se você entendesse tudo o que os outros sentem, talvez tudo o que lhe restasse fosse se despedaçar, como ela naquela ilha.

“Mas não vamos filosofar sobre os méritos relativos aqui”, eu disse. “A questão é que me faltam esses mecanismos de controle. Não consigo entender os sentimentos das pessoas. Além disso, tenho que me controlar. Fazer isso é incrivelmente angustiante. Não tem graça nenhuma. Mas, de alguma forma, consegui manter meus demônios sob controle.”

Abrigar um monstro desses dentro de si

Você tem coragem de continuar vivendo.

“Ikkun…”

"Eu posso chegar ao meu limite a qualquer momento. E é por isso que não consigo perdoar um assassino. Como poderia? A própria existência de um assassino é detestável. Deplorável. Odeio todos os assassinos do fundo do meu coração. Odeio-os profundamente. Simplesmente, eu gostaria de esmagá-los a todos."

“…”

“Estou brincando, não acho isso de jeito nenhum.”

Nossa comida chegou. Mikoko pediu mais bebida alcoólica e eu pedi um copo d'água.

Ficamos sentados jantando por um tempo sem dizer uma palavra.

“Ei, Ikkun…”

"Sim?"

"Por que você está me contando tudo isso?", perguntou ela, como se estivesse confusa — como se quisesse dizer que tinha sido um dia muito divertido.

Balancei a cabeça em silêncio. Sem dúvida, foi um gesto terrivelmente frio. "Achei que você gostaria de ouvir. Eu estava errado? Não, né?"

“…”

“Eu também queria que você soubesse até que ponto sou um produto defeituoso.”

“Um produto defeituoso… Que coisa horrível de se dizer. E sobre si mesmo também.”

“Só posso dizer isso porque se trata de mim mesma. Se eu não sou um produto defeituoso, então, pelo menos, não sou mais humana. Não acha? Aliás, as pessoas me dizem isso com frequência. *Sou uma pessoa completamente desequilibrada,* qualquer um que tenha se aproximado um pouco de mim já me disse. *Anormal. Herege. Grotesca. Vil.* E tudo isso está correto.”

"Ikkun..." Mikoko murmurou nervosamente. "Você parece que vai se suicidar."

“Eu não vou me suicidar. Eu prometi.”

Você... prometeu?

“Sim. Para a primeira pessoa que eu matei.”

Uma pausa.

Coloquei um cubo de bife na boca. "Brincadeira", eu disse. "Infelizmente, minha vida não é tão emocionante assim. E eu não sou

romântico o suficiente para fazer uma promessa tão incrível. Sou apenas um cara comum que está faltando alguma coisa essencial. O verdadeiro motivo pelo qual não vou me suicidar é que, bem, fica feio. Sabe, como se eu estivesse fugindo dos meus próprios defeitos. Claro que estou, mas não quero parecer que estou."

“Ikkun, eu sei que você não é como as outras pessoas, mas… se você se matasse, eu choraria. Eu sei que choraria. Esqueça essa história de ser defeituoso ou o que for. Você está vivendo uma vida normal, não está?”

“Coisas quebradas podem ser consertadas. Coisas que são simplesmente inadequadas não podem.”

Mikoko soltou um suspiro profundo. "É como se eu estivesse falando com a Tomo."

“Hum? Ela conversou sobre esse tipo de coisa com ela?”

“Bem, não exatamente. Quer dizer, ela não se abria muito com as pessoas. Mas se tivéssemos tido uma conversa *de verdade* , tenho certeza de que teria sido assim.”

“Nesse caso…”

Nesse caso, foi realmente lamentável.

Senti ainda mais que deveria ter tido uma conversa séria com Tomoe Emoto.

Se eu tivesse... / Se eu tivesse?

E se eu tivesse?

Será que eu pensava que isso traria algum consolo? E quem eu pensava que seria salvo?

Em primeiro lugar.

Em primeiro lugar, *não foi precisamente porque tínhamos conversado que ela* □

"Aposto que Tomoe", eu disse sem levantar os olhos, "não guarda ressentimento do culpado. Ela não deve ter nenhum rancor, nem um pouquinho."

“Por que você pensa assim?”

“É só um palpite. Nenhum outro motivo. Podem chamar de sentimentalismo barato, mas eu acredito nisso sobre a Tomoe. Tenho certeza de que ela não é do tipo que guarda rancor.” O presente do indicativo — eu fiz questão de usar o presente em vez do passado. “Claro, dizem que ela foi estrangulada por trás, então provavelmente nem viu o rosto do culpado. Acho que ela não conseguiria guardar rancor do assassino mesmo se quisesse.”

“O rosto do culpado…” repetiu Mikoko. “A pessoa que a matou…”

“Mas Tomoe provavelmente não se importava mesmo. Quer dizer, *o resultado é o mesmo, não importa quem te mate.* No fim das contas, essa é a questão de ser assassinado. Não importa quem te mate, o fato de você morrer não muda. Além disso, Tomoe era como eu — morrer não a incomodava muito. Posso afirmar isso com bastante certeza. Ela não parecia gostar muito de si mesma. Ela me disse isso naquele dia. Ela quer renascer como você.”

Ao ouvir isso, Mikoko pareceu prestes a chorar. Ela conseguiu conter as lágrimas, mas murmurou o nome da amiga para si mesma por um tempo.

“Tomo… Tomo□Tomo…”

Assisti a isso, impassível.

Realmente, sem sentir nada.

“Mikoko, quem você acha que fez isso?”

“Sabe, você parece estar bem obcecado com isso”, ela observou

com um leve toque de suspeita. “Você andou investigando o caso ou algo assim?”

“Sim”, respondi honestamente. “Bem, não tanto investigar, eu só quero saber. Espero encontrar quem fez isso. E fazer algumas perguntas. Ou melhor, eu gostaria de interrogar a pessoa□”

“Você consegue justificar a sua própria existência?”

"Ikkun", disse Mikoko com muita tristeza, "você é assustador. Muito assustador."

"Será? Pessoalmente, acho que não, mas talvez seja."

“Você é capaz de impor suas próprias regras aos outros. Como posso explicar? É como se você se visse apenas como uma engrenagem no mundo, mas também considerasse os outros como meras engrenagens. Não, não engrenagens. Se uma engrenagem desaparece, a máquina inteira quebra, mas você não se importa se uma ou duas pessoas sumirem.”

“Eu não iria tão longe.”

“Ainda acho que você não é o tipo de pessoa que mataria alguém assim, Ikkun. Mas você também deve ser o tipo de pessoa que não hesita em mandar alguém *morrer*. ”

“…”

“Não tenho razão? Quer dizer, fazer uma pergunta dessas para a pessoa que matou o Tomo é o mesmo que declarar: 'Você não merece viver'. É cruel. É muito cruel. Ikkun, você percebe isso?”

“Sim”, respondi prontamente, “estou plenamente ciente disso. Conheço tão bem minha pecaminosidade e minha tendência ao absurdo que poderia afundar nas profundezas do inferno só por causa

disso. Alguém me disse uma vez que a maioria dos homicídios resulta de *ir longe demais* ou *usar força excessiva,* mas, no meu caso, sou capaz de assassinato premeditado. Pertenço àquela rara e desprezível espécie que pode tirar uma vida sem qualquer necessidade de autoaprovação, autoengano, autonegação ou autossatisfação."

"Você se odeia muito."

"Sou masoquista", admiti. "E das mais perversas. Mas é o meu jeito, o meu credo, o meu estilo. Não pretendo ceder um milímetro."

"É, eu também não achava."

Mikoko parecia um pouco solitária.

Como se estivesse olhando para alguém à distância.

Alguém que já não estava mais lá.

Um olhar efêmero e comovente.

E expressão.

E ar.

Ela nunca escondeu suas emoções.

Nem sequer tentou.

Então dava para perceber.

E compreenda.

Como se.

Você foi capaz de perceber como outra pessoa estava se sentindo.

Uma ilusão.

"Mas isso é…" ela disse.

Foi, por exemplo□

Afeição.

Uma presença querida.

Palavras de saudade.

Um ar verdadeiramente natural.

Um ambiente verdadeiramente descontraído.

Uma impossibilidade singular.

Não aceita a indiferença.

Um sonho deslumbrante de um pesadelo.

Uma sensação de distorção e ruptura da realidade.

Desejar uma contraparte. Estar diante de uma contraparte.

O prazer de ser derrotado.

O prazer de ser atravessado.

O êxtase de ser desmembrado.

Cortado em pedaços viscosos.

Um componente vital que rouba.

De partir o coração.

Alucinante.

Sorriso.

“O Ikkun que eu amo.”

Uma pessoa com aparência de delinquente estava agachada em frente ao meu prédio. Curioso para saber quem poderia ser, me aproximei e descobri, meio que sem esperar, que era a Aikawa. Seu penteado havia mudado um pouco desde quarta-feira, então talvez ela tivesse cortado. Era um corte elegante, como os que algumas celebridades usam, com a franja formando uma linha perfeitamente reta logo acima da sobrancelha. Com suas proporções já extraordinárias, o novo visual a deixava ainda mais parecida com uma modelo. Se ao menos ela não estivesse agachada como uma delinquente de colégio.

“E aí.” Ao me notar, ela se levantou e veio caminhando tranquilamente na minha direção. Ela tinha um sorriso meio felino no rosto. “E aí, como foi seu encontro?”

“Vocês estavam nos observando?”

"Eu te vi em Shinkyogoku, só isso. Estava esperando aqui para zoar de você."

"Eu vejo."

Quanto tempo livre essa mulher tinha? Fiquei um pouco assustado. Ela era completamente insondável. Não havia como prever o que ela faria em seguida. Uma mulher astuta e misteriosa.

“Então você cortou o cabelo. Procurando uma mudança de ares?”

“Para ser mais precisa, eu cortei”, respondeu ela, ajeitando a franja.

“Bem, sim, suponho que sim.”

"Sim. *Um golpe rápido* com uma faca de sobrevivência. Se eu tivesse desviado um segundo depois, não teria mais meu olho

esquerdo. Tenho que admitir, até eu fiquei com medo."

"…"

Ela tinha a pior cabeleireira de todos os tempos.

"Acho que vou manter curto por um tempo. O que você acha? Funciona?"

"Aikawa, qualquer penteado ficaria bem em você. Você é uma mulher linda."

"Ah, você é muito gentil. Mas quantas vezes eu tenho que te dizer para não me chamar pelo meu sobrenome?"

Ela me deu uma gravata e me deu umas palmadas tão fortes que me deixou tonto antes de me soltar.

Então ela exibiu seu sorriso malicioso.

Não havia nada que se pudesse dizer contra essa mulher.

Se você fizesse isso, jamais se safaria.

"E aí? Como foi?", ela insistiu. "O que está acontecendo com aquela garota mais nova? Hum? Hum? Vamos, conte para a irmã mais velha. Se você estiver em apuros, posso te dar um conselho."

"Acho que você entendeu tudo errado… Jun. Ela é apenas uma das pessoas envolvidas no caso."

"Hum? Ah. Sério? Então… por acaso era Mikoko Aoii?"

Quando assenti com a cabeça, o rosto de Aikawa ficou inexpressivo.

"Humph", resmungou ela. "Entendo. Bom, de qualquer forma, acho que se você já voltou a esta hora, perdeu a chance."

Aliás, eram onze horas.

Mikoko havia bebido uma quantidade absurda de álcool, com todas as consequências inevitáveis. Ela desmaiou no meio do restaurante. Eu a coloquei nas minhas costas e a levei de volta para a

casa de Horikawa Oike, entrei, a coloquei na cama, tranquei a porta e peguei o ônibus para casa. Dessa vez, ela não parecia estar fingindo dormir.

"Que pena, garoto. Quer que eu te console?" provocou Aikawa, parecendo genuinamente divertido.

“Estou te dizendo, não é assim… e mais importante”—decidi mudar de assunto antes que as coisas piorassem—“por acaso esse cabeleireiro que fez sua franja era o Zerozaki?”

“…”

O rosto de Aikawa se contorceu instantaneamente.

Para expressar pura alegria.

“É. Um garoto incrível, viu? Ainda é só um assassino em série de segunda categoria, mas como espadachim, ele é um dos melhores. Ele sabe, por instinto, exatamente como um humano tem que mover cada músculo para atingir a velocidade máxima. E olha só isso”, disse ela, arregaçando a manga direita. Seu braço estava envolto em bandagens brancas manchadas de sangue carmesim por baixo. “Além disso, ele saiu praticamente ileso. Sério, esse garoto é mesmo incrível. Acho que ele está fazendo jus ao nome Zerozaki.”

“Ele é ainda mais durão do que você?”

“Não se trata de ser forte ou fraco. Em termos de diferença de poder, tenho orgulho de dizer que estou vários níveis acima dele. Admito que ele é *assustadoramente* rápido, o Mais Rápido, mas ainda assim está cem anos-luz atrás de mim.”

Ah, Aikawa, o narcisista, abençoado com uma confiança inigualável.

"É verdade, acho que ele só estava concentrado em escapar... Ele estava inesperadamente calmo. Eu imaginava que um assassino em

série seria mais impulsivo. Ma-mas você tinha razão sobre ele."

"O que você quer dizer?"

“Ele é a sua *cara*. Não consigo apontar uma semelhança específica, mas ele é igualzinho a você.” A voz de Aikawa transbordava sarcasmo. “O maníaco masoquista e o maníaco sádico. É uma combinação perfeita.”

“Então”, eu disse, escolhendo minhas palavras com o máximo cuidado possível, “você, hum, encontrou Zerozaki, mas o deixou escapar?”

"Hum?" Com um sorriso sinistro, Aikawa beliscou minhas bochechas. "Desculpe, eu ouvi alguma coisa saindo dessa boca? Hein? O que foi isso? Jun Aikawa é só uma garota que gosta de se fazer de difícil?"

“Não, jamais faria isso. Em primeiro lugar, te chamar de garota seria demais”

Puggg.

Ah, quem diria que a bochecha humana era tão elástica?

“Tudo bem”, disse Aikawa, soltando meu rosto de repente. Ela coçou a cabeça com uma expressão entediada. “Você acertou. Acho que ainda tenho algumas coisas para aprender. Será que aquele rosto tatuado ainda está em Kyoto?”

“Se eu fosse Zerozaki, com certeza teria fugido para outra prefeitura.”

“É…” Aikawa deixou os ombros caírem. “Droga, que complicação. Não que eu tenha a menor intenção de deixá-lo escapar.”

Ao ver o olhar gélido dela, não pude deixar de sentir um pouco de pena de Zerozaki. Era muito difícil se livrar de Aikawa…

“Ok, chega de te incomodar.” Ela esticou as costas e começou a ir

embora. Pelo visto, ela tinha vindo a pé hoje, em vez de no Cobra. “Ou melhor, chega de tentar te incomodar sem sucesso. Bom, tanto faz. Boa noite. Que nós dois tenhamos bons sonhos.”

"Jun, posso te perguntar uma coisa?", perguntei olhando para as costas dela. Ela apenas virou a cabeça.

"Claro."

Você alguma vez aprovaria um assassinato?

“Hã? O que é isso, algum tipo de metáfora?”

“Bem, para ser mais direto… Você acha que é aceitável uma pessoa matar outra?”

"Sim", respondeu ela sem hesitar. "Quem merece morrer, morre." *Hehe,* ela riu cinicamente. "Tipo, digamos que você me mate. Relaxa, cara. O mundo continua", continuou ela friamente, depois acenou com a mão e desapareceu de vista.

“……”

Nossa!

Quem me dera ser tão desafiador, com uma postura tão sarcástica.

Seria maravilhoso.

“Eu realmente sou…”

Meia-boca.

Eu estava cansado de mim mesmo.

Não apenas cansado, mas também desdenhoso.

“Mas de qualquer forma, Aikawa, isso tudo não passa de um absurdo.”

Entrei no prédio e consegui chegar à minha porta sem encontrar ninguém. Ao colocar a mão no bolso para pegar a chave, senti um objeto estranho. Retirei-o e examinei.

Era a chave do apartamento da Mikoko.

"…"

Para que ela pudesse voltar para dentro, tirei a chave da bolsa dela sem pedir. Também não podia deixar a porta aberta, então peguei a chave emprestada para trancar. A princípio, pensei em jogá-la na caixa de correio, mas ela estava presa no mesmo chaveiro da chave da Vespa dela, então acabei levando-a para casa e decidindo devolvê-la no dia seguinte, junto com a scooter. Acredite, não foi só porque eu queria andar de Vespa.

"Na verdade, a Vespa e a chave são tudo o que preciso para fazer a entrega…"

Posso ser tolo, desatento, antissocial e meio babaca, mas depois de um confronto desses, não pude mais ignorá-la.

Mikoko Aoii.

"Agora me lembro, Mikoko."

Entrei no meu quarto e deitei no chão sem sequer estender o futon.

Era meu primeiro dia de faculdade depois de voltar daquela ilha ridícula. Eu não fazia a menor ideia de qual universidade era a certa ou a esquerda no Japão, e ela foi a primeira a me chamar.

"Prazer em conhecê-lo(a)! Há algo que você não entenda?"

Com aquele sorriso radiante.

Um gesto de carinho para com um colega que havia começado as aulas mais tarde.

Achei isso extremamente irritante.

E senti um pouco de gratidão.

Porque sua aura brilhante e inocente me lembrava um pouco de uma querida amiga minha.

"Que hilariante!", eu disse, imitando Hitoshiki Zerozaki, e fechei os olhos.

Sem pensar no amanhã.

Sem pensar muito sobre o caso.

Sem pensar no intruso.

Sem pensar em empreiteiros ou no meu único amigo.

Eu não queria mais pensar em nada.

Chapter 6
ABNORMAL ENDIN
—(That Wraps It Up)

MIKOKO AOII

Classmate

0

Por favor, pare de me iludir.

1

“Voltarei amanhã, por volta do meio-dia. Você terá sua resposta então.”

Esse era o bilhete que eu havia deixado para Mikoko em sua mesa de chá. Chegar a Horikawa Oike levou menos de dez minutos de Vespa, então eu não tinha pressa.

Acordei às oito da manhã. Dei uma corridinha para passar o tempo e me arrependi. Miiko me convidou para tomar café da manhã, então fui até a casa dela e comi. Não era bem comida japonesa, mas sim um prato vegetariano budista completo. O sabor deixou a desejar, mas a quantidade era suficiente para pelo menos matar um pouco da minha fome.

"Bem, eu tenho que ir trabalhar", disse ela por volta das dez horas e saiu do apartamento.

Voltei para o meu quarto para matar mais tempo. Tentei jogar Oito Rainhas, como tinha feito antes, mas meu cérebro parecia não estar funcionando direito e desisti na quinta rainha. Depois, passei para o problema dos Canibais e Missionários, mas, novamente, enjoei no meio. Se eu tivesse um computador, poderia passar o tempo jogando videogame. Talvez fosse hora de ir buscar um com o

Kunagisa. Mas, pensando bem, não parecia uma boa ideia diminuir o espaço do meu quarto só para ter um jeito de matar o tempo. Além disso, o tempo passa do mesmo jeito, quer você o mate ou não. E, como eu disse à Mikoko, eu não detestava ficar entediado e estava bem acostumado a esperar.

"…"

Como qualquer criança minimamente inteligente, li *O Pequeno Príncipe* ainda muito jovem.

Não entendi.

"Você vai entender quando for adulto", prometeram as pessoas.

Recentemente, me lembrei disso e tentei ler novamente.

Eu ainda não entendi.

"Zerozaki sumiu de Kyoto… Não há como contatar Aikawa… E Kunagisa está recluso."

Eu realmente não tinha um único conhecido normal. É verdade, talvez eu nunca tenha desejado ter um.

Ainda assim, às vezes eu me perguntava. Eu me via como um cara tentando viver sozinho, mas será que eu estava definhando numa gaiola?

"É inútil."

No fim, não havia como eu, um personagem isolado neste vasto mundo, enxergar minha situação com uma perspectiva mais ampla. Principalmente porque, como Aikawa apontou, eu não era o personagem principal, nem mesmo um personagem secundário, mas apenas uma voz. Eu estava narrando desajeitadamente um trecho de uma história que se desenrolava sem qualquer ligação com o mundo.

Dito isso, a essa altura, fatos dessa magnitude já não me permitiam afundar em autodesprezo.

“Hora de começar…”

Eram onze horas, ainda muito cedo, mas não podia ser culpado por chegar antes da hora. Pensando assim, saí do meu apartamento e fui até o estacionamento. Liguei o motor da Vespa vintage e coloquei o capacete. Era um modelo estiloso, de tamanho reduzido, que a Mikoko tinha deixado no meu quarto no dia anterior. Não havia nada que eu pudesse fazer para que me servisse, mas o tamanho estava certo, então pelo menos cumpriria sua função de capacete.

Vá. Desci a Senbondori e virei para leste na Maruta-machi. Virei novamente para leste na Horikawa e acelerei a Vespa em linha reta a partir dali.

A doce sensação de cortar o vento.

Eu quase conseguia esquecer que estava vivo.

Como previsto, cheguei a Oike em dez minutos. Estacionei e tranquei a Vespa na garagem subterrânea do condomínio, saí e caminhei até a frente do prédio.

“Da última vez, perdi mais de uma hora aqui, não é mesmo…?”

Foi uma lembrança bastante constrangedora. Meu cérebro tinha uma capacidade incrível de reter justamente essas coisas. Acho que o mínimo que eu podia fazer era aprender com o erro e não repeti-lo.

Dessa vez, entrei no prédio sem parar. Cumprimentei uma câmera de segurança e entrei no elevador.

Neste ponto.

Nesse momento, eu ainda não tinha pensado em nada.

Como responder à confissão dela.

Que palavras eu poderia usar para retribuir seu afeto?

Eu não tinha pensado em nada.

De forma alguma.

"Estou brincando."

Na verdade, eu já sabia disso há algum tempo.

Eu só tinha uma coisa a dizer para ela.

Não havia nada a deliberar.

Considerando o tipo de pessoa que eu era e o tipo de garota que Mikoko era, o resultado era algo como uma equação matemática. Claro, a realidade nunca se conforma a esses cálculos. É mais como tentar descobrir se o último dígito de pi é par ou ímpar. Certamente, era o cúmulo da tolice para alguém como eu, sempre à deriva, imaginando uma situação semelhante a multiplicar a altura e dividir por dois para obter a área de um triângulo, falar de equações, soluções e fórmulas.

Como acabei mudando de opinião de qualquer forma, o que eu pensava agora era irrelevante.

Saí do elevador no quarto andar e caminhei pelo corredor.

Quarto três.

“…foi isso mesmo?”

Minha memória estava um pouco confusa, mas aquilo parecia certo.

Fiquei pensando se Mikoko já estava acordada. Ela certamente não parecia ser do tipo que tinha pressão baixa, mas considerando o quão impontual ela era, não devia ser muito de acordar cedo.

Toquei a campainha do interfone dela.

“…”

Sem resposta.

“Ops.”

Não se tratava simplesmente de não haver resposta pelo interfone.

Não houve qualquer reação.

Nenhum ruído vindo de dentro.

Nada.

“Suspeito… não é bem a palavra que define isso.”

Apertei o botão novamente.

O mesmo.

Não senti a presença de ninguém se movimentando lá dentro.

Angústia. Angústia. Angústia.

Meu coração palpitava.

Meu corpo estava reagindo mal.

“…”

Sem dizer uma palavra, continuei apertando o botão.

Uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes.

Parei de contar depois da quinta vez.

Eu estava sentindo isso.

Não era suspeita, mas sim uma premonição.

Ainda mais perto da precognição.

É como assistir a um filme cujo final você já conhece, em modo infinito.

Foi assim que o profeta descreveu?

O outro lado do tubo de sustentação, onde você não pode interferir.

Apesar de mim mesma, agora eu entendia como ela se sentia.

Mikoko Aoii.

Colega.

Sempre alegre, às vezes triste

A garota que disse

Ela gostava de mim.

Uma imagem.

Um quadro que eu havia extraviado e perdido.

Uma vista nostálgica.

Uma que esteve muito perto de mim.

E daí cuja existência eu esqueci.

Nem preciso lembrar

Um mal

Maldito

Cena.

Morte.

Nada.

“…, …”

Murmurando algo com pesar

Abri a porta do quarto dela.

Então:

Mikoko Aoii estava morta.

Uma cena brutal. Uma cena devastadora.

Fiquei parada bem no meio do quarto dela. Era tudo o que eu conseguia fazer.

Que nojo. Que nojo. Que nojo.

Que nojo. Que nojo. Que nojo.

Bruto, bruto, bruto.

BRUTO.

Apertei o peito. Estava com náuseas.

Foi como se eu tivesse engolido acidentalmente algo absolutamente indigesto.

Meus olhos se fixaram na cama.

Mikoko estava lá, deitada.

Dormindo.

Não seria melhor chamar isso de sono?

Mesmo que seu corpo tivesse parado de funcionar.

Mesmo que ela não tivesse pulso.

Mesmo que marcas de tecido horríveis estivessem gravadas em seu pescoço.

Mesmo que ela nunca mais fosse acordar.

Mesmo assim, não havia outro termo que eu quisesse usar.

Tum. Tum. Tum. Badump. Badump. Que nojo. Estou tonta. Estou tonta. Estou me sentindo fraca. Está girando, está girando. Isso é loucura, loucura, loucura, loucura.

Ou será que era eu que estava louco?

Naquele mesmo instante

Pensei que fosse desmaiar.

Meu pulso estava disparado.

Era difícil respirar.

Era difícil viver ali.

Pensei que ia morrer.

Meus olhos ardiam por dentro.

Meu coração estava congelando por dentro.

"…"

Engoli em seco para tentar me acalmar, mas foi em vão. Dor. Eu estava com dor. Girando de dor.

"Mikoko Aoii…" eu disse, como se quisesse me convencer, "foi assassinada."

Whump.

Eu realmente desabei, ali mesmo onde estava, sentada no chão.

Eu estava acostumado com pessoas morrendo.

Eu já estava até acostumado com a morte de pessoas próximas a mim.

A morte era algo muito próximo de mim.

E mesmo assim, isso foi doloroso. Doeu. Doeu demais.

Foi insuportável.

Provavelmente, eu nunca conseguiria esquecer isso.

A "própria morte" de Mikoko queimou em minhas retinas no instante em que entrei na sala. Eu jamais conseguiria esquecer seu corpo sem vida e sem alma.

"…ps."

De alguma forma, consegui permanecer consciente.

Voltei meu olhar para a figura de Mikoko.

Ela estava deitada de barriga para cima na cama, seu perfil inchado e arroxeado contorcido em agonia. Saber como era o seu sorriso tornava tudo ainda mais terrível.

Ela não estava mais vestida com o macacão de ontem. Agora usava uma blusa branca de ombros nus com uma saia-calça chamativa, também branca, mas com um tom mais leitoso. Não era uma roupa para o funeral.

"…"

Então eu me lembrei.

Era uma das muitas roupas que ela havia comprado durante o passeio de ontem.

A última que ela comprou.

Ela experimentou e perguntou:

"Como estou?"

Finalmente, cansado de dar respostas inventadas, respondi:

"Fica bem em você."

Foi aquela roupa.

Quando a trouxe para casa na noite anterior, naturalmente não a fiz trocar de roupa. Simplesmente a joguei na cama com o que estava vestindo. Isso significa que ela deve ter acordado mais tarde e se trocado.

Então, pouco tempo depois…

O que lhe passava pela cabeça quando vestiu essa roupa?

E quem ela estava esperando?

Isso já ultrapassou os limites da minha imaginação.

Mais.

Letras vermelhas bem ao lado da cabeça dela.

x/y.

A mesma fórmula que encontramos no apartamento da Tomoe.

“…Atolado em absurdos.”

Peguei meu celular. Digitei um número de memória e apertei o botão de chamada.

Ela atendeu ao primeiro toque.

“Sasa aqui.”

"Olá…"

“Ah, é você”, disse Sasaki antes que eu tivesse a chance de dizer meu nome. Aparentemente, ela se lembrava das pessoas apenas pela voz. E nós só tínhamos conversado uma vez. Se as circunstâncias não fossem essas, eu teria ficado impressionado. “O que foi? Alguma coisa voltou à sua memória?”

Ela parecia tranquila e calma.

Isso foi de alguma forma ofensivo.

Foi reprovável. Reprovável, eu digo.

“Sasaki, hum, bem… Aoii…”

“O que é isso? Desculpe, não consigo te ouvir. Você poderia falar um pouco mais alto, por favor? Aoii?”

“Certo. Ela foi assassinada.”

“……” O ar pareceu mudar instantaneamente do outro lado da linha. “Onde você está agora?”

“No apartamento da Aoii.”

“Chegaremos em breve.”

Clique. A ligação caiu tão abruptamente quanto a morte de uma pessoa. Fiquei ali parado com o telefone no ouvido. Mikoko continuou parada na minha frente.

“Cristo…” eu disse para o seu corpo imóvel.

Foi um ato inútil. Inútil e patético.

“O que eu realmente pretendia te dizer?”

Mikoko.

Não havia a menor chance de me livrar daquela sensação ruim no estômago. Nem pensar.

A polícia chegou em menos de dez minutos.

Você está bem?

Sasaki me abraçou. Eu devia estar com uma cara péssima, porque ela pareceu genuinamente preocupada.

"Você está bem?", ela repetiu. Incapaz de responder verbalmente, apenas levantei o braço. Ela viu e assentiu firmemente. "Vamos tirar você daqui por enquanto. Vamos, depressa."

Apoiada no ombro de Sasaki, fui levada para o corredor. Policiais entravam um após o outro, vindos do elevador. Ora, ora. Cadê o Kazuhito? Será que ele não veio? Talvez estivesse em outro lugar, fazendo outra coisa. Talvez sim, talvez não.

“Ai…” Meu peito dói. Meu peito dói. Meu peito dói. “Ai…”

Que nojo. Que nojo.

Extremamente nojento.

Uma sensação de desconforto, como se meu peito estivesse queimando e sendo destruído por dentro, como se algo estivesse se revoltando em minhas entranhas, percorreu minha corrente sanguínea até todo o meu corpo. Quente, quente, quente, quente.

A angústia era enlouquecedora.

Sasaki me tirou do prédio e me ajudou a entrar no banco de trás de seu Toyota Crown. Ela sentou-se no banco do motorista. "Você já se acalmou um pouco?", perguntou ela, olhando para mim.

Balancei a cabeça em silêncio.

“Entendo…” Ela me olhou com desconfiança. “Pensei que você

fosse o tipo de pessoa que não se importaria de ver um cadáver. Mesmo que fosse de um amigo." Ela deixou de lado um pouco a polidez. "Acho que você é mais sensível do que eu pensava. Você parece estar morrendo aí atrás."

"Sim, obrigado. Vou considerar isso um elogio□"

Assim que eu ia terminar de *falar,* senti uma forte vontade de vomitar e tapei a boca com a mão. Não tinha como eu simplesmente vomitar no carro do Sasaki. De alguma forma, consegui controlar meus órgãos internos. Droga, eu nem consegui falar direito.

"Hum." Sasaki assentiu com um leve olhar de decepção. "Você é muito sem personalidade. Estou surpreso que Jun goste tanto de você."

……

Ah, pensando bem, o Aikawa não tinha comentado algo sobre ser amigo de longa data do Sasaki? Lembrar desse detalhe completamente irrelevante me ajudou a me distrair um pouco. Endireitei-me da posição curvada e apoiei o peso no encosto do banco. Respirei fundo.

"Sim, sou surpreendentemente frágil. Na verdade, não sei dizer se sou frágil, precária ou tensa…"

"Do que você está falando? Você não está fazendo o menor sentido."

"Bem, por favor, espere até a próxima… Desta vez é bem atípico, então decida que tipo de pessoa eu sou na próxima vez. Agora estou me sentindo muito mal."

"Ah!", gemi e fechei os olhos.

Sasaki fez uma pausa e disse: "Agora, vamos ter que interrogá-lo sobre as circunstâncias. Isso significa que terei que levá-lo à delegacia. Você está preparado para isso?"

"Contanto que você dirija com cuidado, acho que tudo ficará

bem.”

"Certo. Vou tentar não tornar a viagem muito turbulenta."

Ela olhou para a frente e o Crown começou a se mover. O apartamento de Mikoko desapareceu da vista da janela num instante. Eu não conseguia ver o velocímetro de onde estava, mas, pelas acelerações que meu corpo registrava, ela não estava dirigindo com muita cautela.

“Sasaki, você pode se ausentar da cena do crime?”

“Meu trabalho envolve mais esforço intelectual.”

“Isso parece que, bem…” Eu queria dizer que parecia que nos daríamos bem, mas achei melhor não. De jeito nenhum, não havia a menor chance de nos darmos bem. “Hum, Sasaki?”

“Sim, o que é?”

“Como você conhece Aikawa?”

Ela ficou em silêncio por um momento, embora fosse fácil imaginar a expressão em seu rosto. "Às vezes, peço ajuda a ela com o trabalho. Certo, é só isso. Você costuma assistir a séries policiais na TV?"

“Eu sei uma coisa ou outra sobre eles.”

"Certo. Sabe como os detetives recorrem a informantes que operam fora da lei? Bem, é parecido. Temos uma relação profissional."

Foi uma explicação extremamente grosseira. Ou melhor, ela parecia não querer explicar nada. A empreiteira de vermelho era uma mulher bastante inexplicável, então talvez não houvesse muita escolha.

Eu disse: "Não, eu não estava perguntando sobre os detalhes, então você pode manter a pergunta abstrata. Como você a vê como pessoa?"

“Precisamos mesmo falar sobre isso agora?”

"Talvez isso me distraia." Eu falava sério; se eu não me distraísse, meu estômago ia explodir. "Por favor. Só fale sobre alguma coisa."

“Você levanta uma questão difícil, sabia?”, respondeu ela depois de um tempo. “Por exemplo, você acreditaria numa história sobre alguém que levou um tiro à queima-roupa na barriga com uma espingarda de cano serrado e sobreviveu? E se contasse que alguém andou por aí no meio de uma chuva de balas com a cara mais séria do mundo, ou pulou do quadragésimo andar de um prédio em chamas e escapou ileso? Você não acreditaria, não é? Sempre que falo sobre Jun, as pessoas acham que estou mentindo. Então é um assunto complicado de se discutir.”

“…”

Eu entendi exatamente como ela se sentia, então não insisti.

Em mais dez minutos, chegamos à sede da polícia da prefeitura. Ela me levou para dentro do prédio.

“Parece que são exatamente doze horas — hora do almoço. Gostaria de comer alguma coisa?”, perguntou ela.

"Poderia me dar um *katsu-don* ?" Na TV, eles sempre ofereciam ao rapaz uma tigela de arroz coberta com costeletas de porco.

“Não vejo por que não. Mas você será cobrado posteriormente.”

O governo era mesmo muito rigoroso. *Deixa pra lá,* balancei a cabeça. Se eu tentasse comer alguma coisa agora, ia vomitar tudo de novo. Isso eu podia prever com bastante certeza.

“Hum, bem, então entre naquela sala e espere por mim. Só preciso fazer um relatório rápido. Volto em dois minutos.”

Ela me conduziu a uma pequena sala de conferências e voltou sozinha pelo corredor. Bom, pelo menos não era uma sala de

interrogatório, pensei enquanto me sentava em uma cadeira.

Por um instante, pensei: "Quero fumar".

Eu nunca tinha fumado um cigarro na minha vida.

Eu estava entediado?

Será que eu estava tentando escapar da realidade?

Ou será que eu era simplesmente suicida?

Qualquer uma delas teria o mesmo valor, na minha opinião.

Que debate interno inútil…

A situação estava começando a ficar muito ruim.

Mais um empurrão, e a existência conhecida como "eu", esse estado de ser conhecido como "mim mesmo", estava saindo do controle.

“Desculpe a demora”, disse Sasaki ao retornar. Ela carregava algum tipo de objeto com uma embalagem rosa. “Você está bem? Parece que você está piorando a cada segundo. Você está até suando.”

"Desculpe, você poderia me mostrar onde fica o banheiro?"

“Descendo aquele corredor, à direita. Fica bem no final, então acho que você não vai errar.”

"Obrigado."

Saí correndo do quarto e tapei a boca com a mão para suportar a náusea.

Encontrei o banheiro exatamente onde ela disse que seria, entrei em uma das cabines e vomitei tudo o que tinha se acumulado no meu estômago.

“Ghak… Gffk…”

Sons desagradáveis, que não pareciam vir de mim, escaparam da minha garganta. Um gosto ácido permaneceu na minha boca.

Vomitei tanto que achei que minhas entranhas tivessem virado de

cabeça para baixo. Respirei fundo, me levantei e limpei a boca com um lenço.

Dei descarga no vaso sanitário.

Ufa…

Fui até a pia e lavei o rosto. Peguei um pouco de água nas mãos e enxaguei a boca também. Olhei meu reflexo no espelho. Ok, eu realmente parecia estar à beira da morte, mas pelo menos me sentia bem melhor do que momentos atrás.

"...Bom."

"Ressuscitado", murmurei e saí do banheiro. Voltei para o quarto onde Sasaki, que parecia um pouco cansado de esperar, me perguntou: "Como você está se sentindo?"

“Estou bem. Vomitei, mas agora me sinto muito melhor.”

“Entendo. Aqui está.” Ela colocou o pacote que tinha na mão na minha frente. “É meu almoço. Quer?”

“Está tudo bem?”

“Não vou te cobrar por isso, não se preocupe.”

Com um encolher de ombros, ela escolheu uma cadeira e sentou-se à minha frente. Aceitei graciosamente o seu almoço. Era um *bento bastante comum,* mas meu estômago estava vazio, então estava uma delícia.

“Certo, então”, disse ela quando terminei. “O que está acontecendo aqui?”

“É isso que eu quero saber.”

Aparentemente irritada com a minha forma de falar, ela ficou em silêncio e me lançou um olhar mortal. Recuei e desviei o olhar.

“Então, por favor, me apresente os fatos, em termos simples.”

"Bem, para fazer isso, terei que voltar à noite passada, então vai

demorar um pouco", eu disse a ela.

“Fique à vontade. Até resolvermos este caso, passarei todo o tempo que for necessário com você.” Ela estava sorrindo levemente. Seus olhos, no entanto, não sorriam, o que era assustador. Decidi parar com as provocações por um tempo e ser franco com ela.

“Ontem, eu e a Aoii saímos. Estávamos na área de Shinkyogoku. Aí, bem, ela bebeu um pouco demais.”

“Ah, é mesmo… E depois?”

Seu olhar se tornou mais penetrante, como se ela estivesse procurando uma brecha. Certamente ela não estava me repreendendo por beber sendo menor de idade. Percebi que não podia baixar a guarda.

“Então eu a levei de volta para o apartamento dela. Peguei a chave na bolsa dela e a coloquei na cama. Depois, peguei o ônibus de volta para casa.” Imaginando que não fosse necessário relatar o ocorrido, omiti a parte sobre o encontro com Aikawa. “Depois disso, fui dormir como de costume.”

Você trancou a porta antes de sair?

“Sim, eu fui. A Vespa dela ainda estava estacionada no estacionamento do nosso prédio, então eu planejava trazer a chave e a Vespa de volta amanhã — hoje. Fui até a casa dela de Vespa hoje. Quando abri a porta e entrei, bem, as coisas estavam como você viu.”

“Hum… e a porta? Estava trancada?”

"Hã?" Olhei para ela como se a pergunta tivesse me pegado de surpresa. Fiz uma expressão como se estivesse vasculhando minha memória por uns cinco segundos. "Não, *não estava trancada.* Não me lembro de ter usado a chave."

"Entendo." Ela lançou um olhar desconfiado, mas assentiu com a

cabeça.

“Aquele lugar tem muitas câmeras de segurança, não é? Acho que elas vão corroborar minha história se você verificar as gravações.”

“Sem dúvida. Já acertamos isso com a empresa administradora”, comentou Sasaki friamente. “Agora, só para garantir, vocês não tocaram em nada na cena do crime?”

“Não. Por mais patético que pareça, eu estava simplesmente apavorada demais. Eu não conseguia nem correr até a Aoii.”

“Sua conduta foi bastante apropriada.”

Dito isso, ela fechou os olhos e ficou pensando.

Então, *o trabalho intelectual* era sua principal responsabilidade? Isso já estava mais do que claro desde a visita dela ao meu apartamento. Eu ainda sentia o gosto da derrota.

"Eu nem sequer toquei no corpo da Aoii, então não sei, mas será que ela estava mesmo morta?"

“Sim. Isso eu posso confirmar. Ela provavelmente já estava morta havia cerca de duas a três horas. Teremos que esperar pelos resultados da autópsia para precisar os detalhes, mas acredita-se que o incidente tenha ocorrido entre nove e dez da manhã.”

“Isso pode ser inútil para você, mas…”

“Vá em frente. Nada neste mundo é inútil.”

Essa era uma cantada que eu talvez tentasse um dia, mas duvidava que um cara como eu tivesse essa chance.

“Quando a coloquei na cama ontem à noite, Aoii estava usando um macacão. Mas não era isso que ela estava vestindo hoje. Então, acho que isso significa que ela acordou em algum momento, seja de manhã ou no meio da noite. E eu tranquei a porta ontem à noite, então talvez Aoii tenha deixado o assassino entrar sozinha.”

"Eu vejo…"

“Só para sua informação, aquela roupa que ela estava usando hoje foi algo que ela comprou ontem quando estávamos fazendo compras.”

“Ah.” Sasaki assentiu. Percebi que ela não estava fazendo anotações. Pensando bem, ela havia me escutado sem anotar nada durante sua visita ao meu apartamento.

“Você tem uma memória incrível, não é?”

"Desculpe? Ah, bem, funciona", ela respondeu como se não fosse nada demais. Mas para mim era uma característica extremamente invejável.

"Além disso, por coincidência, tomei café da manhã na casa do meu vizinho ao lado entre as nove e as dez horas da manhã, então acho que tenho um álibi."

“Ah, é mesmo?” Sasaki assentiu com aparente desinteresse, como se tivesse coisas mais importantes para pensar do que meu maldito álibi. “Quando você ligou, a princípio achei que você fosse o culpado.”

Sua declaração repentina me deixou momentaneamente sem palavras.

“…Você é muito direto. Desculpe se estou um pouco surpreso.”

“Sim, bem, você estaria. Mas é verdade. O fato é que eu fiz isso, então não estou escondendo. Eu pensei que você a tivesse matado e estivesse fingindo ter descoberto o corpo. Mas você parecia estar se sentindo realmente mal, e deixando de lado a hora da morte e tudo mais, não havia arma do crime, nenhum pedaço de pano, na cena do crime. O que significa que teria sido fisicamente impossível para você ter feito isso.”

“…”

“A menos, é claro, que você esteja escondendo isso em algum

lugar nas suas roupas neste exato momento.”

"Quer me revistar?"

“Não, tudo bem”, disse ela, mas de forma alguma por negligência. Ela já havia feito isso quando me ajudou a sair do quarto de Mikoko, oferecendo-me apoio no ombro porque eu não conseguia andar sozinha.

Bondade — temperada com um toque de astúcia. Não tive problema nenhum com isso.

“Nossa, obrigada”, eu disse.

“Tenho certeza de que sua inocência será comprovada sem qualquer dúvida assim que a hora oficial da morte for estabelecida e analisarmos as gravações de segurança. Mas, nesse caso”, perguntou Sasaki, olhando-me diretamente nos olhos, “quem você acha que fez isso?”

A pergunta que eu já havia feito duas vezes durante nosso primeiro encontro. "Bem... eu não sei."

“Ninguém lhe vem à mente?”

"Ninguém", respondi prontamente. "Aoii e eu nunca fomos tão próximas. Só recentemente começamos a sair ou almoçar juntas."

“Permita-me ir direto ao ponto. Você e Aoii tiveram um envolvimento romântico?”

“A resposta é não. Um não e nada mais. Pensando bem, nem tenho certeza se éramos amigos.”

“Ah, entendi. Jun disse que você era *assim mesmo* ”, murmurou Sasaki, aparentemente satisfeita.

“Aikawa? Ela disse o quê sobre mim?”

“Isso eu não posso compartilhar com você.”

A provocação daquela declaração me incomodou, mas então me

ocorreu que isso poderia fazer parte da estratégia de Sasaki, então evitei cautelosamente cair na armadilha. De qualquer forma, era fácil imaginar como Aikawa me julgaria.

Sasaki me fez algumas perguntas mais detalhadas e disse: "Entendido. Agora, você gostaria de me perguntar algo?"

“Não, nada desta vez”, respondi após pensar um pouco. “Prefiro ir para casa e descansar o mais rápido possível.”

“Ah. Então isso deve ser suficiente por hoje. Permita-me levá-lo até lá.”

Sasaki levantou-se da cadeira e saiu da sala. Eu a segui de perto e saímos juntos do prédio. Entrando em seu Crown, sentei-me novamente no banco de trás. Ela ligou o carro e acelerou um pouco mais do que antes.

"Nakadachiuri, foi? Fora de Senbon?"

"Sim."

"Como você está se sentindo?"

"Ok. Vomitar foi surpreendentemente revigorante."

“Sabe”, disse ela, dirigindo, com a voz desprovida de qualquer emoção. “Não consigo evitar a sensação de que você ainda está escondendo alguma coisa.”

“Me escondendo?”

“Foi isso que eu disse.”

Como podem ver, sou apenas um jovem honesto, inofensivo e bem-comportado.

"Ah, é mesmo?" Foi uma rara demonstração de sarcasmo da parte de Sasaki. "Você certamente não me parece assim, mas suponho que, se você mesma diz, deve ser verdade."

“Parece que você não está falando sério.”

“Não é verdade. Se você pensa assim, provavelmente é porque tem a consciência pesada. Duvido que jovens honestos saiam por aí invadindo cenas de crime ilegalmente.”

“Ah.”

Abra a sacola, retire o gato.

Naturalmente, eu havia aceitado pelo menos um pouco de risco desde o início, mas Sasaki me pegou de surpresa. Como não havia uma palavra sobre isso naqueles documentos de Kunagisa, presumi que não havia sido descoberto, ou, se tivesse sido, que o assunto havia sido esquecido.

“Por enquanto, você pode relaxar”, assegurou ela sem se virar, mas como se me visse por dentro e por fora. “Essa informação ainda não chegou até mim.”

"Você?"

“Foi o que eu disse.” Sua fala carecia de entonação. Mesmo assim, havia uma maldade nela. Sim, de alguma forma, lembrava muito o contratante mais poderoso da humanidade. “Não sei o que te levou a invadir o quarto de Emoto, mas sugiro que você seja um pouco mais discreta. Considere isso um conselho.”

“Não é um aviso?”

“Não, não, apenas um conselho.”

Mas havia algo de muito desdenhoso em suas palavras. É verdade que minhas ações foram totalmente precipitadas, e talvez sua atitude fosse justificada.

“Sasaki, preciso perguntar… Por que essa informação *ainda não chegou até você* ?”

“Quem sabe? Podem ser várias as circunstâncias. Não vou entrar em detalhes, mas quero que você saiba que me deve uma. Só isso. Só

não se esqueça.”

“…”

Tudo o que eu conseguia fazer era suspirar. Meus ombros caíram e eu me senti exausta. Sério, esse padrão de novo? Por que essas eram as únicas pessoas que eu conhecia?

"Todo mundo que eu conheço é extremamente inteligente e tem uma personalidade terrível. Todos eles têm essas mesmas características malditas, então eu estava esperando encontrar alguém que fosse burro, mas legal."

“Bem, lamento ouvir isso.” Sasaki claramente nem esboçou um sorriso. “Eu, no entanto, não tenho intenção alguma de renunciar ao meu cargo.”

Finalmente chegamos ao cruzamento de Senbon Nakadachiuri. "Gostaria de dar uma passada no meu apartamento?", convidei, mas Sasaki recusou com um "Estou de plantão". Não achei isso particularmente lamentável, nem o contrário.

Ao abrir a janela, ela me fez uma última pergunta: "O que você acha que significa *x* sobre *y* ?"

Fiz uma pausa e disse apenas: "Quem sabe?" Não achei que ela se contentaria com tal resposta, mas ela simplesmente assentiu com a cabeça, fechou a janela e saiu dirigindo seu carro.

Fiquei ali parado por um tempo, imóvel, antes de perceber que não adiantava nada. Voltei para o prédio, caminhei pelo corredor do segundo andar e entrei no meu quarto.

Um espaço silencioso. Nenhum som, ninguém ali.

Um quarto que Mikoko Aoii visitou duas vezes.

Na primeira vez, eu trouxe yatsuhashi; na segunda vez, ela trouxe batatas-doces feitas em casa.

“□□”

Não sou muito de sentimentalismos.

Eu também não sou pessimista.

Eu também não sou romântico.

Na verdade, sou um trivialista lamentavelmente equivocado.

"Acho que não posso dizer que isso foi uma surpresa completa", murmurei. "Não vou dizer isso. Não, não vou."

Lembrei-me da minha conversa com Mikoko do dia anterior.

Uma conversa com ela, que eu nunca mais teria.

“Tudo aquilo era um disparate…”

Vamos levantar hipóteses sobre os sentimentos de Mikoko em relação ao seu assassino. Provavelmente ela não guardava ressentimento. Talvez a acusasse, mas só isso. Ela era esse tipo de garota.

Deve ter havido alguma coisa.

Algo que eu deveria ter dito a ela.

O que eu realmente deveria ter lhe dito ontem?

“É como chorar sobre o leite derramado.”

Um solilóquio terrivelmente gélido.

Essa devia ser o tipo de situação em que as pessoas choravam.

A pessoa atrás de mim pensou o mesmo.

A noite caiu.

Miiko entrou no meu quarto com uma expressão preocupada.

“Coma isto”, disse ela, estendendo-me uma tigela de mingau de arroz. Ela tinha uma expressão inocente, mas seus olhos estavam sérios. Sabendo que seu gesto viera diretamente do coração, comecei a me sentir culpada.

Sério? Quantas pessoas eu estava afetando ao longo da minha vida?

"Muito obrigado."

Peguei um pouco com a colher que a Miiko me deu (só havia pauzinhos descartáveis no meu quarto) e me servi de uma colherada. Ela não era uma cozinheira excepcional, mas esse mingau estava bem gostoso.

" Aconteceu alguma coisa?" — Miiko *não* perguntou.

Ela nunca fez esse tipo de pergunta. Ela era apenas a vizinha que, silenciosamente e protetoramente, cuidava de mim. Uma vizinha no verdadeiro sentido da palavra. Isso provavelmente não era exatamente gentileza, mas ela era uma pessoa gentil, sem dúvida.

Pensando bem, Mikoko não tinha me feito o mesmo elogio?

Que eu fui gentil?

“Mikoko… Ela morreu”, eu disse sem rodeios.

“Entendo”, Miiko assentiu. Ela parecia bastante indiferente. “Naquela noite… quero dizer, na noite em que a garota ficou no meu quarto. Ela estava estranhamente mal-humorada quando acordou de manhã. A princípio, pensei que fosse ressaca, mas não parecia ser isso.”

“…”

"Perguntei a ela: 'Como você se sente?' A garota respondeu: 'Esta é a pior manhã da minha vida.' Essa é toda a história."

"Isso é mais do que suficiente", eu disse. "Muito obrigada, Miiko."

“Você realmente leva uma vida difícil, não é? O caminho que você trilha não é íngreme, mas é implacavelmente traiçoeiro. Mesmo assim, você não se desvia. Você tem minha sincera admiração.”

“Eu me desviei do caminho há muito tempo. Mas o caminho

exerce uma estranha força gravitacional, e eu estou me agarrando à sua parte inferior."

"Seja como for, você está entrando numa fase crucial." A voz dela ficou um pouco mais grave, quase como se estivesse me ameaçando. "Se você se desviar agora, acabou. Tudo o que você construiu, toda a sua perseverança, irá por água abaixo. Você provavelmente não se importa, mas sua vida não depende só de você. Não se esqueça daqueles que você está salvando só por estar vivo."

"Essas pessoas não existem." Talvez houvesse muito autodepreciação na minha observação. Possivelmente por isso, Miiko me lançou um olhar de pena.

"Você carrega um fardo muito pesado. Não pense que realmente pode afetar as pessoas dessa forma. Se elas coram ao cruzar o caminho de alguém como você, é porque são fracas. Se conseguirem exercer um pouco de autodisciplina, não se deixarão influenciar por ninguém. Sua existência não é um incômodo para os outros."

"Talvez não."

No fim das contas, tudo se resumia a eu ser excessivamente autoconsciente. Estar vivo ou morto não fazia diferença. Mesmo que um assassino em série tomasse o meu lugar, o mundo continuaria girando.

"Existem pessoas que gostam de você mesmo assim", continuou Miiko. "Aqueles que te amam incondicionalmente certamente existem. O mundo é assim. Você pode não entender agora, mas lembre-se do que eu digo. Um dia você entenderá. Pelo menos, sobreviva até lá."

Alguém que me amava incondicionalmente. Hoje, uma dessas pessoas faleceu.

Quantos restaram?

“Não vou dizer para você se animar. Isso é algo que você precisa resolver sozinha. Só saiba que a morte da garota não foi culpa sua. Posso garantir isso. Não tenho nenhuma base para acreditar nisso, mas tenho certeza. Os mortos simplesmente morreram.”

“Mas é como se… eu a tivesse matado.”

"Você fez?"

“Bem, não, mas se…”

Se.

Se eu não a tivesse deixado sozinha no quarto, se eu não tivesse ido para casa, ou se eu simplesmente a tivesse trazido comigo.

As coisas teriam sido diferentes.

“É isso que eu chamo de assumir um fardo muito pesado. Você mesmo não percebe a futilidade dessa linha de raciocínio?”

“Sim. Mas Miiko, eu ainda tinha algo para lhe dizer.”

Só mais uma coisa.

Eu ainda não tinha lhe contado aquela última coisa.

“Arrependimentos dos quais você não aprende não valem a pena. É tudo o que posso dizer.” O olhar do meu vizinho vagou um pouco. “Aliás, esqueci de te avisar hoje de manhã. A Suzunashi mandou uma mensagem. Ela queria ter certeza de que eu a transmitisse.”

“De Suzunashi?”

Miiko assentiu com a cabeça. Endireitei-me na cadeira. Não era como se Suzunashi estivesse na sala e eu sabia muito bem que não havia necessidade, mas algo nela me fez corrigir minha postura por reflexo.

Algo sobre Neon Suzunashi.

Miiko abriu a boca. “Existem dois tipos de pessoas: aquelas que são assustadoras porque você não sabe o que elas farão, e aquelas que

são assustadoras porque você sabe o que elas farão. Mas você não é nada assustadora, então não precisa se preocupar com essas coisas.”

“Vou levar isso em consideração.”

“Não se esqueça disso. Ela disse que virá de Hiei na próxima vez, então vamos todos almoçar fora. Ela quer te dar uma bronca.”

“Você me fez ficar acordado até a palestra. Mas eu definitivamente não me importaria de almoçar. Só…”

"Hum?"

“Ah, nada. Obrigado pela refeição.”

Devolvi a tigela de mingau para ela. Ela a pegou, disse boa noite e saiu do meu quarto. A palavra no verso do seu jinbei era *Impermanência.* Era a segunda vez que eu via aquele jinbei.

"Sério?", murmurei para mim mesmo.

Que barra!

Eu mesma, quero dizer.

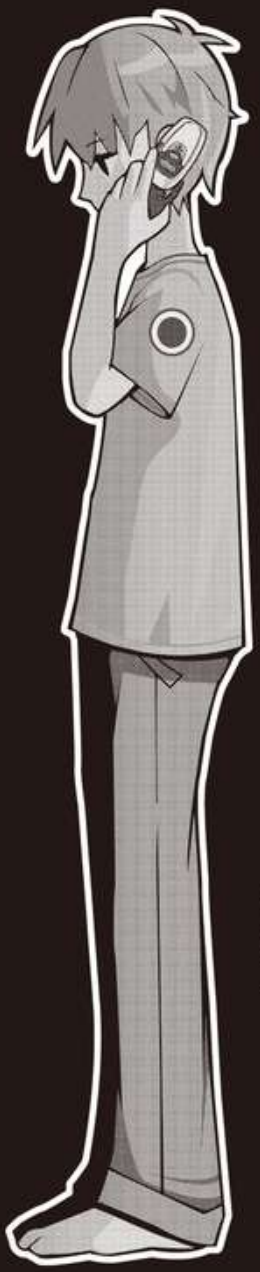
Claro, eu merecia levar uma bronca da Suzunashi o dia todo.

Mas.

“Mas eu realmente não quero voltar a esse restaurante por um tempo…”

Que decepção para o espírito□

Eu não sabia quando conseguiria dizer isso desta vez.



ME (narrator)

Protagonist

Chapter 7

SINK AND D

—(Cynicism)

0

Elimine todos os suspeitos, começando por uma das extremidades.

Aquele que sobrar é o culpado.

1

Três dias depois, era quarta-feira, 25 de maio.

Acordei às dez para o meio-dia.

"Acho que seria trapaça dizer que ainda é manhã?"

Levantei da cama me sentindo péssima. Ultimamente, tem sido assim todos os dias. Eu não conseguia mais acordar em um horário normal. Pode-se dizer que meu corpo estava rejeitando a ideia. Naturalmente, depois de dormir demais, eu não conseguia me animar para ir às aulas, e se eu não estava com vontade, então não ia mesmo.

E assim começou meu quinto dia consecutivo matando aula desde quinta-feira passada. Se um calouro que já fazia isso em maio acabasse levando mais de quatro anos para se formar, não seria nenhuma surpresa. Eu sabia disso, mas não fiquei particularmente alarmado. Afinal, eu estava pagando pelos meus próprios estudos.

"……"

Desde o incidente recente, Sasaki veio me visitar na segunda e na terça-feira, acompanhada de Kazuhito. Ela fez uma série de perguntas detalhadas sobre o assassinato de Mikoko e, em troca das minhas

respostas, forneceu algumas informações aparentemente vitais.

O horário da morte de Mikoko foi reduzido para entre nove e meia e dez horas. Também foi confirmado que ela havia sido estrangulada com um pano fino, o mesmo usado no assassinato de Tomoe. Com base nisso, a polícia concluiu que o mesmo assassino era responsável por ambos os homicídios.

“O que difere do caso de Emoto é que Aoii parece ter sido estrangulada pela frente.”

“Pela frente?”

“Sim. Emoto foi estrangulado por trás. Dá para perceber pelo formato das marcas.”

“Em outras palavras, Mikoko viu o assassino?”

“É possível”, disse Sasaki impassivelmente. Se a falecida tinha ou não visto o rosto do assassino, isso não devia fazer diferença para ela. Era certamente um ponto de vista racional.

Ela também analisou os álibis das pessoas envolvidas. Muimi estava passeando com sua irmã mais nova (chamada Muri, por assim dizer) * . Akiharu não tinha álibi. Eu estava com Miiko. Mas nós três tínhamos álibis para o caso de Tomoe, então nenhuma de nós era realmente a principal suspeita.

"Pessoalmente, não concordo, mas parece que a cúpula está considerando a possibilidade de que tenham sido apenas roubos que deram errado, ou possivelmente algum perseguidor que passou dos limites."

“Mas aí não seria um assassinato em série”, concordei com a opinião de Sasaki. “É muito estranho para ser coincidência e, além disso, nada foi roubado, certo? Também não havia sinais de agressão sexual.”

"Eu sei. É que ambos tinham poucos 'inimigos' se fosse por alguma rixa. Uma coisa seria se fossem 'inimigos públicos' — em vez disso, temos que supor mais um assassino indiscriminado."

Por falar nisso, o caso do invasor havia parado. O número de vítimas ainda não havia passado de doze. Em outras palavras, desde o encontro com Aikawa, Zerozaki não havia feito novas vítimas. Ele provavelmente não estava mais em Kyoto, como Aikawa e eu havíamos discutido. Eu nem tinha certeza se ele ainda estava no Japão. Por outro lado, se eu me tornasse inimigo de Aikawa, fugiria para o Polo Sul. Ou para o espaço sideral, quem sabe.

“Mesmo assim, há algo estranho acontecendo”, disse Sasaki.

“Estranho? O quê?”

“As câmeras de segurança. Aquele prédio possui câmeras de segurança instaladas como medida de prevenção ao crime, como você mencionou da última vez.”

"Certo."

“No entanto, *eles não prenderam uma única pessoa que pudesse ser a culpada.* ”

“O que isso significa?”

“Exatamente o que parece. Checamos todas as gravações desde a hora em que Aoii voltou para casa — ou melhor, quando você a carregou para casa — às dez e meia, mas as únicas pessoas nelas eram outros moradores do prédio e você aparecendo novamente por volta do meio-dia.”

O que isso significava? O prédio inteiro era, em essência, um quarto trancado?

Que piada. Era irreal demais. Mas se era mesmo assim, paciência. "As câmeras devem ter alguns pontos cegos", eu disse.

“Sim. Nós testamos. É possível chegar ao quarto da Aoii sem ser captado pelas câmeras. Elas giram assim, entende? Mas é praticamente impossível sem praticar bastante antes, e mesmo assim, as chances de sucesso seriam relativamente baixas. Por que alguém se daria a todo esse trabalho?”

"E se não tivessem entrado? E se tivessem vindo da varanda ou algo assim?"

“Impossível. É simplesmente muito alto e muito arriscado. De qualquer forma…” Sasaki soltou um suspiro de exaustão que não parecia ser típico dela. “Acho que vai ser uma jornada árdua.”

Ela provavelmente já estava no meio de uma.

“Uma jornada árdua…”

Mas, por mais que ela estivesse disposta a revelar novas informações, eu já havia parado de pensar nesses casos. Claro, eu não estava em um nível de esclarecimento tão avançado a ponto de eles nunca mais me passarem pela cabeça, mas eu tinha conseguido, pelo menos em parte, me controlar.

Pelo contrário.

Pelo contrário, eu esperava que a verdade por trás do caso nunca viesse à tona. Eu não queria mais ter nada a ver com isso, de forma alguma.

Mas isso era impossível. Sasaki Sasa era uma detetive de brilho incalculável, como ficou evidente em minhas diversas conversas com ela até agora. Não me admirava que ela e Aikawa pudessem ser amigas. Não demoraria muito para que ela descobrisse a verdade. Talvez não desvendasse todos os detalhes, mas o suficiente para uma história coerente.

E assim, não havia necessidade de eu pensar mais. Ou, para ser

mais direto, eu já enxergava a maior parte da verdade. Mais um passo e eu teria o quadro completo, e esse era um passo que eu não queria dar. Nem me sentia com muita vontade de condenar o culpado.

Eu tinha chegado ao ponto de invadir o quarto da Tomoe e pedir ajuda ao Kunagisa, e aqui estava eu, pronto para jogar a toalha, para deixar tudo tão inacabado quanto um babuíno sem traseiro. Mas, francamente, é assim que eu sou. Sempre me esforcei ao máximo, incapaz de dar o meu melhor, incapaz de sentir paixão.

"Certo..." Alongando o tronco, mudei rapidamente de canal na minha cabeça. "Talvez eu devesse fazer uma visita ao Tomo para variar."

Como ela era completamente reclusa, era garantido que estaria em casa, e não seria perda de tempo ir até lá agora. Ela poderia estar dormindo, já que era tarde, mas eu não me importava. Talvez eu lhe desse uma bronca daquelas por ter me entregado para o Aikawa.

Além do mais.

Estar com ela certamente me animaria.

Com essa decisão tomada, troquei de roupa e guardei o celular no bolso. Refleti um pouco se deveria pegar o Fiat da Miiko emprestado, ir a pé ou de bicicleta, mas no fim das contas decidi ir a pé. Simplesmente me deu vontade. Claro, isso levaria umas três horas, mas não era necessariamente algo ruim.

Saí do meu quarto, tranquei a porta e saí do prédio.

O dia estava agradável. Ultimamente tinha estado abafado, mas hoje estava agradavelmente seco e fresco. Gostaria que fosse sempre assim, mas, pensando bem, não tinha certeza do que queria dizer com " *sempre"*.

"Huh?"

Depois de caminhar um pouco, avistei uma figura familiar. Minha memória me falhou, mas definitivamente era familiar. Quem poderia ser? Parecia que já tínhamos nos encontrado antes…

Ele estava vestido com roupas de estilo urbano e tinha cabelos castanho-claros, como um playboy. Carregava uma bolsa anormalmente grande que chamava a atenção, mas não combinava com suas roupas.

Sempre me perguntei por que a moda de rua fica tão mal em japoneses. Não é que não combine com a gente; é só que nos faz parecer uns posers. Vibes diferentes para países diferentes, suponho.

Deixando isso de lado, quem era, afinal?

Ao me notar, ele correu até mim. "E aí!", ele até me cumprimentou casualmente.

"Olá", respondi, mas é claro que ainda não conseguia me lembrar dele. Eu sabia que ele era estudante da Universidade Rokumeikan, mas será que conhecia alguém como ele?

“Como vai? Nossa, eu não conheço essa região. A geografia. Me perdi completamente.”

“Ah… sim”, improvisei. “Claro, essas coisas acontecem.”

"Volte a frequentar as aulas. Foi por isso que eu tive que vir até aqui. Quer dizer, você está chocada com toda essa história da Aoii, mas vai acabar tendo que repetir o ano. As pessoas vão te chamar de *Double Dragon* e outras coisas do tipo."

Aoii? Ele acabou de mencionar Aoii?

Ah, certo. Entendi.

“Akiharu, certo?”

“Nossa. Que diabos? Não me diga que você acabou de descobrir isso.” Akiharu deu uma risadinha descontraída, mas eu senti como se

ele tivesse me desmascarado, e só a ideia já me deixou em pânico.

“Você quer dizer que veio me ver?”

"Pode apostar que é isso mesmo que eu quero dizer. Só um assunto qualquer. Vamos, me siga."

Ele começou a andar. Sua explicação não foi muito convincente, mas continuei e o segui. Lá estava eu, simplesmente me deixando levar pela correnteza mais uma vez.

“Para onde vamos?”

“Santuário de Kitanotenman. Está estacionado lá.”

“O que está estacionado ali?”

“Essa é a surpresa”, disse Akiharu com um sorriso que não me pareceu muito natural. “Cara, eu sabia que você era um cara melancólico, mas sua cara agora parece um verdadeiro festival de melancolia.”

“Você, por outro lado, parece estar de bom humor.”

"Bem, você sabe. Tipo, teve aquela coisa com o Emoto, né? Aquilo me fortaleceu. Eu mal tinha superado o choque. A vida adora simplesmente te dar uma rasteira, né?"

Ele parecia leviano, mas também tive a impressão de que estava dissimulando. Sobre o quê? Refleti sobre isso por um momento, mas não cheguei a nenhuma conclusão.

“Akiharu, você não tem aula de orientação agora? Será que você deveria estar aqui aprontando?”

“Ah, tanto faz. Não me importo mais com a escola.” Ele riu como se estivesse falando sério. “Só quero me livrar desse *favor* logo para poder relaxar de novo. Não quero ficar pensando nisso quando morrer, sabe? Além disso, odeio a Inosen, então não sou muito fã de orientação.”

Aliás, *Inosen era abreviação de Inokawa-sensei. "Sério? Acho que ele é um cara muito legal."*

"Bem, acho que existe uma diferença entre ser bom e ser arrogante. E não é só uma questão de tempo. Aquele cara está sempre tentando impor suas crenças aos outros, não é? É esse tipo de coisa, cara. Eu não gosto disso. Quer dizer, acho que ele não é hipócrita nem nada... mas, enfim."

“Hum-hum.”

“Além disso, não vou perder créditos só por faltar a algumas aulas. Nossa faculdade é moleza, cara. Dizem que ela é famosa por deixar você passar de olhos fechados. É a segunda melhor de toda a região de Kansai.”

Onde diabos está o número um? Comecei a perguntar, mas me interrompi. Algumas coisas é melhor deixar em silêncio.

Chegamos ao Santuário de Kitanotenman em cinco minutos. Apesar de ser um tesouro nacional, a proximidade de casa dificultava a apreciação, e esta foi, na verdade, a primeira vez que pisei naquele local.

“Por aqui, por aqui”, disse Akiharu, me conduzindo até o estacionamento. “Aqui está.”

Ele apontou orgulhosamente para uma Vespa branca. Era um modelo antigo. Olhei para a placa e vi que era, de fato, a mesma Vespa da Mikoko que eu havia usado para ir até a casa dela naquele dia.

“…”

“Ah, sim, e isto.” Ele me entregou a chave enquanto eu permanecia ali, boquiaberto. Tirando o capacete da mochila, ele também me deu. Eu tinha achado a mochila suspeitamente grande,

mas quem imaginaria que havia um capacete lá dentro?

“Akiharu, isto…”

“Como é que se chama mesmo? Distribuição de bens? Algo assim.”

“Quer dizer… que eu posso ficar com esta Vespa?”

“Sim. Você gostou, né?” disse ele com naturalidade, sentando-se de costas na moto. Deu uma risadinha infantil. “Aoii me contou que as Vespas eram a única coisa que despertava o interesse de um cara tranquilo como você.”

“Isso não é verdade… Mas será que está tudo bem? Quer dizer, essas coisas são bem valiosas. Não deveriam pertencer à família dela?”

“Obtivemos a permissão. Não se preocupe.”

“Mas sou só eu. Ela e eu acabamos de nos conhecer”

"Eu te digo, está tudo bem. Era o desejo da Aoii. Ou melhor, *o último desejo dela?* Engraçado como elas usam a mesma personagem", ponderou Akiharu. "Enfim, é isso que importa."

“O que você quer dizer com ‘seu último desejo’?”

"Ah, tá. Antes... semana passada, eu acho? Ela me disse. Se algo acontecesse com ela, se ela fosse assassinada como o Emoto, eu devia dar a Vespa dela para o Ikkun. Ela é terrível. Eu também queria essa moto. Eu disse isso para ela, e sabe o que ela respondeu? 'De jeito nenhum. Vai morrer. Ou melhor, vai viver.' Que droga, cara? A gente era amigo desde o ensino médio."

“Se algo acontecesse com ela…” Algo? Se *o quê* acontecesse com ela? “O que isso significa?”

"Não sei. A Aoii devia estar pensando nas coisas à sua maneira, considerando a morte do Emoto. Mas aposto que ela não imaginava que seria a próxima."

Não, não é isso…

Não é isso, Akiharu.

Tem um significado mais profundo do que isso.

Você... realmente não percebeu?

“De qualquer forma, aceite. Considere isso um presente dela.”

"Sim, acho que sim." Brinquei com a chave na palma da minha mão e depois a enfiei no bolso.

“Mas faça seu próprio seguro. Não sei muito sobre como contratar um. Enfim, argh…” Ainda montado na Vespa, ele ergueu os braços para o céu. Depois de se espreguiçar bem, deixou os ombros caírem. “As coisas ficaram loucas.”

“Sim.” Concordei plenamente. “Como está a Muimi?”

“Ah, ela… Ela está em péssimo estado. Talvez não seja a maneira mais gentil de dizer isso, mas, sinceramente, eu não suportaria vê-la”, respondeu Akiharu, desviando o olhar. Talvez ele estivesse se lembrando do encontro deles, talvez não. De qualquer forma, suas palavras revelaram que, por trás de sua fala displicente, havia uma verdadeira capacidade de compaixão.

Interessante, então ele era esse tipo de cara. Um ser humano tão decente que nem conseguia reconhecer isso em si mesmo. Acreditando que não era nada de especial, ele distorcia seus valores. Era um canalha de araque fingindo ser nada mais que um hipócrita.

O completo oposto de mim, um hipócrita que finge ser nada mais do que um aspirante a canalha.

“Depois que a Aoii foi assassinada”, disse ele, “eu fui lá uma vez. Na casa da Atemiya. Fica bem no meio de Senbontera-no-uchi. Enfim, ela ficou ainda mais deprimida do que a Aoii quando o Emoto morreu. Mas, o que se pode esperar? As duas eram amigas de longa data. Quer

dizer, elas cresceram juntas.”

"É tão ruim assim?"

"É, você devia ter visto o jeito que ela me encarou. A mim, cara. Fala sério. De onde ela tirou essa mania de me encarar desse jeito? Nossa... E pelo jeito, ela não deve estar comendo nada. Também não deve estar dormindo direito. Se a gente deixar ela em paz, acho que ela morre. Eu quero fazer alguma coisa por ela... mas, tipo, o que um cara como eu pode dizer? Eu só conheço a Aoii desde o ensino médio."

Entretanto, eu só a conhecia há pouco tempo, da época da faculdade. Mesmo que não fosse esse o caso, eu não tinha palavras para descrevê-la.

"Ela vai acabar massacrando quem fez isso", avisou Akiharu.

“Muimi?”

“Sim. Quer dizer, eu não duvidaria que ela fizesse isso. É assim que as amigas são, não é?”

“Mas mesmo que a vítima fosse um assassino, ela estaria cometendo um crime.”

"Bem, claro. Você tem razão. Mas, sabe? Não existem momentos em que simplesmente ignoramos as leis, o bom senso e tudo mais?"

“Arremessar…”

“Sim. Quer dizer, são só momentos, como um flash. Aí você volta a si. Você pensa: 'Ei, isso não tem graça'. Ah, mas acho que esse tipo de coisa nunca acontece com você”, afirmou Akiharu com uma estranha dose de confiança.

"O que você quer dizer?"

“Parece que você já jogou tudo para o alto.” Ele riu, apontando o dedo para mim. “Heh, mas eu só estou roubando uma frase da Aoii… Aliás, você se importaria se eu falasse sobre ela?”

“Não particularmente.”

"Nesse caso, vamos lá, pessoal. Estou com vontade de falar sobre ela. Aparentemente, na primeira vez que ela te viu, pensou: 'Acho que vou me apaixonar por esse cara'... Você já sabia que ela estava a fim de você, né?"

“Pode-se dizer isso.”

“Para ser sincera, na época eu não entendi muito bem. É estranho dizer isso sendo amiga dela, mas ela era uma garota muito desejável. E não estou falando só que ela era bonita. Isso não tem nada a ver com uma garota ser desejável. Uma garota bonita é só uma garota bonita.”

Você não gosta de garotas bonitas?

"Eu os detesto. Eles sempre parecem estar aprontando alguma coisa."

Não me pareceu que fosse culpa das garotas bonitas, mas não me dei ao trabalho de interromper.

“Mas com ela, longe de estar tramando algo… ela simplesmente desabafava sobre seus planos sem parar. Deixava todas as suas emoções transparecerem. Não havia frente nem verso nela. Era como uma fita dupla face.”

Eu não entendi muito bem a analogia dele.

"Nunca conheci ninguém na minha vida, nem mesmo na escola primária, que expusesse as partes íntimas daquela forma. No começo, pensei que ela devia ser idiota. Qualquer um pensaria assim, vendo alguém do jeito dela, né? A gente pensa: 'Nossa, que horror!'"

"Idem."

“Sim. Mas ela não era boba. Também não era distraída. Nem era que ela fosse emocionalmente imatura ou tivesse um QI baixo ou algo

do tipo. Na verdade, ela era bem esperta e inteligente, à sua maneira."

"Eu também concordo com isso."

"Assim que me dei conta de tudo isso, fiquei com inveja, para ser sincero. Quer dizer, você ou eu não conseguimos fazer isso. Parece simples o suficiente poder chorar quando se quer chorar, rir quando se quer rir, mas caras como nós, não conseguimos. Agimos como durões, descolados ou sei lá o quê. Basicamente, somos todos meio desajustados. É por isso que a Aoii era tão sortuda. Ela podia ficar irritada se algo ruim acontecesse. Ela podia se divertir à vontade se algo bom acontecesse. Mas eu não conseguia nem admitir minha própria inveja. Em vez disso, eu me sentia irritado."

"Eles tinham uma aula sobre isso, não tinham?"

"Sim. Teoria educacional alguma coisa. Eu também tenho estudado essa. Qual era mesmo? Que a juventude moderna não tem vocabulário suficiente? Acho que é bem verdade. Não temos palavras para nos expressar, então nem sabemos por que estamos com raiva. Quando na verdade estamos apenas tristes, dizemos que estamos putos. Mas a Aoii era diferente. Ela expressava o que sentia."

"Você certamente tem muitas coisas boas a dizer sobre ela", eu disse da forma mais passiva possível. "Você nunca considerou sair com ela?"

Akiharu deu uma risadinha tímida, mas a expressão em seu rosto era menos direta. "Bem, eu sou um cara, e não vou dizer que nunca me senti assim. Principalmente porque eu era um estudante do ensino médio tarado quando nos conhecemos. Eu não acreditava em amizades entre garotos e garotas naquela época."

"Ah, já ouvi falar de caras assim." Pessoalmente, eu também não acreditava que amizades entre pessoas do mesmo sexo fossem

possíveis.

“Mas com ela não era bem assim. Isso vale para Atemiya e Emoto também, mas é tipo, você olha para eles e eles são definitivamente bonitos, mas você simplesmente não sente aquela paixão, ou talvez fique sem tesão.”

“'Flácido' é uma boa maneira de descrever. Não posso dizer que não concordo com você nesse ponto.”

"Certo? Então era assim com ela. Enfim, ela era uma garota legal. O Emoto também, mas ela sempre mantinha uma certa distância. Não que fosse culpa dela, mas mesmo assim."

“…”

"Bem, enfim. Eu gostava da Aoii, sentimentos românticos à parte. Eu não rezava para que ela fosse feliz nem nada, mas eu não queria vê-la infeliz. Eu não ia deixar isso acontecer. Então, quando ela se apaixonou por alguém, eu tive que ajudar, sabe?"

"Huh."

“Você é essa pessoa, cara.”

“Sim, eu sei. Ela mesma me contou.”

“Ah.” Akiharu assentiu. “Escute, não sei se deveria dizer isso…”

“Você não precisa dizer nada que não queira.”

“Não, eu deveria. É que, a princípio, eu era contra. Não só eu — Atemiya e Emoto também. Principalmente Emoto. Ela ficou extremamente chateada com isso, dizendo coisas que *ninguém mais diria.* Ela até ameaçou cortar relações com Mikoko se ela insistisse com você.”

“Então vocês não gostavam de mim.”

“Você não está surpreso.”

“Estou acostumado a não ser querido. Na verdade, ser querido é

que me parece estranho.”

"Ah. Mas na verdade não desgostávamos de você. Mal tínhamos conversado com você. Mas a questão é que... eu ainda me sinto assim agora, mesmo sabendo que você é um cara legal, mas tem algo de estranho em você."

“…”

“Como se você pudesse matar uma pessoa facilmente.”

“Ei. Me dá um tempo.”

“Não me entenda mal, cara, não estou dizendo que você matou alguém, mas parece que você facilmente poderia ter feito isso e está reprimindo, seguindo sua vida com a maior naturalidade. O que você tem aí dentro daria para dez pessoas normais como eu engolirem. Parece que você está apenas fingindo ser humano.”

“Hum.”

Respondi com a maior frieza possível, mas por dentro, tive vontade de assobiar. Teria feito isso se soubesse como, e mais ainda, aplaudido e cantado seus louvores. Ser tão completamente decifrada em menos de um mês foi uma experiência totalmente nova para mim.

Certo... Não é de admirar que ele e Tomoe fossem amigos.

“Mas a Aoii podia ser teimosa. Ela não cedeu nem um pouco, então acabamos cedendo. Em vez disso, dissemos para ela nos deixar testá-la. Sabe, para ver se esse personagem Ikkun era realmente o certo para ela.”

“Era só isso que significava aquela festa de aniversário?”

“Você adivinhou. Bem, era aniversário do Emoto também.” Akiharu soltou um suspiro exagerado e se curvou para a frente. “Mas se você morrer, fim da história. Isso vale tanto para o Emoto quanto para a Aoii.”

“Akiharu”, eu disse, tentando eliminar qualquer entonação da minha voz. “Quem você acha que matou Mikoko?”

"Como se eu fosse saber. Nem quero saber. Se eu descobrir, vou acabar odiando e desprezando quem quer que tenha sido. Mas eu não gosto de odiar as pessoas e guardar rancor. É horrível, não é?"

"Hum." Refleti sobre suas palavras e assenti lentamente. "É, você tem razão."

Certo. Então, Akiharu fez suas concessões enquanto vivia. E eu? Como devo lidar com isso?

“……”

Nesse instante, senti o olhar de alguém sobre mim e me virei. As únicas pessoas presentes eram turistas e um grupo de estudantes em uma excursão escolar.

“Hum, Ikkun? O que houve?”

“Ah, nada. Parecia que alguém estava me observando.”

“Hum. Provavelmente é só imaginação sua.”

“Sim, deve ser. Mas ultimamente tenho tido essa sensação de vez em quando quando saio do meu apartamento.”

“Talvez seja o fantasma da Aoii ou algo assim.”

“Pode ser. Sim. Talvez.”

Ele provavelmente estava apenas brincando, mas para mim, havia verdade em suas palavras.

"Hup", resmungou Akiharu ao descer da Vespa. "Chega de conversa por hoje. Enfim, está em suas mãos."

“Sim, eu cuido disso.”

“Não se esqueça. É uma lembrança da Aoii.”

“Sim. Vou chamá-la de *Mikoko.* ”

“Ah”, gemeu Akiharu. “É melhor não. Não fique dando nomes a

veículos. Senão você pode começar a se envolver demais.”

“Se for uma lembrança, de qualquer forma me sentirei envolvido.”

“Entendi…” Akiharu assentiu. “Mas não a chame de *Mikoko.* ” Ele se espreguiçou mais uma vez. “Ahhhk. Bom, eu já desisti da Vespa e já disse o que tinha para dizer sobre a Aoii… Agora posso morrer feliz.”

"Hã?" Algo na maneira como ele falou me incomodou. Um lampejo de suspeita escapou da minha boca, mas também expressei minha dúvida em palavras. "Ei, você está falando como se estivesse indo para a batalha ou algo assim."

“Hahaha. Não, é só que…” Seus lábios se curvaram num sorriso um tanto autodepreciativo, ou talvez resignado. “Eu só acho que provavelmente serei o próximo a morrer.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Exatamente o que eu disse. Ou talvez não signifique nada. De qualquer forma, até mais.”

Sem me dar uma resposta direta, ele acenou com a mão, virou as costas para o Santuário de Kitanotenman e começou a andar. Pensei em impedi-lo, mas desisti um instante antes de chamá-lo.

Eu suspirei.

A Vespa legada.

Eu me perguntava se realmente seria correto eu usar aquilo, mas de alguma forma também me convencia de que, se alguém fosse usar, deveria ser eu. Certamente tornaria a vida mais prática. Eu não precisaria pegar o Fiat da Miiko emprestado com tanta frequência.

Talvez esse fosse o objetivo de Mikoko.

Havia algo um pouco divertido nessa ideia. Só um pouco.

"Acho que vou ter que alugar uma vaga de estacionamento."

Eu não sabia como aquilo era feito. Pensando que poderia perguntar à Miiko, fui para casa.

* Nota do editor: O fato de "Muimi" poder significar *sem sentido* é reforçado pelo fato de sua irmã ser *impossível*.

Uau! Aquela ali é a Mikoko?

É isso mesmo. Quanto tempo, Ikkun!

Ah, entendi. Isso é um sonho.

Ahaha. Você aprendeu rápido, Ikkun. Acho que era de se esperar de um realista como você. Ou será que você é romântico? Ou talvez um clássico. Meio a meio, talvez. E um terço pessimista.

Não tenho certeza se isso faz sentido.

Verdadeiro.

Ei, você não é a Mikoko de verdade, é?

Opa. Você me pegou. Bem, quem você pensa que eu sou?

Não faço ideia. Quem?

Você decide. Afinal, é o seu sonho.

Certo, então você é a Tomoe.

Por que você pensa isso? Você pode estar enganado. Eu poderia ser Kunagisa, ou Aikawa, ou Muimi, ou Akiharu, ou Miiko, ou Suzunashi, ou qualquer outra pessoa.

Posso falar com qualquer outra pessoa quando quiser. Mas não posso falar com você. Você é a única pessoa com quem eu quero conversar, mas não posso.

Mentiroso. Você sabe que existem outros.

Não, não, não. Não quero mais falar com eles.

Certo, tudo bem. Se você diz. Então, vamos conversar. Vamos discutir tudo o que não conseguimos abordar naquele dia.

Sério? Ok, claro. Nesse caso, há uma pergunta que eu queria te fazer.

O que?

Você está cheio de ódio?

Para a pessoa que me matou? A resposta é exatamente como você pensou: nem um pouco. Conversamos sobre isso naquele dia, não é? Quero renascer. Era a mim mesma que eu odiava. Não considero minha morte uma desgraça, nem um pouco.

Parece que você está apenas dizendo isso.

Claro. Tudo que você coloca em palavras soa assim. Ei, Ikkun, você já leu romances policiais?

Eu não leio muito em geral. Costumava ler, mas agora só leio quando preciso passar o tempo. Mas basicamente sei como é um romance policial.

Entendo. Sou muito fã. Leio qualquer ficção, mas mistérios são meus favoritos. São fáceis de entender. Mas uma coisa que não gosto é como sempre enfatizam demais os motivos do criminoso. Sei que é preciso um bom motivo para fazer algo como matar alguém. Afinal, o risco é muito alto.

Sim. Um colega meu também disse isso. O risco é alto, mas o retorno é baixo. Claro, ele não é mais humano e só pode provar sua individualidade matando outros.

Mas sabe, Ikkun, um motivo nada mais é do que uma desculpa. É apenas defender seu ponto de vista. Pensando bem, tudo se resume aos valores de cada um. Você conhece este ditado? "Um cavalheiro não mata por si mesmo, mas pela justiça e pelo bem dos outros." Mas espere um pouco. O que significa " *pelo bem dos outros"* ? O que é *justiça* ? Eu não sei a resposta.

Eu também não sei. Parece uma forma de se justificar. Não sei o que seu assassino estava pensando. Ou talvez eu simplesmente não

queira saber.

Por que não?

Porque não parece nada premeditado. Não posso dizer o mesmo com certeza sobre a morte da Mikoko, mas no seu caso parece que tudo foi totalmente improvisado. Como se a sua morte tivesse sido planejada.

Sim, talvez. Mas isso importa? Não estou com raiva e também não estou triste por estar morto. De verdade, não estou mentindo. Não guardo o menor ressentimento.

Então agora você vai renascer como Mikoko?

Sim.

Mas ela também está morta.

Ela é, não é?

Como você se sente em relação a isso? Deixando seu caso de lado, como você se sente em relação ao *culpado* que enviou Mikoko para a morte? Nenhum ressentimento também?

Na verdade, não.

Não é um pouco frio? Vocês eram amigos, não eram?

É um pouco engraçado ouvir essa palavra vinda de você, de todas as pessoas.

Eu também tenho um amigo.

Kunagisa? Ou será Miiko? Sei que não é Muimi nem Akiharu. Deve ser o mesmo para você, Ikkun, mas eu não consigo sentir tristeza nem quando um amigo morre. Sei como ficar triste, mas simplesmente não consigo entrar nesse estado. Meu repertório de emoções deve ser bem limitado.

Não posso dizer que não entendo.

Talvez seja desconfiança em relação aos seres humanos? Como se

eu tivesse sofrido uma ferida fatal e não conseguisse confiar nos outros. Se você já enfrentou perseguição, nunca mais acreditará em outro ser humano pelo resto da vida.

Acho que você está indo longe demais.

Você não pensa assim.

Sim eu faço.

Não, você não precisa.

Ok, não.

Você escolhe não confiar nas pessoas se souber o quanto os seres humanos adoram discriminar. Os japoneses, em particular, adoram. Digamos que seu amigo esteja sendo perseguido pelo seu grupo. É um contra muitos. Obviamente, o certo a fazer é defendê-lo. Mas a maioria das pessoas não faz isso. Elas ficam do lado do grupo. Os seres humanos anseiam por aliados. Eles nem se importam com quem são esses aliados. Tudo o que importa é ser aliado e ter aliados, e o tipo de grupo não importa em nada. Pode-se dizer que não tem significado ou valor algum. E quando você percebe esse fato cruel, é impossível confiar em alguém. Por exemplo, você tem família, Ikkun?

Se não fosse assim, eu não existiria.

Não é isso que eu quero dizer.

Sim, eles estão vivos e bem. Devem estar em Kobe ou por perto. Mas não nos vemos há anos. Agora que você mencionou, a Mikoko me disse uma vez que eu não parecia ser o tipo de pessoa que honraria os pais. É verdade. Não os vejo desde o ensino fundamental. Provavelmente você poderia me chamar de mau filho.

Parece que sua casa está passando por alguns problemas.

Não, na verdade não. De jeito nenhum. Aliás, não tivemos nenhum problema. Se eu tivesse percebido algum, provavelmente não

teria me tornado quem sou. E você? Tem família?

Hum, eu simplesmente não consigo pensar neles dessa forma. É por isso que escolhi uma faculdade que ficava longe e aluguei um quarto. Aparentemente, Mikoko e os outros estavam enfrentando circunstâncias semelhantes.

Quer dizer que vocês não podiam confiar nem mesmo em suas próprias famílias?

É isso aí. Nem você mesmo, para piorar a situação. Não me lembro quem disse: "Não há nada certo neste mundo", mas é mais ou menos essa a sensação. Como se este mundo frágil pudesse desmoronar ao menor toque. Mas, na verdade, não é o mundo, sou eu.

Parece que você é um produto defeituoso.

Você disse tudo. Quer dizer, pense bem. Você definiria como normal alguém que nunca chorou desde que nasceu? Eu posso sorrir, mas isso é suficiente para me considerar um ser humano de verdade?

Eu sou igual. Antes, eu tentava justificar isso como individualidade.

E agora?

Agora não. Que se dane a individualidade. Ser diferente não é bom. Qualquer um que já tenha parado para pensar no que significa ser radicalmente diferente em meio à multidão não falaria tamanha bobagem. As pessoas falam dos *escolhidos,* gênios que deixam sua marca na história. A maioria deles provavelmente é completamente perturbada. Mesmo assim, são pessoas comuns. Não são uma raça à parte, de forma alguma. São comuns, porém imperfeitas. Mas Tomoe... Pelo que você está dizendo, parece que você também não confiava em Muimi, Akiharu e Mikoko, e não tinha fé nelas.

Sim. Não vou negar. Aliás, vou confirmar. Ikkun, pelo menos você

não entenderia errado, e a verdade é que isso te faz sentir inferior. Você sabe que a Mikoko é uma garota legal. O Akiharu também é um cara legal, e a Muimi é daquelas raras pessoas hoje em dia que são leais aos amigos. Não poder confiar neles ou, por mais que eu tente, considerá-los amigos de verdade me faz sentir sujo. Eles me mostraram tanto amor, e eu não consigo retribuir.

Eu entendo. Você começa a se sentir culpado.

Sim. Que bom que um produto defeituoso como eu foi embora.

E quanto à Mikoko?

Esse é o problema da Mikoko. Não é algo que eu, que já estou morto, deva discutir. E, Ikkun, não é exatamente isso que você quer perguntar agora, é?

Sei lá... Tinha um monte de coisas sobre as quais eu queria falar. Não, na verdade, eram só algumas. Quer dizer, só uma.

Vá em frente.

Será que é normal eu estar vivo?

Ah… Essa é uma ótima pergunta.

Eu, um espécime numa colônia chamada humanidade que não beneficia o todo, tenho o direito de viver?

Isso também é uma questão vital para mim. Mas eu morri, então não me diz respeito. Bem... bem... em relação a essa pergunta, só tenho uma palavra para você.

Hum. Diga-me.

É “ ”□

Pipip pipip pipip pipip.

Acordei com um ruído eletrônico desagradável.

Ahh, gemi e me levantei. Não do meu futon, mas diretamente do

chão onde eu estava dormindo.

Que sonho horrível. Foi completamente arbitrário e tão egocêntrico que me deixou enojado de mim mesmo. Pensei que tinha compreendido a psique da Tomoe depois de menos de uma hora conversando com ela?

E, no entanto, não conseguia me livrar da estranha sensação de que tudo aquilo tinha sido verdade.

"Que diabos estou fazendo discursando contra pessoas mortas?"

Será que eu ainda estava arrependido? *Pipip pipip pipip pipip* Em outras palavras *pipip pipip pipip pipip* mesmo agora, eu *pipip pipip pipip pipip*

Não, vamos deixar isso de lado por enquanto.

Não era o meu despertador, mas o toque do meu celular. Ainda no modo padrão, porque eu detestava toques musicais, esse som também era bastante irritante, pensei, e apertei o botão de atender.

"Sim, olá?"

"…"

Hum. Sem resposta. Mas eu conseguia sentir a respiração do outro lado da linha. Talvez o sinal estivesse fraco.

"Alô? Você consegue me ouvir?"

"……"

"Alô? Você consegue me ouvir? Nem tanto?"

"……"

Que estranho. Talvez meu celular estivesse quebrado. Afinal, eu tinha esquecido de tirá-lo do bolso da calça na lavanderia outro dia. Mas os eletrônicos modernos não são tão frágeis. Nesse caso, talvez tenha sido um trote.

"Se você não disser nada, vou desligar. Você quer que eu faça

isso?”

Com um brilho nostálgico que pouco combinava com o momento, lembrei-me da vez em que Mikoko ligou e ficou toda atrapalhada pensando que tinha discado o número errado.

“Ok, vou desligar. Iniciando a contagem regressiva. Cinco, quatro, três, dois□”

“…”

Uau. Ouvi uma voz, mas estava muito baixa para entender as palavras.

“Desculpe, não consegui entender. Poderia repetir, por favor?”

“…Parque Kamogawa.”

"Desculpe? Kamogawa?"

“… Estarei esperando no Parque Kamogawa…”

Uma onda sonora tão fraca que mal se conseguia captar no tímpano humano — eu nem sequer conseguia distinguir se era um homem ou uma mulher, um adulto ou uma criança. Como não havia entonação discernível, não consegui determinar qual emoção, se alguma, a pessoa que ligava estava tentando transmitir.

"Desculpe? Por favor, repita. Ou melhor, quem é você?"

“…Mikoko.”

A voz disse apenas isso, e a chamada terminou.

Joguei o telefone no chão, levantei-me e estiquei os braços em direção ao teto. Era baixo o suficiente para que eu pudesse alcançá-lo se tentasse. Quem morava no andar de cima mesmo? Ah, sim, o irmão de quinze anos e a irmã de treze. Os dois tinham uma proximidade que fazia qualquer um sorrir. Bem, eles estavam fazendo o possível para sobreviver, então talvez essa não tenha sido a reação apropriada.

O prédio tinha três andares, com dois quartos por andar,

totalizando seis quartos, dos quais dois estavam vagos. O irmão e a irmã do andar de cima moravam ao lado de um velho eremita. Ele era cristão, o que gerava alguns atritos com Miiko, que tinha gosto por música japonesa, mas eles não eram inimigos. Os dois quartos do térreo estavam desocupados, mas o proprietário disse que alguém se mudaria no mês seguinte. Mesmo um lugar como esse atraía muitos inquilinos.

"…Fim de desviar o olhar da realidade."

Sentei-me no chão e peguei o celular que tinha jogado fora. Verificando o histórico, descobri que, de fato, a ligação era de um número desconhecido. Hora de pensar nisso.

"Parque Kamogawa… Só existe um."

A pessoa que ligou estaria esperando lá? Tudo bem, então. Isso estava bom, por enquanto. O problema era o que vinha a seguir, quando eu perguntava o nome. Qual era a resposta?

"Mikoko… Deve significar *aquela* Mikoko."

Ninguém mais tinha um nome tão bizarro quanto " *criança sacerdotisa".* Mas, ao mesmo tempo, não podia ser a Mikoko. Ela estava morta. Se os mortos pudessem usar telefones, toda a infraestrutura de telecomunicações já teria entrado em colapso há muito tempo.

"…"

Com tão pouca informação, não adiantava pensar mais nisso. *Era como se eu estivesse me perdendo em pensamentos,* brinquei comigo mesmo, mas acabei me sentindo um pouco vazio.

Apaguei a chamada do histórico do telefone e verifiquei a hora no visor LCD.

Onze e meia da noite. Quarta-feira, 25 de maio.

"…"

Hum. Como foi que eu passei o dia mesmo?

Eu me lembrava de ter acordado antes do meio-dia. Depois, saí para visitar Kunagisa, encontrei Akiharu, herdei a Vespa da Mikoko, voltei para casa para perguntar à Miiko sobre vagas de estacionamento, fiquei frustrado com a confusão e fui dormir emburrado.

"De mau humor? O que há de errado comigo?"

O que eu era, uma criancinha?

Enfim, isso foi por volta das duas da tarde. Como não me lembro do tempo entre esses dois momentos, devo ter dormido quase dez horas. Isso seria suficiente para fazer até a Bela Adormecida fazer careta. Eu tinha ficado acordado por menos de três das vinte e quatro horas do dia 25 de maio.

“Tenho dormido muito ultimamente…”

Enfim, meu telefone tocou. Uma ligação estranha e confusa, sem contexto, apenas palavras. Não entendi o que diziam, ou melhor, o que diziam era a única coisa que eu entendia.

“Agora… a questão é o que fazer.”

Eu tinha duas opções, mais ou menos. Podia obedecer e ir até o Parque Kamogawa ou ignorar o pedido. O bom senso me dizia para escolher a segunda opção, mas eu não tinha um pingo de bom senso. Além disso, eu não podia simplesmente ficar sentado ali enquanto a pessoa que me chamava pronunciava aquele nome. Não demorei muito para tomar uma decisão.

Lavei o rosto e troquei de roupa, tirando a roupa de dormir.

“Eu quase senti falta dessa bobagem.”

Deixei um bilhete e saí do prédio. Montei na Vespa, que ficaria estacionada ilegalmente em um beco próximo até que eu conseguisse

alugar uma vaga. Eu poderia ter ido a pé, mas o Parque Kamogawa era um pouco longe. A pessoa que ligou não havia combinado um horário específico para o encontro, mas imaginei que quanto antes, melhor.

Virei para leste na rua Imadegawa e segui em frente. Mesmo assim, continuei pensando, voltando ao meu raciocínio, o que significava aquele sonho? Não acredito nem desacredito em fantasmas, almas ou vida após a morte. Já tive minhas experiências inexplicáveis e não sou tão teimoso a ponto de me recusar a dar crédito a coisas que não conheço por experiência própria. Dito isso, não se tratava de literatura clássica, então a vontade de outra pessoa não poderia ter entrado no meu sonho. Era a minha consciência, e somente a minha.

"Apegos persistentes? Ilusão?"

De qualquer forma, foi apenas uma ilusão. Nada para se preocupar, por assim dizer. O detalhe crucial era que não foi Mikoko, mas sim Tomoe, que apareceu no meu sonho. Isso foi, sem dúvida, um crime da minha parte.

"Encare seus crimes. Esse é o seu castigo."

Acho que foi a Suzunashi quem me disse isso um dia em fevereiro. Ela não era vidente, mas me conhecia muito bem. Era o tipo de mulher que inspirava respeito, mas nunca fazia você se sentir inferior. Talvez isso fosse raro.

Passei por Horikawa, Torimaru e Kawara-machi e finalmente cheguei a Kamogawa. Mesmo sendo plena madrugada, não podia simplesmente atravessar um parque de scooter. Deixei a Vespa perto da ponte e segui para a margem do rio, também conhecida como Parque Kamogawa.

“Ah… e agora?”

Na realidade, o Parque Kamogawa representava uma área absurdamente enorme. Não era exatamente espaçoso, apenas comprido. E o lado oposto do rio era considerado parte dele. Não havia um idiota em toda Kyoto que marcasse uma reunião ali sem especificar a rua.

“Tanto faz.”

Não precisava levar uma ligação aleatória como aquela muito a sério. Comecei a caminhar ao longo do rio na direção da correnteza. De acordo com meu relógio, já passava da meia-noite. Era quinta-feira, 26 de maio. Percebi que não faltava muito para o fim do mês de maio. Pensando bem, Zerozaki quase me matou perto deste mesmo rio, debaixo da Ponte Shijo, se bem me lembro. Naquela época, nem Tomoe nem Mikoko tinham morrido ainda.

Parecia que tinha acontecido há uma eternidade. E eu não achava que fosse apenas imaginação minha.

Hum?

Olhei para trás. Era difícil dizer porque estava muito escuro, mas não parecia haver mais ninguém. Mesmo assim, eu tinha sentido alguma coisa.

Um olhar.

"Hum…"

Eu também senti isso à tarde, quando estava com Akiharu. Ele disse que poderia ser o fantasma de Mikoko, mas qual seria a possibilidade mais realista? A explicação mais provável era que a polícia tivesse enviado alguém para me seguir. Afinal, eu ainda era suspeito das mortes de Tomoe e Mikoko.

“Mas vamos lá, a esta hora?”

Além disso, não havia motivo para eles ficarem se escondendo. Então, vamos para a próxima possibilidade. Uma ligação misteriosa e o olhar de alguém quando cheguei ao local — só havia uma possibilidade.

"…"

Um pouco mais alerta agora, continuei caminhando. O olhar estranho, no entanto, pareceu desaparecer. Foi por volta da Rua Maruta-machi que comecei a me sentir um idiota. Que diabos eu estava fazendo ali?

"Hora de ir para casa."

Subi o barranco de volta para a estrada. Atravessei a ponte para o outro lado do rio e desci até o parque lá embaixo. Pensei que seria uma mudança agradável de cenário se eu trocasse de lado na caminhada de volta. Olhando para o rio, vi alguns patos nadando. Por um momento, suspeitei que "Kamo-gawa" tivesse sido batizado em homenagem a alguns *patos* no *rio* — que pensamento tolo —, mas a verdade não podia ser tão insensata.

Pensei em voltar correndo para o meu apartamento e ir para a cama, mas percebi que já tinha dormido. Já que tinha saído, talvez não fosse má ideia dar uma volta de Vespa por Kyoto. Podia seguir pela margem do rio até Maizuru. Precisava me acostumar com meu veículo recém-adquirido, e isso me ajudaria a passar o tempo.

Enquanto refletia sobre isso, continuei caminhando e, ao me aproximar da Rua Imadegawa, avistei à minha frente uma figura sombria sentada no chão. Uma bicicleta estava caída de lado perto dela. Não estava claro no escuro, mas parecia que a figura não estava apenas sentada, e sim que havia caído. Estava imóvel, de costas para mim. Imaginei se seria uma pessoa sem-teto dormindo, mas nesse caso

não haveria bicicleta. Talvez alguém tivesse saído para beber em Kiyamachi e sofrido um acidente de bicicleta enquanto voltava para casa pelo parque. Embora eu não tivesse muita compaixão, não podia simplesmente deixá-la ali. O cabelo longo e preto me fez pensar que era uma mulher.

"Você está bem?", perguntei, mas não obtive resposta.

Quase parecia que a pessoa estava morta. Bem, era uma possibilidade concreta. Cair de bicicleta pode ser fatal se a aterrissagem for ruim, e ainda mais se a pessoa estiver bêbada. Considere seriamente passar direto, mas não me pareceu certo, então corri até lá e toquei no ombro da figura.

"Você está bem?", perguntei mais uma vez.

Ela não se mexeu um centímetro.

"Você está bem?", perguntei pela terceira vez e decidi que deveria pelo menos virá-la de costas.

No instante em que puxei seus ombros, a figura, que até então permanecera completamente imóvel, virou-se com incrível agilidade e lançou algum tipo de névoa em meu rosto.

Tentei dar um salto para trás, mas meu tempo de reação falhou. Uma dor surda atingiu minha bochecha esquerda. Quando me dei conta do impacto, já havia caído sem chance de amortecer a queda e fiquei estendido de costas na margem do rio.

Meu agressor se levantou.

Droga, fosse o golpe no rosto ou a névoa, minha visão não focava. Que diabos era aquilo? Meus olhos não doíam o suficiente para ser spray de pimenta. Tentando me impulsionar com a mão esquerda, me levantei, mas o atacante se aproximou impiedosamente. Desisti da ideia e comecei a rolar, girando mais vezes do que o necessário para

escapar do meu oponente. Quando estava a uns dez metros de distância, me levantei apoiando-me em um joelho.

A sombra permaneceu imóvel diante de mim. Alta, com uma constituição... Não. Eu não conseguia enxergar direito. Minha visão não estava melhorando. E não era a única coisa incerta. Meus pés, meus joelhos e minha cabeça estavam igualmente ruins, e eu achava que ia desmaiar a qualquer segundo. Não era que eu me sentisse enjoado. Era mais como se estivesse escorregando para dentro de algo. Sim. Resumindo, eu sentia...

Com sono.

O joelho que me sustentava cedeu.

Um spray anestésico… E não era um remédio qualquer contra pervertidos, mas algo potente e de ação rápida. Não só meus olhos, mas todas as minhas faculdades físicas ficaram incapacitadas. Talvez nos Estados Unidos, mas eu nunca imaginei que enfrentaria (literalmente) essa variedade no Japão.

Meu agressor se aproximou de mim, um passo de cada vez. Mesmo com a visão cada vez mais turva, consegui distinguir a faca em sua mão direita. Uma faca. Hitoshiki Zerozaki. Predador de Kyoto. Comecei a ficar confuso.

"…Por que?"

Quem, ou porquê — isso não importava naquele momento. Mesmo com a mente completamente turva, eu sabia o quão catastrófico seria adormecer naquele instante. Seria o mesmo que morrer, ou algo semelhante.

Droga. Não era hora de perder tempo, mas instintivamente eu tinha aversão à ideia de me machucar. Não pude evitar a hesitação. Meu agressor me abordou em um ritmo lento. Naturalmente, já que eu

adormeceria em pouco tempo. Eu sabia que essa era minha única chance.

Mão direita ou esquerda?

Refleti por apenas um instante antes de optar pela direita. "Nossa, será que sou algum tipo de asceta?" Apertei meu polegar direito com a mão esquerda e, após hesitar por mais um segundo, puxei com toda a força na direção errada.

“NGHIGHAAaaaaaaaaaH!” Um grito que até eu achei irritante ecoou pelo Parque Kamogawa.

Estava agora quebrado ou deslocado. De qualquer forma, minha sonolência havia passado. Com a visão e as funções físicas despertando, recuperei-me de uma vez. Parecia que meu corpo inteiro era feito de terminações nervosas. Levantei-me para confrontar meu inimigo.

Meu agressor estava vestido todo de preto, incluindo uma máscara de esqui e luvas de couro pretas. Nenhum fio de cabelo era visível. O longo cabelo preto que eu vira antes era uma peruca. Embora minha visão tivesse sido restaurada, meu agressor ainda era difícil de distinguir contra o fundo escuro. Foi por isso que pensei em uma sombra a princípio. Definitivamente, era a vestimenta certa para emboscar pessoas. Muito mais parecido com um assassino em série do que com Zerozaki, muito mais com um assassino em série.

“Droga… quem é você?”

É claro que não houve resposta. Tudo o que eu conseguia ouvir era uma respiração arrepiante. Quem quer que fosse, apontou a faca para mim e se aproximou lentamente. Eu não tinha nenhum objeto que pudesse ser usado como arma e havia deixado meu celular no quarto. Eu nem sequer conseguia pedir ajuda.

“Bem, você tem que fazer o que tem que fazer…”

Assumi uma postura de luta e avancei para o lado oposto. Evidentemente surpreso, Dark Garb atacou com a faca um segundo depois. Tentei desferir um golpe com a palma da mão no queixo, que certamente errou o alvo, pois meu oponente saltou para trás e brandiu a faca novamente.

Em seguida, Dark Garb atacou-me com a faca. Mas o movimento era de um novato. Essa pessoa não era nada comparada a Zerozaki, então desviar foi fácil. No entanto, ao girar o corpo, meu polegar direito roçou minha lateral. Uma dor intensa me atravessou.

“□!”

Me arrependi de ter quebrado. Eu poderia simplesmente ter arrancado uma unha ou algo assim. Ou, se fosse necessário, eu deveria ter escolhido meu dedo mindinho. Por que escolhi meu polegar? Fui tola? Eu precisava conhecer meus limites.

Dark Garb não deixou a oportunidade escapar e me empurrou com força. Já desequilibrado, caí e fiquei de costas novamente. Sem perder um segundo, meu oponente montou em mim. Lembrei-me, com uma serenidade inadequada, de que a mesma coisa havia acontecido no mês passado. Como eu havia lidado com a situação naquela ocasião?

Sem me dar um segundo para pensar, a faca desceu. Estava apontada diretamente para o meu rosto — não, para a minha artéria carótida. Usei cada grama de força que me restava para mover a cabeça para a direita, evitando ao máximo a lâmina. Ela conseguiu cortar uma única camada de pele. Percebi que estava sangrando. Dark Garb puxou a faca de volta da margem do rio onde ela havia se cravado e preparou outro golpe.

Quando já achava que não havia escapatória, a mão erguida parou. Olhando para mim como se me observasse, meu agressor jogou a faca fora.

Não tive tempo de refletir sobre o significado daquela ação, pois um punho atingiu meu rosto. A mesma bochecha de antes, a esquerda. No instante seguinte, a bochecha oposta recebeu um golpe semelhante. Em seguida, três socos na bochecha esquerda. Depois, novamente na direita. Sem sequer piscar, o agressor desferiu uma saraivada interminável de socos no meu rosto.

Há muito tempo que deixei de achar que aquilo doía.

Eu conseguia sentir meu cérebro vibrando.

“□□…”

De repente, a surra cessou.

Mas não demorei a perceber que aquilo não era um ato de misericórdia. Dark Garb apertou meu ombro esquerdo com as duas mãos. Era fácil adivinhar qual era o plano. Tentei resistir, mas meu corpo não obedecia. Aquele spray paralisante havia penetrado em meu âmago. Somado à dor, eu tinha certeza de que desmaiaria a qualquer minuto.

Exceto.

A dor lancinante que atravessou meu ombro esquerdo, acompanhada de um estalo terrível, me trouxe de volta à plena consciência. Meu algoz havia deslocado meu ombro sem a menor consideração e, além disso, começou a golpeá-lo sem parar.

“Nn…nghaaaaaaaaaaah!”

Soltei um grito bestial. Nunca imaginei que minhas cordas vocais fossem tão poderosas.

Afinal, o que se passava na cabeça desse sujeito? Qual era o

propósito de tudo aquilo? Não parecia ser para me matar. Não se tratava de homicídio, mas de pura destruição. Para essa pessoa, eu não passava de um objeto a ser desmontado. Algo a ser despedaçado como um quebra-cabeça de elos de corrente.

Em seguida, meu agressor mirou no ombro direito.

“Guh…”

Resisti, mobilizando cada resquício da minha consciência recuperada. Levantei metade do corpo, me livrei do aperto do agressor, fechei o punho e desferi um soco direto no coração. O impacto foi estranhamente insatisfatório, como se eu tivesse socado uma revista. Aquela camisa preta parecia esconder algum tipo de equipamento de proteção.

Ao segurar meu polegar quebrado, fiquei impossibilitado de usar o braço direito. Dark Garb o ignorou como se não fosse nada e estendeu a mão para o ombro novamente.

Eu não estava lúcido o suficiente para me livrar disso uma segunda vez. Ouvi um som abafado e estalante, como se viesse de muito longe, mas a dor estava bem ali, comigo. As sensações torturantes transmitidas à minha mente por ambos os ombros atingiam níveis que nenhum entorpecimento cerebral poderia atenuar.

Então, assim como antes, o agressor golpeou a articulação recém-deslocada — e dali, como se estivesse se vingando, foi direto para o meu coração. O som de osso rangendo. O choque se espalhou para meus ombros deslocados, seguido por uma dor surda no instante seguinte.

“Chá… Haa…”

Minha boca se abriu sozinha, buscando ar. Meus pulmões também haviam sofrido danos devastadores devido ao impacto dos golpes.

Independentemente de ter sido essa a intenção ou não, aquilo representava uma brecha perfeita. Meu agressor agarrou meu rosto pelo queixo. Ei, calma aí, você está falando sério? Essa é a coisa mais dolorosa que alguém pode fazer. Mas não havia tempo para perguntas. Pensei em morder os dedos, mas hesitei.

Dark Garb puxou meu queixo com força. Ouviu-se um *estalo quase delicioso,* um som mais leve do que o estalo dos meus ombros, mas a dor era incomparável, intensa. Então, como já se tornara rotina, rápidos socos atingiram meu queixo deslocado.

"……"

Nenhuma voz saiu de mim. Eu nem sequer me dava ao trabalho de gritar mais.

Permita-me corrigir-me.

Isso *foi* homicídio. Destruir-me não bastava. Ficou claro agora que meu agressor pretendia me espancar, e acabar com a minha existência, até a morte. A ideia era me fazer sofrer e depois me matar.

Para me desmantelar, pedaço por pedaço.

Provavelmente pensando em como infligir a próxima dose de agonia, Dark Garb deu uma pausa antes de agarrar meu braço direito inerte pelo pulso, erguê-lo e apertar o polegar.

Meu polegar, que já está quebrado.

"□□…"

Heheh.

Ouvi uma risadinha.

Me deu arrepios até os ossos.

Alguém que pudesse te bater e torturar tanto assim e ainda dar boas risadas.

Não havia nada no mundo que me fosse tão assustador e

aterrador.

"… ……"

Murmurando algo que não consegui entender, Dark Garb soltou meu polegar e segurou meu indicador. Percebi que o plano era quebrá-lo. E não só o indicador. Meu dedo médio, anelar, mindinho, depois minha mão esquerda. Seriam minhas pernas as próximas? Talvez fossem todos os ossos do meu corpo. Então minha carne seria dilacerada. E só depois de eu estar completamente destruído é que eu seria assassinado.

Eu já havia perdido a vontade de lutar. Na verdade, nem sabia por que tinha tentado. Podia simplesmente ter deixado o spray me fazer dormir desde o início. Pelo menos assim não teria experimentado todo esse sofrimento. Quebrar o próprio polegar, que piada. Por outro lado, essa dor teria me acordado. De qualquer forma, teria sobrevivido à tortura. O resultado teria sido o mesmo. Eu simplesmente escolhi um caminho diferente. Era como da última vez — uma farsa encenada com uma harmonia preestabelecida.

Senti como se estivesse me observando de longe.

Me observando prestes a ser morto, do outro lado do rio.

Assistindo a isso□

O que estava passando pela minha cabeça?

Vamos lá, sério mesmo?

Que absurdo.

trivial e sem sentido.

Que absurdo!

“O que você está fazendo aí!”

Um uivo estrondoso.

Meus olhos vagos se voltaram na direção da voz — a margem oposta. Mas não havia mais ninguém lá. A figura juvenil havia entrado na correnteza do rio e corria em direção a ele.

Nem precisei ficar pensando quem era.

Eu o conhecia tão bem quanto a mim mesmo.

“—aeeeeeeere!”

Zerozaki.

Hitoshiki Zerozaki.

Hitoshiki Zerozaki, gritando, saltou do rio e correu pela margem. Dark Garb pareceu momentaneamente assustado com o invasor, mas, após avaliar a situação, soltou meu dedo e recuou. Sem dúvida, ele sabia que Zerozaki não era um oponente que pudesse ser enfrentado sentado.

Com uma pequena distância entre nós, Zerozaki arremessou uma faca de saque rápido. Não era sua intenção acertar, mas sim forçar o atacante a se manter longe de mim. Tendo chegado a este lado do rio, Zerozaki se colocou entre nós como se quisesse me proteger. Dark Garb pegou a faca que fora jogada de lado anteriormente e a brandiu defensivamente contra Zerozaki.

“Ufa…” Zerozaki exalou profundamente, como se quisesse acalmar a respiração. “Não se deixe intimidar, cara. Você parecia até extasiado”, provocou ele.

Pensei em responder, mas com a mandíbula deslocada, era impossível.

“Bem, tanto faz. Acho que é com você que eu deveria estar

falando.” Zerozaki encarou Dark Garb. “Então, qual é o seu problema? Você provavelmente não quer ouvir isso de mim, mas sabe que está cometendo um crime? Agressão, tentativa de homicídio. Você sequer tem noção? Que existem coisas que você não pode fazer?”

Poderia ter feito inúmeras piadas, mas mantive a boca fechada, ou melhor, aberta.

Dark Garb deu um passo para trás, aparentemente intimidado por essa ameaça enigmática, Zerozaki, que exibia uma confiança casual — ou até mesmo uma total falta de cautela naquele momento.

“Hum. O produto defeituoso aqui tem alguns ferimentos bem feios, e esta situação… No momento, não posso matar pessoas abertamente. Então, se quiser fugir, fique à vontade”, disse Zerozaki após um momento de reflexão.

Dark Garb deu mais um passo para trás e pareceu estar avaliando o intruso, decidindo o que fazer.

“Qual é o problema? Estou dizendo que vou te deixar ir, então se apresse e suma daqui. Rápido.”

Sem resposta.

Zerozaki soltou um suspiro deliberado. "Se você ainda quer fazer isso, vou te agradar até o seu último suspiro. Vou te amar até você se fartar antes mesmo de sentir qualquer coisa. Não sou tão bonzinho a ponto de ter misericórdia de alguém que implora para morrer. Mas, ei, você vai ser o número da sorte, o décimo terceiro. Vou te picar em pedaços e alinhar as peças para exibição pública."

Isso resolveu o problema.

Dark Garb girou e disparou na direção de Imadegawa.

“Hehehe, vai em frente, vai em frente.”

Rindo alegremente, Zerozaki se virou para mim. Seu rosto

tatuado, tão conhecido, surgiu no meu campo de visão, apenas para ficar embaçado um instante depois. Parecia que o efeito anestésico do spray estava começando a fazer efeito de verdade.

“Hum? Ei, não durma no meu pé. Pelo menos me dê seu endereço primeiro.”

Ele me agarrou pelos ombros e me sacudiu. Como ambos estavam deslocados, doeu pra caramba, mas a essa altura eu já não ligava mais. "Ahhh..."

Com os últimos resquícios de consciência, e através da mandíbula deslocada, forneci meu endereço.

Minha próxima lembrança começa por volta das nove da manhã da sexta-feira, dia vinte e sete.

“E aí. Bom dia, raio de sol.”

Zerozaki estava bem ao lado do meu travesseiro. Olhei para o rosto dele atordoada, sem ter ideia do que estava acontecendo. Ele, por outro lado, parecia relaxado e genuinamente feliz por eu ter acordado.

"Cara, este lugar é incrível. Foi impossível achar por aquele endereço, e os moradores são estranhos. Fui pedir uns curativos emprestados para a vizinha, e ela nem se surpreendeu com a minha cara. Isso é inédito. Mas fico feliz que você esteja acordado. Você devia estar bem privado de sono, né? Você passou por muita coisa."

“Hum…” Assim que apoiei a mão direita no chão para me firmar, uma dor aguda a atravessou e, por reflexo, a puxei com um “Ai!”. Comecei a cair para trás, mas consegui me segurar com o braço esquerdo.

"Boa, cara. Está quebrado, sabe? Seu polegar, quero dizer. Eu coloquei seu queixo e ombros de volta no lugar o melhor que pude, mas não há nada que eu possa fazer com um osso quebrado. Fiz alguns primeiros socorros de emergência, mas acho que você provavelmente vai querer ir ao hospital mais tarde."

Olhando para minha mão direita, vi que meu polegar havia sido imobilizado com pedaços de metal, fios e uma grande quantidade de bandagens. Embora longe do método ortodoxo, parecia ser o tratamento adequado. Também senti algo estranho no meu rosto.

Parecia que meu queixo também havia sido colado no lugar com gaze e curativos. Zerozaki deve ter me vigiado enquanto eu dormia.

“Obrigado”, expressei minha gratidão.

"Esquece isso." Ele acenou com a mão, irritado. "Mas esse seu polegar direito é uma droga. Vai te dar trabalho", insinuou, dando uma risadinha. Acho que a desgraça alheia tem gosto de mel, mesmo que você seja um assassino em série.

“Não se preocupe. Sou ambidestro.”

"Realmente?"

"Eu era canhoto, mas corrigi isso e me tornei destro. Só que eu odiava uma professora que tentou me dizer: 'Os hashis vão na sua mão direita', então eu voltei a ser canhoto por birra. Isso foi na terceira série."

"Mentiroso."

“Sim, desculpe.”

Fiz um esforço para recuperar totalmente a consciência. Normalmente, eu me levantava sem problemas, mas minha cabeça estava girando.

“Ei, a propósito, onde está a Vespa?”

“Hã? O quê?”

“Ah, nada.”

Provavelmente ainda estava abandonado perto da ponte em Imadegawa. Eu só precisava ir buscá-lo em algum momento. Se é que não tinha sido rebocado. Mais importante ainda, fiquei impressionado, até mesmo admirado, que Zerozaki tivesse me carregado até aqui a pé com seu pequeno porte. Ele tinha uma resistência incrível.

Entretanto, ele parecia não dar importância ao ocorrido. Sem demonstrar qualquer sinal de cansaço, perguntou: "Mas que diabos foi

isso? Não acredito que esse idiota desajeitado tenha se dado bem com você, enquanto nós dois acabamos num impasse."

O raciocínio dele era um pouco vago. "Aquilo entre nós foi especial. É, bem..." Me levantei, tomando cuidado para não machucar o polegar. "Ontem... Ah, acho que anteontem? Recebi uma ligação dizendo para eu ir ao Parque Kamogawa. Pensando bem, era uma armadilha óbvia, mas enfim, caí nela. E esse foi o resultado."

Nossa! Você é idiota?

Pois é. "Eu sei que foi uma bobagem", eu disse. "Mas deixe-me perguntar uma coisa. Por que você ainda está em Kyoto? Você não foi embora?"

“Hã? Como você sabe?”

“Os assassinatos cessaram.”

“Ah, certo, isso. É, eu saí por um tempo. Fui atacado por uma mulher estranha de vermelho. Ela era tipo uma maluca doida, drogada. Eu a atropelhei com a minha moto e ela continuou vindo para cima de mim como se nada tivesse acontecido. É uma moto de 1000cc, cara. Que tipo de circuitos são esses no corpo dela? Enfim, ela estava determinada a me pegar, e eu já estava de saco cheio dela, então fugi para Osaka. Aí ela veio atrás de mim. Então voltei para Kyoto porque, você sabe o que dizem, é mais escuro debaixo do farol. Enfim, no dia em que voltei, eu estava andando por aí quando ouvi um uivo de cachorro apanhando, e como sou um amante de cachorros assumido, não consegui ficar parado ouvindo aquilo, então corri na direção da voz, só para descobrir que era você levando uma surra daquela coisa de preto.”

“Então foi isso que aconteceu. Entendi.” Ele despejou a segunda parte muito rápido, como se estivesse cansado de explicar, mas eu

entendi o ponto. Basicamente, foi pura sorte. Ou você poderia dizer que Dark Garb teve azar.

"Cara, quem diabos era aquela mulher de vermelho, afinal? Pensei que tinha encontrado uma vilã chamada Capa Carmesim."

"Era o Aikawa", eu disse a ele. Não era uma forma de agradecê-lo, era só que me parecia injusto dar informações sobre ele para o Aikawa e depois não retribuir a gentileza. Por outro lado, eu não tinha certeza se alguém como eu deveria usar uma palavra como " *injusto"*.

"Aikawa?" A tatuagem de Zerozaki se contorceu em suspeita. "Você acabou de dizer *Aikawa* ? Quer dizer que era Jun Aikawa?"

“Ah, você a conhece. Então não preciso me dar ao trabalho de explicar.”

“Não, eu só ouvi falar dela pelo *Governador,* só isso… Droga, por que, de todas as pessoas, tinha que ser a Jun Aikawa?” Zerozaki estalou a língua em sinal de irritação. “Não é à toa que eu não era páreo para ela.”

“Ela é famosa ou algo assim?”

“Ela é infame. Você tem ideia de como a chamam? Sturm and Drang, Mighty Chevalier, Laughing Red Tigress, Hermit Slayer, Desert Eagle… Eles me proíbem terminantemente de ter qualquer coisa a ver com ela.”

“Você se esqueceu de um.”

"Huh?"

“O empreiteiro mais forte da humanidade.”

Zerozaki ficou em silêncio. Sua expressão estava mais séria do que eu jamais vira. Diante de um oponente como *Jun* Aikawa, nem ele conseguia relaxar. "Droga, cara, isso não é bom. Muita confusão..." murmurou com um aceno solene e se levantou. "Certo, vou indo."

“O quê? Já?”

"É. Não devia ficar por aqui. Parece que tenho algumas coisas para pensar. Não há nada para fazer aqui mesmo, e você não está em condições de ficar conversando por muito tempo. Além disso, sou um foragido, sabe, segundo a polícia. Não posso ficar parado no mesmo lugar por muito tempo."

“Ah, ok.”

Tudo isso era verdade. Dar a Aikawa uma descrição dele também fez com que as autoridades policiais se tornassem suas inimigas. Para Zerozaki, passar um dia inteiro no meu quarto já era entrar na zona vermelha.

“E se você simplesmente se entregasse?”

“Não é uma má ideia, mas vou deixar passar”, disse ele com um sorriso. “Só certifique-se de resolver seus problemas. Eu vi no jornal e tudo mais. Aquela garota Aoii de quem você estava falando foi morta, não é?”

"Sim…"

“Parece que nós dois temos algumas coisas para resolver.”

“Sim, que transtorno.”

"Comigo também. Mas, enfim, são essas as pistas que estamos seguindo. De qualquer forma, é isso por hoje."

“Provavelmente nunca mais nos encontraremos. Desta vez”, eu disse.

Zerozaki riu. "Aposto. Adeus."

Dito isso, ele saiu. Deixada para trás no meu quarto, voltei para o meu futon e me deitei. Ou ele tinha feito um ótimo trabalho cuidando de mim, ou meus ferimentos não eram tão graves assim, porque quase não senti dor. Mesmo assim, precisei ir ao hospital por causa do osso

quebrado.

No momento, porém, eu estava com sono. Será que a anestesia ainda estava fazendo efeito? Não, isso não parecia plausível. Então era apenas sonolência comum. Por que eu estava dormindo tanto ultimamente?

“Ah, entendi. Eu estava deitado, mas não estava dormindo.”

Finalmente, cheguei ao meu limite. Decidi adiar a ida ao hospital até depois de dormir e fechei os olhos. Estava me envolvendo demais. Tentei não pensar em Tomoe e Mikoko, mas não consegui. Aquele sonho foi a prova. No fim, os casos permaneceram sem solução na minha mente.

Por agora, eu só precisava descansar. O telefonema, Black Garb, eu lidaria com tudo isso depois que acordasse.

“Ei!”

E, no entanto.

Nem sequer me deixaram ir para a cama. Ouvi batidas na porta e uma voz. Levantei-me e fui mancando até a porta. Quando a abri, Zerozaki tinha voltado.

“O quê? Esqueceu alguma coisa?”

“Mais ou menos. Eu ia te contar mais uma coisa.” Ele entrou na sala e sentou-se de pernas cruzadas. Voltei para o meu futon, onde continuei sentada.

“Então, o que é isso? Você fez tanto alarde ao ir embora.”

“O que você quer que eu faça? Me passou pela cabeça. Agora, veja seu celular.” Ele apontou para o meu aparelho, que ainda estava no chão.

"Sim? Por quê?"

“Você recebeu algumas ligações enquanto estava dormindo.”

“Hum. Mais ou menos a que horas?”

"Hoje de manhã mesmo. Ficava *fazendo 'piu-piu'*. Que irritante. Não foi isso que te acordou?"

Enquanto ouvia Zerozaki, dei uma olhada no histórico de chamadas do telefone. Um número familiar — mas de quem?

“Ah, Sasaki”, lembrei-me. O número pertencia à detetive Sasaki Sasa, que estava em meio a um trabalho árduo. Entre oito e nove horas daquela manhã, meu telefone recebeu sete ligações do número dela. “Será que ela quer alguma coisa?”

“Eu não atendi, então não me pergunte. Eu não deveria atender o seu telefone, certo? Se você está curioso, ligue para ela de volta.”

"Sim, vou." Digitei o número dela.

“Quem é Sasaki mesmo? Tenho a impressão de já ter visto esse nome.”

"Acho que mencionei ela naquela vez no karaokê. A detetive esperta."

“Ah, entendi.” Zerozaki tinha uma expressão complexa. A palavra *detetive* provavelmente não lhe caía muito bem ultimamente. Não que me causasse uma impressão muito boa.

O sinal pareceu conectar e continuou até o tom de discagem. Esperei alguns segundos.

“Sim, sou Sasa”, disse a voz de Sasaki.

“Olá, sou eu.”

“Sim. O que você estava fazendo mais cedo?”

“Nada, só estou dormindo.”

“Entendo… Maravilha.” Ela parecia estranhamente calma, como se estivesse se forçando a ficar calma. O que significava que ela não estava se sentindo nada calma.

“Sasaki, aconteceu alguma coisa? Ou tem algo mais que você queria me perguntar?”

“Aconteceu alguma coisa”, disse ela. “Akiharu Usami foi assassinado.”

“……”

De repente.

Tudo.

Conectado.

“Usami era?”

"Sim."

“Tem certeza?”

“Eu pareço ser o tipo de pessoa que contaria uma mentira dessas? Esta manhã, um amigo encontrou o corpo dele na escola. Ele foi estrangulado, assim como Emoto e Aoii. Estou no local agora.”

Agora que ela mencionou isso, parece que ela estava tentando não chamar a atenção ou perturbar o grupo presente: policiais, médicos legistas e curiosos, provavelmente.

Akiharu.

Ele não tinha dito que seria o próximo?

Por mais bizarro que pareça, ele acabou estando certo.

"É assim mesmo…"

Não poderia ser mera coincidência. Se Akiharu tivesse descoberto a verdade, então ele teria um motivo claro para prever a própria morte. Nesse caso, mesmo prevendo o que aconteceria, ele foi assassinado da mesma forma.

“Gostaria de lhe perguntar algumas coisas”

“Antes disso”, interrompi, “quero te perguntar sobre o corpo de Akiharu. Você se importa?”

“Pode falar.” Como se pudesse pressentir apenas pela minha voz que eu não estava bem, Sasaki não fez nenhuma objeção. “Responderei a tudo o que puder.”

"Só tenho uma pergunta. Será que existe outro ' *x* sobre *y* ' deixado na cena do crime?"

“Sim”, afirmou Sasaki suavemente após uma pausa. “Mas desta vez é estranho. Ainda não podemos afirmar nada com certeza, mas, ao contrário do que aconteceu com Emoto ou Aoii, as evidências sugerem que foi escrito pela *própria vítima.* ”

“……”

“Ele mesmo. Mas por que você pergunta? Já pensou em algo? Descobriu o que significa *x* sobre *y* ?”

Não, não era isso.

Eu já tinha entendido o significado da fórmula há muito tempo. Na verdade, naquele momento, ela não significava absolutamente nada. Mas esse não era o problema.

“Não, não é isso que eu quero dizer. Certo, então devo ir à delegacia mais tarde?”

Agradeceria. Que horário é bom para você?

“Por volta do meio-dia… não, no final da tarde.”

“Então eu vou□”

Desliguei enquanto ela ainda falava. Senão, eu poderia acabar contando tudo. Era assim que eu me sentia, longe da calma, naquele momento. Joguei meu celular no chão — um gesto violento, bem incomum para mim.

"Ei, o que você está fazendo?" perguntou Zerozaki, surpreso.

"Você é idiota? Por que jogou o celular? Coitadinho."

"É o que chamam de desabafo", respondi secamente. "Suprimir a raiva descontando-a em um objeto inanimado."

“Sim, eu sei disso.” Horrorizado, Zerozaki pegou o telefone, verificou se não estava quebrado e o colocou de volta no chão, longe de mim. “Qual é o problema?”

“Akiharu foi assassinado.”

"Meu Deus", exclamou ele como se fosse apenas uma fofoca, parecendo estranhamente impressionado. "Essa é a terceira pessoa, hein? Muito bem. Quando isso aconteceu?"

“Não sei quando ele foi morto, mas acabaram de encontrar o corpo dele. Portanto, o assassinato deve ter ocorrido entre a tarde de quarta-feira e esta manhã.”

“Hum. Que confusão. Três estrangulamentos em apenas dez dias. Loucura. Ah, mas acho que não posso dizer isso. E o culpado? Quem fez isso?”

Zerozaki.

Ele estava me perguntando como se fosse uma pergunta trivial.

Eu gaguejei: "O assassino? Você quer dizer aquele que matou Tomoe Emoto, que matou Mikoko Aoii, que me atacou no Parque Kamogawa e agora matou Akiharu Usami?"

"A quem mais eu me referiria?"

"Deveria ser óbvio." Meu tom era tão frio que até eu me arrepiei, e cuspi o nome. "Obviamente é Muimi Atemiya."

MUIMI ATEMIYA

Classmate

Chapter 8

TRIAL

—(Mental

0

Você sabe mesmo, não é?

1

Eu não mereço elogios pela minha personalidade nem hoje em dia, mas antigamente, quando todos ainda me chamavam de menino, era extremamente desagradável. É verdade que houve uma época em que me achava muito inteligente e talentoso, em que eu era apaixonado por mim mesmo e, naturalmente, menosprezava as pessoas ao meu redor. Eu acreditava saber coisas que ninguém mais sabia e perceber coisas que ninguém mais percebia, e com o passar dos anos, me tornei arrogante.

É por isso?

Se algo me intrigava, eu tinha que resolver imediatamente. Eu era competente o suficiente para isso, e é verdade que dedicar minha mente à dúvida e dissipá-la sempre me dava a sensação de ter conquistado algo, de ter me tornado alguém.

No entanto.

Ao continuar a resolver vários problemas difíceis que surgiram — não, depois de *terminar* de resolvê-los todos — descobri que fiquei com um vazio.

Todos os outros simplesmente continuaram aproveitando suas vidas sem ter que fazer nada disso. Eles viveram felizes sem ter que

encontrar respostas, ou mesmo perguntas.

Eles riram, choraram e, às vezes, ficaram com raiva.

Pensei que isso se devia à ignorância deles.

Pensei que todos estivessem apenas brincando ingenuamente em um campo minado. Um dia eles viriam amaldiçoar sua tolice.

Quando pisassem numa mina e tudo acabasse, eles se arrependeriam.

Mas eu estava enganado.

Eu era apenas um garoto solitário em um mundo que eu mesmo criei, que respondia às minhas próprias perguntas não solicitadas e me sentia orgulhoso disso. Eu realmente acreditava que a teoria poderia suplantar a experiência e que, se eu quisesse, poderia ser feliz sozinho.

Eu agi de forma errada ao me comportar como um menino.

Mesmo assim, o mundo não acabou.

O jogo continuou.

Eu já estava tão atrasado que não havia a mínima chance de vitória, mas a vida continuou. Houve um período em que considerei acabar com tudo, e de fato tentei, mas nem isso consegui.

Na realidade, talvez eu nem fosse um mero espectador.

Eu era um perdedor.

Um perdedor triste e patético.

E assim, em certo ponto, parei de conseguir buscar ativamente respostas para as minhas perguntas. Não foi que me tornei passivo, mas sim que me tornei apático em relação às próprias dúvidas.

As soluções não tinham um propósito real.

Se as coisas permanecessem vagas, ambíguas e inconclusivas, tudo bem.

Na verdade, isso foi melhor.

Promover mudanças reais era um papel que deveria ser deixado para os escolhidos, indivíduos verdadeiramente excepcionais como o Mais Forte da Humanidade escarlate e o Sábio Azul, e nunca foi minha responsabilidade.

Não era trabalho para um perdedor qualquer.

Não há trabalho para quem conta a história.

Ignorar as minas, mesmo se você pisasse em uma — essa era a maneira de viver.

Saber da existência delas, mas fingir que não sabe, e mais cedo ou mais tarde acabar esquecendo-as de verdade — por que não viver assim?

Mesmo que me digam que é tarde demais, que é apenas um acordo, que estou apenas fingindo ser humano, continuo pensando assim.

O outro lado do espelho□

Olhando para mim mesma, que não havia falhado, pensei que sim.

Não era simples?

Se eu não tivesse falhado, teria sido desqualificado.

Se a alternativa fosse ser um assassino em série, então ser um perdedor estava ótimo.

Tenho certeza de que ele se sentia da mesma forma.

Se a alternativa fosse ser um perdedor, então ser um assassino em série estava ótimo.

Ambas as afirmações eram absurdas.

Eram um disparate, uma verdadeira confusão.

Claro. Estava tudo bem.

Tudo poderia ser assim.

A garota que me perguntou se eu alguma vez me senti como um produto defeituoso. A garota que disse que gostava de mim. O garoto que profetizou que seria o próximo a morrer. E você, que me chamou de desatento.

Entendido.

Talvez não seja meu papel mudar as coisas.

Mas acabar com o absurdo que eu mesmo comecei depende exclusivamente de mim.

Seguindo meu estilo, vou encerrar isso de forma definitiva.

Muimi.

Enfiei a faca estilete que Zerozaki me emprestou na fechadura e a mexi um pouco. Em cerca de um minuto, ouvi o som do trinco destravando. Segurei a maçaneta e puxei. A corrente estava levantada, então a porta se moveu apenas alguns centímetros.

“□□”

Hesitei por um instante. Lancei a faca na fresta e quebrei a corrente. Os elos eram mais frágeis do que eu esperava e se espalharam por toda parte, um deles até me atingindo no rosto. Não me importei. A porta se soltou, eu a abri e entrei no quarto.

O espetáculo lá dentro foi suficiente para me deixar sem palavras.

O papel de parede estava rasgado e cacos de louça espalhados pelo chão. Embora soubesse que era falta de educação, achei que poderia ser perigoso tirar os sapatos e entrei no cômodo ainda calçado. Conforme prosseguia, a decoração só piorava. Era pura destruição. Provavelmente não havia um único item no espaço que permanecesse em seu estado original, por menor ou maior que fosse.

Literalmente tudo havia sido demolido. Roupas rasgadas em confete e jogadas pelo cômodo. Móveis quebrados. Livros em pedaços. Uma tela de televisão estilhaçada. Um computador destruído. O carpete pegajoso e manchado. Um espelho rachado ao meio, com uma onda que se espalhava para fora. Uma lixeira virada. Fragmentos de uma lâmpada espalhados pelo chão. Um hamster despedaçado. Um travesseiro e uma cama com o enchimento para fora. Legumes, desmembrados a ponto de perderem todo o sentido. Uma geladeira virada. O ar-condicionado com uma enorme amassadura no meio. Uma mesa de chá rabiscada com grafites perturbadores. Um aquário rachado e peixes tropicais mortos por perto. Canetas partidas ao meio, sem que restasse nenhuma utilizável. Um relógio que não funcionava mais. Um calendário rasgado em pedaços. Um ursinho de pelúcia estrangulado.

E.

"O que você está fazendo?"

Ela, agachada junto à janela, olhava para cá com um olhar fulminante.

Sem dúvida alguma, a coisa mais quebrada naquela sala era ela.

“Muimi.”

Sem resposta.

Apenas aquele olhar terrível me atravessando.

Seu cabelo, aquele longo e selvagem castanho, tinha sido cortado em pedaços de uma forma horrível.

Olhando com mais atenção, vi que restos daquele cabelo estavam espalhados pelo quarto. Nunca acreditei que o cabelo fosse a vida de uma garota, como dizem, mas mesmo assim havia algo de aterrador nisso.

Este era completamente o domínio dela.

Uma barreira que mal consegue manter o equilíbrio e ameaça ruir a qualquer momento.

Havia uma maldição no ar, toda ela direcionada a mim. O olhar mortal de Muimi não era a única coisa que me atravessava. Tudo naquele quarto completamente destruído emanava rancor, inimizade, hostilidade e malícia contra mim.

Sentia como se o próprio mundo tivesse se tornado meu adversário.

"Você não poderia parar de me encarar desse jeito?"

“Cale a boca”, disse ela com voz grave. “Por que você está aqui? Como você se atreve?”

“Relaxa. Não estou aqui para te salvar nem nada do tipo. Não sou lá essas coisas, e não sou nenhum protagonista.”

Usei meu pé direito para abrir caminho nos destroços do chão e sentei-me em frente a Muimi. Bem ao meu lado estava seu celular destruído.

"Ah, entendi. Então é por isso que Sasaki não conseguiu entrar em contato com você. Ela pode vir aqui pessoalmente em algum momento. O tempo está passando."

“Por que você está aqui?”

“Basicamente, eu já descobri”, respondi com uma expressão séria, de propósito. Claro que irritá-la agora não era a melhor ideia, mas eu também não conseguia falar de outra forma no meu estado atual. “Pode-se dizer que minha imaginação fez a maior parte do trabalho. Mas há algumas coisas que simplesmente não consigo entender. Será que você estaria disposta a me contar?”

“…”

“Considerarei seu silêncio como um sim.” Fiz uma pausa. “Entendi até a parte em que você me atacou. Mas por que você matou Akiharu? É isso que eu não entendo.”

“……”

“Não deveria haver motivo algum para você matá-lo.”

“…Ha.”

Hahahahahahaha, Muimi começou a rir loucamente de repente. Ela ria sem sentir nada. Simplesmente ria sem pensar.

Rindo de loucura.

“Com esses ferimentos”, lembrou ela, lançando-me um olhar fulminante. “Você deve ser muito estúpido por ter entrado aqui com esses ferimentos. Ninguém vai vir te resgatar aqui. Ou será que seu príncipe encantado está esperando lá fora?”

“Ah… Não. A aparição daquele cara outro dia foi pura coincidência. Não se preocupe com ele”, eu disse, relembrando os acontecimentos daquela noite. Toquei meu polegar e a gaze no meu rosto. Claro que meus ombros e mandíbula ainda estavam longe de estarem totalmente recuperados. Eu não estava em condições de confrontar ninguém. “Falando nisso, a princípio eu não tinha certeza. O Dark Garb estava usando uma balaclava de tricô e não podia ter cabelo comprido. Então pensei que talvez não fosse você, mas agora que vi que você cortou o cabelo, estou convencido. Não imagino que tenha sido por isso que você o cortou?”

“Não se iluda.”

"Tudo bem", dei de ombros.

“Você é um cara mais cauteloso do que eu esperava”, explicou ela. “Você percebe quando está sendo seguido. E eu não poderia te atacar no seu apartamento porque é um lugar tão decadente, com

paredes finíssimas.”

“É, o ambiente perfeito, não é?” Tentei imitar o sarcasmo do Aikawa, mas não consegui. “Usar o nome da Mikoko para me atrair foi um grande erro. Não foi uma tática muito limpa.”

“Nunca mais pronuncie esse nome.” Ela me lançou um olhar diabólico. “Você não tem esse direito.”

“Ei, obrigado.”

“Não quero falar com você, mas vou te perguntar uma coisa. Por que você rejeitou a Mikoko?”

“Na verdade, eu não a rejeitei…”

"Por que?!"

Ela socou a parede com toda a força que tinha. O quarto inteiro pareceu tremer, e eu não percebi nenhuma preocupação da parte dela com o próprio bem-estar. Aquele punho impiedoso... não foi como se ela tivesse me atingido, mas me fez estremecer.

Até mesmo um assassino em série era preferível como oponente a esse destruidor.

“Por quê? Por que você não pôde retribuir os sentimentos dela? Não era pedir muito. Por que você não pôde fazer algo tão simples? Por que você não pôde fazer pelo menos isso?”

“Eu fiz a minha pergunta primeiro. Gostaria de uma resposta. Vou repeti-la quantas vezes forem necessárias. Por que você matou Akiharu? Não havia motivo para isso. Todo o resto está claro, mas isso ainda é completamente nebuloso. Eu já disse isso antes, mas sei por que você me atacou. Você tinha seus motivos. Eu posso entender isso. Mas por que você foi matar Akiharu depois disso?”

“Se eu responder, você responderá à minha pergunta?”

“Eu prometo.”

Mesmo assim, ela continuou me encarando por um tempo.

Alguns minutos depois…

“É simples”, disse ela. “Foi a coisa mais natural a se fazer.”

"Natural, né?", repeti, tentando decifrar sua expressão. "Mas o Akiharu era seu amigo, não era?"

“Sim, ele era um amigo. Eu gostava dele. Só que não a ponto de eu jamais o estrangular.” Não havia sequer um indício de mentira ou blefe em suas palavras ou em seu jeito de falar. “Ser amigo não é motivo para não matar alguém. É puramente uma questão de prioridades.”

Ela estava falando honestamente, de coração.

Cerrei os olhos e assenti lentamente. Prioridades. Amigos. Assunto de. Amigos. Refleti sobre cada uma de suas palavras por um instante, buscando as respostas certas.

“Ou”, ela me perguntou, “você quer dizer que jamais mataria um amigo? Não importa o que aconteça, você nunca faria isso?”

"Qualquer pessoa que eu possa matar, não considero um amigo."

"Bem, isso é simplesmente esplêndido", ela zombou. "Que hipócrita. Por que você não compartilhou um pouco dessa falsidade com a Mikoko? Agora é a sua vez de responder."

Repeti mentalmente o que queria dizer três vezes antes de finalmente pronunciar: "Provavelmente porque eu não gostava dela."

Achei que ela fosse se atirar em cima de mim, mas Muimi nem se mexeu. Ela apenas ficou sentada me encarando. "Ah", disse ela suavemente. "Acho que você não é só um idiota qualquer. Você é cruel de verdade."

“E se eu for?”

"Eu já te disse antes, não disse? Tenho certeza que te disse. Que se

você machucasse a Mikoko, eu nunca te perdoaria."

Ela ameaçava explodir a qualquer minuto, e com os olhos semicerrados, dei de ombros novamente. "E você? Acho incompreensível. Entendo a filosofia por trás de suas ações, mas não sei se você pode dizer que foi realmente pelo bem de Mikoko."

"Eu te disse para não falar o nome dela. Não fale da Mikoko como se a conhecesse! Você não sabe de nada!" exclamou Muimi. "Eu a conheço. Sei tudo sobre ela. Estamos juntas desde o ensino fundamental. Eu a conheço melhor do que a mim mesma. Se há uma coisa que eu não sei, é como ela se apaixonou por um canalha cruel como você."

“É simples”, respondi sem hesitar. Como já tinha entendido tudo, parecia-me óbvio demais. “Ela simplesmente me interpretou mal.”

“…”

“Uma ilusão. Um equívoco. Um erro. Um cálculo errado. Uma suposição. Uma jovem adorável, apaixonada pelo amor. Ela não era muito boa em julgar o caráter das pessoas.”

“…Já terminou?” Sua raiva já era insuportável. Ela estava prestes a explodir a qualquer momento. Provavelmente, não conseguiríamos ir muito além disso apenas com palavras.

“Na verdade, não, tem mais uma coisa. É uma promessa que fiz à Mikoko, então é melhor eu cumpri-la. Muimi.” Minha pergunta final. *Você consegue perdoar a si mesma* ? — “Como assassina, você consegue perdoar a sua própria existência?”

"O que há para perdoar?!" Ela finalmente cedeu. "Eu não fiz nada de errado! Nada! Não há nada de errado no que eu fiz pela Mikoko! Eu sou quem mais se importa com ela! Não estou buscando críticas de alguém como você! Foi tudo pela Mikokodel! Eu faria qualquer coisa

por ela! Eu mataria ou morreria sem pensar duas vezes!"

"..."

Pela justiça. Pela fé. Pela verdade.

Para os outros. Pelo bem de um amigo.

Para sua amiga.

Ela matou.

"Eu amava a Mikoko, ao contrário de você! Você não se importa o suficiente com ninguém para sentir amor, e ainda tem a audácia de continuar vivendo com essa cara de poucos amigos! Você não consegue fazer nada por ninguém! Você é apenas um produto defeituoso, sem uma única emoção humana dentro de si, então cale essa sua boca!"

Porque era para o bem de outra pessoa.

Sem hesitação, sem deliberação.

Sem qualquer vestígio de incerteza.

Sem sequer me arrepender.

Sem jamais sentir vergonha ou refletir sobre seus atos.

Ela matou.

"Se você não tivesse aparecido! Então Tomoe, Mikoko, Akiharu e eu ainda estaríamos vivendo felizes para sempre! Se não fosse por você! Nós nos dávamos tão bem! Desde o ensino fundamental, o ensino médio e até mesmo na faculdade! Assim que você apareceu, tudo desandou!"

Porque você era um incômodo.

Porque você era um obstáculo, um incômodo, um estorvo.

Porque era irritante, instável e desagradável.

Ela matou.

"Tudo foi pela Mikoko! Ela é minha, e eu sou dela! Somos

melhores amigas! Eu mataria meus próprios pais por ela, e ela mataria até você por mim!"

Porque era para alguém importante.

Ela mataria qualquer um.

Ela mataria qualquer número de pessoas.

Dezenas, centenas.

Ela mesma ou qualquer outra pessoa.

Até mesmo um melhor amigo.

“Eu não estou errado! Eu estou certo! É por isso que farei isso de novo e de novo! Mesmo se eu pudesse voltar no tempo, faria a mesma coisa! Mikoko me perdoa!”

Não devido ao uso de força excessiva.

Não por ter ido longe demais.

Tão simples quanto respirar.

Como um assassino aleatório, como um serial killer.

Como se ela fosse um produto defeituoso, como se não fosse mais humana.

Ela matou.

"Eu... eu me perdoo!" ela gritou, batendo os pés no chão bagunçado.

“…Hum.” Enquanto a observava, meus olhos estavam, sem dúvida, terrivelmente calmos. “Você terminou?”

Ela me lançou um olhar fulminante. Eu não liguei.

“Chega, então. Por favor, cale-se. Sua voz é ofensiva aos ouvidos e sua presença, aos olhos. Então faça o que quiser e diga o que quiser. Ótimo. Isso te satisfaz? Você está completamente destruído. Falido.”

“Falência? Eu?”

"Afinal, o que você fez por Mikoko? Você só está colocando a

culpa nela, não é?"

“Como se você soubesse de alguma coisa…”

Percebi que ela estava se esforçando para não se atirar para a frente. Se eu não tivesse mencionado o nome de Mikoko, certamente ela o teria feito.

No momento, Mikoko Aoii era a única coisa que mantinha Muimi de pé.

“Então…” Ela falou em voz baixa, como um rosnado vindo das profundezas do inferno. “E você?! Você não se sente nem um pouco responsável pela morte dela?! Responda-me!”

“Não. De jeito nenhum. Os mortos simplesmente morreram.”

“…”

Muimi empalideceu. Sua mente já estava tomada pela fúria. Mesmo assim, não tentei interromper meu discurso. Continuei, disparando palavras como uma máquina.

“Não sou tão arrogante a ponto de tentar interferir na vida de outras pessoas. As pessoas devem assumir a responsabilidade por seus próprios atos. Você não é exceção.”

“Qual é o seu problema? Como você pode pensar assim? Como você pode ter uma visão tão repugnante? Você é louco. Você não é humano.”

"Eu simplesmente não aprovo essa ideia de se apegar aos outros a ponto de os consumir. Me irrita ver pessoas que vivem dizendo ' *pelo bem de fulano, pelo bem de sicrano',* como se isso fosse garantir o perdão total para tudo o que fazem."

Era como olhar para mim mesmo, na verdade.

"Uma vez eu disse que você e a Tomoe eram parecidas, mas me enganei", rosnou Muimi como se quisesse amaldiçoar o próprio diabo.

"A Tomoe era a personificação de um complexo de inferioridade, mantendo distância de todos, mas você... Você é simplesmente hostil."

“Hahh…” Soltei um suspiro de propósito. Eu não conseguia discutir com ela, nem estava com vontade. O que eu queria era perguntar se ela tinha percebido isso só agora. Coisas que são semelhantes, mas não iguais, são, no fim das contas, diferentes. Era simples assim. “Tanto faz. Faça o que quiser. Somos apenas duas pessoas que não têm nada a ver uma com a outra. Não tenho nenhum interesse em atrapalhar você… mas matar o Akiharu foi uma péssima ideia, Muimi. Logo virão te prender. Duvido que seja isso que a Mikoko queria.”

"Não me importo com a lei. Então serei preso. Aposto que serei. Mas ainda há tempo antes disso. Tempo suficiente para te fazer sofrer. Para te matar."

Muimi ajoelhou-se e ficou à minha altura, olhando-me nos olhos. Ela ergueu uma faca reluzente que, aparentemente, vinha apontando para mim há algum tempo. Era a mesma faca que Dark Garb usara naquela noite. Aquela que roçou minha artéria carótida.

“Desta vez, nada vai atrapalhar.”

“O que matar-me vai adiantar?”

“Quem se importa? Pode falar o que quiser, mas chegou a hora de você assumir a responsabilidade por ter magoado a Mikoko.”

“……”

Ah, claro.

No fim das contas, Muimi, você não entendeu nada. Você ficou falando sem parar sobre como fez tudo pela Mikoko, tudo pela Mikoko, tudo pela Mikoko, mas isso é só uma desculpa, uma justificativa, um pedido de desculpas.

Suas ações são motivadas por:

Pura inveja em relação a mim.

Um remorso comum em relação a Mikoko.

Seu próprio e tedioso sentimento de culpa.

Isso é tudo.

“Chega de suas bobagens, Muimi”, declarei, ignorando a faca em sua mão. “Então vamos continuar de onde paramos da última vez? Você vai me bater e me bater, me machucar e me machucar, infligir e distribuir todo tipo de dor que existe, e depois me matar?”

"Isso mesmo."

"Não diga."

Apertei meu dedo indicador direito com a mão esquerda.

“Então, por exemplo, você poderia quebrar meus dedos, assim?”

Eu forcei para trás, quebrando-o eu mesmo.

Um som□

Como um galho que se quebra.

O rosto de Muimi congelou em choque.

Uma dor insuportável e enlouquecedora percorreu minha mão, mas eu nem sequer me mexi e mostrei meu dedo mutilado.

“Satisfeito?”

“…”

“Você não está, está? Por que estaria? Isso não é suficiente para te animar. Você me odiou, me odiou e me odiou, então não tem como você estar satisfeita ainda. Porque, se for por Mikoko, moral, leis e bom senso não significam nada.”

“Uh…rrr.”

Muimi ficou perturbada.

Pela primeira vez, a consternação se misturou às suas emoções.

Eu também não me importava com isso.

"Acho que o próximo passo é mostrar o dedo do meio?"

Dito isso, eu o agarrei com força.

Era como se eu fosse uma boneca.

Uma boneca não tinha nervos.

Uma boneca não tinha coração.

Assim, poderia simplesmente quebrar os próprios ossos.

Rachadura.

“O próximo é o dedo anelar?”

Dobrei meu dedo anelar para o lado errado.

Pop.

“E, por fim, o mindinho?”

Movi meu dedo mindinho numa direção impossível.

Grik.

“Bem, minha mão direita está completamente destruída. Não vou conseguir me defender muito bem agora.”

“Ah… ah… ah.”

O sangue escorria de seu rosto. Não era apenas medo, mas terror. Um temor reverencial e profundo diante de algo além da compreensão. Era uma ferida fatal, uma emoção que superava em muito a raiva.

“Devemos continuar para a esquerda?”

Apoiei os quatro dedos da minha mão esquerda no chão.

A partir daí, transferi todo o peso do meu corpo para o meu braço esquerdo.

Estalo estalo estalo estalo.

Um quarteto de notas leves e agradáveis.

“Por que não os invertemos também?”

Croc. Croc, croc, croc.

“Agora vamos ver se ainda consigo aplaudir”

“O-O que diabos você está fazendo?!” gritou Muimi, tomada pelo momento. Ela jogou a faca para o lado e agarrou meu pulso. “V-Você é louca! O que é isso?! O que você está fazendo?!”

“Estou poupando o seu trabalho. É como se você tivesse feito isso. Ou, pela sua lógica, como se a Mikoko tivesse feito. Certo?”

Mostrei meus oito dedos horrivelmente nodosos para Muimi. A visão grotesca devia ser insuportável até para um louco, porque ela desviou o olhar por reflexo.

“I-Isso não dói?!”

"Quem sabe?", respondi friamente. "Não é grande coisa. Pelo menos não para mim. Não importa o quanto eu seja torturado ou espancado, não sinto nada. Você poderia até me matar se quisesse. Faça o que quiser. Mas para mim, a morte seria apenas uma libertação."

“O que são”

"Estou tão farto de tudo. De viver, das pessoas ao meu redor, das pessoas que não estão ao meu redor, das várias intenções que compõem este mundo e de todas as que não o compõem, de você, da Mikoko e, claro, de mim mesmo. É tudo uma maldita dor de cabeça. Sou eu quem está enojado aqui. Viver só traz dor. Não vejo valor algum neste lugar. Francamente, não me importo nem um pouco se o mundo for destruído amanhã ou se eu for destruído hoje. Aliás, ficaria feliz. Então, me matar seria inútil. Eu também não me importaria se você tivesse me matado na outra noite."

“…!”

“Ainda assim, tenho certeza de que me matar lhe trará paz de

espírito. Mas não será vingança, justiça ou lealdade a um amigo. Será apenas um desabafo seu. Nada mais do que uma distração da verdade. Você se animará, mas só isso. Causar-me dor dissipará seu ciúme, fazer-me sofrer o ajudará a esquecer seu remorso, e me matar expiará sua culpa, mas é só isso que você conseguirá."

"Você está errada!" Muimi agarrou a cabeça e a sacudiu como uma louca. "Você está errada, você está errada, você está errada! Não tente mudar isso! Você está falando besteira! Eu fiz tudo pela Mikoko□"

"Agora, vá em frente e me mate. Mate-me com suas próprias mãos. O mundo simplesmente continuará girando."

Só para você.

Sem dizer que seja para mais ninguém.

Sem dar desculpas ou apresentar argumentos.

Mate-me por sua própria vontade.

Cometa seu crime inútil.

"Urrrr…raaahhhhh!"

Ela pegou a faca. Com um olhar rancoroso e demoníaco, mordendo o lábio como se estivesse reprimindo uma maldição, agarrou-me pelo pescoço com toda a sua força. Com a outra mão, cravou a lâmina na minha pele, bem rente à artéria carótida.

E ela hesitou, fez uma pausa, parou, vacilou.

"Urrrrrrrrrrr!"

E ela continuou assim.

"……"

Fechei os olhos e deixei tudo por conta do tempo.

Mas logo me cansei disso também.

"Fico pensando", disse eu, afastando casualmente a mão dela e me

distanciando da faca.

Levantei-me e fiquei observando Muimi encolhida no chão, gemendo, por um tempo, antes de alongar bem as costas.

“Quando foi que as pessoas deixaram de ser capazes de fazer coisas apenas para si mesmas, Muimi?”

Sempre foi por algum senso de dever ou de justiça.

Por algum sentimento de companheirismo ou amizade.

“Você não acha que tudo isso é um absurdo?”

Muimi não respondeu. Eu não tinha certeza se deveria ter feito aquela pergunta. Eu, que, muito menos por mim mesma, não tinha feito nada nem mesmo pelo bem dos outros. Eu, que nunca tinha feito nada pelo bem de ninguém.

"O que eu devo fazer?", perguntou Muimi, como se estivesse pedindo minha ajuda. "O que eu poderia fazer por Mikoko? O que eu preciso fazer por ela? O que você está tentando dizer que eu devo fazer?"

Não me pergunte isso.

Isso só leva a um beco sem saída.

Pensar que você pode fazer algo pelos outros não passa de uma ilusão feliz. Mas, uma vez que você percebe que é apenas uma ilusão, como você percebeu agora, não há mais para onde ir. Assim como Tomoe e eu, você não tem mais para onde ir. O que está à sua frente agora não é nem mesmo desespero, mas um vazio negro de absoluto nada.

É um beco sem saída.

Mas eu não tinha intenção nenhuma de lhe contar coisas que nós dois já sabíamos. Mesmo que ela não soubesse, eu não ia me dar ao trabalho de contar.

“Para ser sincera”, eu disse, virando-lhe as costas, “vim aqui

esperando que você me matasse. Eu poderia deixar você fazer isso. Você queria me matar e eu queria ser morta. Parecia um casamento perfeito. Então pensei que viria logo para acabar com isso. Mas mudei de ideia. Não vou deixar que alguém como você me mate."

"Então…" murmurou Muimi, olhando fixamente para o chão.

Desviei o olhar dela e me dirigi para a entrada.

Como se um fio de lã tensionado tivesse se desfeito em pedaços, com um ar trágico, Muimi pronunciou uma frase embargada pelas lágrimas e soluços.

"Então me mate agora."

"Não. Morra sozinho", respondi secamente, sem olhar para trás.

Não tinha nenhuma vontade de voltar atrás.

“E aí. Acabou?”

Ao sair do apartamento de Muimi, Zerozaki, encostado num poste telefônico, acenou com a mão e me chamou. Passei por ele sem parar e respondi: "É, acabou."

"Puxa vida!", exclamou ele, alcançando-me e igualando o passo ao meu. "Nossa! O que aconteceu com as suas mãos? Estou ficando louco ou o número de ossos quebrados multiplicou-se por nove?"

“Sim, aconteceu.”

"Ela quebrou? Nossa, cara, a Atemiya é tipo uma asceta radical! Isso é muito arriscado."

“Não, eu quebrei todos eles. Todos eles.”

"Seu idiota... Pensando bem, você disse que foi você quem quebrou o polegar também. Você é masoquista? Você é um maldito masoquista? Isso não dói? Você não sente dor? Você já fez uma lobotomia?"

"Dói pra caramba. Dói tanto que eu nem consigo desmaiar. Acho que vou chorar. Na verdade, estou indo para o hospital agora. Estamos perto do Hospital Nishijin, não é? Eu não sou masoquista, não. A situação só exigia um pouco de eletrochoque."

“Sabe, ossos quebrados nem sempre cicatrizam direito. Você pode nunca mais jogar beisebol.”

“Sem problemas. Se chegar a esse ponto, eu simplesmente jogarei futebol.”

"Mentiroso." Zerozaki suspirou como se estivesse farto de mim. "Então, como foi?"

“Quem sabe? Daqui para frente é só uma questão de limpar a bagunça. Isso é com Sasaki e Kazuhito. Tenho certeza de que eles serão minuciosos. Muimi será presa, todos os fatos virão à tona e pronto.”

Isto é, se Muimi conseguiu manter a sanidade durante todo esse tempo.

Isto é, se ela ainda estivesse viva.

Zerozaki cruzou as mãos atrás da cabeça com uma expressão de decepção. "Ah, cara. Isso não tem nada de dramático. Não podia ter sido pelo menos um pouco mais romântico?"

“O que você pode fazer? Esta é a realidade.”

“Hum. Acho que sim. Aliás, você tem pais e essas coisas?”

Zerozaki, de repente, fez uma pergunta completamente sem relação com o assunto, mas eu já imaginava que ele faria isso, então não fiquei surpreso.

“Sim, acredito. Em Kobe. Confio que eles estão bem.”

“Ah. Então você é grato a eles?”

"Huh?"

“Quer dizer, o que você sente em relação a eles?”

“Sobre o quê?”

"Foi por ter trazido você a este mundo, droga."

“E você, Zerozaki? Embora eu provavelmente nem precise perguntar.”

“A resposta deveria ser óbvia.”

“Sim, é mesmo.”

Por um instante, trocamos um olhar.

" *Desculpe* …"

“ *Por ter nascido.* ”

"Eu, particularmente, gosto mais do Dazai do que do Akutagawa", disse Zerozaki, rindo.

“Eu, particularmente, gosto mais de Mushanokoji”, eu disse, sem rir.

“O que você acha do Kan Kikuchi? Eu sou meio fã.”

“Eu não o leio. Aliás, eu não gosto muito de ler.”

“Ah, é mesmo, você me disse isso, não disse? Hum.” Por algum motivo, Zerozaki assentiu com convicção. “A propósito, que tal me devolver minha faca? Não tenho muitas desse tipo.”

“Ah, isto. Escuta, Zerozaki. Não suponho que você estaria disposto a se desfazer disso? É muito útil. Você pode destrancar portas sem precisar de nenhuma habilidade.”

“Essas coisas são caras, seu idiota. Você pode me pagar um milhão e quinhentos mil ienes agora mesmo?”

“Nossa, por que uma faquinha de bife dessas é tão cara?”

“Decore tudo. Então, o que vai ser?”

“Que tal se eu lhe pagar em cento e cinquenta parcelas anuais?”

“Provavelmente não nos encontraremos novamente.”

“Ah, certo.”

Sem outra alternativa, devolvi-lhe a faca com relutância. Ele a pegou pelo cabo, girou-a e a guardou dentro do colete. Evidentemente, ele tinha facas espalhadas por todo o corpo. Sério, e se ele tropeçasse e caísse?

“A propósito”, disse Zerozaki. “Talvez não importe, mas ainda há algumas coisas que me incomodam. Que tal responder a algumas perguntas?”

“Claro. O quê?”

"Parece-me que, quando Emoto e Aoii foram mortas, Atemiya

tinha um álibi sólido em ambas as ocasiões. Ela estava no karaokê no caso de Emoto e com a irmã no caso de Aoii. Não sei como foi com Usami e você, mas como ela poderia ter matado aquelas duas garotas? E parece que você percebeu que Atemiya era a assassina assim que o detetive ligou sobre o assassinato de Usami. E você já parecia saber que foi ela quem te atacou no Parque Kamogawa também. Como diabos você sabia que era ela? Quando você percebeu isso?"

“Hum. É meio difícil de explicar.”

"Sério?" Zerozaki inclinou a cabeça. "O que você quer dizer? Foi apenas intuição ou algo assim? Ou foi porque todas as outras pessoas envolvidas estavam mortas, e tinha que ser Atemiya por padrão? Quem é você, Kindaichi?"

“Não. Mas preciso explicar? Pode ficar muito complexo.”

"Ei, não me importo. Vamos lá, você me fez contar todas as minhas façanhas de caçador. O que aconteceu com a reciprocidade? Vamos, me deixe com uma boa lembrança."

“Você está morrendo?”

"Eu posso morrer. Um monstro vermelho está me perseguindo." De fato, era totalmente plausível. Era até possível que Aikawa aparecesse diante de nós ali mesmo. Diante disso, a vida de Zerozaki era como a luz de uma vela tremeluzindo ao vento.

“É, acho que você tem razão… Ok, então até que ponto devo voltar no tempo?”

“Comece pelo começo, é claro. Como você sabia que Atemiya foi quem matou Emoto, Aoii e Usami, e quem te atacou?”

“Veja, aí está seu primeiro erro”, eu disse. “Muimi não matou Tomoe nem Mikoko. Ela tinha álibis, então isso deveria ser óbvio.”

"O quê?" Zerozaki ficou boquiaberto.

"Ela só matou o Akiharu. E me agrediu. Foi só isso que ela fez. Ah, e ela não vai receber o depósito do apartamento de volta."

“Espere aí.” Zerozaki se virou bruscamente na minha frente e me agarrou pelos ombros. Seu rosto ostentava um sorriso, mas não era um sorriso genuíno. “Há poucas horas, você não afirmou com tanta convicção e naturalidade que 'aquele que matou Tomoe Emoto, que matou Mikoko Aoii, que me atacou no Parque Kamogawa e agora matou Akiharu Usami' é 'obviamente' Muimi Atemiya?!”

“De fato”, respondi sem qualquer pudor. “Mas veja bem, a questão é que eu estava mentindo com convicção e naturalidade. O tempo era essencial, então eu apenas mantive a aparência da realidade. Na verdade, é um pouco mais complicado.”

"Espere aí. Então, o que diabos eu estive fazendo nas últimas horas, pensando: ' *Como foi que Atemiya conseguiu matar aqueles dois?' Que quebra-cabeça intrigante!* "

“Eu já te disse. Eu sou um mentiroso.”

"Eu quero te matar", murmurou Zerozaki, de forma sinistra, pode-se dizer, antes de voltar para o meu lado. Decidi manter uma distância moderada, apenas um passo, entre nós. "Hum, deixe-me reformular a pergunta então. Quem matou Emoto? Se não foi Atemiya, quem foi?"

“Mikoko Aoii”, respondi apenas com o nome dela. Zerozaki já esperava por isso, pelo menos o suficiente para não demonstrar surpresa. Mas franziu a testa para mim, amassando a tatuagem.

“Então, quem matou Mikoko Aoii? Não me diga que a piada final é que foi você…”

“Não. Foi apenas um suicídio.”

"Suicídio?" Desta vez, ele estava claramente surpreso. "Aoii se matou?"

"Sim. Isso explica por que ninguém apareceu nas câmeras de segurança, não é? Claro que explica; não havia culpado. Enfim, Mikoko cometeu suicídio, o que fez Muimi enlouquecer e matar Akiharu e tentar me matar. Mas eu não queria ser morto, então tomei providências. Pronto. QED."

“Você está usando errado”, retrucou Zerozaki, levando a mão à cabeça. “Calma, calma. Explique isso para mim passo a passo. Você não pode simplesmente me dar um resumo enorme e confuso assim de cara.”

"Tudo bem, vou explicar direito. Hum, então você entendeu a parte em que a Mikoko matou a Tomoe, certo? Tudo bem até aqui?"

“Sim. Não, espera, não está tudo bem. Não foi você quem garantiu o álibi da Aoii? Ou foi sua vizinha, na verdade? Não me diga que você e a Aoii estavam em conluio.”

“Não. Por que você está tão desconfiado de mim? O que aconteceu foi que, naquela noite, eu fui completamente enganado. Miiko também. Bem, ela não foi exatamente enganada, ela simplesmente não percebeu.”

"O que você está falando?"

“Tente pensar nisso por si mesmo. Tomoe foi morta por Mikoko. Se você sabe disso, as possibilidades são limitadas.”

“Hum”, ponderou Zerozaki. “Então ela saiu do apartamento da Emoto com você? E você recebeu uma ligação da Emoto quando estava perto da Nishioji Nakadachiuri. Vocês voltaram juntos para o seu apartamento e você a deixou com o seu vizinho, Asano. Aí, na manhã seguinte, a Aoii acordou cedo, foi para o seu quarto e depois foi para a casa da Emoto… Ah, é isso? Quando ela supostamente estava 'descobrindo' o corpo da Emoto, na verdade ela estava a

matando?”

“Improvável. Isso entra em conflito com o horário da morte estabelecido. Portanto, deve ter sido à noite.”

“Então ela saiu sorrateiramente do apartamento de Asano?”

“Impossível. A Miiko é extremamente sensível a ruídos e teria percebido, e ela não tem motivo para acobertar a Mikoko.”

“Então o que foi isso, algum tipo de truque com controle remoto? Mas, pensando bem, isso foi um estrangulamento, não um mistério de quarto fechado.”

“Portanto, só resta um cenário possível.”

"O quê? Tem alguma coisa a ver com aquele negócio de ' *x* sobre *y* '?"

“Não. Não precisa se preocupar com isso. É como uma porção de batatas fritas. É só deixar de lado.”

“Vamos lá, me diga logo. Você sabe muito bem como enrolar.”

“É simples. Não houve nenhum momento em que Mikoko pudesse ter interagido com Tomoe depois que saímos do apartamento dela. O que significa que o assassinato ocorreu antes de sairmos.”

"Hã? O que isso significa?" perguntou Zerozaki, desconfiado. "Se for esse o caso, então todas as minhas hipóteses desmoronam. Emoto foi morta entre o momento em que ligou para você e as três da manhã, certo?"

“Suponha”, eu disse, “que a ligação não tivesse acontecido. Então Mikoko não poderia tê-la matado?”

“Não, ainda é impossível. Vocês saíram do apartamento juntos.”

"Ahá. Saímos juntos, mas não exatamente ao mesmo tempo. Houve um pequeno atraso. Quero dizer, incrivelmente pequeno. Mas eu saí da sala antes da Mikoko."

“…?”

“Quando eu estava saindo, tive que calçar os sapatos, certo? Naquele momento, naturalmente, eu não estava de frente para o interior. Ou seja, eu estava de costas para Mikoko e Tomoe. Eu estava olhando para os meus cadarços.” Levantei um pé para mostrar a ele. “Além disso, havia uma porta entre o corredor e o quarto. Eu não conseguia ver o que elas estavam fazendo lá dentro.”

“Espere um minuto. Deve ter havido um grito ou algum tipo de barulho. Mesmo que estivesse acontecendo atrás de você, não tem como você não ter percebido que alguém foi morto.”

“Se fosse uma facada ou uma surra, talvez. Mas você não consegue gritar se estiver sendo estrangulado. Havia barulhos, mas eu jamais imaginaria que fosse o som de alguém sendo morto. Pensei que Mikoko tivesse tropeçado ou algo assim.”

“Ah.” Zerozaki começou a massagear as têmporas. Se você se esforçasse bastante, conseguiria perceber uma vaga semelhança com Keiko Nose. Mas teria que se esforçar muito mesmo.

“Espere. Você não leva de dez a vinte minutos só para calçar os sapatos, leva? Supondo que o que você está dizendo seja verdade, mesmo que Aoii tenha estrangulado Emoto, ela não morreria tão rápido. As pessoas podem viver até dez minutos sem respirar.”

“Zerozaki, será que você está interpretando mal a situação porque é um assassino em série especializado em facas? As vítimas de estrangulamento nem sempre morrem por asfixia. Elas também podem morrer por falta de fluxo sanguíneo para o cérebro. Basta puxar para cima, assim. Se você conseguir cortar a artéria carótida, leva menos de um minuto. Se você for bom, leva apenas algumas dezenas de segundos.”

"Realmente?"

"Sério? Depois disso, Mikoko abriu a porta, com uma expressão completamente inocente, e saiu para a entrada. Nesse momento, ela estava bloqueando minha visão, então eu não conseguia ver o que havia dentro do quarto. Então, saímos juntas do apartamento da Tomoe e deixamos o prédio."

“É, tudo isso faz sentido, mas…” Zerozaki ainda parecia insatisfeito. “Isso tudo supondo que você não tivesse recebido a ligação. Mas a Emoto ligou para você. Então ela ainda estava viva mesmo depois que você saiu do prédio. Não me diga que ela voltou à vida por um instante.”

“Você continua inventando hipóteses sem sentido. Claro que não é isso. Tomoe morreu instantaneamente, então é simples. Muito simples. Se você pensar bem, vai descobrir. A ligação era para mim, mas não estava no meu celular, entendeu?”

“Certo… Era da Aoii, não era? Mas não foi porque ela não sabia seu número?”

“Vamos voltar ao básico por um segundo. Qual é a vantagem de um celular, para começar? É que ele permite fazer ligações *de qualquer lugar*. Essa ligação não veio necessariamente do apartamento da Tomoe. E além disso, os celulares não permitem que você veja o rosto de quem está ligando.”

“Você está dizendo que Aoii tinha um cúmplice? E que o cúmplice usou o telefone de Emoto para se passar por ela?”

“Não, não houve cúmplice. Tenho quase certeza de que foi um crime espontâneo. A arma do crime também parece indicar isso.”

Você quer dizer uma tira fina de tecido?

“Sim. Muito provavelmente, foi a fita do presente que Akiharu

deu para Tomoe. Uma fita é perfeita para estrangular alguém. É flexível e se ajusta à pele. Funciona até melhor que uma corda. Mas, de qualquer forma, considerando que a arma do crime era algo que estava ali por acaso, e não algo que havia sido preparado, é difícil pensar que foi premeditado."

"Então, quem fez essa ligação?"

"Mikoko não precisou de cúmplice. Ela mesma fez a ligação", eu disse. "Ela só precisava ter o celular da Tomoe no bolso e discar rapidamente o próprio número a partir dele. Claro que não haveria ninguém do outro lado da linha, mas Mikoko fingiu que era uma ligação da Tomoe. E então ela me passou o telefone."

"Mas quando você estava na linha, você não falou com alguém? Ela não estava tentando te dizer algo que havia esquecido?"

"Sim, mas *era a Mikoko.* Naquele momento, eu estava um passo à frente dela. A mesma coisa que aconteceu no apartamento. Eu não percebi que a Mikoko estava bem atrás de mim, sussurrando no celular da Tomoe. Quando me virei, ela já tinha guardado o aparelho no bolso."

A forma como Tomoe foi assassinada.

A forma como o álibi foi criado.

Sem dúvida, ambos os métodos eram extremamente arriscados. Se eu tivesse simplesmente virado a cabeça por impulso, tudo teria ido por água abaixo. Mas, pensando bem, as chances disso acontecer eram bem pequenas. O risco era grande, mas a probabilidade de sucesso era extremamente alta. Se você avaliasse as coisas em termos de valor, certamente era um risco que valia a pena correr.

"De qualquer forma, isso lhe deu um álibi. No dia seguinte, ela foi até a casa de Tomoe, devolveu o telefone e ligou para a polícia. Dizem

que se deve suspeitar de quem descobre o corpo, mas ela tinha um álibi e deve ter escondido a arma do crime em seu próprio apartamento ou algo assim antes de voltar para a casa de Tomoe."

É claro que Mikoko era a única que sabia todos os detalhes minuciosos, então você teria que visitá-la para saber a história completa, o que certamente não ia acontecer. Mas essa era a essência da questão. Talvez eu não tenha acertado todos os fatos, mas parecia suficientemente próximo da verdade para ser considerado uma solução.

Mikoko provavelmente escreveu aquela fórmula " *x* sobre *y* " quando "descobriu" o corpo. Na noite anterior, ela não teve tempo nem a intenção de fazer tal coisa.

"Bem, isso definitivamente faz Aoii parecer a assassina. Mas ainda é apenas uma possibilidade — quer dizer, você não tem nenhuma prova, tem?"

"Bem, não. Você tem razão." Eu não hesitei em traçar essa linha. "A rigor, não há provas. Claro, poderia ter sido algum ladrão."

"Você não tem, hum, nenhum tipo de orgulho?"

"De qualquer forma, isso explica o caso de Tomoe. Tem mais alguma pergunta?"

"Argh", resmungou Zerozaki com uma expressão frustrada, como se quisesse dizer algo, mas não conseguisse encontrar as palavras certas. "Nah, deixa pra lá", disse ele, resignado. "Ok, vamos ao caso da Aoii. Como foi suicídio? Até a polícia acha que foi homicídio, não é?"

"Bem, existem vários motivos, mas o motivo que a levou a se matar deveria ser óbvio. Depois de assassinar Tomoe, sua consciência falou mais alto."

"Assassinos têm consciência?"

"Nem todo mundo é como você", repreendi, em tom de brincadeira. "Foi isso que estava escrito na carta de suicídio dela, de qualquer forma."

“Ah. Acho que se estava na carta de suicídio dela, isso praticamente resolve tudo… Pelo menos prova que a Aoii escolheu morrer. Mas eu realmente não entendo. Suicídio, hein? Acho que existem todos os tipos de assassinos neste mundo. Mas se ela ia fazer isso, não deveria ter matado em primeiro lugar… Ei, espere um segundo.”

“Hã? O quê?”

“Como assim, *carta de suicídio* ?”

“É uma espécie de ensaio que você escreve antes de cometer suicídio para deixar o mundo com seus pensamentos. Não deve ser confundido com testamento.”

"Obrigado, Detetive Columbo." Ao murmurar essas palavras, Zerozaki me chutou na mão. Naturalmente, isso foi extremamente doloroso, já que todos os meus dedos estavam quebrados.

“O que você está fazendo? E se meus ossos não se consolidarem corretamente?”

"Jogar futebol. Então, o que é isso de uma carta de suicídio? É a primeira vez que ouço falar disso."

“Sim. Veja bem, antes disso… Bem, pense bem. Não pareceu estranho desde o início?”

"Não lhe pareceu estranho?"

"O que você acha?" Era exatamente o que Sasaki havia apontado. "Olhe para mim, Zerozaki." Eu, um perdedor, um ser humano que se quebrou há muito tempo. Um fracasso, um ser humano sem um único nervo intacto. Que desejava a morte mais do que qualquer outra coisa.

"Você realmente acha que eu ficaria tão doente só de ver o cadáver estrangulado de alguém que eu conhecia?"

“Ah. Então quer dizer que você se sentiu tão mal porque não foi um homicídio, mas um suicídio?”

“Não. Para mim, um cadáver é um cadáver, seja suicídio ou homicídio.”

“… …”

“Quando cheguei à casa de Mikoko, toquei a campainha. Ninguém respondeu. Percebendo, com base em diversas experiências, que provavelmente era um mau sinal, corri para o quarto dela. E o que vi? O corpo sem vida de Mikoko, *que havia Ela se estrangulou,* deitada na cama.”

Estrangulamento.

Foi por isso que Tomoe foi estrangulada por trás e Mikoko pela frente.

"Ela se estrangulou? Isso é possível?"

“Na verdade, é um método de suicídio bastante comum. Claro que, no caso da Mikoko, não foram as artérias que foram cortadas, mas sim a traqueia. É uma forma extremamente agonizante de morrer. O rosto fica todo inchado. Não é nada bonito.”

Você tinha que ter muita força de vontade para escolher uma morte dessas.

Nesse caso, a determinação de Mikoko Aoii…

“Então, ao lado da cama, havia um bilhete de suicídio. Endereçado a mim. Dizia muita coisa. Falava sobre como ela havia matado Tomoe e o que queria que eu fizesse.”

“O que ela queria que você fizesse?”

“Ela não queria que as pessoas pensassem que foi suicídio. Ela

não se importava de morrer, mas não queria que as pessoas pensassem que ela era uma pessoa horrível e que tinha matado Tomoe."

"Não estou te entendendo. Fala logo de uma vez, cara."

"O que eu quero dizer é que ela me pediu para me livrar de todas as evidências. A alça de pescoço que ela roubou da cena do crime, e claro, o próprio bilhete, assim como a fita que ela usou para matar Tomoe, que também apontava para o seu suicídio. E havia algumas outras coisas também."

"Ah, entendi." Zerozaki assentiu lentamente e então olhou para o céu. "É, está começando a fazer sentido. Então você fez o que ela pediu. Pensando bem, algo pareceu estranho. Eu mesma notei. Algo sobre o horário estava errado. Você saiu de casa às onze horas e chegou à casa da Aoii em dez minutos, os policiais chegaram em mais dez minutos e você chegou à delegacia em mais dez minutos, momento em que eram exatamente doze horas. Isso deixa *trinta minutos ." extra.* Então você estava fazendo alguma coisa durante esses trinta minutos."

"Sim. Mas obviamente eu não saí da sala, senão as câmeras de segurança do corredor teriam me filmado, e obviamente eu teria que denunciar à polícia. Então, o que você acha que eu fiz?"

"Você disse que foi revistado(a) quando saiu do prédio. Então será que… Nossa… você *comeu* ?"

Bingo, concordei com a cabeça.

A essa altura, qualquer um já poderia ter adivinhado. E esse alguém era Hitoshiki Zerozaki, nada menos.

"Você comeu."

"É. Estava delicioso", brinquei. "As pessoas que fazem isso são tradicionalmente conhecidas como *'empanturradoras'*. Mas isso não

importa. De qualquer forma, nem eu consigo segurar o que não consigo digerir, então tive que reprimir a vontade de vomitar enquanto ligava para a polícia. Eu planejava segurar até chegar em casa, mas não consegui e acabei vomitando na delegacia."

"Você comeu a maldita prova..." disse Zerozaki, perplexo. "A fita também? Você se dá conta de que comeu algo que matou duas pessoas? Isso é insanidade, cara."

"Sim, sem dúvida. Não achei que fosse uma atitude sensata."

"Mas por que você concordou com o pedido da Aoii? Você poderia simplesmente tê-lo ignorado e não teria precisado atravessar aquela ponte tão precária."

"É, bem, acho que eu também estava remoendo algumas coisas. Você poderia chamar isso de uma forma de expiação", eu disse, desviando o olhar de Zerozaki. "Enfim, isso resume a morte de Mikoko Aoii. Ela se matou. Na verdade, a história deveria ter terminado aí..."

"Mas o caso prosseguiu, contrariando as expectativas."

"Sim." Suspirei. "Isso... foi uma verdadeira surpresa."

"E quanto a Atemiya? Por que ela matou Usami?"

"Bem, só podemos especular. Eu não estive envolvido nesse caso. Mas tenho uma teoria que parece fazer sentido. É apenas um caso de assassinato comum. Muimi provavelmente desconfiou da morte de Mikoko desde o início. Aliás, Mikoko pode ter contado a Muimi, e somente a ela, sobre o assassinato de Tomoe. De qualquer forma, vamos supor que Muimi sabia que Tomoe foi assassinada por Mikoko, que depois se matou."

"OK."

"O que ela faria?"

Em benefício de outra pessoa. De alguém que não seja ela mesma.

“O que ela poderia fazer por Mikoko? Zerozaki, o que você teria feito?”

“Nada. Aoii já estava morta.”

De fato.

Mesmo para alguém que ainda estivesse vivo, Zerozaki provavelmente não faria nada. Nem eu. Era simples assim.

“Mas Muimi queria fazer algo. Vingar Mikoko e protegê-la.”

"Por *vingança,* você quer dizer *te matar*. Bem, acho que você meio que rejeitou a Aoii, afinal. Faz sentido. Não foi exatamente isso que eu disse? Que a Aoii estava a fim de você?"

“Não aja como se fosse o dono da verdade. Até eu percebi isso.”

"Quer dizer que você sabia e simplesmente a ignorou? Cara, então você não tem o direito de reclamar de quase ter morrido. Mas o que você quer dizer com Muimi tentando *protegê* -la? Como matar Usami se encaixa em proteger Aoii?"

“É exatamente o que eu fiz. Muimi estava tentando proteger o bom nome de Mikoko. Em outras palavras, se um terceiro assassinato ocorresse, ninguém suspeitaria que a segunda vítima, Mikoko, era na verdade quem matou Tomoe, ou seja, uma amiga próxima.”

"Certo, justo. Mas por que a Usami? Ela poderia ter matado qualquer um. Não precisava matar uma amiga."

“Ela o matou *porque ele era um amigo.* Se a terceira vítima fosse alguém completamente sem relação com Tomoe e Mikoko, a polícia talvez nem considerasse o caso como um terceiro. Então, *os candidatos mais prováveis para serem as próximas vítimas eram Akiharu Usami e eu.* E eu sei o que você está pensando, Zerozaki. Por que ela simplesmente não me matou, então? Pois é. Mas eu não moro num apartamento antigo só porque acho legal. Não existe lugar mais difícil para matar

alguém.”

Paredes finas e corredores que rangiam só de andar por eles — entrar sorrateiramente, entrar numa briga ou matar alguém no meu prédio era impossível.

“Então Akiharu Usami era a segunda melhor opção? Mesmo que Aoii fosse amiga próxima de Atemiya, Usami não era amiga dela também? Como ela poderia?”

“Eu mesma duvidei. Sem mencionar que Tomoe também era amiga de Muimi. Eu não conseguia entender como Muimi poderia perdoar a assassina. Então perguntei a ela. E foi isso que ela disse: *É puramente uma questão de prioridades.* Basicamente, o que isso significa é que, para Muimi, a falecida Mikoko valia mais do que a viva Akiharu, e a culpada, Mikoko, valia mais do que a vítima, Tomoe.”

“Isso é terrível. Usami se deu pior do que qualquer outra pessoa.”

“Talvez sim.”

Akiharu havia previsto que seria o próximo e afirmava que poderia morrer feliz. Quanta da verdade ele havia descoberto? Isso era um mistério para mim. Na verdade, eu não conseguia nem imaginar. Seria romântico demais supor que *Akiharu chegou à verdade por completo e ainda assim deixou Muimi matá-lo* ? Se fosse esse o caso, então Akiharu Usami era a única pessoa admirável em toda essa confusão.

Ou seja, porque ele aceitava todos os seus amigos como eles eram.

“Diga…” Zerozaki parou por um instante, absorto em pensamentos como uma escultura de Rodin, antes de descruzar os braços e olhar para mim. “Eu entendo a lógica e tudo mais, mas tenho as mesmas dúvidas que tinha com o Aoii. Tudo isso se baseia na premissa de que Atemiya o matou, certo? Aoii deixou uma carta de

suicídio, então isso é um fato. Mas no caso do Atemiya, você precisa usar o processo de eliminação do Kindaichi. Você descobriu tudo a partir daquela ligação, sem nenhuma evidência. Se não fosse pelo fato de que Atemiya e você eram os únicos que restavam, eu não sei o que pensar."

Você tem algum problema com Yokomizo?

Não pude deixar de perceber certa hostilidade nas referências de Zerozaki a Kindaichi. Mesmo assim, ele apenas balançou a cabeça negativamente.

"Não, na verdade não", respondeu ele. "Mas as capas são muito assustadoras, então só assisto aos dramas na TV. Para ser sincero, não gosto dele nem o detesto."

"Ah."

"É só isso?"

"Não. Pense bem. Lembra-se do que eu perguntei a Sasaki?"

"Ah. E daí se aquela inscrição ' *x* sobre *y* ' estava lá? Pensei que você tivesse dito que isso não era importante."

"O significado é irrelevante. Naquele momento, não passavam de símbolos aleatórios. Só fizeram sentido no caso de Tomoe. Mas o fato de a mesma fórmula ter sido encontrada no local da morte de Akiharu sugere algo muito estranho."

"Por que?"

"Aquele ' *x* sobre *y* ' encontrado em cada cena do crime era… um segredo. Só a polícia sabia disso . Sasaki nem sequer mencionou isso a princípio. As únicas outras pessoas que poderiam saber disso éramos você e eu, já que invadimos a cena do crime, e qualquer pessoa a quem eu perguntasse: 'O que você acha que *x* sobre *y* significa?'"

Ou seja, Aikawa, Mikoko e Muimi, apenas as três.

“Deve ter havido outros”, objetou Zerozaki. “Pessoas trabalhando no caso e coisas do tipo.”

“Verdade. Havia muita gente que sabia. Mas Muimi foi o único que achou que era uma *mensagem para morrer.* ”

“Ah, porque a polícia acha que era a assinatura do assassino, e não uma mensagem antes de morrer. E daí?”

“No caso de Akiharu, Sasaki disse *que havia indícios de que a vítima havia escrito a mensagem por conta própria.* Por que apenas neste caso? Muito provavelmente porque a assassina coagiu a vítima a escrevê-la antes de matá-la, para enfatizar que este era um terceiro caso.”

“E ela nem teria tido essa ideia se não tivesse pensado que era uma mensagem de despedida. Então, será que Atemiya sabia o que ' *x* sobre *y* ' significa?”

“Provavelmente não.”

Se ela soubesse o *significado* da fórmula, provavelmente não a teria usado, mesmo que isso aumentasse a aparência de continuidade.

“E isso foi o suficiente para você concluir que Atemiya era o culpado?”

“Sim. Claro, foi em parte especulação. Eu meio que imaginei que ela parecia a mais propensa a fazer uma coisa dessas. Até eu fiquei comovido com a lealdade dela à Mikoko.”

"Mentiroso." Zerozaki deu uma risadinha. "Cara, não acredito mais em nada do que você diz. Você não é um mero espectador, você é simplesmente um mentiroso de marca maior."

“Acho que já te disse isso.”

“Não exponha seus defeitos.”

"Sim, eu sei que não deveria", desconversei. "De qualquer forma,

parece que você não tem mais nenhuma pergunta. Podemos encerrar este caso?"

“Um final nada grandioso… Hah… Como se diz? Ouvindo a história toda, parece tão…”

“Um motim?”

"Não, bobagem", corrigiu ele, como se tivesse ouvido a piada mais sem graça de todas.

Eu me senti praticamente da mesma forma.

Era terrivelmente grotesco, terrivelmente deformado e terrivelmente vil; sua forma ridícula, constrangedora e desagradável parecia uma piada.

No fim, seu raciocínio não cessou.

Não importa o quanto você se esforce.

Seu cérebro continuou trabalhando automaticamente.

Quem ou o quê estava errado?

Isso provavelmente era bastante simples em si. Envolvia questões familiares e poderia conquistar a compreensão, a simpatia e a compaixão de qualquer pessoa.

Foi isso que tornou tudo tão desagradável.

Não entendo — como eu gostaria de ter pensado assim e ter me desvinculado disso.

“Bem, sem me aprofundar muito”, disse Zerozaki, desviando o olhar como se já tivesse terminado comigo. “Aposto que você não vai me dar uma resposta direta, então… esquece tudo isso.”

“Hum. Você desiste muito rápido.”

"Tenho algumas ideias na manga, mas pode me dizer uma coisa, usuário de bobagens?"

“O que é isso, um assassino em série?”

“O que você acha?”

“Hum? O que você quer dizer?”

“Quer dizer, como você se sente sabendo que três pessoas morreram ao seu redor?” De repente, ele pareceu estar se divertindo. Parecia um garoto despreocupado que estava se divertindo olhando para o espelho. “Você teve pessoas matando amigos, se matando, matando por seus amigos, sendo mortas por amigos e, como bônus, você quase foi morto. Como você se sente em relação a tudo isso?”

“……”

Uma pergunta simples que duvido que eu mesmo conseguiria formular.

Tentei cruzar os braços e fingir que estava pensando para ganhar tempo, mas meus dedos quebrados nem isso permitiam.

“Zerozaki, eis como me sinto em relação a essa série de casos.”

“Ok, vamos lá.”

"Dessa vez falei demais. Minha garganta dói quase tanto quanto meus dedos."

“……”

Zerozaki congelou. Seu rosto se contraiu por um instante antes de ele explodir em gargalhadas.

“Hahahahaha! Aposto que sim. Em outras palavras, você não se importa se seus amigos morrerem.”

“Não, até um cara como eu fica em choque com a morte de um amigo. É que eu ainda não tinha me tornado amigo dessas pessoas.”

De todas elas, eu era a que mais se parecia com Tomoe Emoto, e certamente essa proximidade era o motivo pelo qual ela era a mais distante.

Eu não conseguia retribuir o afeto de Mikoko Aoii com afeto, e as

demonstrações agressivas de emoção de Muimi Atemiya eram totalmente estranhas para mim.

Da mesma forma, a gentileza de Akiharu Usami era algo que me faltava.

“Você não tem liberdade nenhuma”, acusou Zerozaki.

"Na verdade."

“Sim, você é. Você se controla.”

“Melhor do que ser contido por outros. O que exatamente você acha que significa ser livre? Liberdade significa matar pessoas?”

“Ah… Minha ideia de liberdade? Keheh”, Zerozaki soltou uma risadinha sugestiva. “Bem, para ser honesto, eu odeio essa maldita palavra. Eu a detesto. Me dá arrepios.”

“É, eu também não gosto disso.”

"É uma palavra banal no Japão, né? As pessoas usam ela em qualquer contexto. Usam como desculpa. Tipo, ' *Eu não tenho pelo menos a liberdade de pintar o cabelo?'* Que besteira. Mas eu basicamente faço o que eu quero, então não me importo com o que liberdade realmente significa. Que se dane as restrições, sejam elas dos outros ou as suas próprias."

"Tudo bem." Suspirei e assenti. "Então acho que se eu não tivesse me controlado, teria me tornado como você."

“Isso significa que, se eu tivesse me controlado, teria me tornado como você?”

Que coisa mais desagradável.

“Acho que vou deixar essa passar.”

“Não, obrigado.”

Zerozaki riu, e eu não.

Apesar da nossa conversa fiada, em certo momento o hospital

surgiu diante de nós. Estávamos conversando parados há algum tempo, algo que eu nem tinha percebido. A essa altura, eu já estava falando demais.

A partir daí, discutimos coisas que não tinham nada a ver com os assassinatos. Coisas que não tinham nada a ver com nada além de nós.

Provavelmente por duas horas inteiras.

Coisas ridículas que não teriam utilidade alguma na vida. Coisas que não trariam nem benefício nem prejuízo ao mundo.

Alguns tópicos ele abordava. Alguns tópicos eu abordava.

Se você tivesse três desejos, quais pediria? Se encontrasse cem milhões de ienes, como os gastaria? O que é mais bonito, um triângulo isósceles ou um triângulo equilátero? O que é maior, um quilômetro ou um quilograma? Você preferiria pertencer à Ordem Hermética da Aurora Dourada ou à Ordem Rosacruz? É possível ter um quadrado mágico de 115 por 115? Qual era a história do número 88 de Otelo, afinal?

Conversamos como dois bons amigos.

Mas Zerozaki não era meu amigo, e eu não era amigo dele.

Era como se estivéssemos falando sozinhos.

Era tudo conversa fiada, sem sentido e inútil.

Não achei nem agradável nem desagradável.

Estava reavaliando como havia vivido esses últimos dezenove anos.

Um reflexo de luz.

Hitoshiki Zerozaki.

Foi um período de tempo totalmente inconcebível, mas, com certeza, os ponteiros daquele relógio encantado foram lentamente se dirigindo para o zero.

“Bem, isso acaba com as minhas dúvidas”, disse ele. “Acho que é uma despedida.”

“Sim”, concordei prontamente.

“Foi bom passar um tempo com você.” Zerozaki levantou-se do corrimão onde estava sentado. “Diga”, perguntou ele com um olhar de soslaio, “você pretende ficar em Kyoto permanentemente?”

"É difícil dizer. Sou meio nômade. Acho que vou ficar por aqui enquanto estiver na faculdade, mas nunca se sabe quando posso desistir."

"Entendi. Então, qual é o lugar onde você acha que nunca vai visitar em toda a sua vida?"

“Hum… Para começar, duvido que algum dia eu vá ao Polo Norte ou ao Polo Sul.” Depois de fingir que pensava um pouco, dei minha resposta padrão. “O único lugar que eu definitivamente quero evitar é o Texas, nos Estados Unidos. Principalmente Houston. Prefiro ter todos os ossos do meu corpo quebrados do que voltar para lá.”

“Hum.” Zerozaki assentiu. “Acho que vou lá, então.”

"Você pode falar em Inglês?"

“Eu cursei o ensino fundamental II. Além disso, uma faca penetra onde as palavras não penetram. Claro”, acrescentou ele sarcasticamente, “sua faca provavelmente não penetraria.”

Dei de ombros diante do seu comentário mordaz. "Então acho que não nos encontraremos novamente."

“Por mim, tudo bem, já que não é a visão mais agradável.”

“Sim, é verdade.”

E provavelmente não nos veríamos. Eu não teria a menor vontade de vê-lo, e ele sentiria o mesmo. Esse encontro já era impossível desde o início, então essa era a conclusão lógica.

Fiz uma última pergunta.

Eu estava examinando atentamente a parte mais profunda e sombria de mim.

“Diga-me, Zerozaki.”

"O que?"

“Existe alguém que você ama?”

"De jeito nenhum, cara. Aliás, eu me odeio mais do que qualquer outra pessoa. Ou talvez odeie você. Por que você pergunta?"

“Eu tenho alguém.”

Zerozaki pareceu um pouco surpreso, mas logo esboçou um sorriso debochado. "Quando te perguntei antes, você disse que não sabia."

“Sim, eu estava mentindo.”

“Entendo. Bem, acho que essa é a diferença entre você e eu.”

“É, acho que sim.”

“Então é melhor você continuar vivendo. Não se torne como eu.”

"O mesmo para você."

De costas para mim, ele começou a caminhar em direção à Rua Imadegawa, e de costas para ele, comecei a caminhar em direção à recepção do hospital.

Nenhum de nós disse uma palavra, mas tenho certeza de que estávamos pensando a mesma coisa.

“Então…”

Para mim também, a história havia terminado.

Mas mesmo que um ou dois mundos que estavam do outro lado do espelho desmoronassem, eu conseguia pensar em pelo menos um ou dois indivíduos que não tinham a menor intenção de deixar as coisas terminarem assim, e isso me deixou melancólico.

Talvez houvesse uma espécie de justiça rudimentar nisso.

"A vida é dura, não é, Não Mais Humano?", murmurou o Produto Defeituoso.

Eu estava falando comigo mesmo.

Final Chapter

A WORLD THAT CAN'T E

TOMO KUNAGISA

????

Com todos os meus dedos, exceto o polegar esquerdo, imobilizados com talas, o médico me disse que levariam cerca de duas semanas para cicatrizar a ponto de não interferirem na minha vida diária, desde que eu não os sobrecarregasse.

No dia seguinte, fui até o condomínio do Kunagisa em Shirosaki, a área residencial mais nobre de Kyoto. Pensei que seria legal chegar lá com estilo na Vespa que herdei da Mikoko, mas o aparelho nos dedos não permitia, então desisti. Parecia que eu teria que esperar um pouco mais para poder desfrutar daquela sensação maravilhosa de dar uma volta.

O aparelho ortodôntico se mostrou mais incômodo do que eu esperava. Pensei: "Ah, então meus dedos não vão dobrar tanto por um tempo, que grande coisa", mas na primeira noite sozinha, percebi que isso ia afetar bastante meu dia a dia. Até me vestir virou uma tarefa árdua. Percebi que ia me tornar um peso ainda maior para a Miiko, minha vizinha, e entrei numa fase moderadamente pessimista.

E assim, meu meio de transporte naquele dia foram meus próprios pés. Três horas foi um pouco intenso para alguém com lesões, e eu poderia facilmente ter pegado um ônibus ou um táxi, mas considerando o alto custo das despesas médicas com meus dedos, decidi economizar.

“Mas aposto que ela estará lá…”

Murmurando essas coisas para mim mesmo, finalmente cheguei a Shirosaki e parei em frente ao apartamento de Kunagisa. Era um prédio de tijolos luxuoso que mais parecia uma fortaleza. Os trigésimo primeiro e trigésimo segundo andares pertenciam a Kunagisa.

Passei pelos olhares de vários seguranças impassíveis, sentados firmes como rochas na entrada (eles já conheciam meu rosto) e me dirigi ao hall dos elevadores. Um elevador já estava no térreo antes mesmo de eu chamá-lo. Apertei o botão, abri a porta e entrei. Usei uma chave para destrancar a fechadura, revelando os botões dos andares trinta e um e trinta e dois, e apertei o do trinta e dois.

A sensação de gravidade descontrolada persistiu por um minuto inteiro.

Saí do elevador assim que ele parou e me aproximei da porta de aço à minha frente. Por mais que aquele lugar fosse infinitamente superior ao meu, ainda assim não tinha interfone. Kunagisa quase nunca recebia visitas, então não havia necessidade.

Abri a fechadura com uma chave e usei a leitura da minha impressão digital para entrar.

“Tomo-oo, sou eu! Cheguei!”, gritei enquanto caminhava pelo corredor (embora “corredor” não soe bem; só a escada era maior que meu quarto). No trigésimo primeiro andar, a maioria das paredes havia sido derrubada para dar espaço a um computador absurdamente enorme, enquanto o trigésimo segundo andar era mais um labirinto, o que facilitava para mim, com minha memória ruim, me confundir. Onde será que aquela garota estava?

Percebi que deveria ter ligado para ela antes, mas meus dedos não estavam em condições de usar um telefone. Meu polegar esquerdo ainda funcionava normalmente, é claro, então eu poderia ter feito isso com bastante esforço, mas eu não estava com vontade de fazer esse esforço.

"Tomo, onde você está?", gritei novamente enquanto continuava caminhando pelo corredor. Comecei a ver fios e cabos estranhos de

tipos desconhecidos emaranhados no chão. Claro, eu já tinha pisado neste lugar inúmeras vezes, mas para um cara como eu, que não entendia nada de engenharia mecânica ou eletrônica, ainda era como um reino mágico. Se eu não tomasse cuidado, poderia facilmente tropeçar em alguma coisa e cair, então me certifiquei de ser cauteloso.

"Tomo, sou eu. Você está em algum lugar por aqui, não é?"

"Ei, eu estou por aqui, por aqui, por aqui."

A voz que respondeu não pertencia a Kunagisa.

Como esperado, era vermelho.

"…"

Não que as vozes tenham cores.

"Na verdade, eu esperava que você não estivesse aqui…"

A vida é alguma vez tão fácil assim?

Caminhei na direção da voz até finalmente chegar a um quarto vazio de cerca de dez tatames de tamanho. Nesta mansão absurdamente grande que mais parecia um condomínio, havia espaços que nem mesmo Tomo Kunagisa conseguiria usar. Imaginei que fosse apenas uma questão de tempo.

Por outro lado, ela precisava de um quarto assim se fosse receber visitas.

"E aí. Quanto tempo!"

Lá dentro, Aikawa e…

"Wawawawa, é a Iichan!"

Tomo Kunagisa estavam sentados um de frente para o outro, bebendo refrigerante de lata.

Cabelos azul-havaiano, corpo franzino de criança e um sorriso genuíno. Fazia um bom tempo que eu não via Tomo Kunagisa. Desde a Golden Week, na verdade, quase um mês inteiro. Mas parecia uma

eternidade.

Foi como se eu tivesse retornado ao lugar a que pertencia.

Talvez fosse isso que eles chamavam de nostalgia.

“Wawawa. Iichan, o que aconteceu com suas mãos? Sou só eu, ou elas ficaram bem mais gordas?”

“A pele está endurecendo. É a Síndrome de Flictonic Cliple Weber.”

“Ah, entendi.”

“Não, você não precisa. Na verdade, houve uma série de incidentes. Incluindo os ferimentos no meu rosto, vai levar cerca de duas semanas até que eu esteja totalmente recuperado.”

“Hawawaa. Uau, Iichan, que legal. Você é demais, Iichan, ebaaa. Você estava saindo com algum asceta?”

“Não. Isso de novo não.” Sentei-me para me juntar a eles, formando efetivamente um triângulo isósceles com meu vértice. Meus olhos se voltaram para a origem dos meus medos.

“Olá, Jun.”

"E aí, Protagonista?" Ela sorriu, com a Coca-Cola na mão. Como sempre, parecia estar aprontando alguma coisa. Por outro lado, parecia estar surpreendentemente animada. Mas o humor de Aikawa mudava como o clima nas montanhas, então era difícil ter certeza.

“O que você está fazendo no quartel-general ultrassecreto de Kunagisa? Veio descobrir mais sobre o intruso?”

“Não, não, nada disso. A questão do intruso está resolvida por enquanto.”

"Realmente?"

“Sim”, ela assentiu com a cabeça.

“Estávamos falando disso agora mesmo, Iichan. Quer participar?

Três cabeças pensam melhor que duas.”

“Não, não estou interessado.”

Eu estava mentindo.

Mas o Zerozaki não tinha ido para os Estados Unidos? Talvez o Aikawa o tenha alcançado no aeroporto e posto um fim definitivo às coisas. Se foi esse o caso, meus pêsames. Foi um epílogo muito triste depois da sua partida tão galante. Que vergonha, Hitoshiki Zerozaki.

“Ei, Kunagisa”, disse Aikawa. “Desculpe incomodar em sua casa, mas você se importaria de nos deixar a sós por um instante? Preciso conversar com o Iichan.”

"Hum?" Kunagisa inclinou a cabeça. "É algum segredo?"

"Sim."

“Hum. Ok.”

Ela se levantou e saiu da sala batendo os dedos. Provavelmente iria para algum computador em outra sala e começaria a trabalhar. Ao contrário de mim, cujo único passatempo era jogar Eight Queens, Kunagisa tinha uma gama quase ilimitada de métodos.

Sozinho com Aikawa, fui o primeiro a falar. "Sabe, não pude deixar de notar que você acabou de expulsar Kunagisa."

"Sim, eu fiz. Você não gostaria que ela estivesse presente quando estivéssemos tendo uma conversa séria, gostaria?", disse Aikawa sem se desculpar. "Você deveria ser grato a mim. Não fique tão bravo. Nossa, eu deixo a Tomo de lado por dois segundos e você perde a cabeça."

“Por que não conversar em outro lugar, em outro dia?”

“Não posso. Sou uma mulher ocupada. Amanhã preciso estar em Hokkaido. Partirei para lá assim que sair daqui. Para ser sincera, não tinha certeza se conseguiria te ver.”

Acho que foi só azar. "Então..." Percebendo que não tinha como me safar dessa conversa com essa mulher, desisti e a incentivei a começar. "Sobre o que vamos falar desta vez?"

“Primeiro, uma atualização sobre o caso Zerozaki. Tenho certeza de que vocês estão interessados em saber. Não vou deixar que digam que não estão.”

“Bem, tanto quanto qualquer outra pessoa. Mas o que você quis dizer com ‘já foi resolvido’?”

“Ontem à noite, finalmente encontrei aquele pirralho. Tivemos uma segunda rodada.”

"E?"

“Chegamos a um acordo amigável”, disse Aikawa. “Ele vai parar de matar pessoas e, em troca, eu o deixarei em paz. É um acordo.”

“…Tudo bem para você?”

"Claro. Meu trabalho era apenas deter o invasor de Kyoto. Ninguém disse para capturá-lo. Para ser honesto, prefiro evitar um massacre com o Clã Zerozaki, então isso está bom por enquanto. Por enquanto."

Por enquanto. Eu não queria pensar no que se escondia naquelas palavras. Este era, sem dúvida, um território no qual eu não deveria me aventurar. "Então, pelo menos, não haverá mais incidentes com facas nas ruas de Kyoto?"

“Exatamente. Se não fosse pela sua cooperação, nunca teríamos chegado a essa conclusão, então acho que devo expressar minha gratidão”, disse Aikawa com um tom um tanto teatral.

“Sério, você não diz isso? Ótimo, vamos buscar Kunagisa”

“Pare aí mesmo”, ela interrompeu minha tentativa de escapar da conversa. “Sabe, eu tive um bate-papo bem agradável com o

Hitoshiki…”

“Você fez isso?”

“Sim, eu fiz.” Ela se aproximou de joelhos para diminuir a distância entre nós. “Conversamos sobre várias coisas, sobre você, sobre você e sobre você.”

“Que assustador…”

Aquele desgraçado. O que será que ele foi contar para aquela mulher, de todas as pessoas? Por outro lado, eu também já tinha feito isso. Talvez fosse isso que ele queria dizer com ter alguns planos na manga.

"Mas sabe", Aikawa maravilhou-se, parecendo genuinamente impressionado, "você fez um trabalho de detetive muito inteligente. Até eu estou estupefato. Quem imaginaria que Mikoko Aoii tivesse matado Tomoe Emoto antes mesmo de você sair do apartamento dela, e que a própria morte dela tivesse sido um suicídio? Eu não esperava por isso de jeito nenhum."

“Pare com essa atuação, Jun.”

“Não seja tão sério. Não estou tentando te provocar. Quero ser seu amigo, Iichan, de verdade. Mas sabe, achei que seria bom esclarecer as coisas.”

“Que coisas?”

Como se estivesse lendo minha resposta em silêncio, ela não respondeu imediatamente. Por fim, disse: "Todo esse caso".

“Você também não está satisfeito com meu raciocínio desta vez?”

“Não é isso. Não tenho problema nenhum com isso. É com você que não estou satisfeito. De jeito nenhum.”

“…”

"Parece que você deu um jeito de se esquivar de explicar algumas

coisas para o Zerozaki, não é?"

“Sim. Mas são todos pequenos detalhes. Coisas triviais que você poderia explicar como quisesse, ou, ao contrário, para as quais eu nem consigo imaginar uma explicação. Então é isso.”

“Por exemplo, o motivo pelo qual Mikoko Aoii matou Tomoe Emoto.”

"Bem…"

Isso foi algo que eu não havia contado a Zerozaki.

Algo que eu havia deixado sem explicação.

"E quanto ao motivo de aquela alça de pescoço ter sido retirada da cena do crime?", questionou Aikawa.

“Quem sabe?”

“E por que um garoto apático como você se daria ao trabalho de fazer o suicídio de Mikoko Aoii parecer um homicídio, mesmo que isso tenha sido um pedido dela em sua carta de suicídio? Não, o que eu realmente quero saber é *há quanto tempo você sabia de tudo.* ”

“…”

“Você deu a entender que só percebeu a verdade depois de ler a carta de suicídio da Mikoko Aoii… mas bem, isso não pode ser verdade”, disse Aikawa com um sorriso. “Então, quando?”

Não consegui encontrar uma resposta.

“Por mais que eu subestime as pessoas, sei que você é muito gata. Com certeza não acredito que você não tenha percebido a verdade até ler aquela carta de suicídio.”

Você está me superestimando. Eu não sou isso aí.

"Certo, devo fornecer alguma prova concreta? Por exemplo, você disse algo como 'Ver o cadáver de alguém que conheço não é suficiente para me deixar enjoado', mas me parece que essa não é a

única parte da história que não combina com *você*. "

"O que mais existe?" Eu sabia onde ela queria chegar com isso, mas mesmo assim fiz a pergunta. "Não tenho a mínima ideia do que você quer dizer."

“Volte ao momento em que você ouviu os fatos pela primeira vez da Sasaki. Ela perguntou sobre a ligação que você recebeu da Emoto, e o que você disse? Que era 'definitivamente a voz da Emoto'. Que você 'nunca esquece uma voz depois de ouvi-la'. Ou algo parecido. Você já mencionou sua péssima memória várias vezes. Então, como você pode ter tanta certeza?” Ela me deu uns tapinhas no ombro, em tom de brincadeira. “Como essa sua memória falha poderia afirmar algo assim? Você só encontrou a garota uma vez, e foi por telefone, para piorar a situação. Não tem como você ter confirmado isso. Você não acha que foi por isso que a Mikoko Aoii recorreu a esse truque? Ela estava contando com a sua memória ruim. No mínimo, não tem como você dizer que era 'definitivamente' a voz dela.”

"E?"

“E isso significa que você mentiu para Sasaki *deliberadamente*. Agora, por que você faria uma coisa dessas? Bem, eis o que eu penso: *você não pode fingir algo que desconhece, mas pode fingir algo que já conhece*. No momento em que Sasaki lhe contou sobre a morte de Emoto, você percebeu a verdade — *sobre o plano de Aoii e quem matou Tomoe Emoto* — não é?”

O segredo já estava praticamente revelado. Não havia mais motivo para manter o silêncio. Diante dos olhos dessa maravilha escarlate, faz-tudo e mestre em tudo, tal atitude era mais inútil do que a própria inutilidade.

"Eu realmente não tinha tudo resolvido naquele momento",

respondi com relativa honestidade. "Eu não tinha nenhuma evidência nem nada do tipo. Era apenas um palpite. Era só uma vaga ideia que eu tinha, tipo, ' *Poderia ter acontecido assim'.* Certamente não dava para chamar de conclusão definitiva. Mas, Jun, *supondo* que isso fosse verdade, que eu tivesse resolvido tudo naquele momento... Há algum problema nisso?"

“Há sim um problema enorme. Agora, se você me dissesse que estava mentindo *para acobertar uma amiga,* eu entenderia. Qualquer um mentiria para salvar um amigo. Mas o problema aqui é que *você e Mikoko Aoii não eram amigas.* Independentemente dos sentimentos dela por você, você não sentia nada por ela. Ela era apenas uma conhecida, uma colega de classe. Resumindo: você não estava acobertando ninguém. Você estava *ganhando tempo.* ”

Paralisação.

E para que eu precisava desse tempo extra?

Para chegar a uma decisão.

Dar ou receber?

“E então, naquele dia, você a destituiu. *'Você consegue perdoar a sua própria existência?'* Ou algo parecido.”

“Você fala como se estivesse lá, Jun. Por acaso você estava nos observando?”

Pensando bem, a Aikawa não tinha comentado algo sobre ter visto a Mikoko e eu naquele sábado? E se ela tivesse nos seguido? Eu talvez conseguisse detectar a letal Zerozaki ou uma amadora como a Muimi, mas duvido que teria percebido se a Aikawa estivesse nos seguindo.

Mas ela negou. "Não, eu não estava te observando. Mas posso ao menos imaginar o que você teria dito. Compartilho da opinião de

Zerozaki: não acredito nem por um segundo que uma personagem capaz de cometer um assassinato deixaria sua consciência levá-la ao suicídio. Alguém que provavelmente se arrependeria não mataria ninguém em primeiro lugar."

“Mas, estatisticamente falando, uma porcentagem considerável de assassinos comete suicídio.”

“Estatisticamente falando? Você está por aí há quase vinte anos e estatística é a melhor resposta que consegue dar?” Aikawa ergueu uma sobrancelha em desdém e bufou para mim. “Não me diga que você acredita em algo tão estúpido. Algo que acontece apenas uma vez em cem mil tentativas, acontece na primeira tentativa. A primeira pessoa que você conhece é uma em um milhão. Quanto menor a probabilidade, mais você vê isso acontecer. *Estatística.* Que piada. Milagres são aos montes.”

“…”

Era uma visão absurdamente ousada sobre o assunto, mas não havia como discutir com *Jun* Aikawa. Quando se tratava de experiência, ela estava completamente fora do meu alcance.

“Mas estou me desviando do assunto. De qualquer forma, Mikoko Aoii não cometeu suicídio por culpa. Ela fez isso porque *você a indiciou* — ou melhor, *a interrogou.* Depois disso, ela não teve outra escolha senão a morte.”

Você consegue perdoar a sua própria existência?

Estarei de volta amanhã, por volta do meio-dia. Você terá sua resposta então.

Você terá sua resposta então.

“Porque eu a denunciei? Se isso por si só fosse suficiente para ativar sua consciência, você não mataria ninguém”, repeti a fala de

Aikawa. “Cometer suicídio por uma coisa dessas”

“Você não vê? Aoii matou Emoto por sua causa.”

“…”

"Bem, acho que dizer que 'acabou para você' é um pouco demais. A Aoii tomou a decisão por conta própria, e você não é responsável por nada. Basicamente, tudo se resumiu a ciúmes. Para simplificar."

Eu não respondi.

Aikawa prosseguiu: “Tomoe Emoto nunca se abriu para ninguém, nunca se aproximou mais do que o absolutamente necessário. E, no entanto, *ela falou com bastante franqueza com você* logo na primeira noite em que se conheceram.”

Um ferimento fatal. Um produto defeituoso.

Semelhantes, mas diferentes.

E se Mikoko estivesse meio acordada durante aquela conversa? E se ela estivesse consciente naquele momento, assim como estava durante minha conversa com Miiko?

“Se você analisar os fatos, fica óbvio por que ela roubou aquela alça de pescoço também. Por que a Aoii precisaria de uma coisa dessas? Foi um presente do Akiharu Usami. Mas lembra do que você disse sobre ela? 'Combina bem', ou algo parecido. Você, que quase nunca elogia ninguém, foi lá e disse isso. Então a Aoii a roubou. *Ela não precisava, só queria pegar.* Então, ela a arrancou da cena do crime. Suponho que isso também tenha sido um ato de ciúme. A questão é que a Mikoko Aoii não suportava a ideia de que você e a Tomoe Emoto estivessem se aproximando.”

“E foi por isso que ela matou? Esse foi o motivo dela? Que absurdo. Você consegue imaginar ser morta por um motivo desses? É demais.”

“Você tem razão, é demais. *É por isso que* você não conseguiu perdoá-la. Mikoko Aoii assassinou cruelmente um ser humano por algo tão estúpido. E então você a fez assumir a responsabilidade por isso.”

“Você acha mesmo que eu faria isso?”

“Não, não se tivesse sido um crime impulsivo. Se fosse só alguém *que passou dos limites,* tenho certeza de que você a teria perdoado e fingido que não viu. Mas não foi o caso. Foi um crime premeditado. Não foi por causa de *bebida em excesso* nem nada do tipo. Ela até tinha uma arma do crime preparada *desde o início.* ” Aikawa deu uma risadinha. “Eu sei que você não acha mesmo que ela usou uma fita. Pelo visto, você disse para o Zerozaki que a arma do crime era a fita do presente da Usami, mas obviamente não foi o caso.”

“Não sei não. Parece que teria sido uma boa ideia□”

“Mas *só* a alça do pescoço sumiu da cena do crime, certo? É o que diz nos documentos da polícia. Isso significa que *a fita ainda estava lá.* O que significa que a arma do crime tinha que ser outra coisa, já que o tecido usado no suicídio de Aoii era o mesmo usado para matar Emoto. Então, o que isso significa? *Significa que Mikoko Aoii já havia preparado a arma do crime antes de chegar ao apartamento de Emoto.* ”

"Em outras palavras…"

“Em outras palavras, Aoii fez uma previsão. Ela sentiu que você e Emoto tinham um *cheiro semelhante* … ou *um ar parecido,* se preferir. E se a previsão dela se confirmasse, ela mataria Emoto. Ela já tinha planejado isso. Quer dizer, o plano dela não era o tipo de coisa que qualquer universitária qualquer inventaria do nada.”

"Isso é até ridículo, se for verdade", eu disse sem nem esboçar um sorriso. "Ela não parava de falar sobre como eles eram grandes

amigos... e aí se mataram *por uma coisa tão trivial.* Além disso, eu sei que ela não estava mentindo sobre a amizade deles. Não era mentira, Jun. Ela realmente gostava da Tomoe."

Mas não a ponto de ela não a matar.

Se ela se metesse no caminho, Mikoko a mataria sem piedade.

MATAR.

Morra por mim.

Que audácia encantadora! Sinceramente, do fundo do meu coração.

“Então você discursou por um tempo, mas acabou decidindo denunciá-la.”

“Denunciar… Só para deixar claro, Jun… Eu não sugeri que ela se matasse. Na verdade, esperei até que ela estivesse relaxada antes mesmo de abordar o assunto, justamente para que ela não fosse *longe demais* e cometesse suicídio ou algo do tipo. No mínimo, deixei três opções para ela. Ela poderia se matar, se entregar ou simplesmente fingir que não sabia do que eu estava falando e nunca mais cruzar o meu caminho. Como opção extra, ela também poderia me matar.”

“Você não esperava que ela optasse pela opção de bônus?”

"Dificilmente", dei de ombros. "Eu esperava que ela se entregasse... mas ela não o fez. Quando entrei no quarto dela, ela estava morta. É por isso que eu..."

“ *Foi por isso que* você fez parecer que não foi suicídio? Não havia nada sobre isso na carta de suicídio, havia? E foi você quem deixou aquela marcação ' *x* sobre *y* ', presumo?”

Era verdade. Mikoko não tinha feito nenhum pedido desse tipo. Engolir tudo foi ideia minha. O fato de ela não ter se entregado significava que não queria que as pessoas soubessem o que tinha feito.

E então eu decidi, meio que por impulso, ajudar pelo menos nisso.

E, para ser sincera, também me senti um pouco responsável.

“Responsável, né? Pessoalmente, acho que essa é uma palavra que as pessoas usam quando não esperavam que algo acontecesse.”

"Bem, para ser sincera, eu não esperava por isso. Foi algo totalmente *inesperado* . Assim como você e Zerozaki, eu realmente não imaginava que uma pessoa capaz de cometer um assassinato se mataria por culpa. Por isso fiquei surpresa ao descobrir que ela havia feito isso. Nem sei se foram os objetos indigestos no meu estômago que me deixaram tão enjoada."

“Mas não foi necessariamente a culpa que levou Aoii ao suicídio. É possível que ela tenha morrido porque você a encurralou. Porque você estava com nojo dela. Ela o antagonizou e, ao fazer isso, perdeu toda a esperança.”

“Se for esse o caso, isso só me deixa ainda mais furiosa. Ela assassina alguém e isso a perturba a ponto de levá-la à morte? Ela nem sequer tinha qualificação para ser uma assassina.”

“Ah, então era isso que você queria dizer sobre se sentir responsável. Não pela Aoii, mas pelo Emoto… Entendi. Hum, conceito interessante… Mas o afeto de uma pessoa não significa nada para você? Ela pode ter interpretado de uma forma distorcida, mas a Aoii realmente gostava de você”

"Dizer 'Eu gosto de você, então é melhor você gostar de mim' é apenas uma tática de intimidação. Infelizmente, eu não sou uma pessoa que retribui cegamente. Pessoas que matam por paixão me dão nojo."

“Você diria o mesmo sobre Atemiya?” perguntou Aikawa solenemente. “O que mais me impressiona é que você conseguiu

prever *tudo isso, inclusive a conclusão,* desde o início. Foi por isso que você *plantou* aquela ideia falsa na cabeça de Atemiya sobre uma mensagem de despedida. Você explicou para Zerozaki que Atemiya 'interpretou mal' o significado daquelas marcas, mas, na verdade, *você provocou esse mal-entendido.* Dessa forma, ficaria imediatamente óbvio que Atemiya era o culpado se os assassinatos continuassem *após* o suicídio de Aoii. Mesmo quando você se infiltrou no apartamento de Emoto, você não estava procurando pistas; você estava procurando algo que ninguém soubesse."

"Era apenas uma espécie de seguro… Não sou tão calculista assim. Não dê a entender que eu tinha tudo sob controle."

No fim, foi ela quem matou, ele quem morreu, e aquela garota quem cometeu suicídio. Eu não fiz nada. Nem sequer manipulei ninguém. Como alguém tão alheio às emoções humanas como eu poderia sequer tentar?

Isso foi um completo absurdo.

"Então, Sasaki e Kazuhito…" continuou Aikawa. "Ontem, eles prenderam Muimi Atemiya … mas disseram que ela estava à beira do *suicídio* . Ela estava prestes a pular do telhado do prédio e eles conseguiram resgatá-la a tempo. Aparentemente, ela havia perdido completamente o controle e eles não conseguiam entender as palavras que saíam de sua boca. Eles não têm certeza se ela voltará ao normal algum dia."

"Realmente."

Você disse alguma coisa para ela?

"Não", respondi sem hesitar. "Eu não lhe disse? Não me interesso por pessoas que matam por paixão."

"Tenho quase certeza de que você disse que eles te fazem mal."

Você deve ter me entendido mal.

Aikawa me encarou em silêncio por um momento. "Hahh", ela suspirou. "Bem, de qualquer forma... É por isso que você condenou essas garotas, que mataram apenas uma pessoa cada uma, mas ignorou completamente os assassinatos indiscriminados perpetrados por Zerozaki? Dar ou receber, hein? Nossa... você é realmente cruel."

“Ouço isso com frequência.”

Aikawa tomou os últimos goles de seu refrigerante, levantou-se com um grunhido e olhou para mim. "Deixa pra lá... Bem, tanto faz. No fim das contas, seus crimes e suas punições são seus e somente seus. Não sei como você vê as coisas, mas você não estava errada dessa vez. Se há algo que você pode criticar, é ser quem você é. Você é culpada do crime de ser você, e essa será a sua punição. E eu não tenho a menor intenção de me intrometer. Eu só estava um pouco curiosa... Então, aqui vai minha pergunta final", acrescentou ela num tom muito mais leve do que antes, quase em tom de brincadeira. Mas eu sabia que era quando ela ficava assim que ela realmente brilhava.

"Claro, o quê?" Concordei, um pouco nervosa.

“O que dizia realmente a carta de suicídio de Aoii?”

Fiquei em silêncio por um instante e depois respondi: "Era apenas uma frase."

“Nossa! O que foi isso?”

“Esqueci. Tenho memória ruim.”

“…”

“Eu queria que você me salvasse.”

"Que coisa mais nojenta." Aikawa riu. "Vai ficar na sua cabeça, quer você queira ou não. A confissão dela teria sido uma linda última lembrança, mas isso é simplesmente amargo. Você nunca vai esquecê-

la pelo resto da vida. Talvez fosse isso que ela queria."

“Na verdade, não. Vou ter esquecido em uns três dias.”

Isso soou um pouco carrancudo, mas eu estava falando sério, e provavelmente se tornaria realidade. Eu já estava completamente saturado de más lembranças. Claro, talvez eu ganhasse mais duas, três ou quatro cruzes para carregar nas costas, mas elas seriam enterradas em breve. Era só isso.

“É o que se espera”, disse Aikawa. Ela me encarou por um instante antes de sua expressão voltar a ser cínica. “Diga… *você realmente não se importava de qualquer forma,* não é?”

“…”

Em relação a quê e a quê?

Havia tantas possibilidades que eu não fazia ideia do que ela estava se referindo.

Mesmo assim.

Independentemente da intenção da pergunta, só havia uma resposta possível.

“Não.”

"É o que se espera", disse Aikawa. "Bem, vou ver o que posso fazer em relação à Sasaki, ver se consigo convencê-la a retirar as acusações contra você."

“Acusações? Que acusações?”

“Falsificar informações sobre o caso Emoto, incentivar o suicídio de Aoii, sem mencionar a ocultação de provas, além de esconder a verdade e ter aquele encontrozinho com Atemiya. Normalmente, eles te pegariam por tudo isso, o que tenho certeza que você sabia muito bem, mas eu vou cuidar disso para você. Suponho que mesmo se eu não cuidasse, Kunagisa cuidaria, mas quero que você me deva um

favor.”

“Sasaki disse algo parecido também.”

"Aposto que sim. Eu que a ensinei essa frase."

"Não diga."

Ultimamente, eu estava atolado em dívidas com várias pessoas por favores que me fizeram. E nem tinham se passado cinco meses desde que voltei ao Japão. Será que o resto da minha vida seria tempo suficiente para pagar a todos?

Provavelmente eu não tinha muita escolha.

“Bem, até a próxima”, disse Aikawa.

“Tem certeza de que vai fazer isso?”

“Ah, acho que sim. Tenho a sensação de que nos encontraremos novamente muito em breve.”

“Não creio que isso signifique que você vai aparecer de novo no dia seguinte para passar um tempo comigo, como da última vez…”

“Eu te disse, estarei em Hokkaido a partir de amanhã… É um trabalho meio arriscado. Não sei se voltarei vivo desta vez. Estou bastante animado.”

“Você não morre nem mesmo quando é morto.”

“Nem você.”

Com isso, ela disse "Até logo" e saiu do quarto de hóspedes. Foi uma despedida extremamente simples, como se realmente fôssemos nos ver novamente no dia seguinte.

“…”

Provavelmente faremos isso em algum momento.

E, certamente, com um sorriso sarcástico no rosto o tempo todo, ela me desmascararia mais uma vez. E, sem dúvida, terminaria mais uma história que já estava terminada.

Ela resolveria o que já estava concluído

E concluir o que já havia sido resolvido.

Porque esse era o papel do empreiteiro vermelho.

Isso mesmo.

É verdade.

“Ninguém está tão acabado quanto você, Aikawa.”

Não era algo típico de mim, mas pensei vagamente: não me importaria de ser morto se fosse por ela.

“Então…”

Encarei o teto. Quando pulei com os braços estendidos para cima, ele pareceu ter o dobro da altura. Em termos de volume, este cômodo era entre cinco e dez vezes maior que meu alojamento.

Deixando isso de lado.

“Acho que você pode sair agora, Kunagisa.”

"Ai", vazou uma voz de algum lugar, mas ela não fez nenhum esforço para se mostrar. Parecia que pretendia continuar se fazendo de boba. Como alguém tão inteligente podia ser tão ingênua? Por outro lado, era muito melhor do que ser uma ingênua estúpida como eu.

“Se você não sair agora, vai perder a sua chance. É isso que você quer?”

“Urr. É difícil acertar o momento certo para essas coisas.” Enquanto falava, uma placa se abriu no teto e seu rosto apareceu. Ela deu uma risadinha culpada. “Hehehe. Você já sabia de tudo?”

“Sim, sim. Acho que o Aikawa também percebeu.”

“Ah, que pena. Qual é a função dessa passagem secreta, então?”

Não sei o que ela estava pensando, mas mergulhou na minha

direção como se estivesse numa piscina. Devo reiterar que, quando pulei com os braços estendidos, só consegui chegar até a metade do caminho. Ao mesmo tempo, não consegui simplesmente desviar, então recebi o impacto direto na barriga.

“Iichan, você está bem?”

“Como se eu estivesse.” Com os dedos quebrados, eu não conseguia me defender e me tornei um travesseiro humano. “Tomo… Por favor, saia de cima. Acho que você quebrou algumas costelas.”

"Pedido negado." Ela me abraçou e me empurrou para o outro lado. Embora lembrasse bastante a manobra de Aikawa do outro dia, também era diferente, muito mais gentil. Um abraço sincero, por assim dizer.

Espremer.

“Eheheh. Senti sua falta! Eu te amo!”

“Agradeço que tenha sentido minha falta…”

Kunagisa era totalmente inocente. Mesmo tendo escutado toda a minha conversa com Aikawa, ela ainda me abraçou assim.

Eu havia encurralado cruelmente duas pessoas, mas deixei um assassino em série impune. Mesmo assim, Kunagisa não me repreendeu nem um pouco por isso.

“…”

Aikawa havia entendido mal apenas uma coisa.

Não foi culpa dela. Ela jamais conseguiria me desvendar até a minha essência. De forma alguma me considero uma pessoa profunda, mas tenho consciência de que sou tão pecaminoso que não há como enxergar através da escuridão. Nem mesmo o empreiteiro conseguiu vislumbrar o fundo do poço.

Não era por medo do julgamento de Kunagisa que eu evitava ter

esse tipo de conversa na frente dela. Era justamente porque ela *não me julgaria* que eu nunca quis expor minha feiura ou meu ego para ela.

O amor dela era abrangente. Uma afeição inabalável e pura.

Mesmo que eu matasse alguém com minhas próprias mãos, ela provavelmente me perdoaria.

Ela me amaria do mesmo jeito.

Para mim, aquele amor era um pouco pesado demais. Ameaçava me esmagar.

Sua afabilidade, abertura e capacidade de libertar.

Não é que eu não conseguisse gostar de outras pessoas. Eu simplesmente não conseguia ser querido.

Por mais amor que Mikoko me demonstrasse, tudo o que eu conseguia sentir era desprezo por uma assassina. Por mais que seus sentimentos por mim inspirassem suas ações, tudo o que eu via era puro assassinato.

Portanto, um produto defeituoso. Portanto, não mais humano.

“...Bobagem.”

"Hmm?" Kunagisa ergueu o corpo um pouco para me lançar um olhar confuso. "Você disse alguma coisa, Iichan?"

“Não, não vou dizer nada.”

“Hum. Ah, é verdade. Iichan, quer fazer uma viagem comigo?”

“Uma viagem? Isso é bem raro vindo de alguém recluso.”

"Hum, é um grande transtorno, mas eu preciso fazer isso para ajudar alguém."

“Ah… Ok, vamos lá. Não tenho te visto muito ultimamente.”

"Sim!" Ela exibiu um sorriso radiante. Era a única expressão que ela conseguia expressar, mas ainda assim era mais do que eu era capaz de demonstrar.

Não conseguir retribuir um sorriso com outro... faz você se sentir inferior, Tomoe, pensei com uma boa dose de autodepreciação.

“Quando partimos?”

"Tenho muita coisa para resolver primeiro, e... a casa do Dr. Kyoichiro é tão longe! Mas é para resgatar o Satch. Seria melhor ir depois que seus ferimentos estiverem completamente curados, então estou pensando no início de julho."

“Certo, entendi.”

“Marque no seu calendário.” *Hur hur,* ela riu.

Lembrei-me de algo. "Ei, Kunagisa. Você sabe o que significa *'x* sobre *y'* ?"

"Hã?" Ela inclinou o pescoço. "O que é isso? Uma fórmula?"

“Uma mensagem de despedida… Bem, não exatamente, mas pense nisso como se fosse uma.”

“Hum.” Ela pensou por um segundo. “Ah, por acaso está em letra cursiva?”

"Sim."

“Então é simples. Basta olhar no espelho e girar”, disse ela como se fosse realmente tão simples assim.

"Correto", eu lhe disse.

O que se passava na cabeça de Mikoko quando ela deixou aquilo? Deixou ao lado do corpo de Tomoe como uma espécie de mensagem final? Só dava para especular, mas dava para especular.

Mikoko provavelmente não queria matar Tomoe.

E, claro, Muimi não queria matar Akiharu.

“Enquanto eu…”

Talvez eu quisesse matar tanto Mikoko quanto Muimi. Afinal, o eu do outro lado do espelho era um assassino em série.

“…”

De qualquer forma, aceitei completamente os símbolos que ela deixou para trás, juntamente com suas contradições. E foi isso. Uma pena que só conseguisse alcançar o outro lado do espelho, e que o espelho tivesse se despedaçado.

O mundo havia se desintegrado. Nesse caso—

Olhei para Kunagisa.

Quando seria a minha vez de desmoronar?

Mais dois anos, profetizara aquela ascendente maldita, mas como ela era uma mentirosa ainda maior do que eu, era improvável que tivesse dito a verdade. Eu mesma duvidava que meu espírito aguentasse tanto tempo.

Talvez meu espírito, mas não meu coração.

Seja como for, minha hora certamente chegaria. Uma hora que você poderia chamar de meu julgamento final.

“Hum? O que foi, Iichan?”

Kunagisa piscou para mim com aquelas pupilas grandes e puras. Aquele cabelo azul-celeste.

Exatamente igual a cinco anos atrás. E agora, cinco anos depois, já se passaram.

Cedo ou tarde, a hora chegaria.

Incapaz de suportar o peso, eu teria vontade de esmagar essa garota.

Esse impulso.

“……”

—Mesmo assim, ela fez questão de me perdoar.

Morta ou destruída, ela me perdoaria. Assim como cinco anos atrás, ela me mostraria um sorriso inocente como se nada tivesse

acontecido.

Ser perdoado não é o mesmo que ser salvo.

Por mais absurdo que possa parecer, antes que algo assim aconteça, não por paixão, mas simplesmente fazendo o que se deve fazer por puro interesse próprio.

Por favor. Depressa e□

“Tomo.”

"Sim?"

"Eu te amo."

Eu tentei dizer isso.

Palavras totalmente vazias, sem substância, que qualquer um poderia proferir, um vocabulário sem massa.

“E eu te amo”, riu Kunagisa.

Era só isso. No fim das contas, não havia mais nada a acrescentar.

“Esse é o Ikkun que eu amo” □e, portanto, *“Eu queria que você me salvasse”*.

Só tive uma resposta para aquilo, nenhuma outra palavra que quisesse transmitir a Mikoko.

Provavelmente, eram as mesmas que Tomoe tinha para mim. Aliás, eram as que mais me serviam.

“Não seja tão mimado.”

Posfácio

É comum ouvir falar em "não rejeitar nenhum meio para atingir seu objetivo", mas, sendo realista, acredito que, uma vez definido o objetivo, as opções de meios para alcançá-lo são bem limitadas na vida real. Talvez haja apenas uma ou duas, no máximo três opções iniciais. A ideia é que, ao definir um objetivo, você praticamente já escolheu os meios. Se você optar por essa postura flexível de não rejeitar nenhum meio, o ideal seria evitar definir um objetivo pelo maior tempo possível, para poder se movimentar livremente. Por outro lado, embora seja uma forma desonesta e mesquinha de viver, ter vários objetivos em mente pode ser eficaz. "Alcancei *meu objetivo",* você poderia insistir, independentemente do que acontecesse. Gostaria de poder dizer, pelo menos uma vez, " *Tudo conforme o planejado"* ou *"Eu estava preparado para isso!"*. Mas, deixando isso de lado, a questão é ter cuidado ao se fixar em algo tão orientador quanto um objetivo. Se você não tomar cuidado, não conseguirá evitar nenhum meio! Num mundo que acabou se estabelecendo nos moldes da sociedade moderna, não há luxo maior do que o luxo de escolher. Estou sendo bem pessoal aqui.

Este livro, o segundo caso do Usuário de Absurdos, que é competente quando se trata de se meter em enrascadas sem saída, intitula-se *Estrangulamento* — bem, não é bem o seu segundo caso — e trata de supostos assassinos. Poderíamos dizer que é a história de um serial killer que perdeu de vista seu objetivo e do culpado de um homicídio que não conseguiu encontrar os meios. Seria bastante inútil e, além disso, grosseiro, acumular palavras sobre isso, mas ao contemplar a diferença entre um serial killer e o culpado de um

homicídio, o autor se vê assolado por pensamentos e impressões conflitantes. Existem situações desesperadoras e sem saída no mundo, e quando você se encontra em uma delas, provavelmente está preso, e enfrentá-la é como morrer de mil cortes ou "ser estrangulado com algodão", como diria o provérbio japonês, mas é precisamente por isso que a forma como você se comporta em tal situação pode ser particularmente importante. E este foi *Estrangulamento: Não Mais Humano – Hitoshiki Zerozaki.*

Assim como no volume anterior, *Decapitação,* contei com a ajuda de um número absurdo de pessoas. Pela paciência em lidar com um autor tão complexo quanto eu, gostaria de agradecer especialmente ao Departamento de Livros de Bolso da Kodansha e ao ilustrador Take. Até logo.

NISIOISINA

Strangulation 1

KODANSHA COMICS Digital Edition

Strangulation 1 copyright © 2002 NISIOISIN
English translation copyright © 2018 NISIOISIN

All rights reserved.

First published in Japan in 2002 by Kodansha Ltd., Tokyo.
Electronic Publishing rights for this English edition arranged through Kodansha Ltd., Tokyo.

No portion of this book may be reproduced or transmitted in any form or any means without written permission from the copyright holders.

English digital edition published by Kodansha USA Publishing, LLC, New York.

www.kodanshacomics.com

ISBN: 9781646598328

Digital Edition: 1.0.0